

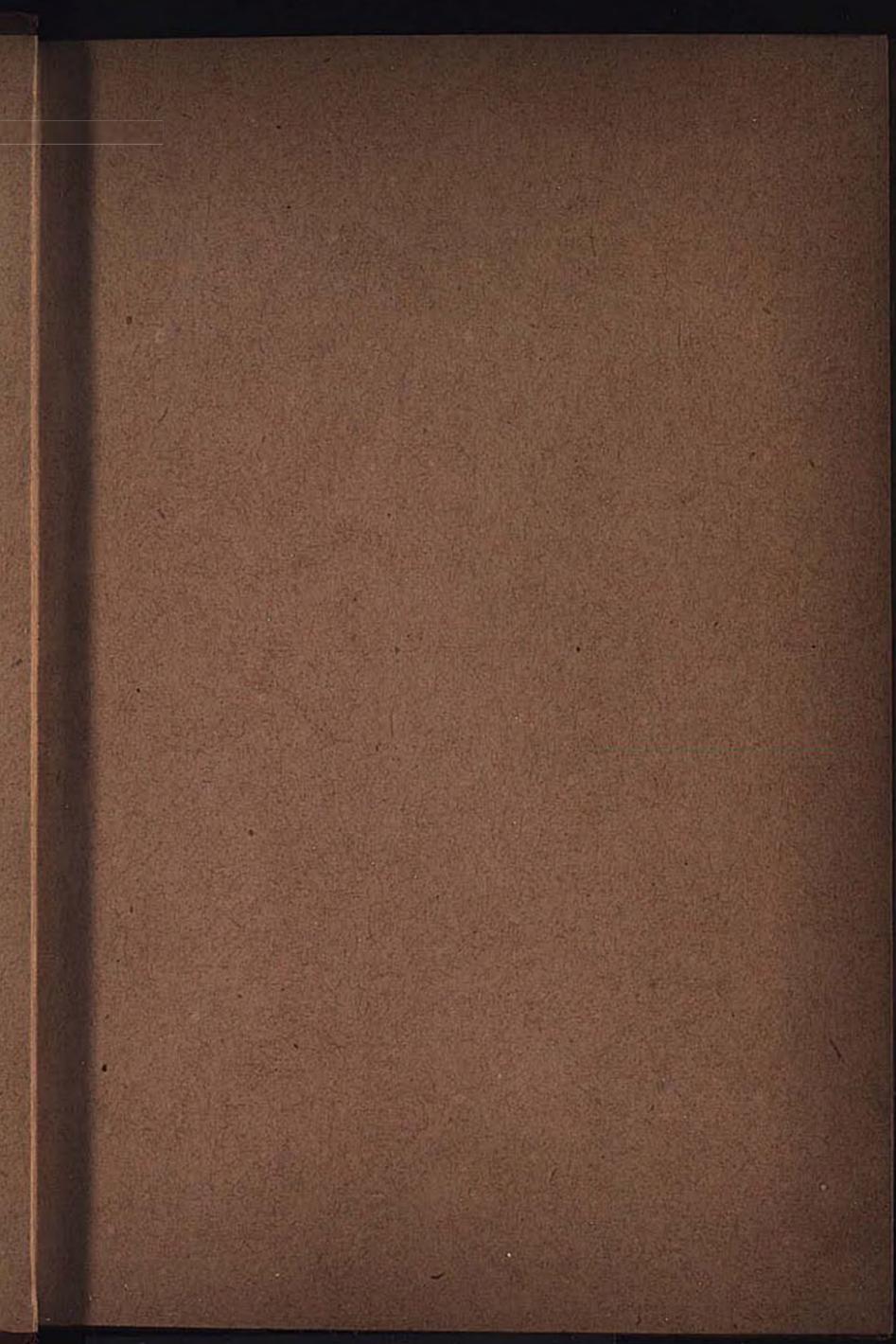


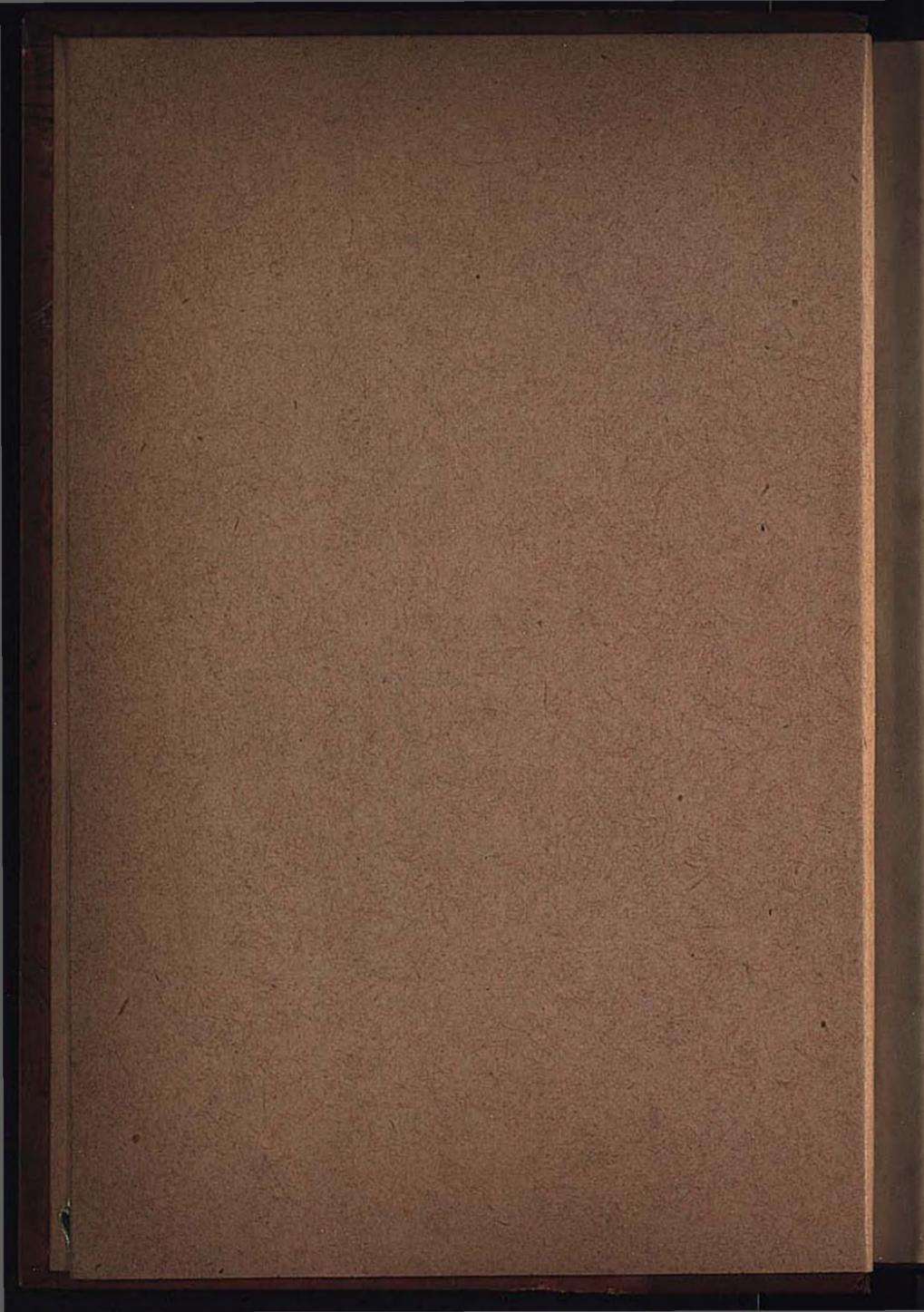
QPCARD  
30

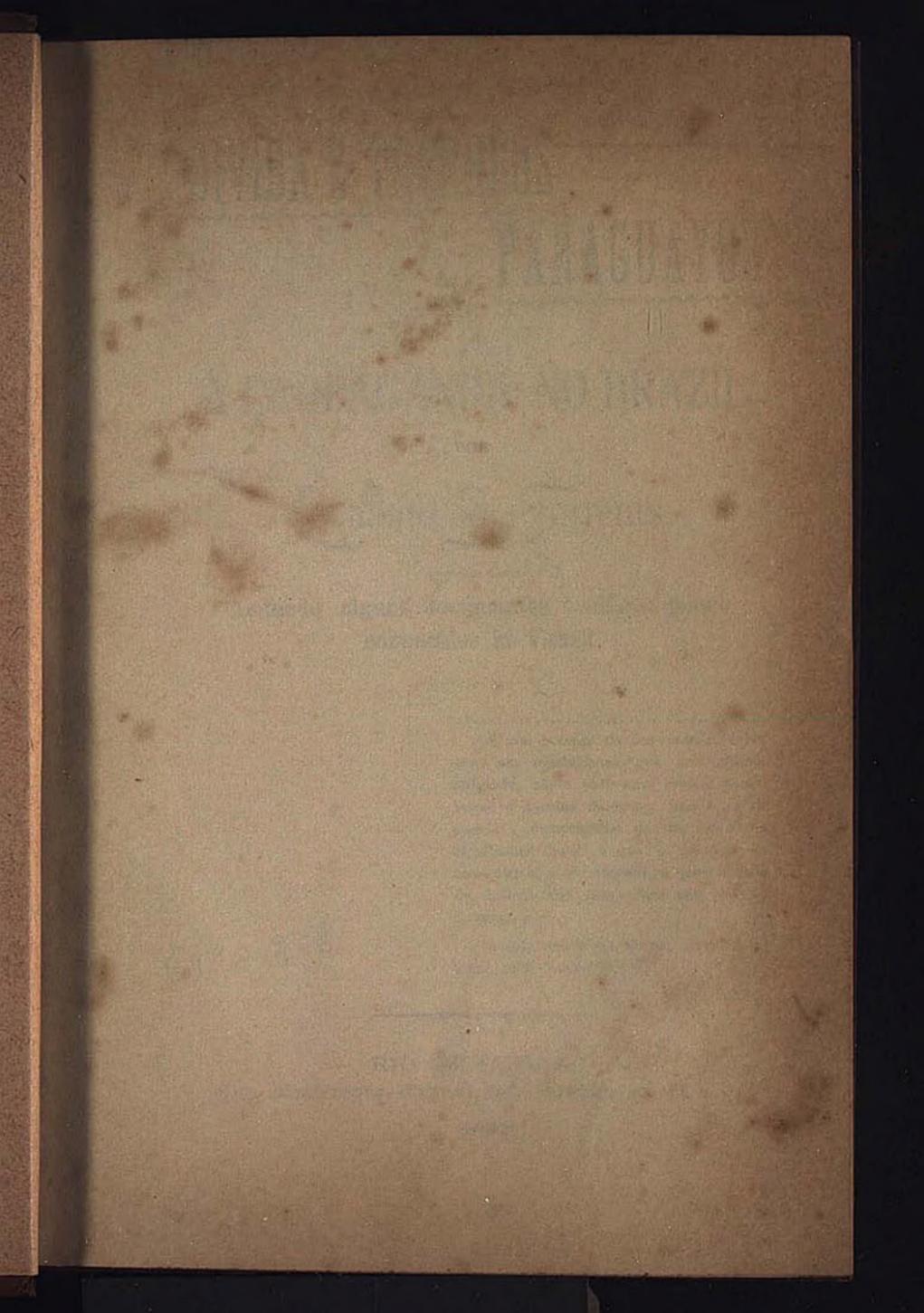


File 2  
b  
34











en hommage à ses compatriotes historiques  
fr. el Paraguay - en amistad  
de la Monarquia

# DIVIDA E TROPHÉOS PARAGUAYOS

E

## A PROPAGANDA NO BRAZIL

POR

Leonardo S. Torrents

Contendo alguns documentos e factos pouco  
conhecidos no Brazil

.....  
E' nos homens de *boa vontade*, sobre  
tudo aos republicanos, que nos estamos  
dirigindo, não é pedir uma escusa para o  
brioso e heroico Paraguay, mas é exigir  
apenas o cumprimento de um honroso e  
dignificante dever a que a grandeza da  
nossa Patria e a magnanima generosidade  
da maioria dos seus filhos não poderão  
furtar-se. ■

(Correio Paulistano, de S. Paulo, edi-  
torial, do 8—Abrial—99.)

GP- 278

RIO DE JANEIRO  
Typ. Montenegro—Travessa do Ouvidor ns. 12 e 14

1899

187

ORANGE

## A Quintino Bocayuva

E' a este grande brasileiro, a este leal amigo e dedicado republicano que tanto almeja a fraternidade americana, que tomo a liberdade de offerecer este insignificante trabalho que, apenas o patriotismo m' o impulsionou de escrever, sem a minima pretenção, que não tenho, nem posso ter.

Se elle estivesse nas culminancias do poder, certamente não procederia assim, para que não se pudesse pensar—haver um motivo oculto da minha parte. Lembrei-me offertar-lhe este livro, não só porque fôra elle e Benjamin Constant que primeiramente aventaram no Governo Provisorio a ideia de devolução dos trophéos ao Paraguay, como tambem pela sincera dedicação pessoal que ha muitos annos lhe consagro no intimo da minha alma. Centenas de pessoas de toda circunpeção as poderia apresentar como testemuuhas, se a minha declaração não bastasse ou—se elle mesmo ignorasse esse facto.

Nunca admitti que a mais leve recriminação fosse levantada contra sua individualidade.

Explicarei agora o motivo da minha admiração e desde quando:

A primeira vez que ouvi fallar de Quintino Bocayuva, foi em 1875 na capital do Estado de Matto Grosso, quando n'esse tempo era o autor destas linhas, empregado em uma casa commercial, em Cuyabá. D'entre os jornacs que iam da «Côrte» o que lia com maior interesse era *O Globo* do qual era redactor-chefe Q. Bocayuva. Lia e relia os seus artigos fluentes contra a dynastia bragantina, e principalmente os que se relacionavam com a guerra do Paraguay, demonstrando os erros e crimes do imperio. Já amava a Republica n'aquelle tempo, e como não ser assim se tinha, felizmente, nascido sob o pavilhão republi-

cano ! Os seus artigos augmentavam as minhas convicções e entusiasmo do moço.

Tinha desejo enorme de conhecê-lo pessoalmente. Em 1883 cheguei ao Rio de Janeiro; minha primeira preocupação foi vel-o e em seguida ouvir as suas conferências abolicionistas e republicanas, que nunca as perdia. Sem que elle suspeitasse siquer, muitas vezes me expuz para salvá-lo, nos momentos em que a guarda negra, de Coelho Bastos, (chefe de polícia !) planejava eliminá-lo.

Tinha immenso desejo de ser lhe apresentado, mas ao mesmo tempo evitava isso; faltava-me coragem. Preferi a correspondência por cartas; esta fórmula me era mais comum. Ainda guardo como agradável recordação os primeiros cartões com que honrou-me. Só muitos annos depois, sem esperar, por um acaso feliz, chegamos a fallarmo-nos. Desde então começou a tratar-me com grande deferencia e sympathia de modo a prender-me cada vez mais.

Logo nos primeiros dias da publicação d' *O Paiz* foi Quintino convidado para, em substituição ao Sr. Ruy Barboza, tomar a direcção da folha; escusado é dizer que nunca mais perdi um só numero, acompanhando dia a dia com o maior interesse os seus ataques ao trono.

Não sabia (e até hoje ainda não sei) o que mais se podia admirar na sua personalidade illustre: se o seu talento fecundo a par de sua logica convincente e irresistivel, tanto na tribuna como na imprensa, chegando a ser apontado como o principe do jornalismo brasileiro,—ou se a sua sinceridade, sua coragem fria, sua honradez immaculada, lutando com a falta de recursos com desapego ou, digamos melhor, desprezo pela fortuna— que por muitas vezes lhe fôra offerecida pelo monarca, para apenas estancar as sangrias que a sua pena fazia jorrar diariamente dessa monarchia depauperada.

Sim, é preciso que se saiba (se é que existe alguém que o ignore ainda) que Quintino Bocayuva sempre recusou os cargos os mais importantes e rendosos que o imperador lhe mandava offerecer, por mais de uma vez,—meio que S. M. empregava

para inutilizar os republicanos mais exaltados de então, como Lafayette, Silveira Martins e muitos outros. Este até dizia no tempo do seu republicanismo que « nunca vestiria a libré de um ministro » e pouco tempo depois encadernando-se em uma, como ministro, respondia a um deputado que lhe lembrára a phrase: — « Será libré talvez em V. Ex., mas no meu peito é farda ! » Este ex-republicano é hoje o mais saudoso dos tempos idos da monarchia, tal a sua completa transformação.

Quintino possuindo familia numerosa mal ganhava para sustental-a na sua vida jornalistica—carreira a mais ingrata e mais cheia de decepções que conheço ! O governo imperial fazia-lhe em represalia toda a guerra que podia, bem como o grande numero de vassalos e bajuladores. Alguns mais dedicados chegavam até a comprar dividas pequeninas, insignificantes, delle, pelo dobro e mais do valor, para unicamente mandar um tal Seixas cobral-as, não em sua casa, mas em plena rua do Ouvidor, contas que aliás eram imediatamente pagas, mas ficavam radiantes de alegria com a desfeita e desmoralisação que procuravam assim tornar publicas. Algumas contas eram até imaginadas, pois esse infeliz instrumento a todas as misérias se sujeitava por qualquer migalha. Era esta a arma nobre de que serviam-se os imperialistas contra os seus adversários políticos. Tudo isto longe de produzir o resultado que aspiravam só servia para que o eminente republicano mais adeptos ganhasse, impondo-se dia a dia mais ainda na consciencia nacional.

Todas as tentativas de suborno desde as mais habeis até as mais grosseiras foram sempre repellidas por elle com altivez.

Fazia admirar actos de sobranceria dessa ordem no meio da corrupção que lavrava, na época, principalmente na alta camada politica.

O proprietario d' *O Paiz* não julgava conveniente, no começo da vida do seu jornal, que se abraçasse a idéa abolicionista, receiando talvez a guerra da parte dos imperialistas e

escravocratas dos Estados, então provincias. Mas Quintino com a sua fina diplomacia e lucidez de talento em breve tempo conseguiu mudar por completo o modo de pensar do seu amigo, dando ao jornal franca orientação republicana e, mantendo uma seção diária de «Topicos de cada dia» onde o involvidavel Joaquim Serra dava golpes rudes nos escravagistas, conseguindo a 13 de Maio de 1888 a abolição.

O *Paiz* tornou-se desse modo orgão republicano, e começou a sofrer guerra franca não só da parte do governo como dos seus fieis, e quanto mais crescia essa campanha mais se iam avolumando os seus triumphos diários. A redacção transformou-se inúmeras vezes em verdadeira praça de guerra. Muitas vezes correu o risco de ser assaltada pelos capoeiras ás ordens da polícia. Nessa occasião é que se fez a explendida desfida que essa folha ainda possue.

Em qualquer parte que se encontrasse Quintino quanto maior era o perigo que o ameaçava, mais calmo se mostrava.

No Theatro Polytheama uma vez vi-o morto no meio de grande tumulto provocado pela guarda-negra do Sr. Coelho Bastos, em que as navalhas brilhavam no ar, em todas as direções... Quintino ficou calmo, tão sereno no meio do enorme tumulto, que desarmou os próprios assassinos que estavam incumbidos de eliminá-lo naquelle dia.

Outra vez n' *O Paiz*: era mais de 1 hora da madrugada grupos conhecidos de secretas, de physionomias sinistras, em numero superior de 500, desfronte do edificio dessa folha preparam-se ao assalto. Começaram a vaial-a e a dar morras; Apezar disso a entrada principal do edificio conservava-se aberta para receber os manifestantes. Quintino entrou na redacção com a mesma calma de sempre! A admiração dos seus companheiros foi enorme.

E' que « tinha chegado ao seu conhecimento que a folha ia ser assaltada e por isso desejava partilhar a sorte seus compa-  
nheiros de trabalho. »

Atravessara o grupo compacto de navalhistas sem que nenhum delles tivesse a coragem de o aggredir.

Uma outra vez, um outro assalto se projectava (e no meio de uma gritaria infernal na rua); escrevia na sua mesa de trabalho, um artigo para o dia seguinte. Já era alta noite. Nem um polícia se via nas ruas. Começaram a dar assobios, tiros de revolver e atirar projectis sobre o edifício. De repente uma pedra que penetrara pela janella cahio sobre a mesa em que Quintino escrevia. Levantou a cabeça lentamente e acompanhou com os olhos o lugar, onde a pedra tinha ido alojar-se, continuando com a mesma fleugma a escrever. Terminado o artigo e sem consentir que ninguém o acompanhasse e quando o tumulto augmentava ainda mais, cansado de esperar e vendo que tudo estava convenientemente disposto para a resistencia sahiu. Atravessou a enorme massa de facinoras, com a calma fria de sempre, sem que ninguém se animasse atacal-o.

Não era unicamente nesta capital que elle expnha-se assim, mas tambem nas provincias de então, Minas, S. Paulo etc., correndo, em todos os lugares, a sua vida perigo imminente.

Só Silva Jardim o podia igualar na coragem.

Quando no dia 14 de Novembro de 1889 lia o seu artigo «No capitolio» que terminava com esta phrase: «Hoje no capitolio; mas amanhã na rocha Tarpeia—o Sr. Visconde de Ouro Preto não é e não será mais do que a sinistra reprodução de outros typos identicos—dos quaes guarda a historia a mais execravel memoria.» disse eu ao meu bom amigo Dr. Josino Alcantara de Araujo: «temos a Republica já...» Mal sabia que este já era o dia immediato. No dia 15 assistia no Campo de Sant'Anna a proclamação da Republica, associando-me com o regosijo popular. O unico civil, dos propagandistas republicanos, que vi á frente do movimento revolucionario, e quando ainda não se sabia de que lado pendia a victoria, disposto, portanto, ao sacrificio pelo seu ideal, foi ainda — Quintino Bocayuva!

Com vivo jubilo acompanhei-o no Governo Provisorio. Diariamente eramos sorprehendidos por uma anov re

forma. Elle, como Benjamin Constant, infelizmente, não puderam realizar muitas outras reformas radicaes. Desde então ambos começaram a experimentar as primeiras contrariedades e desgostos.

Uma das Republicas que mais promptamente havia reconhecido a Republica Brazileira fôra a Paraguaya, conseguindo elle do Deodoro, que se hasteasse a bandeira dessa nação, durante trez dias, em todos os estabelecimentos publicos, cuja cortezia patenteava claramente—a nova politica que o Brazil tencionava seguir na America. Pouco depois nascia a ideia do cancelamento da dívida de guerra e entrega dos trophéos ao Paraguay, com todas as honras, como a Republica do Uruguay já o havia feito em 1885. Antes da sua partida para Montevidéo, dizia elle, como ministro, ao representante d'essa nação :

« MUITO BREVE S. EX. TERÁ TAMBÉM A SUA FESTA; O GOVERNO COGITA AGORA, FELIZMENTE, NA DEVOLUÇÃO DOS TROPHÉOS AO PARAGUAY DANDO AO ACTO A MAIOR SOLEMNIDADE! » Apezar de todos os jornaes da época haver noticiado este facto (como já resolvido) não houve um só veterano, um só monarchista ou adhesista, que protestasse !

Quando o Sr. Quintino partiu para Montevidéo, por designação especial do Governo Provisorio, para tratar da questão das Missões, levou credenciaes até Assumpção (o que prova que o Marechal Deodoro era tambem favoravel á ideia); mas, explorações politicas dos inimigos da Republica naquella época, fez Quintino regressar de Buenos-Aires sem que lhe fosse possivel realizar essa segunda parte da sua missão.

Todos sabem hoje os serviços que prestou o Sr. Quintino conseguindo, na questão das missões, um tratado— « dependente da approvação do Congresso de ambas as nações », quando o imperio já havia feito *de pedra e cal* (dividindo o territorio letigioso entre os dous paizes.)

No tratado *ad-referendum* obteve de Zeballos no caso que uma das nações não o approvasse ficasse a contenta secular, sujeita a arbitro, e neste caso seria o pre-

sidente dos Estados Unidos da America do Norte. Desse modo coube o triumpho ao Brazil pelo laudo de Grover Cleveland em 5 de Fevereiro de 1895. Entretanto os proprios monarchistas annunciam aos quatro ventos que o illustre patriota «havia vendido o territorio nacional aos Argentinos.»

Deixou que seu nome fosse arrastado a lama onde viviam os seus detractores. Não defendia-se. Só muito tempo depois escreveu uma serie de artigos n' *O Paiz* sob o titulo «Fragments historicos e revelações incompletas» relativamente ao assumpto.

Fallou durante dous dias consecutivos em sessão secreta quando prestou esclarecimentos ao Congresso Nacional e reconhecido por este os seus relevantes serviços ao Brazil foi votada uma moção, pelo mesmo Congresso, considerando-o «CHEFE DO PARTIDO REPUBLICANO NO BRASIL, COMO A MAIS JUSTA HOMENAGEM NACIONAL PELO SEU PATRIOTISMO».

Na constituinte quizeram fazer o presidente e elle recusou formalmente, pelo que foi escolhido o Sr. Dr. Prudente de Moraes.

Sendo atassalhada a sua honra por adversarios politicos, propôz um Tribunal de Honra para julgal-o, que se devia compor, conforme seu desejo, dos seus proprios inimigos; e o deputado Cesar Zama, seu detractor, recusou aceitar dando explicações e allegando finalmente «ter sido apenas uma pilheria da sua parte» mas a verdade era e é que lhe faltara coragem para tamanha empresa.

O Sr. Carlos de Laet e outros monarchistas seus inimigos procuravam tambem ridicularisal-o chegando alguns á afirmar que estava riquissimo; que tinha haveres em diversos bancos e centenas de apolices, etc.; como unica e cabal resposta publicou diversas declarações (de todos os bancos) e mais documentos irresponsiveis destruindo pela base todos essas invenções, procedimento pouco edificante a quem possue honra igualmente á zelar.

Retirando-se do ministerio, Deodoro entregou-se de corpo e alma aos Lucenas o que foi um verdadeiro desastre para a Re-

publica. Veio o golpe de Estado. Quintino vira a sua obra ameaçada nos seus alicerces. Como homem politico tinha obrigação de combatel-o e, por outro lado, tendo sido Deodoro o braço forte na proclamação da Republica era-lhe grato por isso, do intimo d'alma. A luta entre o cerebro e o seu coração travou-se terrivel. Conhecia ao Marechal Deodoro e sabia que na hora que se convencesse do erro commettido seria o primeiro a reparar seu acto. Dessa luta o coração saiu triunphante, parecia-lhe que seria uma ingratidão combater ou conspirar contra aquelle que havia contribuido para realizar o maior sonho em que se resumira sua existencia! Apezar disso... foi preso na noite de 22 de Novembro, na sua residencia em Cupertino por um oficial do exercito e por ordem de Deodoro, como «conspirador» (este facto o fez dispensar as honras de general que tinha) sendo conduzido para um quartel em S. Christovão.

A meia noite recebia o commandante do regimento um bilhete concebido nos seguintes termos: «Fuzile o Quintino.— Deodoro.» O commandante ficou por algum tempo indeciso sem saber que fazer. Reuniu os officiaes e depois de longa conferencia resolveram não obedecer a ordem, fosse qual fosse o resultado. Chamaram depois ao Sr. Quintino e, o commandante, mostrou-lhe o bilhete. Leu-o com indifferença; ao terminar sorriu e, fazendo um ligeiro movimento de hombros disse:

— «Aqui estou; não trago a vida para negocio; a historia registrará mais um martyr da Republica.»

Ficaram todos estupefactos diante do sangue frio com que acabava de ler a sua sentença de morte!

— O que entende que devemos fazer? perguntou-lhe o commandante como pedindo uma inspiração.

— «Cumpram a ordem» respondeu com firmeza, como se effectivamente estivesse dando ordens.

No seu rosto não notava-se a minima alteração.

— «Não, não cumpriremos; preferimos ser amanhã sacrificados ao seu lado, porque a sua individualidade representa para nós a encarnação republicana.»

— «Fazem mal, meus amigos ; a Republica precisa defensores e inutilmente se vai sacrificar em vez de uma vida só, que é a minha, a de vós todos.»

— «Não importa ; morreremos amanhã dando vivas à Republica ! »

No dia seguinte surgiu a revolução de 23, entregando Deodoro o poder ao Marechal Floriano seu substituto legal.

Ao meio-dia era Quintino solto e, dirigindo-se em acto continuo a *O Paiz* era, ao passar pela rua do Ouvidor, vaiado •por haver passado a noite com o Deodoro, em Palacio ! »

E' o cumulo da inscusez e da ingratidão.

Mais tarde veio a Revolta de 6 de Setembro (1893) e no mesmo dia quando toda a população pensava que seria ella triumphante, apresentou Quintino no Senado uma moção de solidariedade nacional com o Marechal Floriano e fazendo um appello à Nação para, no caso que a revolta fosse triumphante os Estados se levantassem contra a União .

Podia pois se o quizesse ter-se esquivado de mais uma vez arriscar a cabeça !

Nesse mesmo dia apresentava-se Quintino ao Marechal Floriano pedindo uma carabina e um lugar nas filheiras entre os combatentes.

O grande Marechal quando na fazenda do deputado Siqueira, onde se achava em tratamento, foi visitado por um amigo disse, referindo-se à Quintino ; Textual :

— «E' um dos homens que mais admiro e respeito ; quem fôr republicano deve chegar a Quintino e dizer :

— Aperto a mão do primeiro republicano brasileiro.»

Um dos golpes que mais o magrou ultimamente foi a falta de lealdade de alguns de seus amigos politicos com o intuito de desgostal-o.

Depois de aceito o seu candidato (Julio de Castilhos) pelos chefes do seu partido houve nova combinação entre os Srs. Glycerio, P. Machado, e Tabellião Cruz; elle concordando finalmente, depois de graves ponderações que lhe fizeram esses amigos em apresentar-se outro nome, e, ausentou-se para Cam-

pinas, a convenção (na sua ausencia) reunindo-se resolveu causa muito diversa! A vista do procedimento de seus amigos nessa reunião, retirou-se do partido, e a exploração contra o seu nome tomou maior vulto ainda!

No caso do Arsenal (5 de Novembro) era elle contrario ao sitio assim como o jornal que dirige. Sendo porém envolvido o seu nome e de outros insuspeitos republicanos no attentado (pela cegueira ou por calculo) entendeu que, nestas condições, deveria ser favorável—para apurar-se responsabilidades se por ventura as houvessem. Nova exploração surgiu; «não sabiam explicar sua attitude primitiva com a ultima!»

Cansado e desgostoso o velho e honrado republicano deixa retirar-se á vida privada, mas—permitta a Estrella da Republica que não o abandone! Q. Bocayuva representa a encarnação mais viva da Republica Brazileira.

Todos o admiram! Portanto, não será demais que — eu tambem o admire!

LEONARDO S. TORRENTS.

## Ao leitor

« Será dígno de uma grande nação, livre e esclarecida, dar à espécie humana em período não distante o magnanimo e novíssimo exemplo de um povo sempre guiado por uma exaltada justiça e benevolência. »

WASHINGTON.

Pensando como este grande estadista americano a maioria dos verdadeiros republicanos brasileiros, era minha intenção e a dos meus compatriotas aqui residentes, não escrever uma só palavra a favor da propaganda agitada n'esta Capital e nos outros Estados da União entre os bons republicanos, sobre o cancellamento da dívida de guerra e entrega dos trophéos ao Paraguai, deixando esse movimento livremente entregue à generosidade e civismo dos próprios brasileiros, principalmente quando estamos convencidos que a sua realização depende apenas de oportunidade, mais ou menos breve, tão logo que a classe pensante, na sua maioria, esteja convencida de que efectivamente a guerra não havia tido outro movel senão o capricho do ex-imperador, com a sua política arrogante que sempre manteve para com as nações mais fracas do nosso continente e, que, a dívida de guerra representa unicamente o incógnito do problema que se buscava para que alguém fosse o sobrecarregado dos desperdícios desnecessários de Sua Magestade. Essa luz vai-se fazendo já, felizmente, devido a homens de tempera de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, (e actualmente outros) os primeiros que tiveram a coragem cívica de romper com os falsos preconceitos de um patriotismo mal entendido.

D'esse propósito porém, desviou-nos um pouco as phrases inconvenientes do Sr. Silveira da Motta, ex-barão de Jacéguay, no seu discurso na Associação dos Veteranos da Guerra do Paraguai que, em vez de relembrar actos de heroísmo dos

aliados, na guerra contra a pequena Nação Paraguaya, como era natural, — empregou phrases que só poderiam fazer reviver odios ou resentimentos internacionaes que, a nosso vêr, devem ser esquecidos. Lastimamos que o illustrado Almirante, possuidor de um espirito lucido guardasse ainda tanto fél no seu coração contra a propria vítima da prepotencia imperial, de quem S. Ex. foi um dos mais humildes vassallos.

Assim resolvemos fazer um ligeiro trabalho, não em represalia, mas para esclarecermos, por nossa vez, alguns pontos pouco conhecidos ainda e, por isso mesmo, mais explorados e envenenados por aquelles que os conhecem e se empenham em justificar (de qualquer fórmā) os erros de Sua Magestade.

Infelizmente apenas temos quinze dias para esse trabalho ou antes, quinze noites, visto que os dias empregam os em mister diverso. D'essa fórmā não poderá deixar de ter muitos *senões* o ligeiro trabalho que vamos apresentar, pois pela escassez de tempo para a traducção de documentos, revisão de provas, etc., muitos erros talvez terão de nos escapar, pelo que desde já, pedimos desculpas ao leitor. Queremos dar o á publicidade no dia da chegada a esta Capital do Sr. General Julio Roca e como o telegrapho nos annuncia que este imminente cidadão estará aqui a 5 de Agosto proximo só nos restam quinze dias como já referimos.

Aproveitamos tambem o ensejo para render justa homenagem aos bons republicanos brasileiros, amigos dedicados e sinceros da nossa infeliz Patria.

Propomo-nos a provar :

1.º Que a guerra foi devida unicamente ao capricho da monarchia brasileira a á continuacão della a partir de 12 de Setembro de 1866, um crime de que o são sómente responsaveis os aliados, principalmente S. M. Imperador.

2.º Que, S. M. foi o principal culpado da destruição completa do Paraguay e, ainda, pela carnificina desnecessaria de milhares dos seus proprios concidadãos.

3º Que, a Nação Paraguaya nada deve ao Brazil de gastos de guerra.

4º Que, o Brazil arrancou a viva força d'esse paiz, 9,300 leguas de seu territorio ao Norte e a Argentina 5,100 leguas no Sul, sem consentir ao vencido ao menos por clemencia o direito de discussão dos seus titulos.

5º Que, o tratado de 1º de Maio de 1865 não foi outra cousa senão uma farça que se atirou á face do Mundo.

6º Que, a guerra foi feita não em nome da civilisação e da liberdade como aparentaram os aliados, mas para aniquillar e especialmente, para *libertar* o Paraguay de uma grande parte de seu territorio, riquezas, bens moveis, etc.

7º Que, a annexação do Paraguay á Argentina ou ao Brazil tão apregoada só se realizará quando desaparecer desse povo altivo e conscio da sua liberdade — o ultimo vislumbre de civismo, ou quando n'uma outra guerra fôr sacrificado o ultimo homem, a ultima mulher e mais ainda — a ultima criança !

Contra todos estes desatinos do passado regimen protestam os proprios republicanos brazileiros, como a mocidade paraguaya em honra mesmo á memoria d'aquelles que sem distinção de nacionalidade cabiram nos campos de batalha, cumprindo seu dever cívico, onde se acham sepultados para sempre.

Essa juventude ao menos saberá defender esse — enorme cemiterio — que ficou sendo o Paraguay com essa guerra *civilisadora*.

Sim, querido leitor, a guerra foi levada por S. M. como sabeis, « em nome da liberdade e da civilisação », graças a sua infinita bondade, pois, possuindo o Brazil escravos que eram vendidos como mercadorias ; mães que eram separadas das filhas, maridos das esposas, conforme as conveniencias ou os instintos dos compradores ; quando tudo isto (até 1888) se fazia á luz do dia e em praças publicas — vendendo-se brazileiros á estrangeiros muitas vezes — S. M. se lembrava já em 1865 de levar a « liberdade e a civilisação » á uma nação que não lhe pedio esse favor, esquecendo-se dos algemados brazileiros — para dar ao mundo esse exemplo cívico, de tamanha generosidade e de civilisação nunca igualada.

São estes pontos, caro leitor, que pretendemos ferir, ainda que ligeiramente, pelo pouco tempo de que dispomos.

No appendice publicaremos tambem alguns documentos que não encontramos nos tratados da guerra de autores nacionaes, *talvez* pelo unico motivo de ignorarem a sua existencia...

Sempre que nos fôr possivel procuraremos argumentar com as opiniões e palavras dos proprios brazileiros de reconhecida competencia, para que não nos julguem suspeitos, emittindo, sómente, opiniões nossas.

Como já dissemos, e repetimos, não foi a represalia que nos impulsionou a escrever estas linhas e as que irão adiante, mas o intuito de concorrer, de algum modo, para que se conheça um pouco melhor os factos e os principaes responsaveis dessa guerra brutal em que o Paraguay não foi senão a victimá!

Sim, foi a victimá da «nefasta politica imperial no Prata», de cujas republicas S. M. pretendia fazer «pequenas monarchias», conforme demonstraremos n'este modesto trabalho, apesar de já ser uma questão liquida sem contestação possivel.

Mais alto do que nós falla o notavel documento que, em 9 de Julho de 1866, as Republicas do Perú (e seus aliados) Chile, Equador e Bolivia dirigiram aos governos do Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Ayres protestando contra essa guerra sem causa que a justificasse.

Não podíamos pois, calar deixando que a nossa Patria fosse e continuasse a ser insultada em nome de um falso patriotismo, que a propria dignidade brazileira repelle—quando não bastasse a consciencia das demais nações... Fazer passar a nossa infeliz Patria de VÍCTIMA que é— para ALGOZ—, não será com o silencio do mais obscuro dos paraguayos. Sim; longe mesmo d'esse pedaço de terra americana, ainda tinta de sangue, tão infeliz quão altiva, levantano-nos para defendel-a com a verdade, não receando mesmo ante a pequenhez da nossa intelligencia ser confundidos pelo mais competente.

O procedimento que acabamos de ter em favor do Para-

guay estamos certos que teria o brasileiro mais obscuro e mais indiferente que, longe da sua terra querida, ouvisse insultos e assistisse a explorações que a desdourassem !

Quem se propõe a esta empreza, é o menos competente de todos os paraguayos residentes nesta capital, mas, nem por isso se julga fraco para a luta LEAL; sem grande cultivo e nem a minima vaidade balofa, voluntariamente atira-se em campo e aguarda o primeiro ataque do mais forte que o queira esmagar.

Se o facto de estar no Brazil, onde (eu e outros concidadãos) constituimos familia, nos obriga guardar sileucio, mesmo diante de documentos que provem a falsidade de uma campanha ou exploração que se levanta contra a nossa terra natal— eu commetti uma falta, para alguém, perante a minha consciencia, essa falta não existe, pelo contrario, sinto-me satisfeito por haver cumprido meu dever.

Somos todos republicanos e temos demonstrado quasi todos a nossa dedicação e interesse pelo engrandecimento do Brazil, —mas isso não quer dizer que sejamos escravos, mesmo porque não ha mais escravos no Brazil ! Demais, não podiamos deixar de dizer e repetir (é o termo) algumas verdades não contra o Brazil ou suas instituições mas, infelizmente contra os governantes do regimen passado, (que ainda hoje minam e exploram a Republica) unicos culpados desses erros e crimes. CERTAMENTE NÃO É PORQUE A NAÇÃO ESTIVESSE DE ACCÓRDO COM ESSES ERROS QUE—MUDOU A SUA FÓRMA DE GOVERNO — exilando o seu velho imperador.

As gerações actuaes do Paraguay, do Brazil, da Argentina e do Uruguay não têm culpa dos erros politicos dos seus antepassados.

Além disso, querido leitor, o que aqui vamos deixar consignado sobre a nefasta politica imperial, já foi muitas vezes referido na tribuna e pela imprensa, pelos proprios propagandistas republicanos os Srs.: Campos Salles, Saldanha Marinho Quintino Bocayuva, Benjamin Constant, Silva Jardim, Aristides Lobo, Rangel Pestana, Lopes Trovão, Julio de Castilhos,

Martins Junior, Lauro Sodré, Francisco Glycerio e muitos outros. Por conseguinte, esse ensinamento cívico que fez tantos monar- chistas adherirem à Republica (como o ex-barão de Jaceguay e outros) em 15 de Novembro, não será demais que também tenha actuado sobre o nosso espírito para tornar-nos ainda mais republicanos do que já eramos e repetir, agora, algumas dessas proposições dos próprios propagandistas ilustres. Se no tempo da monarquia não era crime demonstrar à Nação esses erros e faltas de Sua Magestade, muito menos o será agora na Republica, a simples reprodução ou repetição ainda que pallida desses conceitos de tão eminentes republicanos brasileiros.

Cada um de nós pode dar provas do seu republicanismo e das suas sympathias pelo Brazil.

Da minha parte aos que não conhecem a minha dedicação posso dar alguns elementos destacando, dos cavalheiros acima referidos, além de muitos outros que, como testemunhos, poderia e poderei invocar. Do próprio Marechal Floriano Peixoto eu possuo uma carta, documento que prova a minha dedicação ao Brazil e, para que não se julgue que estou inventando provas reproduzirei aqui a referida carta.

Antes, porém, vou explicar como foi que o grande Marechal escreveu-m'a.

Correspondiamo-nos desde o tempo da revolta.

No arquivo do illustre morto-immortal devem existir esses documentos. Me affligindo o seu estado precário de saúde escrevi-lhe para Bicas (Minas) onde se achava em tratamento, em 21 de Dezembro de 1894 de cuja carta reproduzirei alguns topicos:

« ... Pelo Sr. Dr. Alfredo Madureira chegou ao meu conhecimento que S. Ex. felizmente vai passando melhor dos seus incomodos e, satisfeitíssimo por tão grata notícia, como republicano e seu admirador que sou, venho não só visitá-lo como também fazer sinceros votos pelos seu restabelecimento, pois talvez de uma hora para outra a Republica precise do seu concurso moral e material para salval-a pela segunda vez.

E' verdade Marechal, a Republica precisa que V. Ex. viva !

... O signatario destas linhas é talvez um desconhecido a V. Ex., mas durante a revolta (que continua nos espiritos) tomou parte activa em defesa da legalidade não só..... como tambem tendo tido a ousadia de.....

Infelizmente vejo que, o primeiro governo civil (que era a aspiração nacional) rodeou-se de .....suspeitos á Republica, seguindo uma politica quasi de oposição ao seu governo — faltando assim, tão cedo, á letra do seu manifesto á Nação; ha grande descontentamento entre os verdadeiros republicanos e oxalá tudo termine em paz !

Se, entretanto, a Republica perigar ou a legalidade, ella precisará do seu patriotismo e temperamento de aço para aniquilar-a mais uma vez.

Nunca desejei nada do governo, nem desejo, nem desejaréi a não ser — o seu engrandecimento dentro das suas instituições republicanas.

... E' assim que como paraguayo que sou e republicano nato, venho saudal-o, fazendo sinceros votos pela sua preciosa existencia, porque a Republica precisa do seu braço !

... Salve ! Grande Marechal ! ... »

Respondeu-me elle com a seguinte carta cujo original ponho-o á disposição de quem queira examinar. Esta carta já foi publicada pela *Nação de S. Paulo* e *Federação de Porto-Alegre* :

Santa Rita, Bicas, 24 de Dezembro de 1894

*Ilm. Sr. Leonardo Torrents*

Boas festas.

Muito e muito penhorado deixou-me a vossa carta de 21, não só pelos generosos votos que fazes pelo restabelecimento de minha saude, como especialmente pelo interesse que tomas pela consolidação das instituições republicanas do meu Paiz.

Para mim não sois, como pensaes, um desconhecido; ao contrario, conservo sempre em lembrança os espontaneos e relevantes serviços que prestastes á causa da legalidade e da República quando corria perigo a sorte desta.

Sinto-me fraco e alquebrado, minhas melhoras são lentas e minha saúde reclama muito repouso e serios cuidados.

Nestas condições a Republica tem pouco a esperar de mim, bem o conheço; e sua defeza incumbe especialmente á mocidade brazileira, cujo patriotismo e valor ainda uma vez ficaram patentes nos actos de heroismos tão numerosos durante a luta contra a revolta de 6 de Setembro.

Não obstante, si a cegueira e ambição de uns e a falta de patriotismo de outros fizerem perigar a paz, a ordem e o bem da Republica e meu braço velho e tremulo ainda puder manejar a espada, esse braço cujo valor vosso affectuoso coração tanto exagera, ponho-o ao serviço desta Patria que sempre amei e defendi.

Aceitai, pois, a sincera confissão da gratidão com que me subscrevo — Vosso venerador e criado obrigadíssimo,

*Floriano Peixoto*

Creio que será quanto basta para aquelles que não me conhecem.

Rio, 20 de Julho de 1899.—L. T.

## Carta do Sr. General Julio Roca

APPELLO DOS CIDADÃOS ARGENTINOS AO PRESIDENTE ROCA

4 de Março de 1899.

Exm. Sr.—Os compatriotas vossos que subscrevem, domiciliados na cidade de Assumpção, capital da Republica do Paraguai, reunidos em assembléa, com o fim de tomar em consideração a iniciativa da Associação Republicana do Brazil em favor da annullação da dívida que este paiz contraiu por motivo da guerra a Triplice Aliança, resolvemos dirigir-nos respeitosamente a V. Ex. fazendo votos para que desapareçam as causas que até hoje têm impedido á nossa pátria de mostrar com factos os seus sentimentos fraternaes para com este povo irmão.

Saudamos a V. Ex. com asseguranças da nossa mais alta e distinta consideração.

(Seguem-se as assignaturas).

### RESPOSTA

Presidente da Republica Argentina, Buenos Aires, 17 de Março de 1899—Srs. D. M. L. Olleros e demais signatarios. Presados concidadãos—Recebi o attencioso appello de 4 do corrente, que V. S. e demais senhores compatriotas, reunidos nessa capital em assembléa, se dignaram dirigir-me, fazendo votos a favor da annullação da dívida que esse paiz contraiu com a Republica Argentina, por motivo da guerra contra a Triplice Aliança, desejando que desapareçam as causas que até hoje têm impedido ao nosso paiz de mostrar com factos os seus sentimentos fraternaes para com esse povo irmão.

Faço os mesmos votos que VV. SS. e espero que o Congresso e Governo Argentinos não terão inconveniente em adoptar igual conducta á do Brazil, em relação a esse assunto, **SI O MENCIONADO PAIZ DER POR CANCELADA ESSA DIVIDA.**

Tenho a satisfação de saudar-vos mui attentamente, e por seu intermédio, aos demais compatriotas senhores signatarios.

Seu affectuoso compatriota e seu seguro servidor.

*Julio Roca.*

## Homenagem e Supplica !

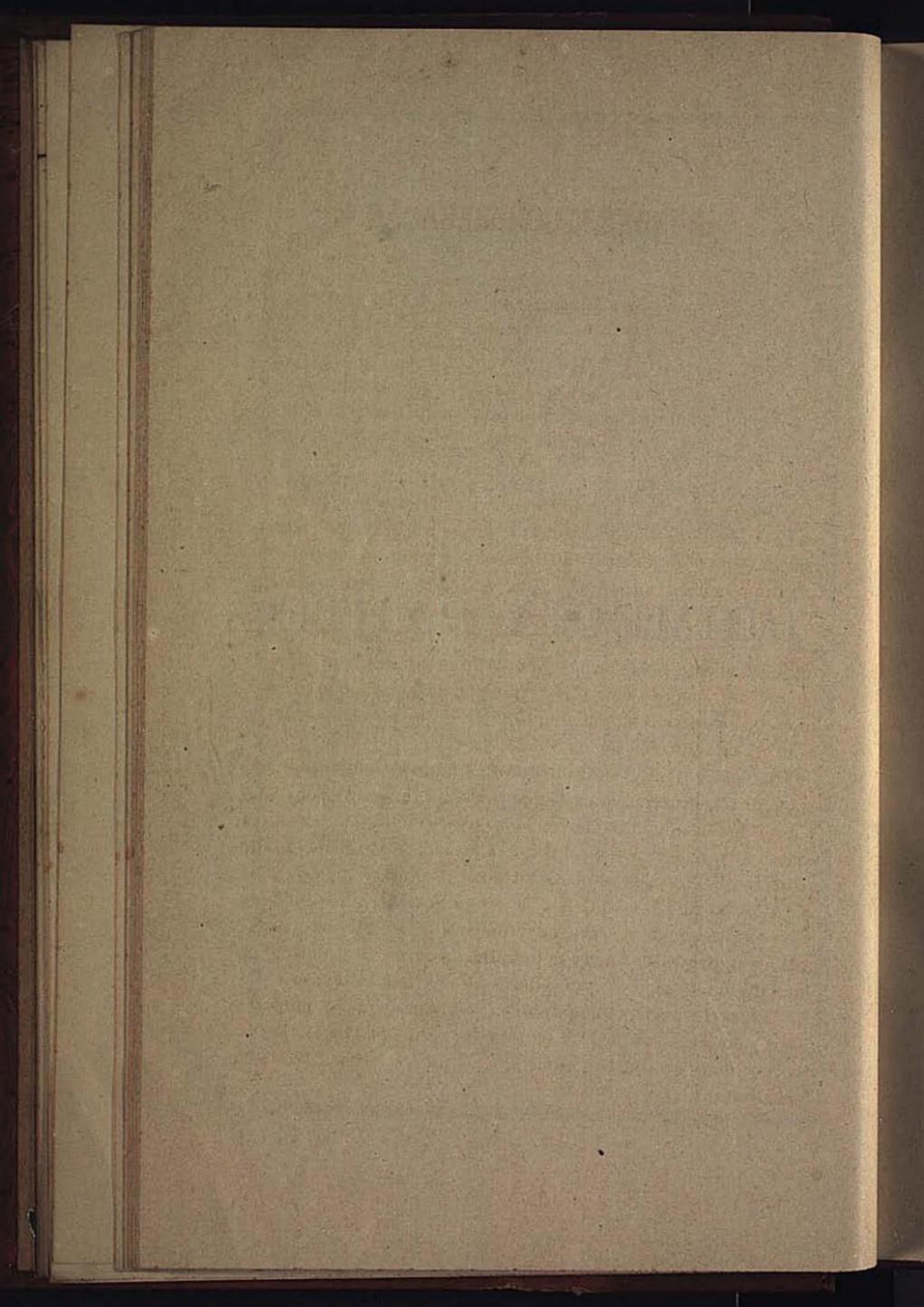
---

A' memoria dolorosa de 1.000,000 almas, inclusive mulheres e crianças que á bala e de fome pereceram durante esses longos annos de «guerra civilisadora»; aos patriotas e aos martyres innocentes dessa hecatombe, eu e os meus concidadãos rendemos a mais justa das homenagens, esperando dos vencedores um pouco mais de generosidade para com a infeliz victimado dever e, da prepotencia que a reduziu á mais deploravel das miserias !

Assim, ousamos pedir, em nome da nova mocidade que representamos — um pouco mais de clemencia, um pouco mais de justiça, em favor da nossa Patria, — aos portadores da civilisação !

O AUTOR.

PRIMEIRA PARTE



## A NOSSA CONGREGAÇÃO

« Até hoje a vaidade nacional tem impedido que se reconheça a perniciosa influencia do imperio nas nossas luctas com as nações platinas. Até hoje a maioria, arrastada por estreitos preconceitos, não quiz romper a solidariedade com os tristes manejos de uma política que cobriu a America de cadáveres e a juncou de ruínas! »

TEIXEIRA MENDES — *B. Benjamin Constant*,  
pags. 138 e 139.

Logo que o Sr. Dr. Emilio Aceval iniciou o seu governo, como presidente do Paraguay, diversos telegrammas anunciaram que: o governo do Paraguay pretendia enviar um plenipotenciario ao Brazil para solicitar o perdão da sua divida de guerra; outros despachos telegraphicos diziam que: o Paraguay pretendia discutir o fundamento dessa divida imposta pelas armas; outros que: o Paraguay queria entrar em accordo com o governo brazileiro no modo de terminar com essa divida, mediante favores que fossem possiveis, por um tratado de commercio.

Essas noticias, assim truncadas, que o telegrapho nos transmittia, diferentes na forma como no fundo, fez-nos logo comprehender de que o novo governo do Paraguay cogitava em alguma cousa, nesse sentido: tudo podia ser, menos o de pedir perdão da sua suposta divida de guerra, pois que em direito essa divida não existe e ainda mesmo que existisse uma nação como o Paraguay, de tradições glorioas e de altivez já provada, nunca se humilharia em pedir o perdão de uma divida, e, nem os vencedores almejariam tal cousa!

Pelos despachos telegraphicos soubemos que o ministro escolhido para essa missão junto ao governo do Brazil fôra o ex-presidente, o illustre patriota General D. Juan Bautista Eguzquiza.

Resolvemos assim a reunião dos poucos concidadãos residentes nesta capital, para tratarmos de lhe fazer uma significativa recepção e tomarmos algumas deliberações que entendessemos necessárias.

A nossa primeira reunião teve lugar no dia 6 de Janeiro do corrente anno, primeira vez que depois da guerra reuniu-se nesta capital os filhos da nossa pátria.

A reunião teve lugar na minha residência, á rua Theophilo Ottoni n. 74, comparecendo os seguintes Srs.: Blaz Antonio Duarte, Adolfo Acosta, Honorio Acosta, Marcos Ayala, José Antonio Gamarra, Leopoldo Flecha, Dr. Manoel Del Castillo, Juan Del Castillo, Juan T. Travassos Hijo e Ramon Maciel.

Muitos outros deixaram de comparecer na referida reunião por não ter havido convite pela imprensa.

Entre outras deliberações resolvemos fazer uma recepção condigna ao nosso ministro, no dia da sua chegada a esta Capital.

Dias depois o telegrapho nos anunciava que o Sr. General Eguzquiza não tinha aceito essa nomeação, sendo depois designado para essa missão o nosso ministro residente em Buenos-Ayres, o Sr. Dr. Fernando J. Iturburu. Combinamos pois, fazer a este a recepção referida.

Para melhor andamento dos nossos trabalhos resolvemos organizar uma comissão directora que ficou assim constituída:

Presidente — Leonardo Severo Torrents.

Secretario — Leopoldo Flecha.

Thesoureiro — Adolfo Acosta.

Logo que a imprensa noticiou a nossa reunião, começamos a ser procurados e interrogados por distintos brasileiros, perguntando-nos si sabíamos qual era a missão do ministro Paraguayo junto ao governo. A todos respondímos, que: nada sabíamos ao certo e que nos havíamos reunido apenas para fazer ao nosso ministro uma digna recepção. Que, era

de presumir que o Sr. Iturburu tivesse de resolver com o governo brasileiro algum assumpto de alta importancia, mas de modo a fortalecer ainda mais os laços de amizade que uniam as duas republicas, e que, os nossos votos, como Paraguayos, residentes no Brazil, eram que se estreitassem mais ainda esses vinculos e que se apagassem de vez o ultimo vestigio de ressentimento que, por ventura, houvesse ainda da parte dos brasileiros e paraguayos, em consequencia da ultima guerra em que as nações aliadas tanto se distinguiram pela sua bravura, durante os cinco annos de lucta, contra a nossa pequena nação.

E' verdade que não houve causa que justificasse essa guerra a não ser o capricho de dous homens, Lopez (1) e o Imperador do Brazil, ambos vaidosos, e este sedento de glorias balofas, sem ao menos estarem apparelhados para a lucta. O povo, porém, quando é chamado para defender a sua patria não tem que saber se o seu governo tem ou não razão; só tem que olhar para a bandeira inimiga que tremula nos campos e montes do seu berço querido, em tom de desafio e que é preciso derrubar-a a custa da propria vida, se preciso for! Assim fez o povo paraguayo: sellou com o seu sangue o seu patriotismo, defendendo palmo a palmo até o ultimo reducto, *Cerro Corá*, o seu solo sagrado, até cair morto o ultimo soldado. Os exercitos das tres nações aliadas, tambem não inquiriram se os seus governos tinham ou não razão. Offereceram-se ao sacrificio em defesa das suas respectivas nações e deram provas do seu heroismo em combates sanguinolentos e até barbaros!

Terminou a lucta com o aniquilamento completo do Paraguay; vão desapparecendo felizmente os ultimos vestigios de rancor, que nunca aliás tiveram razão de existir da parte dos brasileiros, argentinos ou orientaes; vejamos agora com calma quem tem razão ou antes o movel dessa guerra, na qual sem a minima necessidade foram sacrificadas milhares de

(1) Que não soube evitar essa guerra apesar de provocada.

vidas preciosas, arrastando ao mesmo tempo á orphandade e á miseria milhares de familias.

Antes, porém, de entrarmos nesta apreciação, vejamos primeiramente os motivos que nos levaram para nos constituirmos em CENTRO PARAGUAYO.

A ideia de cancelamento da dívida e entrega dos trofeos de guerra ao Paraguai, começou a encontrar adeptos entre os bons republicanos brasileiros, de modo que quasi diariamente eramos procurados para explicações diversas, e assim reuniamo-nos amiudadas vezes, para em commun, resolvermos sobre os diversos assumptos com o preciso criterio, tratando-se, como se tratava, de um caso melindroso em que o menor passo pouco reflectido podia comprometter a propaganda generosa e justiceira, agitada em favôr da nossa Patria.

Além disso não sabíamos ainda, com precisão, sobre que aspecto seria encarado ou tratado esse assumpto pelo nosso governo.

Só tínhamos diante de nós a imagem sagrada da Patria e só nos servia de guia — o patriotismo! Sem outro intuito que não fosse prestar o nosso fraco concurso a nossa infeliz nação que, depois de 29 annos de agonia entre a vida e a morte, começava a reerguer-se das suas próprias ruinas; sentímos palpitar nossos corações de alegria, e recebímos com viva effusão d'alma os alentos que nos traziam diariamente os bons republicanos brasileiros, como chegado o momento de uma reparação justa pelos—erros da política imperial no Prata, aniquilando uma nação heroica e amiga.

Nem a distancia que nos separa da nossa Patria, nem o tempo que tudo consome e apaga, ainda não haviam podido diminuir em nossos corações esse sentimento sublime e inexplicável de amor que sentimos pela terra onde respiramos o primeiro ar, ao nascer!

No Brazil todos nós encontramos uma segunda patria e por isso mesmo tínhamos necessidade de agir de forma a nunca pôr-se em dúvida as nossas sympathias por este povo gene-

roso, que nos estendia a mão amiga e nos dava forças para o emprehendimento da causa commun da fraternidade do Brazil com o Paraguay.

Além disso, comprehendemos desde logo que devíamos dar sómente a elles a iniciativa da propaganda, ficando nós, paraguayos, em plano inferior para não ser o facto explorado por uma parte dos poucos monarchistas que restam do 15 de Novembro de 1889, os unicos talvez que ainda guardam, sem razão de ser, algum ressentimento contra o Paraguay, quando foi o proprio imperio que nos arrastou a essa guerra !

Não convém a elles convencerem-se da politica que o imperador do Brazil havia traçado, querendo imitar ao Bonaparte no seu reinado, de fazer das republicas do Prata *pequenas monarchias* sob o seu dominio, conforme as instruções reservadas dadas ao marquez de S. Amaro e Abrantes. Não se querem conformar ainda com a proclamação da Republica e muito menos pela fórmula que foi ella feita quando «deviam, os republicanos, aguardar a morte do velho monarca para então fazerem a sua Republica» conforme elles dizem, como si uma nação podia ficar a mercé do acaso, por tempo indeterminado, a esperar que o seu já caduco imperador, deixasse de existir primeiramente, para se proclamar então a mudança das instituições !

Mas, fechemos este parentheses, para voltarmos á nossa narrativa.

Para attendermos aos diversos pedidos e dados importantes que nos eram solicitados, quasi diariamente, tivemos que nos dirigir para Assumpção, Montevidéo, Buenos Ayres, etc., pelo que em assembléa geral effectuada em 29 de Janeiro de 1899, resolvemos denominar a nossa pequena corporação de «Centro Paraguayo» para, em caracter oficial, nos dirigirmos ás associações diversas e inclusive ao nosso proprio governo, se preciso fosse.

Foi para nós motivo de verdadeiro jubilo o comparecimento de todos os paraguayos residentes nesta capital, logo que fizemos o primeiro convite pela imprensa, pondo-se todos, inteiramente a disposição do Centro. Tivemos então occasião

de presenciar quão trabalhadores são todos os da nossa colônia, pois havia entre elles: engenheiros, negociantes, guarda-livros, pharmaceuticos, advogados, professores de esgrima, gravadores, machinistas (da armada Brazileira), ourives, etc., finalmente, quasi todos tinham occupações que requeriam algum cultivo.

O que mais nos satisfez foi a união de vistos em que todos se achavam, cada qual mais dedicado e entusiasta!

Só quem está longe de sua Patria pôde avaliar o prazer que se sente nestas reuniões de compatriotas.

Parece que sente se mais ardor pela Patria—longe della! Por momentos se nos afigurava que estavamos n'um recanto da nossa terra... Pessoas que se viam pela primeira vez pareciam já amigas de muitos annos, pelo simples facto de serem patrícios.

A primeira corporação com que nos puzemos em communicação foi com o *Centro Paraguayo* de Buenos Ayres, que reaes serviços nos tem prestado, fornecendo-nos tambem, todos os dados que por inumeras vezes temos delle solicitado. O sen digno presidente o Sr. Escalada se recommenda pois especialmente á nossa estima, não sómente pelo seu cultivo, como tambem pelo seu patriotismo desinteressado, não medindo sacrifícios nem obstaculos, sempre que se trata de prestar um serviço á Patria que lhe deu o berço, não aspirando nenhuma compensação a não ser a consideração e amizade dos seus concidadãos.

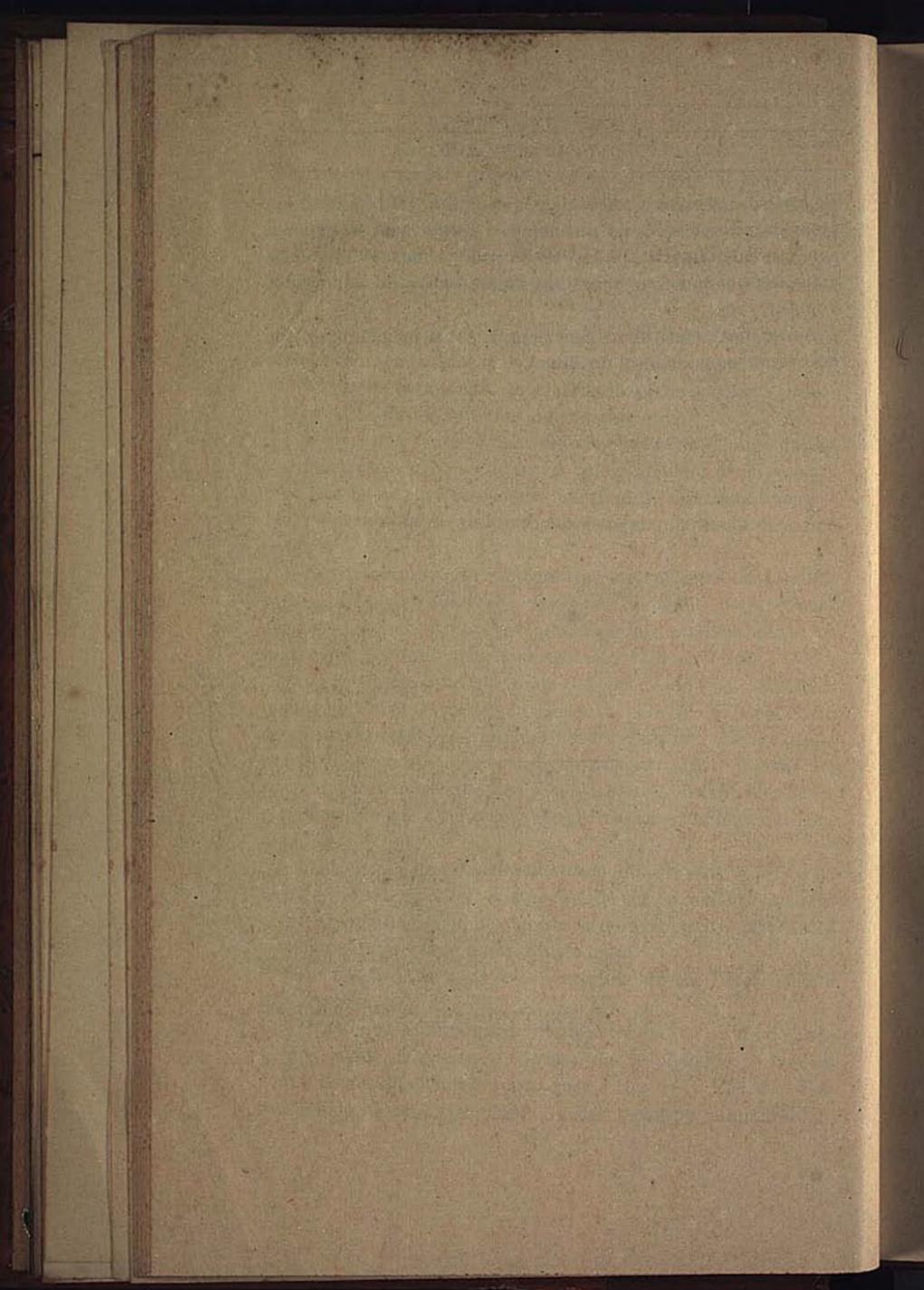
Os seus meritos são de tão alta monta, os seus serviços ao Centro são tão valiosos, que acaba de ser novamente reeleito ao alto cargo de presidente dessa corporação, que já relevantes serviços tem prestado a nossa terra natal.

A nossa Patria deve-se orgulhar de ter filhos como o Sr. Escalada!

Continuou a propaganda da desistencia da parte do Brazil dos gastos de guerra e entrega dos trophéos. De diversas reuniões que se effectuaram na casa á rua de S. Pedro n.º 315, residencia do Sr. Dr. Raul Guedes, resultou a fundação d

*Comissão Benjamin Constant*, que muito já tem feito em favor da nossa Patria e a quem somos gratos pela deferencia com que nos tem distinguido. Em outro lugar nos occuparemos mais detalhadamente sobre esta corporação de adiantados republicanos.

Assim nos constituimos, em Centro, e é a primeira vez que isso acontece na capital do Brazil.



## Nosso modo de pensar sobre a guerra

«O que é incontestável é que o governo imperial emprehendeu a guerra de 1851 sem nonhum pensamento directamente generoso e com o fito exclusivo dos seus interesses. Aliás não deixaria de ser curiosa a hypocrisia de um governo que armasse os seus subditos para libertar os povos vizinhos do jugo dos seus tyrannos, quando em sua Patria se contavam por milhões os seus concidadãos escravizados pela mais monstruosa das opressões.»

TEIXEIRA MENDES.— *B. Benjamin Constant*,  
pag. 99.

N'um trabalho como este de recapitulação do que se tem escripto sobre a propaganda agitada em favor do Paraguay, certamente não ficaria bem entrarmos em considerações que por mais desapaixonadas que fossem, teríamos forçosamente de incorrer no desagrado d'aqueles que entendem que «*nem todas as verdades se devem dizer.*» Assim nos ocuparemos do assunto ligeiramente e, argumentaremos com as opiniões dos proprios brasileiros abalizados sobre a materia, sempre que isso nos seja possível. D'esse modo parece-nos, que não nos devem julgar suspeitos.

Somos tão amigos do Brazil como da nossa terra natal ; todo o progresso e bem estar que desejamos ao Paraguay igualmente desejamos ao Brazil.

Aqui quasi todos nós constituimos familia e aos nossos filhos ensinamos a amar o Brazil, sem esquecer a nossa e a venerar a Republica !

Podíamos pois livremente manifestar o nosso pensamento, mas preferimos, ainda assim, nos cingir o mais possível, aos autores brasileiros. Por ventura os brasileiros que têm demonstrado os crimes da monarchia, nessa guerra, deixam de ser, por esse facto, bons brasileiros ! — Certamente que não.

O historiador não tem patria; a sua patria é a verdade; si preferir a primeira abandonando a segunda, ficará na triste contingencia de ser esmagado por qualquer individuo, com a publicação de um simples documento, ao contrario das suas affirmações. Vejamos agora o nosso modo de pensar sobre a guerra contra o Paraguay.

A origem da guerra do Paraguay, contra o Brazil foi, como todos sabem, a occupação da Republica do Uruguay por forças regulares do imperio, intervindo assim o Brazil na politica interna do Uruguay.

Lopez entendeu que essa politica era uma ameaça para a estabilidade e independencia das demais nações sul-americanas.

De longa data já vinha a desconfiança do Paraguay e das outras nações platinas, da politica de preponderancia que o imperio procurava ter e exercer sobre os destinos das nações sul-americanas. Lopez sabia que o imperador se empenhava em fazer das nações do Prata pequenas monarchias. Em 1830 o governo imperial, em instruções reservadas ao marquez de Santo Amaro (1) entre outras recommendações fazia lhe a seguinte :

\* V. Ex. procurará demonstrar e fazer sentir aos soberanos, que houverem de tomar parte nesta negociação, que o meio, sendo o unico, pelo menos o mais efficaz, de pacificar e constituir as antigas colonias hespanholas é o de estabelecer monarchias constitucionaes ou representativas nos diferentes estados que se acham independentes. »

Depois do desastre do Imperio na questão Christie (1862) quiz S. Magestade mostrar à Inglaterra a sua força para com o Uruguay e, aproveitando o momento de agitação revolucionaria nessa Republica, procurou intervir ostensivamente

---

(1) Vide no appendice : instruções reservadas ao marquez de S. Amaro por sua Magestade o Imperador em 21 de Abril de 1839, officio reservado do visconde de Abrantes—P.riz 6 de Fevereiro de 1845, da Biographia de B. Constant.

a favor de um dos partidos em lucta, apezar do protesto esmagador do governo Oriental. Lopez querendo evitar a guerra propoz ao governo brasileiro a sua mediação para pôr termo a contenda. O ministro brasileiro o Sr. Saraiva recusou-a e a invasão do Uruguai deu-se acto continuo pelo exercito brasileiro. Lopez protestou e não sendo attendido enviou um *ultimatum* ao Brazil e entregou os passaportes ao ministro brasileiro em Assumpção, rompendo com o Brazil. Lopez estava convencido de que o acto do governo brasileiro era um attentado contra a integridade e independencia das demais nações do Prata (1). Eis, resumidamente, a origem da guerra entre as quatro nações amigas, guerra que apenas serviu para... enriquecer a Republica Argentina!

Si Lopez pôde ser accusado por não ter tido a precisa previdencia de evitar essa guerra, D. Pedro II por sua vez, como o principal factor, deve ser o maior responsavel não só «pela vida dos 100,000 brasileiros mortos desnecessariamente nos campos Paraguayos, em virtude dos erros imperdoaveis da nefasta politica imperial no Prata (2)» como tambem pelo aniquilamento completo do Paraguai. Antes da guerra tinha esta republica aproximadamente 1,400,000 almas, ao passo que com a guerra ficou reduzida a 350,000 habitantes, perecendo maior parte de homens, mulheres, e crianças de fome e de miserias de toda especie!

Todas as fortalezas e meios de defesa foram destruidos completamente. A capital, *Assumpção*, como outras cidades e villas foram saqueadas e mui poucas escaparam do incendio. Os proprios templos não foram respeitados (3). Em algumas egrejas de Buenos Ayres existem ainda como, trophéus, alguns sinos, que presos, como prisioneiros eternos, levam dia-

(1) Entretanto a Republica Oriental do Uruguay uniu-se depois ao Brazil para bater o Paraguai, que tão leal se havia mostrado para com ella!

(2) A Nova marinha, por Americo Brazil & Silvado.

(3) Veja J. C. Centurion 3º vol. pag. 70.

mente no seu écho triste e sonoro aos ouvidos e corações dos fieis a recordação e o testemunho do que foi essa guerra *civilizadora* e de quanto eram capazes as mãos sacrilegas dos campeões da liberdade!... Que esses actos de selvageria fossem praticados pelos paraguayos, comprehende-se pelo seu grande atrazo tão conhecido no Brazil, mas não se explica que assim procedessem os portadores da *civilisação*!

Fazemos agora ponto, para darmos, em seguida, a apreciação dos antecedentes da guerra do Paraguay que constam da «Biographia de Benjamin Constant.»

E' trabalho de grande valor historico e para recomendar a sua leitura bastará dizer que é autor o ilustrado brasileiro, Sr. R. Teixeira Mendes. Nada ahi se encontra que não seja documentado. Resumindo-o pelo pouco espaço que dispomos, procuramos, o mais possível conservar sempre as suas proprias palavras, saltando apenas alguns trechos, do que pedimos desculpa.

---

## Apreciação da Guerra do Paraguay<sup>(1)</sup>

## RESUMO

Por qualquer aspecto que se considere a situação da Humanidade, a partir do XIV seculo, um escrupuloso exame faz logo sobresahir como origem unica de todos os males que tem affligido a sociedade moderna, a dissolução irremediavel do poder espiritual mediovo. E indagando-se dos motivos reaes que determinaram tal dissolução, é força convir que elles se resumem na ruina insanavel das crenças theologicas, radicalmente antipathicas ao trabalho, á sciencia, á poesia e á fraternidade universal. Ambas estas proposições encontram a sua irrefutavel demonstração na prodigiosa elaboração de Augusto Comte. Sob nenhum ponto de vista, porém é talvez mais sensivel a verdade de tão luminosa apreciação do que quanto aos problemas internacionaes.

A civilisação greco-romana reposava inteiramente sobre a concepção da Patria como a suprema noção social, fazendo dahi resultar os motivos reaes da conducta humana systematizada pelo Polytheismo. O interesse, a honra e a gloria de cada nação se afigurando consistir no seu predominio sobre todos os povos, a Moral, isto é, o bem da especie considerada no seu conjunto, ficou subordinada á Politica. Mas o desenvolvimento mesmo do systema conquistador, assim organizado pela cidade de Roma, acabando por enfeixar os povos que margeiam o Mediterraneo, veiu patentear a impossibilidade de manter-se indefinidamente tão estreita comprehensão das exigencias sociaes. Do seio do incomparavel imperio brotou a universal aspiração a um systema de concordia, em que o

(1) Veja a *Biographia de Benjamin Constant* pelo ilustrado, Sr. R. Teixeira Mendes.

amor de todos os homens servisse de base a uma fé eternamente *commum*.

E a consequencia desse anhelo generoso foi a civilisação catholico-feudal, fructo sasonado da admiravel operação pela qual o genio social de S. Paulo, inspirando-se na philosophia aristotelica, adaptou o vago das concepções monotheistas ás necessidades do Occidente. Separando a autoridade espiritual do poder temporal, o regimen medievo tornou possivel a exacta apreciação das condições da felicidade *commum*, pela instituição de um sacerdócio universal. Independente em toda parte do poder local; diffundindo activamente por todas as classes o conhecimento habitual da doutrina geral: exercitando os fortes e os fracos no escrupuloso exame dos moveis reaes de cada acto; arrostando com inquebrantavel heroismo a furia dos potentados e a sanha das multidões; o clero medievo conseguiu, depois de uma lucta titanica, subordinar, a Politica á Moral. Então não bastou mais que uma nação se sentisse forte para intentar a oppressão das mais fracas: porque nos momentos angustiosos para estas, ahí estava o orgão supremo da fé, para sublevar contra o tyranno seus proprios subditos.

Infelizmente, essa maravilhosa construcção assentava em uma base sem estabilidade. Toda ella repousava em uma doutrina transitoria e estava fatalmente condemnada a arruir-se, á medida que a elevação moral, devida á cultura affectiva assim instituida ia determinando a ascensão do espirito positivo e a dignificação do trabalho.

Conforme mais de uma vez temos mencionado, essa dissolução começou nos fins do XIII seculo. A partir dessa época, os governos temporaes vão tendendo a tornar-se em cada Patria os unicos juizes da legitimidade de suas pretenções. Para substituir uma corporação autonomica, regulada por deveres precisos, inspirados por uma doutrina inflexivamente applicada a todos os casos, com a sancção effectiva do todos os crentes, instituiu-se apenas uma diplomacia sem principios, subserviente aos governos e preconceitos nacionaes, que répre-

senta cada agente; e na qual a intriga política parodia a nobre solicitude do sacerdocio medievo!

A consequencia de tal situação é que os povos se atiram hoje uns sobre os outros; dilaceram-se encarniçadamente as nações cujos interesses são mais communs, cujas ligações são mais fraternaes; profana-se o passado, compromette se o futuro, sacrifica-se o presente ao mais leve aceno dos governos desorientados, que proclamam o desagravo da honra e dos interesses patrios! E durante a luta e depois de ceifados aos milhares os filhos da Humanidade e aniquilados em momentos os esforços seculares de sua dedicação, cada Patria narra a seu modo a ignobil contenda e profana os heróes da civilisação militar com um sacrilego confronto. E como se tudo isto já não bastasse para a macula dos mortos, contristamento dos vindouros e degradação dos vivos, os destroços existentes do clero medievo juntam seus hymnos ao côro dos triumphadores!

Quem ha ahi que possa desconhecer, perante o quadro luctuoso das desavenças internacionaes no nosso tempo, a urgencia do advento de uma doutrina, que venha pôr termo a tanta monstruosidade? Quem não sentirá o coração confranger-se ante a perspectiva de ser amanhã, agora mesmo, compelido ás cegas a tomar armas em desagravo de phantasticas affrontas, ou em defesa de chimericos direitos? E como evitar semelhantes eventualidades quando a cobiça, o orgulho e a vaidade de cada nação tornaram-se os supremos juizes da dignidade e dos interesses de cada povo? Mas não é já a doutrina que falta á sociedade moderna, para que se restabeleça o equilibrio religioso, isto é, a paz universal. A doutrina ficou concluida desde os meiaidos do seculo actual, como o resumo de todos os esforços moraes, intellectuaes e praticos da Humanidade.

O que urge é promover a formação do sacerdocio correspondente a cujo surto se acham intimamente ligadas a propagação e a efficacia regeneradora da nova religião. E isto só se conseguirá mediante a instituição da completa liberdade

espiritual, pela eliminação de todos os privilegios theorecos.

---

Sem as considerações que precedem, ser-nos-ia impossivel apreciar a politica internacional do segundo reinado, fazendo realçar as causas reaes das lutas em que o governo do ultimo monarca concorreu para empenhar as Patrias americanas.

Depois da independencia da Banda Oriental, effemeramente annexada ao Brazil sob a denominação de província Cisplatina, e erigida em republica autonomica em 1828, sob a reserva de escolher, cinco annos depois, o governo que lhe conviesse, a situação interior do imperio (1) não permitti que se cuidasse de aventuras externas, até o anno de 1850. Agitada por commoções intestinas que só tiveram fim em 1848, a monarchia americana não podia deixar de prever que qualquer abalo exterior constitua uma séria ameaça ao proprio throno. No entretanto, tendo, como todos os povos que a cercavam, questões de limites, é facil de comprehendêr, dado o amor proprio nacional dos interessados e a ausencia do poder espiritual que decidisse nas contestações, a gravidade da situação internacional Sul-Americana. Accresce que, em relação aos estados do Prata, a questão dos limites se complicava por motivos de diversa ordem.

Em primeiro lugar, a livre navegação do rio Paraná, que interessava altamente ao governo brasileiro, não só para proteger a integridade politica da nação contra as tentativas internas, como para defendê-la dos ataques externos e promover o desenvolvimento industrial daquellas regiões. Ao passo que ás nações platinas, sob o estreito ponto de vista patriotico, que é hoje o predominante em toda a parte, era inconveniente a

---

(1) O governo imperial tentou apesar disso, em fins de 1844, quando ainda estava á braços com a revolução Rio Grandense, obter que a Inglaterra e a França o auxiliasssem: numa intervenção armada contra Rosas (Missão Abrantes,—Do Outubro de 1844 a Outubro de 1846).

livre navegação do Paraná (1), visto como assim privavam-se de vantagens commerciaes por um lado, e difficultavam por outro lado, a defesa propria contra as tendencias invasoras que temiam por parte do Brazil.

A esses motivos de ordem material juntavam-se razões moraes, não menos provocadoras de um rompimento a cada instante. Consistiam elles nas rivalidades tradicionaes entre portuguezes e hespanhoes, e nas differenças de fórmas de governo. Convém mesmo notar que, por parte do imperio houve em 1830 a velleidade de *transformar em outras tantas monarchias as republicas hespanholas*, assim como de *reincorporar ao Brazil o Uruguay*. (2)

No meio de tantos elementos geraes e particulares de conflagração, as guerras sul-americanas teriam sido, porém, evitadas, se o ex-imperador tivesse procurado arredar as dificuldades, mediante uma politica franca e geral, em vez de preferir as tortuosidades de uma diplomacia, que se inspirava nas cavillosas intrigas das dynastias européas.

Começaria portanto, reconhecendo que as nossas questões de limites têm um vicio radical, desde que se procuram estribar em tratados mais ou menos violentos e em factos mais ou menos contestaveis. Acima de tudo paira uma consideração decisiva: as nações americanas são o resultado de uma monstruosa espoliação em detrimento do aborigene, attentado que demonstra a força do Occidente, mas que revolta a razão e subleva o sentimento.

Ninguem, portanto, que consiga elevar-se a um ponto de vista humanamente philosophico, poderá deixar de reconhecer que os americanos apresentam em tal questão o espetáculo de bandidos, a disputarem entre si os despojos de uma vítima commun.

(1) «Abrantes» achava inconveniente essa livre navegação para todas as nações, e a queria apenas para os ribeirinhos.

(2) Vide as instruções dadas ao Marquez de Santo Amaro, no APPENDICE.

E, por outro lado, sendo evidente que não é a força que pôde decidir, á qual dos dois contendores para bem geral da Humanidade devem ser adjudicados os terrenos cubiçados, e não sendo possível, em virtude da anarchia moderna, que um juiz imparcial aprecie a contestação á luz de uma doutrina aceita por todos, conforme o bello exemplo legado pelo regimen medievo, só nos resta lançar mão do expediente, felizmente sugerido pela fraternidade universal—o arbitramento.

A guerra, pois, pôde ser quasi sempre evitada na sociedade moderna, mediante esse digno palliativo, tanto mais facilmente accessivel, quanto mais a situação material da nação que o propõe, excluir as probabilidades de uma derrota, no caso de tentar-se a sorte das armas. Aos fortes esse meio pacifico proporciona ensejo para demonstrar a sua generosidade, sem ferir o orgulho nacional mal esclarecido. Aos fracos elle fornece uma transacção honrosa, poupando as suscetibilidades de um partiotismo não menos cego e os dasastres de uma lucta que se torna um verdadeiro suicidio. Para a Humanidade inteira, semelhante recurso constitue um elemento capital de progresso, assegurando o desenvolvimento dos instictos altruistas, assim preponderantes no conflicto, e a gradual atrophia dos pendores egoistas pela falta consequente de exercicio. A recusa actual do arbitramento, nas questões internacionaes, salvo o caso de uma aggressão material immediata, constitue, pois, um crime incompativel com toda a verdadeira elevação philosophica e humana.

Se o chefe que os scientistas e litteratos nacionaes e estrangeiros levaram a preconisar como sabio, generoso e patriota; se o ex-imperador tivesse concebido em politica que não os egoisticos manejos para manter-se a si e a sua familia no unico throno do continente colombiano, teria desde logo imaginado o arbitramento como o substitutivo da guerra na sua politica internacional. E para diminuir os motivos de rivalidades inherentes á navegação do Paraná, teria promovido a construcção de vias de communicação interior, ligando ao

Atlântico as provincias occidentaes. Diminuindo desta sorte a importancia estrategica da linha fluvial, teria determinado facilmente a sua livre navegação e construído os meios mais adequados para estreitar a união entre as Patrias brazileiras, e mesmo sul-americanas.

Por agora apreciemos os fructos principaes do seu longo reinado, no que se refere a questões externas e especialmente no Paraguay.

A primeira empreza militar do governo do ex-imperador, abstraindo da missão Abrantes a que acima alludimos, teve lugar em 1851 com o fim de destruir o poder do dictador Rosas, de Buenos-Ayres (1) Pularemos aqui a apreciação desta lucta, apenas retomando-a na parte que se relaciona mais estreitamente com a guerra do Paraguay.

A intervenção do governo do Rio nos negocios do Prata, necessitando de um pretexto, de accordo com os demais vulgares preconceitos do orgulho nacional, foi elle fornecido, pela conducta que se dizia ter para com os brazileiros o general revolucionario Oribe. Antes, porém, de empenhar-se na lucta, tratou o governo imperial de obter allianças que lhe facilitassem o successo. Nesse intuito, negacion com o Paraguayo tratado de 25 de Dezembro de 1850, que só foi publicado em 1852.

Por esse tratado o Brazil se compromettia a promover o reconhecimento da independencia da mesma republica, pelas potencias que ainda o não tivessem feito.

Ajustava em trabalhar de accordo com ella, para alcançar a franca navegação do Paraná e assegurar a independencia da Republica do Uruguay (Note-se bem isto).

Não foi, pois, por um generoso impulso que o Imperio contribuiu para uma independencia, de que tanto alarde se

(1) Isto abstrahindo da missão ABRANTES a que acima alludimos.

Nota:—Recomendamos ao leitor a obra do Dr. Ernesto Quezada, sobre Rosas, publicada em Buenos-Ayres de quo o Sr. Miguel Lemos se refere na ultima reprodução da apreciação da Guerra.

tem feito para acusar o Paraguay de ingratidão, insuflando duplamente a vaidade nacional. A autonomia do Paraguay, como a da república Oriental, é uma vantagem que se impõe ao cálculo mais rudimentar de qualquer político brasileiro, afim de conter as pretenções da confederação Argentina. Para evidenciar isto basta, além do relatório do ministro dos estrangeiros, de 1852, as seguintes palavras do visconde do Rio Branco; em 11 de Julho de 1862, dizia elle na Câmara dos Deputados: (1)

« Durante o domínio de Rosas, sob o perigo das eventualidades com que nos ameaçava, o governo imperial tinha tomado a peito, como interesse permanente do Império, a defesa da independência da República do Paraguai. »

E si os povos do Prata devem-nos ser gratos pelos auxílios que lhes prestamos, também elles são credores do apoio que nos deram; além de que a república Oriental tem toda a razão para queixar-se do preço que lhe custou nosso apoio. Era, portanto, muito natural que as desconfianças para com as intenções da monarquia recrudescessem novamente nos pequenos estados platinos, quando estes se convencessem de que o Brazil já não tinha os mesmos motivos nacionais e dinásticos para tratá-los com amizade.

Depois da expulsão de Rosas, continuaram as odiosidades internacionais.

Com o Paraguay chegaram a estar bem tensas em 1854, Felizmente, porém, conseguiu-se um tratado de livre navegação em 12 de Fevereiro de 1858, negociado por Silva Paranhos.

Mas as desconfianças e as susceptibilidades persistiram em ambos os países. De nossa parte elles iam tão longe, que o visconde do Rio Branco dizia no já citado discurso:

« Quando se trata com uma nação fraca, não queiramos só resolvêr as questões à vulentona, porque pôde haver também uma nação forte que nos queira aplicar a pena de Talião. »

(1) Vide a História da Guerra do Brazil contra as repúblicas do Uruguai e Paraguai pelo Dr. F. F. Pereira da Costa.

E' necessario que sejamos, *moderados, prudentes e justos* para com todos».

Como si já não bastassem esses factores para complicar as nossas relações internacionaes exacerbando o nosso amor proprio nacional, veiu juntar-se-lhe em 1861 a questão Christie, que ainda foi um desastre da inepcia imperial. Dahi uma disposição bellicosa, que não podendo explodir em relação à Inglaterra, sem que ninguem se desse conta do facto, tendia a precipitar-nos em uma luta para saciar o orgulho patriotico humilhado.

E talvez a invasão do Estado Oriental por D. Venancio Flores, com o auxilio de crescido numero de brazileiros, em 18 de Abril de 1863, tivesse determinado então a explosão, que se realizou no anno seguinte, em seguida à abertura das Camaras, em 1864, si não houvesse sido dissolvida a Camara dos Deputados, logo depois de suas felicitações ao monarca, pela sua conducta na questão ingleza.

A linguagem apaixonada de alguns deputados bastou para arrastar o animo vacillante do governo, que resolvem confiar ao ex-conselheiro Saraiva uma missão especial ao Rio da Prata.

Tinha ella por pretexto reclamar do governo oriental a punição dos accusados de crimes contra a propriedade, a vida e honra de cidadãos brazileiros, domiciliados na banda Oriental, e obter garantias para o futuro dos mesmos. Ora, examinando os documentos officiaes, os espiritos imparciaes e os corações que não se deixarem arrastar pelos estreitos preconceitos nacionaes, reconhecerão que, além de não ser esse o ensejo mais favoravel para apresentar taes reclamações, o governo imperial não procedeu como exigiam os supremos interesses da Humanidade.

Com efeito, o governo imperial confessava que um grande numero de brazileiros tinha-se alistado nas fileiras de Flores, e recusava abandonal-as, apezar das ordens do mesmo governo.

E, no entretanto, exigia que o governo oriental, a braços com uma guerra civil, satisfizesse as reclamações. De sorte que uma nação com os recursos do Brazil, e que jactava-se do prestígio de seu governo, não tinha meios para impedir que os seus subditos tomassem parte em uma rebellião contra um governo amigo. Mas, no entanto, julgava proceder com equidade, requerendo que o governo oriental, profundamente abalado, tivesse uma justiça plenamente organisada.

Longe iríamos, si quizessemos resumir aqui as peripécias de tais negociações. Mas, não podemos deixar de transcrever os trechos de uma nota, em que o ministro da Republica refuta as pretenções do diplomata imperial. Diz aquelle:

«A população brasileira, laboriosa e pacífica, gosava na Republica, antes da rebellião, da protecção das leis e da autoridade, que se dispensava, e é devida tanto aos nacionaes como aos estrangeiros, nas condições iguaes para todos, de mais ou menos adiantamento na administracão executora daquellas leis, e interprete daquella autoridade.

«O brasileiro, como qualquer outro estrangeiro, que se hospeda na Republica, ao fazel-o aceita a situação que dão as leis e as autoridades aos habitantes, e attenda bem S. Ex., aceita desde que voluntariamente vem estabelecer-se na Republica as condições de antemão conhecidas, que esta impõe aos estrangeiros para podel-os receber em seu seio, e que são as mesmas que pesam sobre os nacionaes.

«A primeira dessas condições é, em qualquer paiz, que o estrangeiro se sujeite ás leis e respeite ás autoridades incumbidas de cumpri-las; e se as leis fossem em sua opinião opressivas, era de sua conveniencia, visto que antes de tudo tem de respeitá-las, não escolher semelhante paiz para n'elle fixar a sua residencia.»

E depois de desenvolver estas justas considerações, acrescenta:

«O facto capital, e que por sua eloquencia e notoriedade demonstra como prova irrecusável a falsidade da accusação

que o abaixo assignado contesta, é que no seio da Republica que se pinta *com as mais negras cores* reside em contacto com as autoridades, que se apresentam como verdugos da vida, honra e propriedade brazileiras, uma população rica e prospera, de mais de 40.000 almas, senhora de uma immensa zona no paiz».

Mais não é tudo, o proprio diplomata brazileiro, respondendo à precedente nota, dizia :

«Não são certamente *todos os brazileiros* que soffrem assim como não é só entre as forças do general Flores que se encontram brazileiros envolvidos nas lutas intestinas da Republica. O governo actual tambem conta sympathias em muitos dos meus concidadãos. Estes seguramente não soffrem hoje, e o governo imperial os ha por certo defender, quando forem prejudicados em uma situação que não se lhes consagre a mesma estima. Presentemente, porém, o governo imperial procura proteger os que soffrem.»

Cumpre finalmente notar que o governo oriental declarava-se, em principio, disposto «a attender a toda reclamação ou pedido fundado em direito, para o fim de proteger os interesses legítimos da população brazileira domiciliada na Republica».

Depois de trocadas estas notas, o ministro brazileiro, de acordo com o ministro inglez em Buenos-Ayres, com o ministro argentino e com o Sr. André Lamas, deu passos para negociar uma paz entre o general Flores e o governo legal. Essa tentativa foi malograda. E então o ministro brazileiro, seguindo as instruções do seu governo, apresentou um ultimatum ao governo oriental, declarando que mandaria proceder às reprezañas.

O governo oriental devolveu a nota do ministro brazileiro e concluiu, propondo que se submettessem as questões ao arbitramento de uma ou mais das potencias representadas em Montevidéo:

« Os arbitros decidiriam sobre a oportunidade das reclamações apresentadas ante o governo oriental pelo do

Brazil, e em seguida, caso fosse essa oportunidade reconhe-cida, proporiam os meios praticos de proceder-se ao exame e satisfação das reclamações pendentes.»

« Havendo o governo de S. M. o Imperador do Brazil aceitado os principios do Congresso de Paris, continuava o ministro oriental, e havendo-se recentemente posto em pratica em suas questões com uma das grandes potencias signatarias naquelle Congresso, não pôde acreditar o governo da Republica que V. Ex. recuse esta proposta. »

Pois bem, essa proposta foi rejeitada pelo ex-conselheiro Saraiva, allegando: « que semelhante expediente illudia a questão, ou adiava a difficultade, sendo ao contrario urgente providenciar em prol da segurança, da vida e da propriedade dos brazileiros domiciliados nos departamentos interiores e em perigo no meio das perturbações daquelle paiz, que desgraça-damente aggravavam-se e prolongavam-se. »

E assim precipitou-se o Brazil na guerra contra a Republica do Uruguay, da qual originou-se a campanha do Paraguai, como passamos a mostrar.

Para julgar dos acontecimentos de que estamos tratando, buscando inspirações nos supremos principios da moral humana, e não deixando cegar-nos a razão pelos preconceitos nacionaes, cumpre ter presente a desconfiança com que eramos olhados pelos nossos vizinhos. A nossa politica para com elles não podia tranquilisal-os, porque se tal politica lhes havia sido favoravel por vezes, fôra isso devido a calculos de estreito patriotismo.

Se os que têm tratado destes assuntos tão facilmente se esquecem do auxilio efficaz que recebemos, como estranhar que esses Estados nos olhem com desconfiança ?

O Paraguai tinha connosco pendente a questão de limites. Que hypothese mais simples do que imaginar que, supplantada a Republica Oriental, quizessemos resolver a nossa questão de limites com o Paraguai à valentona, para usar da expressão do futuro visconde do Rio Branco ?

Quando ainda negociaava com o governo de Montevidéo, escrevia o ex-conselheiro Saraiva ao governo do Rio, em 28 de Maio de 1864 :

« Preciso ~~me~~ achar-me habilitado para entender-me com o governo de Buenos-Ayres e MESMO COM O DO PARAGUAY. As cousas pôdem embaraçar-se, e é necessário estar preparado para tudo ; eu já o devia estar.»

E mais adiante accrescentava :

« Espero, portanto, e rogo que pelo primeiro paquete V. Ex. se digne.....

« 3º habilitar-me para que possa entender-me com o governo do Paraguay, POIS QUE PODEM DE IMPROVISO SURGIR D'AHÍ DIFFICULDADES. V. EX. SABE QUE O GOVERNO ORIENTAL HA MUITO FAZ VIVAS DILIGENCIAS PERANTE O PRESIDENTE LOPEZ E TEM PROCURADO A SUA COOPERAÇÃO.»

Além disto cumpre recordar que em 1850, no tratado que celebrámos com o Paraguay, o interessámos na independencia da Republica Oriental ; e em 1851, quando nos ligámos com o general Urquiza para expellir Oribe, tambem estatuimos que o Paraguay seria convidado para tomar parte na aliança. Portanto, quer se considere uma época atrasada, quer se attenda sómente para o tempo da missão Saraiva, é incontestável que não devia causar estranheza a intervenção do Paraguay em 1864.

Instado pelo governo de Montevidéo, Lopez offereceu a sua mediação ao governo do Rio para ajuste das questões confiadas à missão Saraiva, em notas de 17 de Junho de 1864, e na mesma data communicou a este enviado o offerecimento que acabava de fazer.

O ex conselheiro respondeu em 24 do mesmo mes (Junho) declarando, com o que em 7 de Julho o governo imperial se conformava, que : « nutrindo as mais fundadas esperanças de obter amigavelmente do governo oriental a solução das mencionadas questões, parecia-lhe por enquanto sem objecto a mediação do governo Paraguayo sempre apreciada pelo governo

*de S. Magestade.»* Nessa occasião o ex-conselheiro procuraria conciliar o general Flores com o governo legal.

Lopez aguardou os acontecimentos. Frustrada a tentativa de pacificação da Banda Oriental, vimos que o enviado brasileiro intimou o seu *ultimatum* de 4 de Agosto de 1864 ao governo de Montevideó. Este comunicou o ocorrido ao presidente do Paraguai, o qual manda dirigir ao ministro brasileiro em Assumpção a nota de 30 de Agosto, que concluia assim, referindo-se ao *ultimatum* Saraiva :

« O governo da Republica do Paraguai deplora profundamente que o de V. Ex. haja julgado opportuno afastar-se, nesta occasião, da politica de moderação em que devia confiar, agora mais do que nunca, depois de sua adhesão às estipulações do Congresso de Paris; não pôde, porém, vêr com indifferença, e menos consentir que, em execução da alternativa do *ultimatum* imperial, as forças brasileiras, quer s ejam navaes, quer terrestres, ocupem parte do territorio da Republica Oriental do Uruguay, nem temporaria, nem permanentemente; e S. Ex. o Snr. Presidente da Republica ordenou ao abaixo assignado que declare a V. Ex. como representante de S. M. o Imperador do Brazil: que o governo da Republica do Paraguai CONSIDERARA qualquer ocupação do territorio oriental por forças imperiaes, pelos motivos consignados no *ultimatum* de 4 do corrente, intimado ao governo oriental pelo ministro plenipotenciario do Imperio, em missão junto daquelle governo, como *attentatorio do equilibrio dos estados do Prata, que interessa à Republica do Paraguai, como garantia de sua segurança, paz e prosperidade, e que protesta da maneira a mais solemne contra tal ato, desaconselhando-se desde já de toda a responsabilidade pelas consequencias da presente declaragão.»*

Esta nota encorava, portanto, UMA DECLARAÇÃO DE GUERRA, virificadas as circumstancias que ella determina. Só por incomprehensivel desliçencia intellectual ou por um radical desdem para com o governo que assim nos ameaçava, poderia o governo imperial persistir na deliberação de invadir a

Banda Oriental, sem preparar-se para repellir os ataques de Lopez. Objecta-se geralmente que o dictador paraguayo affirmava assim a *pretenção de ser o supremo árbitro das questões internacionaes da America do Sul*. Mas, admittindo mesmo a realidade de tal imputação, o que fica fóra de duvida é que, para explicar a sua conducta, não se precisa de semelhante hypothese. Com efeito para proceder como Lopez, *bastava estar convencido que vistos ambiciosas de absorção eram os verdadeiros moveis da politica do Brazil nessa época*. Uma vez subjugada a Republica Oriental, o dictador paraguayo conjecturava chegar a vez do Imperio liquidar, pelas armas, a sua velha questão de limites (1).

Com estas apprehensões, era natural que Lopez procurasse atacar o Brazil, tendo por seu aliado a Banda Oriental e talvez a Republica Argentina, bem como a província brasileira do Rio Grande do Sul, que se revoltaria, em lugar de esperar que fosse combatido quando não podesse ter ninguem por si. A sua conducta foi temeraria arriscando-se a uma campanha contra o Brazil, *mas foi inspirada no mesmo egoísmo patriótico* que dirigia a este, e adaptou-se as mesmas formulas usadas pelo Imperio. O governo imperial *não tinha, pois, a mínima razão* nas increpações feitas a Lopez, sob semelhante aspeoto.

A essa nota respondeu o ministro brasileiro em Assumpção, em 1º de Setembro de 1864, procurando refutar com pueris sophismas e sobranceiras afirmativas as apreciações do dictador paraguayo. Terminando a sua apologia, do procedimento imperial dizia :

« *De certo nenhuma consideração o fará sobreestar no desempenho da sagrada missão que lhe incumbe de proteger a vida, a honra e propriedade dos subditos de S. M. o Imperador* ».

(1) Foi exactamente o que aconteceu depois da guerra, não permitindo ao Paraguai sequer o direito de discussão dos seus títulos. Vido Limites Paraguayos do J. M. S. Escalada.—L. Torrenta.

A tão arrogante decisão, replicou o governo de Assumpção, em 3 de Setembro, por uma nota que concluia assim :

« Não alterando em cousa alguma a nota de V. Ex., a situação que motivou a solemne declaração do governo do abaixo assignado, fica este notificado de que de certo nenhuma consideração fará sobreestar o governo de V. Ex. no emprego de meios coercitivos que havia resolvido pôr em prática; e corroborando o protesto que dirigiu a V. Ex. na citada data de 30 de Agosto ultimo, terá o pezar de fazel-o efectivo sempre que os factos alli mencionados venham confirmar a segurança que V. Ex. acaba de dar em sua nota, a que esta responde ».

*Que declarações de guerra podiam ser mais explicitas do que estas reciprocas afirmações?*

Em 22 de Setembro o governo imperial approvava completamente a conducta do seu ministro em Assumpção, dizendo-lhe que os termos de sua resposta nada deixavam a desejar (!) A cegueira patriótica do ministerio anterior havia precipitado o Brazil na guerra: mas uma política verdadeiramente superior às instigações de uma estreita vaidade nacional poderia ainda reparar o erro commettido. Infelizmente o ministerio de 31 de Agosto partilhava quicá no mais elevado grão a falsa noção do pundonor nacional que inflammava todo o paiz, desde a questão Christie.

Applicou-se, pois, não a sustar a luta que encontrou travada, mas em preparar elementos de victoria para o Brazil, o que fez com um energico civismo, attestado pelo decreto dos voluntarios da Patria.

Antes, porém, de ter Lopez conhecimento do modo pelo qual o governo do Rio apreciava a attitude do seu ministro em Assumpção, davam-se as primeiras violencias do Brazil, contra a Republica do Uruguai, a titulo de represalias. O dicator do Paraguay dirigiu imediatamente ao ministro brasileiro em Assumpção a nota de 14 de Setembro, que terminava por estas palavras:

« Factos tão significativos como os que a legação oriental denuncia, consumados em apoio de uma rebellião, com olvido dos principios de legalidade, *base dos direitos de dynastia dos governos monarchicos*, impressionaram profundamente ao governo do abaixo assignado, que não pôde deixar de corroborar por esta communicação as suas declarações de 30 de Agosto e de 3 do corrente.»

A legação brasileira respondeu que abstinha-se por então de qualquer reflexão a respeito do conteúdo da referida nota, por não possuir informações especiaes. E a politica imperial, continuando a desenvolver o caracter violento que assumira na Banda Oriental, o governo paraguayo dirigiu ao nosso ministro em Assumpção a nota de 12 de Novembro de 1864, quasi dois meses depois da precedente. Ahi mandava o presidente Lopez declarar :

« Que comquanto a legação brasileira, em sua nota de 1º de Setembro, afirmasse, em resposta ao protesto de 30 de Agosto, que decerto nenhuma consideração faria sobreestar o governo imperial na politica que havia adoptado para com o governo oriental, esperava, entretanto, que a moderação do governo imperial e a consideração dos seus verdadeiros interesses, assim como os sentimentos de justiça, que constituem a garantia de respeito de todo o governo, influiriam em seu animo para que, apreciando o exposto na citada nota de 30 de Agosto, adoptasse uma politica mais conforme aos interesses geraes e ao equilibrio do Rio da Prata, como por si mesmo aconselhava tão grave situação. »

« Era, porém, com profundo pezar que via que, longe de haver merecido a attenção do govesno imperial, sua moderação e declarações officiaes de 30 de Agosto e a confirmação de 3 de Setembro respondia a elles *com actos aggressivos e provocadores*, ocupando com forças superiores a villa de Mello, cabeça do departamento oriental de Cerro Largo, no dia 16 do mez proximo passado, *sem previa declaração de guerra ou outro qualquer acto publico dos que prescreve o direito das gentes.* »

A' vista disso declarava rotas as relações do Paraguay com o Brazil e impedida a navegação das aguas da Republica para a bandeira de guerra e mercante do Imperio, sob qualquer pretexto que fosse, e permittida a navegação do rio Paraguay, para o commercio da provincia brazileira de Matto Grosso à bandeira mercante de todas as nações amigas, com as reservas autorizadas pelo direito das gentes.

Esta nota foi recebida, pelo ministro, brazileiro no dia seguinte à noite, como este affirma em sua resposta de 14 de Novembro.

No dia 13 de Novembro pela manhã, pedira elle explicações pelo aprisionamento do vapor brazileiro *Marquez de Olinda*, que levava o novo presidente nomeado para Matto Grosso e recursos financeiros.

O ministro brazileiro requisitou os passa-portes na sua nota de 14 de Novembro e estes lhe foram dados, imediatamente. Não havendo navio que o conduzisse para fóra do paiz, obteve, por intermedio do ministro americano, que Lopez lhe proporcionasse os meios necessarios.

A 22 de Novembro dava-se a rendição da Villa do Salto, sitiada pelo almirante brazileiro, de accordo com Flôres.

E em principios de Dezembro era atacada a cidade de Payssandú. Foi então que Lopez invadiu Matto Grosso, partindo a força expedicionaria de Assumpção, a 15 de Dezembro, e realizando-se o ataque do forte de Coimbra, em fins do mesmo mez.

O historico destes acontecimentos basta para evidenciar a responsabilidade que coube ao governo imperial, na ultima guerra que tivemos a infelicidade de sustentar.

Julgando os factos à vista dos documentos officiaes e sem prevenções de amor proprio nacional, ninguem poderá desconhecer que, sejam quaes forem os erros e crimes justamente imputaveis a Lopez — *foi o governo do ex-imperador quem determinou a luta*, pela sua attitude para com a Republica Oriental. Além disso, os calculos ambiciosos que se attribuem

a Lopez constituem apenas manifestações de sentimentos e opiniões analogas às que animavam o governo brasileiro. Quem não recuava diante da violencia e a corrupção para manter a monarchia na America portugueza (missões do Marquez de Santo Amaro e Abrantes ficama mencionados e outros) e a integridade da nacionalidade brasileira, não pôde considerar um crime que Lopez visasse a reconstrução do vice-reinado de Buenos-Ayres e aspirasse fazer-se imperador. Tão pouco podem ser invocados contra o dictador do Paraguay, para justificar a guerra, as atrocidades que se lhe imputam, depois que os desastres de uma lucta prolongada foram annullando as qualidades dignas, que porventura possuia e aggravando os seus estímulos egoistas. E' preciso julgar dos acontecimentos como elles se desenrolaram em fins de 1864.

Em principios de 1865, Lopez projectou a invasão do Rio Grande do Sul, quem sabe si na esperança de subleval-o contra o Imperio. Nesse intuito, pediu licença á Confederação Argentina para atravessar o territorio federal; e sendo-lhe negada, rompeu com o governo de Buenos-Ayres, precipitando-o assim na alliance armada com o Brazil. Deve-se notar que antes de enviar o seu *ultimatum* ao governo de Montevidéo, o ex-conselheiro Saraiva tratou de assegurar-se do assentimento do governo argentino á politica imperial. E a acquiescência dada pelo general Mitre a essa politica constituiu um gravissimo erro, porque é bem provável que uma oposição generosa de Buenos-Ayres tivesse feito tomar á nossa diplomacia um curso diferente.

Tal foi a série de erros politicos, filhos principalmente da falta de elevação mental e moral do governo do ex-imperador, que conduziu a uma calamitosa guerra entre povos irmãos.

Apezar de não estar especialmente preparado para a campanha, quando ella começou, os recursos do Brazil permitiram que já em 11 de Setembro de 1866, Lopez sentisse necessidade de negociar a paz. Estas propostas não foram, porém,

attendidas, porque o imperio assentará em não concluir a guerra sem a expulsão do dictador paraguayo.

Assim o especificava o tratado da triplice alliance, pelo qual o Brazil, a Republica Argentina e o general Flôres, em nome da Republica Oriental, decidiram entre si *da sorte da Republica do Paraguay* (1). Proclamando ahi que se fazia a guerra, *não contra o povo paraguayo, mas contra o seu governo*, estatua-se, no entanto, nelle e no protocollo annexo, *os limites da Republica, segundo o ENTENDIAM o imperio e a Confederação*; determinava-se o desarmamento da nação paraguaya, *distribuam-se os despojos e os trophéos tomados na luta*, e *IMPUTA-  
NHA-SE ao mesmo povo o pagamento das despezas da guerra*, pelas quaes só o governo brasileiro era responsavel! (2)

Tem-se allegado que a proposta de Lopez (3) fôra apenas um ardil, para ter tempo de fortificar-se e reparar os seus desastres. Semelhante imputação, porém, por mais fundada que seja, só poderia ser aceita, se os aliados houvessem tentado aceitar a paz, e os seus esforços nesse sentido tivessem sido malogrados. Ora, tal não se deu. Declarou-se a Lopez que se comunicariam as suas propostas aos governos aliados e que, no entretanto *a guerra continuaria sem modificação*. Logo depois sofrímos o desastre de Curupayti, e a desharmonia se pronunciava entre os generaes derrotados. Foi então que o Marquez de Caxias foi escolhido para general em chefe das forças brasileiras. Si o rompimento das hostilidades constitue um grave capitulo de accusações contra o governo imperial, *o prolongamento da guerra, a partir desse momento, torna-se um verdadeiro CRIME de lesa-Humanidade*. O ex-imperador não cedeu diante do sacrificio da vida de milhares de seus concidadãos; não vacillou ante a perspectiva da ruina do Para-

(1) Chamamos a atenção das almas sãs para o conteúdo deste tratado e o protocollo annexo ao mesmo. A historia não regista maior monstruosidade.

(2) Si a guerra não era feita à nação paraguaya, ella não pôde ser responsavel pelos gastos de guerra.

(3) Houve mais do uma proposta, vide o APPENDICE.—L. TORRENTS.

guay; não recuou diante do desperdício de enormes quantias; e não trepidou diante das solicitações das Repúblicas americanas.

Debalde o Chile, o Perú, a Bolivia, o Equador e os Estados Unidos da America do Norte (este por duas vezes), tentaram pôr termo a uma guerra de extermínio, o capricho imperial a nada attendeu, obcecado pela rancorosa ideia de, aniquilar a Lopez. E, no entanto, *milhões de brasileiros gemiam na escravidão, sem que o ex-monarca sentisse maculada a honra nacional, e visse siquer na redempção delles um melhor emprego das enormes sommas votadas à guerra.* Curiosa hipocrisia essa de um governo que armava os seus subditos, para libertar os povos vizinhos do jugo dos seus tyranos, quando em sua patria se contavam por milhares os seus concidadãos escravizados pela mais monstruosa das oppressões. Um governo *libertador*, que garantindo a independencia da Banda Oriental e fixando os seus limites com o Brazil, além de estatuir concessões de leguas de terreno e a faculdade de, levantar este as obras e fortificações que julgasse convenientes, estatuiu, o que ainda é mais grave, que a Republica Oriental se compromettesse a devolver aos escravocratas do imperio os captivos que buscassem asylo na Banda Oriental!

Tão graves infracções da moral social foram praticadas em nome da *Santissima e Indivisivel Trindade*, e não consta que o sacerdocio catholico houvesse protestado contra semelhantes profanações da fé medieva (1).

E como si isto já não bastasse para alheiar-nos as sympathias dos povos do nosso continente, e para levantar contra si as almas generosas a quem, não cegasse o amor proprio nacional, o governo do ex-imperador reconhecia ao mesmo tempo o intruso Maximiliano como imperador do Mexico, (16 de Feve-

(1) Em 1857 fez tambem a monarchia brasileira um tratado escravocrata com a Confederação Argentina.

reiro de 1865). Unica entre as nações da America, o Brazil prestou o seu assentimento a esta aventura, em que o segundo Bonaparte, atraigoando a França, vinha lançar na America germens de odio contra a conductora da civilisação moderna ! *Que mais seria preciso para condenar a politica imperial !*

Que maiores provas da inferioridade moral e politica do ex-imperador do que o conjunto de sua diplomatica acção, cujos traços caracteristicos ahi ficam assinalados, nesses factos capitais do seu longo reinado ?

No entretanto, até hoje a VAIDADE NACIONAL tem impedido que se reconheça a perniciosa influencia do Imperio, nas nossas lutas com as nações platinas. Até hoje a maioria, arrastada por estreitos preconceitos, não quiz romper a solidariedade com os tristes manejos de uma politica, que cobriu a America de cadaveres e juncou-a de ruinas.» (1)

A União Brazileira deve espontaneamente rever esses actos da diplomacia imperial, para expurgal-os das suas disposições iniquas, que ainda vigorarem.

Quanto áquelles que foram espontaneamente eliminados pela evolução nacional, como a que se refere A' DEVOLUÇÃO DOS ESCRAVOS, cumpre-nos declarar ao governo Uruguayo que o governo republicano lamenta não ter tido o ensejo de a mais tempo suprimil-as. Tal é a conducta que a Religião da Humanidade impõe ás patrias brasileiras, para purifical-as dos ERROS inspirados por UMA politica sem fraternidade.

O egregio fundador da Republica, Benjamin Constant, como ministro da guerra, propoz, abraçando com entusiasmo, de que o seu coração de élite era capaz, a idéa do Apostolado Positivista do Brazil, de que fossem solemnemente restituídos ao Paraguai os trophéos conquistados na guerra que contra esta Republica sustentou o Imperio. Tão humanitario projecto nunca foi levado avante, porque uma vaidade nacional

(1) R. Teixeira Mendes. Segue a apreciação da Comissão B. Constant. Maior partes dos gryphos são nossos.

mal esclarecida se oppoz a esse rasgo da fraternidade republicana.

Preferiu-se manter a herança fraticida da monarchia, esquecendo-se até que a guerra tendo sido feita, conforme se ostentou sempre, «*não contra o povo paraguayo, mas contra o seu governo*», é inadmissível que, guardemos trophéos, que são uma affronta áquelle heroico povo. Entretanto era de esperar que assim não tivesse acontecido, á vista da digna resposta dada pelo general Deodoro, quando o ministro da Republica Argentina lembrou-lhe o dia 24 de Maio, para distribuição das tristes medalhas, que o governo da mesma Republica tencionava oferecer-nos, *por uma infeliz inspiração de comemorar a maldita aliança* dos dois povos, naquelle campanha.

O chefe do governo provisório ponderou que «aquelle data lembrava uma luta entre povos americanos, e que por isso preferia, para entrega das referidas medalhas, o dia 25 de Maio, anniversario da independencia da Republica Argentina.»

Dia virá, porém, em que nossos filhos, esclarecidos sobre a verdade historica, escutarão a voz do fundador da Republica Brazileira, não só restituindo os trophéos, mas ainda eximindo o Paraguai da divida que lhe impuzemos, *por uma guerra que foi a sua ruina, e deve ver o nosso remorso*, enquanto não resgatarmos as faltas dos nossos paes.

E não ficará então, nisso, a reparação dos erros da politica imperial. Emancipados dos preconceitos pedantocraticos que nos fazem hoje conservar as obras de arte, abstraiendo do seu alcance politico ou moral, os brazileiros regenerados hão de entregar a uma escrupulosa purificação os monumentos consagrados á glorificação dessa desgraçada luta.

Será esse o castigo merecido dos artistas, que houverem, com esquecimento dos altos destinos civilisadores da arte, votado as suas aptidões a idealizar scenas que devem cahir no mais completo olvido. A prespectiva desse infallivel desfecho deve constituir um aviso, para aquelles que, em nossos dias, *sem o minimo civismo*, se têm tornado o docil instrumento de

todos os governos. A mais perfeita execução não ha de eximir as suas producções da indefectível sentença de um futuro que, exclusivamente preoccupado com o engrandecimento moral de nossa especie, se applicará a sanificar o planeta, expurgando-o de tudo quanto possa conspirar contra a fraternidade universal.

---

## A Divisão do Paraguay

« O sentimento de *honra* consiste essencialmente em combinar o orgulho e a vaidade com os instintos altruistas, fazendo residir a grandeza de cada homem no exacto cumprimento dos seus deveres. E o sentimento do *dever* resulta da subordinação habitual dos pendoros egoistas aos moveis altruistas. »

TEIXEIRA MENDES—*B. B. Constant*, pag. 193.

Por intermedio do parlamento britannico chegou ao conhecimento do Paraguay, pela primeira vez em 11 de Agosto de 1866 o tratado de triplice alliance e, a sua publicação na integra no *Semanario* causou, em Assumpção, a mais profunda indignação, quer da parte dos nacionaes, quer da dos estrangeiros residentes na republica. Desde então ninguem mais poe em duvida os *intuitos* dos aliados. Aos acampamentos de Lopez se apresentaram imediatamente velhos já decrepitos e, até mulheres, pedindo armas para se baterem contra os aliados, Lopez não aceitou esse oferecimento, mas ainda assim formaram-se regimentos de mulheres, que voluntariamente e empunhando lanças, tomaram parte em alguns combates onde quasi todas eram sacrificadas inutilmente. Maior parte delas, porém, se empregava em cuidar dos feridos, na falta de homens, assim como das plantações de cereaes, fabricação de sal, sabão, tecidos de algodão, etc., para que assim se attenuasse um pouco a fome e a nudez, que lavrava com intensidade por toda a parte, com o bloqueio, em que se achava o paiz durante a guerra.

Todas as nações da America do Sul e a propria república dos Estados Unidos da America do Norte, protestaram contra a guerra e offereceram seus bons officios para a

terminação da luta; o proprio Lopez propoz a paz por mais de uma vez. (1)

As nações aliadas á nada accederam. O Brazil queria mostrar ao mundo civilisado, principalmente á Inglaterra (2) a valentia do seu exercito (que effectivamente era valente, sendo porém empregada e sacrificada desnecessariamente n'uma causa mais que injusta) reunido ao das duas republicas. Firmaram um tratado de alliance em que aparentaram « respeitar a liberdade, independencia e integridade territorial » mas addicionando um protocollo ao mesmo tratado no qual se declarava que: « *O Paraguay podia ser saqueado e devastado* » estabelecendo-se mais as regras que deviam ser observadas « *na distribuição dos roubos, pirataria e da propriedade particular dos paraguayos* ». Não se tratava pois, de uma guerra civilisadora, mas de conquista á mão armada, do territorio paraguayo. Infelizmente esta é a triste verdade. A guerra por conseguinte, não fôra feita a Lopez, com o fim de libertar o Paraguay, como garantiram no referido tratado. Essa afirmativa não passava de um escarneo atirado á face do mundo.

Em vez do Imperio nos levar essa decantada liberdade (3) não seria mais humano e proveitoso ao seu proprio paiz que libertasse primeiramente, aos seus proprios subditos, que se vendiam como mercadorias em leilões e isto até 13 de Maio de 1888 ! »

Os aliados tambem, em nome da civilisação, já se vê, se encarregaram (arts. 8º e 9º) de dar ao Paraguay um novo governo, que muito bem entendessem, « regulamentar a navegação dos seus rios, destruir suas fortificações, tirar-lhe todas as armas e os navios» de modo a não lhe ficar meio algum de defesa. Só assim, pensavam elles, «será possivel garantir a paz e obem estar no Brazil, e nas republicas Oriental e Argentina ! » No artigo 16º. garantiam « a integridade terri-

(1) Vide esses documentos no APPENDICE.

(2) Vide *Biographia de B. Constant.* — 1º. vol.

(3) Quo o Paraguay não lhe pediu.

*torial do Paraguay* &c, entretanto, o Brazil arrancou-lhe uma terça parte do seu territorio, a porção mais rica ao norte, e a Argentina uma grande parte ao sul, sem permittirem siquer ao vencido, a discussão dos seus titulos!

Razões poderosas tinham pois os portadores da *civilisação* aos selvagens paraguayos, em não accederem aos pedidos de paz: era preciso extinguir-se a nação paraguaya para que pudessem repartil-a entre si!

A nova geração paraguaya em nome da justiça não pôde deixar de protestar contra esse acto de conquista territorial pelo DIREITO DA FORÇA. A Republica Brazileira que tem procurado apagar os erros da monarchia, certamente consentirá ao Paraguay ao menos: O DIREITO DE DISCUSSÃO DOS SEUS TERRITÓRIOS, ARRANCADOS EM NOME DE UMA CIVILISAÇÃO RIDICULA E ATÉ CRIMINOSA. A geração presente da infeliz, mas sempre altiva nação paraguaya, conta com a justiça que lhe fará a Republica Brazileira, que é tão rica em territorio, como em filhos amantes da justiça, quão generosos, e, ao mesmo tempo, fracos para com os fracos, em contrario à politica do antigo regimen.

Para que não julguem aquelles que não nos conhecem de que adulteramos factos, daremos em seguida a apreciação de um conhecido publicista argentino Alberdi, que é insuspeito, pois é conhecido e admirado nesta parte da America pelos seus vastos conhecimentos. Apezar de ser Argentino de nacionalidade e patriota, fez, no seu trabalho, referente à guerra do Paraguay, acusações graves tambem ao seu governo. Elle entendia que o patriotismo não consiste em esconder a verdade e sim em tornal-a patente e clara para ensinamento das gerações futuras, evitando assim a reprodução de actos identicos. No Brazil o primeiro brazileiro que teve a coragem de romper com os preconceitos d'esse falso patriotismo dizendo a verdade à face dos documentos, foi o Sr. R. Teixeira Mendes.

Aos que não conhecem o assumpto chamamos a attenção para o importante documento, publicado em Paris, em 1º de

Outubro de 1866 e que transcrevemos na integra no APPENDICE deste modesto trabalho, sob o titulo: «*Protesto do Perú e de seus aliados do Pacifico contra a triplice aliança.*» Nesse documento irresponsável encontrarão as almas honestas a verdade, na sua nudez e farão justiça aos que foram «*vítimas* unicamente dos erros da política imperial no Prata.»

No mesmo APPENDICE encontrarão também os leitores uma carta do presidente da Bolívia dirigida a Lopez, na ocasião da guerra, protestando contra a triplice aliança e oferecendo a este 12.000 homens para combater a seu lado, que Lopez não aceitou.

Agora damos um trecho da apreciação de Alberdi:

Dizia elle, falando do Tratado da Triplice Aliança contra o Paraguai:

« Que entende o tratado por *governo actual do Paraguay*? « A isto se reduz toda a questão da sua legalidade.

« Notemos, antes de a tocar, que o governo do paiz (1) appellidado pelo nome de China Americana, pela sua insulânia e *tranquillidade* sem exemplo na America do Sul, é o primeiro e o único, desse continente sem repouso, que se vê condenado à morte como *perturbador incorrigivel*. Verdade seja que o governo republicano do Mexico pagou os seus quarenta annos de anarchia com a perda ou interceptação da sua vida. Mas nem assim desapareceu o Mexico como nação independente. Ao menos não se conhece um tratado, que haja *esquartejado um território*, nem que *estipule o seu desarmamento e pupilagem ou caução em beneficio de outras potencias, como com o Paraguay fez o imperio americano*.

« O sentido em que o actual governo do Paraguay torna realmente impossível o a que os aliados chamam o seu « bem estar actual », bem como a *tranquilla segurança delle*, não se refere à pessoa do general LOPEZ. Ridículo seria pretender

(1) O Paraguai.

que a presença desse general á frente do seu modesto paiz *impossibilita a todo o imperio do Brazil a manutenção da sua paz e seguridade.* Logo, o governo actual do Paraguay, em que os aliados vêm involuntaria ameaça aos seus interesses é o governo *independente e soberano do Paraguay*, seja quem fôr o homem, que o exerce: *o futuro governo, tanto quanto o presente, o Paraguay constituido em estado soberano.*

« Assim a guerra se fez (art. 7) contra o governo actual, não contra o povo do Paraguay; porém não é o general LOPEZ isto é, o governo, segundo os aliados, *senão o Paraguay quem havia de pagar os cem milhões de pesos fortes, que os aliados teriam de aquinhoar a esse paiz, conforme o a que se obrigam no art. 14 do tratado.*

« Compromettem-se os aliados a respeitar a independencia e soberania do Paraguay (art. 8); e, para provar *quão sincera é a promessa*, arrogam-se o direito soberano de tirar-lhe o governo que elle se deu, impondo-lhe o que aos aliados upraz. (Art. 10)

« Não pretendem os aliados exercer *nenhuma especie de protectorado* no Paraguay (art. 8). Encarregam-se, porém, de lhe «garantir a independencia, a soberania e a integridade territorial», (art. 9), sem que tal segurança lhes solicite o Paraguay, nem precise, pois ninguem o ameaça, a não serem os seus fidadores e garantes.

« Affiançam e acatam « a integridade territorial » do Paraguay (arts. 8 e 9), e, sem embargo, o Brazil lhe toma um terço de seu territorio pelo norte, como a Republica Argentina grande parte delle pelo sul (Art. 16).

« O tratado entrega aos patriotas (vindouros) o encargo de anniquillar a patria, e de certo modo forra a essa obrigação o governo de LOPEZ (*o barbaro tyranno*), que a defende. (Arts. 11, 13, 14 e 16.)»

Para um espirito imparcial e justiceiro, crêmos que será suficiente a leitura desta apreciação para condenmar esse Tra-

tado, e ainda mais—os *Protocollos* secretos, annexos ao mesmo Tratado, em que se regulava a fórmula de se dividir entre os aliados a importante *presa* da CHINA AMERICANA.

---

## Protestos das nações americanas

### E PEDIDOS DE PAZ

..... « O marquez de Caxias cortou a questão de propostas da paz de quo o ministro era mensageiro, dizendo, que tinha ordem do seu governo para não fazer trato algum com Lopez....» (Trecho de uma carta de BENJAMIN CONSTANT, a sua esposa, escripta de Tuyuty, Paraguai, em 20 de Março de 1867).

Depois da palavra autorizada do illustrado Sr. R. Teixeira Mendes, e outros escriptores estrangeiros sobre este assumpto, pouco temos que dizer para demonstrar mais uma vez o capricho de S. M. o ex-imperador, em não acceder aos pedidos de diversas nações da America, para a terminação da terrivel luta em que se sacrificou a vida de tantos brazileiros illustres e valentes, ao mesmo tempo que se exterminava a nação paraguaya.

Eu mesmo perdi o meu pai e tres irmãos n'essa guerra brutal, filha apenas da vaidade e do egoísmo.

Milhares de familias brazileiras ficaram na miseria; no Paraguai não houve uma só familia por mais abastada que fosse, que não ficasse reduzida à mais deploravel penuria.

Lopez não procedeu com prudencia auxiliando o Estado Oriental contra a prepotencia, da politica imperial, tanto que os governantes dessa nação, mercadejaram a honra da sua patria, para firmar o tratado da Tríplice Aliança contra o seu proprio bemfeitor.

A Republica Argentina que era favorável ao Paraguai, tambem por conveniencia pecuniaria, a ultima hora, provocou-o, quebrando a sua neutralidade em favor do Brazil, (1) obrigando dest'arte ao Paraguai a declarar-lhe guerra.

---

(1) Vide o documento publicado no APPENDICE, — Declaração de guerra no governo argentino, por quebra da neutralidade.

O Imperio brasileiro rico em dinheiro e em credito no exterior, pôde acceder a todas estas *aspirações generosas* e, a pezo de ouro (1) arrastou-os a uma luta contra o Paraguay, luta para a qual nem elle, nem o Paraguay se achavam convenientemente preparados.

A prova de que Lopez não se achava tambem apparelhado para a guerra prova-o o pessimo armamento do seu exercito, sem possuir um navio couraçado ou ao menos blindado e, tanto que em 12 de Setembro de 1866 já elle propunha a paz.

O Brazil, porém, tinha recursos e facilidade de se comunicar com o estrangeiro: d'ahi a presteza com que em breve tempo, teve os armamentos melhores da época e bons navios, tendo até se apoderado de tres couraçados fabricados para o governo do Paraguay.

A republica Argentina era a fornecedora de viveres e materiaes para o exercito, tudo pago por bom preço, pelo Brazil.

D'ahi pois, nasceu o seu progresso, isto é, a custa dos sacrificios do Brazil e da desgraça do Paraguay.

O ex-imperador nunca respondeu siquer ás propostas de paz feitas por Lopez. A razão era simples: é que Lopez queria uma paz honrosa á todos os belligerantes; os aliados queriam dispor do Paraguay, da mesma fórmula que os corsarios dispõem de uma importante presa. (2) Trataram pois de prolongar a luta até a extincão do ultimo combatente paraguayo. Sem chegarem a esse extremo, elles sabiam que não conseguiriam seu *desideratum*.

Toda a America procurou conseguir a paz e protestou energicamente contra o tratado celebrado em 1º de Maio de 1865, por julgar tambem, como Lopez o julgava « attentatorio contra a soberania e independencia do Paraguay, » mas o ex-imperador do Brazil se mostrou inflexivel; é portanto o

(1) Esta é a triste verdade histórica

(2) Vido os artigos do Protocollo annexo ao tratado de 1º de Maio de 1865, em quo estabelece a fórmula de so dividir toda pirataria que os aliaos realizasem, em nome da cruzada generosa da *civilização*!

nuico ou o principal culpado ante a sua Patria, o Paraguay e mundo inteiro, por esse sacrificio inutil, de milhares de vidas preciosas.

E' que o ex-imperador havia assentado de antemão a resolução inabalável, de dar ao mundo o exemplo de civismo sem precedente, levando bondosamente a *liberdade* ao Paraguay, sem importar-se com tratados escravocatas, celebrados com as republicas Argentina e Uruguaya para:—lhe serem devolvidos os escravos brasileiros, que procurando fugir do açoite e do captiveiro, tivessem a infelicidade de procurar essas plagas republicanas para seu refugio! Estes tratados foram feitos em nome da « Santissima e Indivisivel Trindade ». Ante tão bello exemplo de *civilisação* era preciso a continuaçao da guerra.

Lopez não só propoz a paz pela falta de recursos materiaes como mais ainda, por lhe afirmarem os representantes estrangeiros, em Assumpção, e emissarios especiaes, de que o ex-monarca fazia acreditar ás potencias estrangeiras que: « era elle Lopez o unico que se oppunha á terminação da luta. »

Não ha hoje homem culto no Brazil que não reconheça esta verdade e que não culpe ao ex-imperador da politica errada que sempre seguiu, principalmente, para com as nações mais fracas. Vejamos agora, ligeiramente, os pedidos de paz feitos ao governo imperial:

Duas vezes Lopez propoz a paz, em 12 de Setembro de 1866 e 24 de Dezembro de 1868, que ficaram sem resposta. (1)

O governo do Perú por intermedio do seu representante no Rio de Janeiro, em Junho de 1866 ofereceu sua mediação para por termo á luta, (2) fazendo ver ao Brazil que o fazia, tambem, em nome das republicas do Chile, Bolivia, Equador e outras republicas do Pacifico. O Brazil procurava convençel-as que era apenas Lopez o unico que desejava a luta, que

(1) Vide no APPENDICE esses documentos de grande valor.

(2) Vid em J. C. CENTURION explicações amplas e minuciosas sobre o assumpto.

elle Pedro II aspirava ardenteamente pela paz. A comedia não podia ser portanto, mais bem representada...

Quando foi conhecido o texto do Tratado de 1º de Maio de 1865 e os PROTOCOLLOS annexos, (1) o Perú e as outras nações americanas, suas aliadas, dirigiram aos governos do Brazil, Argentina e Uruguay, energico protesto que, igualmente, não foi tomado em consideração por S. M. e seus aliados.

Em Setembro de 1866 e Janeiro de 1867 os Estados Unidos da Colombia e o Chile protestaram contra a continuaçao da guerra do Paraguay e contra as clausulas do Tratado e protocollos por julgarem «attentatorio a independencia da mesma republica, » e novamente o governo imperial não os attendeu:

Em Janeiro de 1867 a Republica dos E. U. da America por intermedio do seu representante no Rio de Janeiro Mr. Walson Woff propoz ao Brazil a installaçao de uma conferencia em Washington para conciliar os belligerantes e caso o imperio não quizesse aceitar esse meio, propunha a nomeaçao de um arbitro. Mais uma vez infructiferos forão os meios suggeridos pela nação amiga para a terminaçao honrosa da luta *civilisadora*.

Depois Mr. Walshburn novamente incumbido pelo governo Norte-Americano intercedeu seus bons officios ante os aliados e receiando o Imperio complicações internacionaes com a grande republica, devido á insistencia do governo americano sobre o assumpto, declarou, como unica sahida possivel, que, «aceitaria a paz unicamente com a separaçao de Lopez do governo paraguayo». Lopez entendia que esse alvitre importava uma humilhaçao ao Paraguay. Pensava elle que só a Nação cabia esse direito e que, si bem ou mal gover-

(1) O proprio Sr. R. Teixeira Mendes no seu importante trabalho «Biographia de B. Constant, » fala do tratado e protocollos, e do protesto do Perú de uma forma pouco agradável aos que por um falso patriotismo, entendem que devem trucidar ou encobrir a verdade.

nava o seu paiz, unicamente ao Paraguay competia entrar nessa apreciação,—substituindo-o ou mesmo responsabilizando-o, como unico juiz possível, para elle.

Em Agosto de 1867 Mr. Gould, secretario da legação britannica no Rio da Prata offereceu tambem aos belligerantes seus bons officios para terminação da lucta (1) e foram por Lopez aceitas todas as clausulas (de 1.<sup>a</sup> a 7.<sup>a</sup>) menos a ultima (8.<sup>a</sup>) que éra do « seu refugio para a Europa » que lhe IMPUNHAM os aliados, pois, já o dissemos, Lopez entendia que tal alvitre competia exclusivamente à sua Patria; que, se accedesse à essa imposição seria elle mesmo reconhecer e sancionar a  *não soberania da sua Patria*, aceitando governos IMPOSTOS à vontade dos belligerantes.

Em Janeiro de 1868 o ministro Norte Americano no Rio de Janeiro, por ordem do seu governo, renovou seus bons officios para por termo à guerra. O ex-imperador disse então que « ia consultar aos aliados » e assim foi ganhando tempo, que, éra exactamente o que desejava. Por esse motivo chegaram a ficar bem tensas as relações entre os dois paizes. Todos viam que pelo tratado secreto, o Paraguay tinha que desaparecer! Deve-se talvez aos protestos já referidos o facto de terem, o Brazil e a Argentina ficado apenas com quasi a metade do seu territorio (o Brazil ao norte e a Argentina ao sul) não consentindo os  *generosos civilisadores* ao infeliz Paraguay, ao menos o direito de discussão dos seus titulos!

No appendice verá o leitor as duas propostas de paz formuladas por Lopez.

Só ao ex-imperador, portanto, cabe a responsabilidade da continuaçāo da guerra a partir de 12 de Setembro de 1866 até 1º de Março de 1870.

Felizmente a Republica Brazileira reconhece os erros do passado regimen e trata hoje de reparar essa falta, estendendo ao Paraguay a mão amiga, no momento em que começa a dar

(1) Vide esta clausula, na integra, em J. G. CENTURION—*Guerra do Paraguay*.

signal de vida, no meio dos escombros e da miseria em que a redusiu essa guerra !

A geração actual brazileira e a paraguaya não tem culpa dos erros dos seus antepassados; todos deploram essa luta ingloria e desejam hoje a fraternidade a mais ampla, principalmente entre os povos da nossa America.

Sejamos por nossa vez americanos—na America do Sul !

## Confirmação dos receios de Lopez

### IMPOSIÇÃO DAS NAÇÕES TRIUMPHANTES

.....  
« El sentimiento nacional argentino está profundamente lastimado de estas mutilaciones sucesivas, operadas à expensas de lo que consideraba su territorio, y este sentimiento es tan natural, que nó se puede menos de aprobarlo. Los pueblos que hoy permanecen indiferentes á las cuestiones sobre integridad del suelo en quo han nacido y en que viven, nó subsisten largo tiempo como cuerpo de nacion y son muy pronto asimilados a su vecinos. »

HENRIQUE DELACHAUX.

« Uma analyse minuciosa demonstraria os tratados celebrados e as circunstancias que mediram a sua celebração, porém demonstral-o e explicativamente seria interminável n'um ligeiro trabalho, como este, pelo que fazemos apenas um resumo e ligeiras considerações sobre o assunto.

Referindo-nos aos limites com o Brazil, devemos recordar que entre a Hespanha e Portugal se debatia antigamente a soberania dos territorios banhados pelo rio Pardo. Portugal pretendia mantel-a completa sobre estes, pois que pelo rio Pardo e Tacuari, se estabelecia a comunicação com Matto Grosso.

A Hespanha, complacente por tratar-se de parentes, resolveu pelo tratado de 1750, acceder ás pretenções portuguezas, aceitando como linha divisoria o rio mais immediato ao Pardo que é o *Ygurey*, cuja contra vertente no alto Paraguai se acreditava que fosse o chamado *Corrientes* quando realmente é o rio *Mbotetey* e mais o *Tacuari*.

Porém, na hypothese de que fosse o *Corrientes*, o verdadeiro contra-vertente do *Ygurey*, se nos apresenta a duvida

de sua situação verdadeira, e, ainda que o admittissemos ali onde está como pôde ter-se como contra-vertente ao rio *Jurey* no lugar onde precisamente os portuguezes e brasileiros querem collocá-lo?

O *Garey* (*Igurey* dos mesmos) fica abaixo do Salto Grande e o *Igurey* do tratado deve ficar acima do referido Salto e segundo as instruções deve desembocar no Paraná pelas suas tres bocas,—é o rio mais visinho do Pardo e que fica aproximadamente á dois grãos acima do *Garey*. Deve ter-se em conta que este não é semelhante rio e sim um *riveirão* das duas ramificações da cordilheira e que mal poderia seguir na linha divisoria, quando não tem mais de dez leguas de extensão, encontrando-se sua contra-vertente, o chamado *Corrientes*, a dois grãos mais acima e tendo a descrever uma curva não menor de sessenta leguas para o encontrar.

Para quem queira compreender ficará sabendo que o verdadeiro *Igurey*, não tem que fazer uma grande curva para dar com as contra-vertentes do tratado, admittindo que sejam o chamado *Corrientes*, mesmo que os rios vizinhos sejam o *Mbotetey* ou o *Tacuarí*.

Outro ponto importante é o referente ao *uti possidetis* que os nossos vizinhos o interpretam completamente ao seu paladar. Os mesmos portuguezes obtiveram que, para a demarcação de limites se tivesse presente as povoações existentes para assegurar os territórios, que furtivamente haviam povoado.

Porém é o caso que, os portuguezes e brasileiros confundiram no terreno, nomes, lugares, e pretendiam levar a linha divisoria em povoados e despovoados segundo lhes convinha, invocando então neste caso o *uti possidetis* e em outros os tratados caducos. Assim tinham a seu favor: povoado quando tinha povoado e deserto também por ser deserto!

A chancelleria paraguaya aceitou legalmente o *uti possidetis* e, se, o houvesse praticado, o Brazil teria de ceder ante a evidencia da posse paraguaya. Perdida a povoação do Xerez ficava o forte Olympo como monumento irresponsável do

nosso direito á ambas as margens do rio Paraguay, pois o Brazil não podia invocar nenhuma população a seu favor entre o Apa e o rio Branco e mesmo mais acima. Si, se refuta que o forte Olympo fica ao lado occidental do rio, replicaríamos que Corumbá e Coimbra etc., ficam ao mesmo lado e não obstante o Brazil sustenta seus direitos á outra. Igual argumento cabe fazer quanto ao Paraná cujos territorios desertos, na sua maior parte, nunca foram povoados por portuguezes e brazileiros.

Mas o que resalta é o zelo que tiveram para levar a linha pelos *seus rios Ygury e «Corrientes»* e não pelos VERDADEIROS por quanto ficam mais acima e não lhes convinha. De onde poderam tirar vantagem o fizeram, temos por exemplo: em vez de seguir a linha na demarcação pelo Apa, encontraram um affluente deste, o corrego Estrella e como ficava mais abaixo, conseguiram levar por elle a linha divisoria, ganhando assim «cento e cinqüenta leguas de hervaes paraguayos!».

E, não contente, o Brazil, em liquidar assim seus limites a sua vontade pretende ainda cobrar-nos de gastos de guerra contra o tyranno, quando já se pagou vantajosamente pelas suas proprias mãos com territorios fertilissimos e a exploração de quasi quatro séculos de nossas minas de ouro e de diamantes que, historicamente são do Paraguay, sendo elle, pelo contrario, DEVEDOR NOSSO e com crescidos juros!...

Com a queda da monarchia, causa de tantos males para esta America SERIA OPPORTUNA A REVISÃO DOS TRATADOS COM O BRAZIL.

Em quanto a esperamos, ficámos na expectativa e observamos a marcha política da nova Republica inaugurada em 15 de Novembro de 1889.

Este dia foi considerado feriado para commenmorar o primeiro anniversario do advento da Republica Brazileira e para a distribuição das medalhas da guerra do Paraguay.

Quanto ao primeiro nada ha que observar-se, é justo e nós tambem nos devemos associar a elle com jubilo, porém quanto ao segundo, sabemos nós e o mundo que nos contempla que:

*a guerra não foi feita contra o tyranno, e por mais que fosse ella justa (1) á recompensa aos que lutaram com bravura nos campos de batalha, era preferivel lançar ao esquecimento estas cousas para não ferir susceptibilidades, tendo em consideração, que cada um de nós fomos ou autores na homérica contendida, ou perdemos desnecessariamente os entes mais queridos! Ao dizermos isto, está muito longe de nós a ideia de aprovar a insensatez de um mandatario, que não teve a prudencia de evitar essa guerra e abusando da bravura do seu povo arrastou-o a uma luta provocada, é verdade, mas que podia ter sido evitada se Lopez tivesse tido mais calma, qualidade indispensavel a um chefe de nação. A Republica Oriental não tardou em lhe pagar a sua intervenção amiga: a mão que recebera o beneficio servira á Flores para dar depois a bofetada!*

A respeito da Argentina devemos notar que se a arbitragem houvesse comprehendido todo o Chaco e ainda as missões orientaes, o triunpho do Paraguay não se teria feito esperar, pois além dos titulos irrefutaveis que temos, estavamos na posse dos ditos territorios quando se declarou independente, isto é, o *uti possidetis* do anno 10, amparava-o em um todo.

Se é verdade que nosso porvir apparece escuro devemos ter fé e abordar as questões de interesse nacional como elles requerem.

Muito temos perdido por não nos havermos preocupado com o futuro: vivemos sómente do presente; é preferivel preocuparnos de ambos.

Resumindo: vejamos por ultimo o que ficou do *Gigante das Indias*, como se chamava o Paraguay.

(1) Que não reconhecemos como tal, e ainda mais em face do procedimento que tiveram os aliados, arrancando-nos territorios e não nos permitindo siquer, a discussão dos nossos titulos.—L. T.

Os limites actuaes são:

Ao Norte — Rio Apa, Bahia Negra e territorio de Chiquitos.

Ao Sul — Rio Paraná.

A Leste — Rio Paraná e as cordilheiras Amambay e Maracajú.

Ao Oeste — Rio Pilcomayo e o Parapiti.

Em cifras a superficie territorial do Paraguay tem experimentado as seguintes trocas:

Em poder do BRAZIL, parte Oriental 7.500 leguas

	O c c i -	
»   »   »   »   »   dental.....	1.800	» (1)

Em poder da R. ARGENTINA, parte

Occidental .....	3.600	»
------------------	-------	---

Idem, missões orientaes.....	1.500	»
------------------------------	-------	---

Total de territorios perdidos.	14.400	» maritimas
--------------------------------	--------	-------------

PARAGUAY actual:

Parte oriental.....	5.500	»
---------------------	-------	---

»   occidental .....	10.400	»
----------------------	--------	---

Addicione-se territorio dis-		
------------------------------	--	--

cutivel com a Bolivia...	3.400	19.300	»
--------------------------	-------	--------	---

Total.....	33.700	» maritimas
------------	--------	-------------

que reduzidas á hespanholas nos dão um pouco mais de 37.000 leguas, das quaes, como fica demonstrado, se perdeu 15.840 leguas e isto prescindindo do territorio do Guairá, que seriam outras tantas!...

.....+.....  
Terminada a guerra e triumphantes as armas aliadas, o Imperio consumou sua obra attentatoria á integridade terri-

(1) Territorio Paraguayo entre Yaurú e Bahia Negra tomado pelo Brazil contra todo o direito, durante a guerra.

*torial da Republica do Paraguay.* Não esperou mais, nem deu tempo para estudar nem discutir titulos ou direitos que poderiam adduzir-se para se resolver com equidade a questão de limites com o nosso paiz.

Em 9 de Janeiro de 1872, data que os paragnayos não devem olvidar, se firmou em Assumpção o tratado Loizaga-Cotegipe, pelo qual o Brazil declarava que exigia fosse reconhecido pelo vencido o LIMITE IMPOSTO no tratado da triplice aliança, se bem que consentisse (por um acto de extrema generosidade) não levar a linha divisoria pelo arroio ou corrego Garey (*Ygurey* do tratado da aliança) optando pela serra de Maracajú, um pouco ao Norte do mencionado arroio (1) sem duvida porque na consciencia estava um arroio e não podia substituir a um rio, mas ainda porque, era melhor tomar aquelle que podia servir de valla para conter com um *non plus ultra*, as aspirações futuras de um povo vigoroso por sua indole e temperamento, herdeiro de tradições audazes que, mesmo opprimido e estenuado pela fatalidade e pela força das armas, qual novo Prometheu, retorcendo-se debaixo do peso da sua desgraça, conservava intacta no fundo do seu caracter a altivez indomavel e a valentia homérica de que deu terríveis provas na luta.

Para demonstrar a *urgencia* com que os vencedores julgaram conveniente celebrar-se o tratado referido com o Paraguai, basta recordarmos que: em data de 4 de Janeiro de 1872 foi nomeado o plenipotenciario paraguayo que devia assinal-o e em 9 do mesmo mez, n'uma unica conferencia, o tratado estava firmado !

E' que se collocou uma corda no pescoço de cada um d'esses moribundos ambulantes, que tinham escapado da morte e se lhes déra o rotulo de representantes do povo; era neces-

(1) Imperou na demarcação a linha pelo Apa, levou-se a diferença cedida pela cordilheira. Baixou a linha pelo arroio Estrela.

sario que não desse elle o ultimo arranco no momento de morrer !

O prazo era peremptorio... e nada tinha o Paraguay que discutir !...

Devemos pois estar gratos ao Imperio que nem ao menos a discussão dos nossos titulos admittiu !

Em quanto não imperar a JUSTIÇA e não se respeitar o DIREITO — não haverá paz entre os povos ! \*

J. M. S. E.

A nova geração paraguaya em nome dos patriotas e valentes brasileiros e argentinos que pereceram heroicamente nessa luta ingloria, pensando «defender a sua pátria ultrajada»; em nome dos seus pais e irmãos mortos em defesa da integridade nacional (eu mesmo fallei em nome da memória sagrada do meu pai e irmãos que morreram na guerra!), defendendo palmo a palmo o território sagrado que elles viam perder dia a dia; em nome da propria honra e dignidade do Brazil e da Argentina, — a nova geração da minha Pátria protesta contra essa monstruosidade sem exemplo na História !

O Paraguay espera confiante hoje, em nome da justiça, a entrega do seu território que a ponta de bayonetas e em nome da Liberdade e da Civilisação, habilmente imaginadas para justificarem a guerra, lhe arrancaram os aliados; ou, ao menos, que a generosidade dos vencedores lhe permittam hoje o direito de discutir os seus titulos que o imperio não lhe facultou !

Hoje o Paraguay pôde confiar na rectidão, generosidade e justiça dos vencedores.

Estamos certos por isso que por sua vez a Republica Brasileira procurará lavar-se mais d'essa mancha do passado regimen.

Aguardemos, pois, os acontecimentos e confiantes te-

nhamos fé no porvir da nossa infeliz mas sempre altiva  
Patria !

Como Paraguayos uma unica causa pedimos—a JUSTIÇA!

---

P.S.—Aos que nos quizerem confundir, oferecemos no APPENDICE os documentos historicos que se referem nos limites Paraguayos. Por elles ficarão inteiradas, as almas honestas, do que foi o Paraguay antigamente e o que ficou sendo depois da guerra — *Civilisadora!*

(Veja «Limites Paraguayos» do J. M. S. Escalada pags. 66 à 81—1895).

## O primeiro governo do Paraguay

.....  
« Affirmar que a guerra do Paraguay foi um crime não é afirmar que a Patria é criminosa. Porque a responsabilidade da guerra não cabe à Patria e sim aos directores da Patria naquelle tempo.» — R Teixeira Mendes.

Triste é o que temos de relatar, ainda que resumidamente, da tomada de Assumpção, capital da Republica do Paraguay. Deixaremos sem mensão os diversos bombardeios que a capital deserta sofreu, pela esquadra brazileira, quando todo o mundo sabe que não era praça de guerra, e sim uma *cidade aberta*.

Que os selvagens paraguayos desconhecessem essas comezinhas cousas do direito internacional vá, porque não sabiam ainda o que era *civilisação*, mas os portadores d'ella—não podiam deixar de conhecer e darem o exemplo...

... Em 31 de Dezembro de 1868 o exercito alliado, ao mando do marquez de Caxias, se pôz em marcha e, em 5 de Janeiro de 1869, chegou a Assumpção, que estava inteiramente deserta, parecendo mais um... enorme cemiterio !

A cidade assim solitaria e triste, crusando apenas pelas ruas e casas alguns ratos famintos, foi ocupada e saqueada pelos brazileiros de uma maneira edificante.

Os navios transportes e mesmo alguns de guerra, sabiam do porto carregados de mobilias de toda especie, pianos, etc., todas à bordo, em uma confusão indescriptivel.

As casas de negocio de argentinos, brazileiros, orientaes, hespanhóes e de outras nacionalidades, sofreram grandes prejuízos.

Deste modo a capital da Republica foi obrigada a sup-portar a sorte do vencido—lá nos tempos idos da antiguidade—

sem a necessaria prescripção dos preceitos estabelecidos pela civilisação moderna. (1)

Dizem alguns escriptores, aliás insuspeitos, que o general Emilio Mitre, para não fazer-se cumplice deste acto abusivo e repugnante acampou a força de seu commando a certa distancia da povoação.

A ser verdade esta afirmativa não se comprehende como é que, então, foram parar em Buenos Ayres até... os sinos das egrejas de Assumpção ! Naturalmente cahiram do céo por des-cuido...

Não devemos ser injustos culpando sómente aos brasileiros : todos commetteram excessos imperdoaveis. As proprias egrejas foram profanadas e as mãos sacrilegas dos civilisadores não respeitaram siquer os templos — de onde o proprio JESUS NAZARENO os contemplava sereno e melancolico... para pouco depois *chegar a sua vez* de ser arrancado tambem dos altares, pelo mais audaz e corajoso !...

... E entretanto a guerra se fazia em nome da «liberdade» e da «civilisação»; não era contra a nação paraguaya e sim, unicamente, contra o *horror dos tyrannos*, só e unicamente contra Lopez, que era : o *desiquilibrio do Prata* !

Não devem porém, a nosso ver, se culpar os chefes dos aliados, por esses excessos, pois, certamente, elles só não puderam evitar esses horrores do saque pela falta de disciplina nos seus exercitos.

O que não podemos saber nem o Sr.ex-visconde de Ouro Preto nos explicou na sua «Marinha d'Outr'ora» é, — de que forma taes navios de guerra tão decantados pela sua disciplina, por elle, eram portadores de semelhantes *prezas* e, se o commandante em chefe da esquadra sabia ou não desses factos ?...

Se ignorava, não estava na altura de ser o commandante, e, se sabia, commettia um crime !

(1) Vide sobre o assumpto: J. C. CENTURION 3º volume pag. 334 a 335 Tompson pag. 335; e, GERMANDIA, «Campanha do Piquy-syry» pag. 181. O leitor imparcial ficará revoltado perante esses quadros repugnantes à moral, praticados pelos invasores.

O  
taes ca  
primei  
...  
mente  
portar  
ao seu  
S.  
ao qu  
matio.  
E  
sympa  
Conde  
tar qu  
seu ge  
monai  
N  
feza,  
das e  
feroz  
tando  
não te  
Imperi  
milha  
guaya  
—  
ceiro  
S  
Naçõ  
nisou  
lhes  
(1)  
se enc  
(2)  
ção do  
(3)

O que tambem não sabemos é: do destino que deram a tais carregamentos ; é de presumir que os descarregassem no primeiro porto mercante...

...Tomada assim Assumpção, as forças aliadas, especialmente Caxias, [como comandante em chefe, entendeu dar por terminada a guerra, demasiada longa, participando isso ao seu governo e retirando-se para a capital do Imperio.

S. M. não satisfeito com semelhante resolução censurou-o, ao que Caxias retrorquia dizendo que: *não era capitão do matto*. (1)

Entendendo S. M. que chegava o momento de procurar sympathias da parte dos brazileiros para com o seu genro Conde D'Eu, (preparando assim o terceiro reinado) fez constar que «Caxias não tendo podido terminar a guerra mandava o seu genro para *vingar a Patria ultrajada*». E lá partiu o futuro monarca em busca de glorias e de bençãos dos brazileiros. (2)

Nessa época Lopez já não tinha mais elementos de defesa, suas tropas e as famílias que as acompanhavam das cidades e villas que iam evacuando para escaparem da feroz luxuria dos aliados (3) estavam andrajosas e experimentando miserias de toda especie, sendo a menor delas: não terem o que comer ! Mas, era ~~ali~~ precisas glorias ao futuro Imperador, ainda mesmo que tivessem de morrer mais alguns milhares de valentes brazileiros e... extinguir o ultimo paraguayo !

— Que importava isso, si, se tratava de assegurar o terceiro reinado e de fazer triunfar a sua vaidade !

Sob o dominio exclusivo dos aliados, estando assim a Nação Paraguaya ainda em armas contra os invasores, organizou-se na EMBAIXADA BRAZILEIRA a relação dos que mais lhes convinham para : presidentes, ministros, deputados,

(1) Phraso quo no tempo da monarchia se usava para designar os que se encarregavam de prender negros (escravos) fugidos.

(2) E ainda garantem que Lopez foi o culpado, também *pela continuação da guerra*.

(3) Vido CENTURION 3º volume pag. 282.

senadores, etc., do governo provisório, que pretendiam ORGANISAR, como o fizeram, escolhendo a seu bel prazer os que tinham de ser eleitos pela Embaixada digo, pela nação ainda em luta !

Organisou-se assim igualmente a Constituição da República.

A guerra continuava encarniçada e terrível. O Conde D'Eus ia tomando alguns pequenos sustos ; por mais de uma vez escapara, por milagre, de cahir prisioneiro nas mãos de Lopez, conforme este empregava esforços dos mais audazes e habeis.

E' pois facil de se imaginar os apertos porque passou o illustre Conde ! Entrou no combate de *Pirebubuy* (1) e ganhou a primeira coroa e assim até *Cerro Corá*, sempre entrando nas batalhas... guardando boa distancia das balas inimigas.

Em quanto isto se dava na campanha, lá estava em Assumpção o tal novo governo paraguayo, aceitando tudo quanto os aliados queriam... Estas considerações não são minhas, exclusivamente. Algumas cousas lá observei e outras li-as em obras insuspeitas e mesmo a *Gazeta de Notícias* desta capital que fez suas, uma série de publicações no seu editorial em Março de 1899, firmado por um *ex-diplomata*, (que é contrario ao cancellamento da dívida e entrega dos trophéos ao Paraguay), diz que : garante esses excessos de prepotencia da parte dos diplomatas brasileiros em Assumpção, e referindo-se a um facto na organização, desse primeiro governo e a elaboração na EMBAIXADA BRAZILEIRA do projecto da nova constituição, disse elle :

«O imperio não teve o criterio de sondar o futuro e tratou aquillo como paiz conquistado. A um presidente paraguayo que se recusára a assignar o leonino projecto da Constituição elaborada na embaixada brasileira e PATRIOTICAMENTE decla-

(1) Foi polo Conde D'Eus commentada esta batalha como uma das mais terríveis e quando alguém queria ser-lhe agradaveljá sabia: ora só fallar-lhe a perrigosa batalha de *Pirrebubuy* e o Conde ficava logo pelo boicinho.

«rara—preferir renunciar, returquio o delegado imperial: —  
 «Pois renuncie ! Nas ruas de Assumpção não ha de fallar um  
 «cachorro que queira ser presidente do Paraguá»

Continua o *ex-diplomata* brasileiro: «Esta phrase dá bem  
 «a nota da intuição que os nossos estadistas possuiam dos  
 «grandes interesses nacionaes naquelle REGIÃO !»

O que porém o tal *ex-diplomata* não nos disse é: se o tal presidente que recebeu semelhante insulto da Embaixada Brasileira— deu ou não merecida resposta— e qual foi ella ?

Estamos certos que, apezar da degradação moral que por momentos pairou sobre os vencidos, nessa época, sendo portadores della os vencedores, ainda assim, acreditamos que não teria ficado o tal arrogante *civilizador*, sem a merecida e cabal resposta !

Fechemos agora este parentheses depois de demonstrar que não estamos inventando ou adulterando factos. Fallamos diante de documentos, e sem a minima paixão.

Como iamos dizendo: A nação ainda se achava em luta defendendo os poucos que ainda restavam, palmo a palmo, o torrão sagrado da Patria contra os invasores e já funcionava em Assumpção *um governo provisório ELEITO* na Embaixada Brasileira. Seguiu-se a Constituição também elaborada pela mesma Embaixada... E foi um governo assim organizado e constituído que aceitou a «divida de guerra» que os aliados lhe quizeram impôr, a seu bel prazer; foi assim que o tal governo aceitou todas as «reclamações as mais absurdas» de particulares (1) que diziam: terem perdido milhares de milhões de bois, cavallos, etc. ! ; foi um governo assim organizado que aceitou «a divisão territorial» que os aliados muito bem quizeram fazer, de quasi *metade do território nacional*, não per-

(1) Quando estive em Matto Grosso tive occasião de verificar, nos lugares, Poconé, Nioac, Miranda, Corumbá etc., que a maior parte dos reclamantes que receberam *apólices paraguayas* nunca tiveram fazendas ou estâncias, e, ainda, gado ou animais de especie alguma ! O Governo Paraguayo pôde, portanto, provar hoje que foi LUDIBRIADO.

mittindo, os portadores da decantada *civilisação* ao Paraguay, nem a discussão de seus titulos!

E' lamentavel que de 1.400.000 habitantes que o Paraguay tinha autes da guerra, não soubessem morrer essa meia duzia de homens que restaram e de que se compunha esse governo .. O primoiro presidente porém, que sancionou esse acto, pagou com a vida, em plena rua, essa sua falta; mais glorioso lhe teria sido se, com a sua recusa tivesse de ver sobre o coração a ponta fria e aguda de um punhal assassino !

Assim, foram sancionadas todas as exigencias do Imperio, pelo tal governo paraguayo, eleito ou nomeado (como quizerem) pela propria Embaixada Brazileira. E, receiando o imperio que outros governos que viessem, desfizessem os actos do primoiro, julgou conveniente ocupar o territorio nacional desde a terminação da guerra, 1º de Março de 1870, até 21 de Junho de 1875. Ainda assim houve diversas revoluções patrióticas que não foram triumphantes pela intervenção ostensiva e franca dos brazileiros, em numero dez vezes superior aos combatentes.

Como justificativa da ocupação armada, S. M. declarava que: a fazia não sómente porque não tinha sido ainda pago pelo governo do Paraguay (1) dos gastos da guerra, como de direito, mas tambem, porque de accordo com uma das clausulas do tratado da triplice alliance, tinha que GARANTIR por cinco annos a *independencia* do primoiro governo que tivesse de colocar no lugar de Lopez... E' edificante !

«Garantir por cinco annos a *independencia* de um governo que entendeu colocar no lugar de um outro» 6: não só conseguir todos os maiores absurdos que imaginasse obter desse governo e sem a possibilidade do minimo protesto (2) como mais ainda garantir esses actos ao menos por cinco annos, empregando por

(1) E' Lopez quem dove pagar essa divida de guerra, pois, segundo a declaração dos alliados, não fizeram guerra à nação Paraguaya e sim ao *tyranno* Lopez. A nação não lhes pediu semelhante favor.

(2) Se não havia povo por ter percebido quasi todo na guerra — quem é quo poderia protestar no acto ?

consequente, mesmo a força, si preciso fosse, até a transformação delles em FACTOS CONSUMADOS; e, por outo lado: é confirmação a mais solemne do desconhecimento por completo da soberania e independencia da mesma nação que, no tratado da triplice aliança prometteram (*apparentemente*) respeitar!

Perante a moral e a razão pôde-se garantir que: a Nação Paraguaya aceitara *livremente* todas essas imposições!

—Representam elhas a força do Direito?

—Que responda por nós a consciencia Nacional!

Appellamos para as almas honestas dos proprios brazi-  
eiros e argentinos!

Um governo assim constituido illegalmente, criado, im-  
posto e sustentado á ponta de bayonetas pelos vencedores que, a seu bel prazer desejavam resolver todas as pendencias (novas e antigas) e pretenções que nunca ousaram sustentar, ou submettel-as á arbitragem; um governo assim constituido que não exprime a vontade nacional e sim unicamente a vontade da Embaixada Brazileira, pôde ser tudo quanto quizerem, menos GOVERNO de uma nação, e, portanto, todos os seus actos estão nulos perante não só a Nação Paraguaya, mas ainda diante da consciencia nacional brasileira e argentina, mais do que isso—diante das nações civilisadas que nos contemplam!

Quanto á «constituição» tambem imposta ao Paraguay pela mesma Embaixada, por melhor elaborada que seja ella ou pareça ser, do mesmo modo não representa a vontade na-  
cional.

A Nação Paraguaya acabrunhada, sem forças para erguer-se e sentindo ainda o peso da sua grande desgraça, mal podendo assim debater-se entre a vida e a morte, tendo experimentado todos os sofrimentos e as maiores misérias que só imaginar pôde um cerebro como o de Shakespeare — até cahir na ultima desillusão que era a «liberdade ampla e sua completa inde-  
pendencia» que lhes haviam anunciado os portadores da civili-  
zação, sente-se hoje ainda mais prostrada sob o peso do seu immenso infortunio e, sem forças, lança seus olhos altivos e bondosos para as novas gerações brazileiras e argentinas com

uma esperança, talvez, — esperando JUSTIÇA, em nome da honra dos seus próprios pais e irmãos que, desnecessariamente foram sacrificados nessa luta. O Paraguay apesar de agonizante ainda, não pôde deixar passar sem protesto essa mystificação dos respectivos governantes, quer fossem brazileiros, argentinos ou uruguayos, que levaram-lhe essa ultima desilluição !

A nova geração paraguaya não pôde ficar indiferente ante este espetáculo !

Diante das manifestações espontâneas da imprensa adiantada de Buenos Ayres e dos brazileiros republicanos, ultimamente, estamos convencidos de que hoje já temos amigos sinceros que, como nós, lamentam, do fundo d'alma, os sucessos tristes do passado, filho de um verdadeiro desvairamento mental, procurando estender-nos a mão amiga e com promessas de amor e de paz procuram dar-nos alento e apagar os ultimos resentimentos que ainda existem em alguns espíritos obcecados—quando apenas somos as victimas e que nós é que teríamos motivos para esses resentimentos pelo mal que os seus governantes nos causaram !

Ainda assim a unica cousa que pedimos para a nossa Patria, confiados na sua generosidade é a —Justiça !

Se por ventura tiver de, futuramente, permanecer como *facto consumado* o resultado dessa farça que representaram os aliados, impondo-nos uma divida que não dévemos e arrancando o nosso territorio a força sem nos permitir, ao menos, a discussão,—desejamos antes—a nossa eliminação !

Sim ! Fieis ás tradições gloriosas da nossa Patria, preferimos a nossa eliminação por completo a sujeitar-nos á essa humilhação que degrada a nossa infeliz mas sempre altiva nacionalidade !

---

## As Apolices Paraguayas

### INDEMNISAÇÃO Á PARTICULARS

..... A Hiatoria imparcial hade um dia analysar com severidade justa todos estes modonhos episodios, TODO CRIME que tem aqui (no Paraguay) commettido o nosso governo, os nossos diplomatas e os nossos generaes, exceptuando muito raros... » (Trecho de uma carta de BENJAMIN CONSTANT à sua esposa, datada do Tuyuty, 6 de Março de 1887).

Nada tencionavamos escrever sobre este assumpto, pois que isso seria interminável, n'um trabalho ligeiro e insignificante, sobre factos principaes, com o fim apenas de tornar-se conhecida no Brazil a verdade sobre antecedentes e consequentes da guerra, como tinhamos em mente ao trazermos à luz alguns factos, pela maioria dos brasileiros ignorados. Em 1892 o Sr. Teixeira Mendes escreven a « Biographia de Benjamin Constant » e fez nesse trabalho revelações sobre a verdadeira origem da guerra do Paraguay, revelações importantes provando que a guerra foi principalmente provocada e prolongada pelo Imperador D. Pedro II e entretanto, a cada momento, temos encontrado homens intelligentes, lidos e até *pergaminhados* que continuam a garantir que: a guerra foi devida ao aprisionamento do Marquoz do Olinda; outros, que foi, porque Lopez queria se casar com a Princesa; outros, porque Lopez desejava tornar-se imperador absoluto no Prata e até cousas ainda mais disparatadas que estas! E' a tal arte de discurrer sobre o que não se sabe!

E' pois para trazer um pouco mais de luz sobre o assumpto que nos resolvemos a vir fazer mais algumas considerações sobre elle, como tambem sobre outros ainda ignorados pela maioria, talvez. Não descobrimos a polvora com isso; todos podem

fazer os mesmos estudos que nós, e qualquer um com maior vantagem.

Si não fosse um projecto que no dia 2 de Julho corrente foi apresentado sob o n.º 9 ao Senado, subscripto por 11 Srs. senadores entre elles o illustrado Sr. Ruy Barbosa, Antonio Azevedo (por Matto Grosso) e outros, nada teríamos que vir dizer. Tendo porém esse projecto provocado alguma discussão, nos ocuparemos delle. No capitulo anterior sob o titulo « 1º governo do Paraguai », já tinhamos dito o que havíamos julgado suficiente. Depois, porém, desse projecto de lei, que felizmente para o Brazil, caiu no dia 5 do mesmo mez, não tendo sido julgado siquer materia digna de discussão, graças a *O Paiz* unico jornal que o atacou, — vamos fazer algumas considerações á respeito. Queremos apenas levantar muito de leve o véo... justiça se faça, muitos o assignaram na melhor boa fé.

Desde 1875 a 1882 estive em Matto Grosso e não só co-nheço a Capital, (nesse tempo o Sr. Antonio Azevedo, senador, fazia versinhos para *O Liberal*, jornal do Sr. Ponce, e no do Sr. Calhão) como outros lugares e entre elles, Paconé, Miranda, Nioac, S. Antonio, Corumbá, S. Lourenço, etc. Tive occasião de ver muitas dessas apolices e conversar com os seus possuidores. Admirava-me muito como é que individuos que não tinham onde cair morto tivessem centenas de contos de réis em taes titulos e, de muitos, da maior parte delles, ouvia eu a confirmação de que « por intermedio de A. e B. tinham feito reclamações de tantos milhares de bois, etc., tendo sido suas reclamações attendidas » ; a maioria delles afirmava mais que, « nunca teve gado algum » ! Outros davam vinte e mais titulos (de 6 % ouro, já se vê) a troco de um cavallo magro (1). O preço ou cotação desses titulos variaiam muito: desde 5\$000 até 20\$000 ! Havia pessoas que compravam grande

(1) No meu tempo um cavallo não durava mais de um anno, devido a uma peste que dava, e creio que ainda dá, em Matto Grosso, chamaada peste-cadeira ; rarissimo era o animal que d'lle escapava.

quantidade (1) para, diziam elles, deixarem aos seus filhos. Muitos eu vi na Chapada e outros lugares serem trocados por mantimentos, rapaduras, etc., etc.

Poucos são em Matto Grosso os que não possuem algumas dezenas de contos de réis nos taes titulos.

No Rio Grande do Sul, onde tambem estive, igualmente existe grande quantidade d'esses titulos, e não foram poucos os que, por esse meio, procuravam enriquecer... Se fossemos a julgar que a tropa de Estigarribia havia consumido tantas rezes ou sómente a 5<sup>a</sup> parte das reclamações feitas e attendidas (2) pelo Paraguay, teria podido resistir, ao cerco de Uru. guayana, por mais de um anno ! Entretanto todos sabem que o exercito de Estigarribia, depois de ficar com a retaguarda cortada sem poder receber mais munições de bocca, a força sob seu commando, antes de se entregar, comeu os cavallos, depois os cães e finalmente os *correames* (3) e só depois disso se entregou ! Mas, continuemos a nossa narrativa :

Na Republica Argentina tambem existem mais de 16.000.000 pesos fortes (4) em apolices as quacs são quotadas desde 1 a 2 %. O espirito mais parcial contra o Paraguay pôde facilmente pesar ante a sua consciencia se este algarismo pôde registrar uma cousa ao menos provavel !

Todos, absolutamente todos, fizeram reclamações as mais extravagantes e absurdas, e, todas elles foram attendidas. E como não ser — se lá estava a Embaixada Brazileira e Argentina para fazer valer os seus *direitos* ! Ai ! d'aquelle que ousasse não tomar em consideração reclamações dos seus concidadãos !

Hoje sabe-se que a maioria dessas reclamações foram infundadas e que o Paraguay pagou (em titulos é verdade) uma cousa que nunca existiu. A nosso vêr, portanto, o Paraguay

(1) Como aconteceu aqui com os debentures da Geral.

(2) E que remedio ? Manda quem pôde !

(3) Que horror ! Pôde haver espectáculo mais terrível !

(4) Que no cambio de 27 d. prefazem 92.000\$000 ou seja no cambio actual tres vezes essa quantia. (240 rezes por soldado !...)

deve protestar perante as respectivas nações, demonstrando a sua boa fé até que ponto foi ludibriada !

Essas apolices assim à matróca, por toda a parte, foram ultimamente adquiridas por alguns especuladores, e, aproveitando a ideia agitada em favor do cancellamento da divida de Guerra do Paraguay, entenderam opportuna de apresentar um projecto para que, o governo chamasse à si, essas apolices paraguayas e as pagasse com apolices nacionaes de 4 %, aos possuidores (1) entrando o governo do Brazil opportunamente em accordo com o do Paraguay na fórmula de effectuar o recebimento dos referidos titulos.

O *Paiz* em editorial de 5 e 6 de Junho do mesmo anno o atacou e transcrevemos, do ultimo, alguns trechos sobre o assunto :

« Allegam os reclamantes que, não tendo o Paraguay attendido aos portadores das suas apolices, o governo do Brazil deve, como se fosse endossante, responder por aquella divida, entrar em accordo com os possuidores dos titulos e ir depois haver daquelle nação a importancia que ella ainda não quiz ou não pôde pagar. »

E mais adiante :

« O erro, porém, está praticado e não é dos menores a pesarem sobre a monarchia, que quando não era precipitada, era imprudente. Quem deve é o Paraguay — e só elle — e se as apolices por elle emitidas não são pagas, a culpa é delle e não nossa.

Sustenta-se que o governo deve fazer respeitar os compromissos tomados pelo Paraguay em relação aos brazileiros que elle lesou, e que a sua attitude nessa questão não pôde

(1) Os possuidores são hoje os negociantes ou especuladores, porque os primitivos proprietários nos quais a lei cogitava favorecer, como prejudicados já o foram, pois que, quasi todos já os venderam à terceiros por uma insignificante e actualmente devido a esse projecto de lei que ha mezes já subiuemos que ia ser apresentado (1) estão concentradas em mãos de algumas dezenas de individuos que tencionavam ficar doze vezes milionários da noite para o dia !

deixar de ser a mesma que todas as nações mantêm em relação ao Brazil, quando suppõem que este attenta contra os direitos dos estrangeiros aqui domiciliados. O principio de direito é na verdade esse ; mas os que assim falam esquecem-se de que só se cobram indemnisações dos paizes que as podem satisfazer. Na especie, as invasões, as affrontas á nossa soberania foram castigadas e depois da punição é que se verificou a insuficiencia do provocador para supportar os encargos pecuniarios derivantes do seu atrevimento.

O Paraguay, quando as nossas tropas o ocuparam, estava exhausto, e até hoje nem um real nos deu por conta da sua divida, tão prolongado e tão profundo tem sido o abatimento das suas finanças. Por que meio pôde o governo do Brazil exigir daquelle Republica a satisfação do seu debito aos nossos compatriotas, cujas reclamações foram por ella reconhecidas como justas e procedentes ? Enviando-lhe um *ultimatum* ? Fazendo-lhe uma *demonstração militar* ? Mutilando-lhe o território, — o que só se pôde dar depois de outra guerra ?

Todas estas hypotheses são absurdas. *O Paraguay já pagou com o seu sangue, com a derrota das suas armas, com a ocupação de seus territórios por algum tempo, o desvario do dictador que nos offendeu.* Falta-lhe a contribuição em dinheiro que elle ainda não prestou pela miseria dos seus cofres. Se o Paraguay se encontrasse em condições de pagar o serviço da sua divida ao Brazil, não seria necessário aos reclamantes solicitarem do governo a permuta das apolices daquelle paiz por apolices nacionaes.

Os reclamantes sabem, porém, que o Paraguay não dispõe de recursos para manter compromissos dessa natureza ; sabem que o Brazil não pôde decorosamente obrigar-o, sob a pressão das armas, ao cumprimento de obrigações para as quaes está em absoluto desprovido, e nestas circumstâncias pensam em transferir para o governo que os não prejudicou, os encargos do Paraguay, que reconheceu a lesão e assumiu a responsabilidade consequente. D'ahi esse projecto que nos encheu de

magua. Já que o Paraguay não pôde pagar o mal que fez, o Brazil que responda pelos prejuizos que não causou. »

Em alguns pontos, quanto á apreciação da guerra, do importante órgão republicano, sentimos divergir, mesmo porque não obedece elle a orientação e opinião já manifestada pelo seu ilustrado chefe de redacção Sr. Q. Bocayuva, que em artigos vibrantes, demonstrou, no tempo do Imperio, os erros de S. M. nessa guerra; mas, quanto aos outros pontos, principalmente nas phrases gryphadas por nós, estamos de pleno accordo.

A triste verdade é esta: *houve mais reclamantes do que bois!*

E é naturalissimo quo assim sucedesse. Para justificarmos isso basta lembrar-mo-nos das mais disparatadas e extravagantes reclamações, aos milhares, que depois da revolta de 6 de Setembro de 1893 aqui surgiram, quer de nacionaes quer de estrangeiros, attingindo a muitos milhares de contos.

E note-se que a nação tinha para os repellir o pulso de um homem da tempora de aço do marechal Floriano Peixoto.

Não eram sómente na Capital da União que se avolumavam e se inventavam essas reclamações; elles vinham tambem do Rio Grande do Sul, Paraná, S. Catharina, etc.

Ha pouco tempo, *A Tribuna* desta Capital, narrou um episodio, á propósito, que até na Camara dos Srs. deputados foi commentado pelo Sr. Erico Coelho: Um subdito alemão Carl Roth, secretario do consul alemão na villa de Palhoça (S. Catharina) que havia recebido 30:000\$ de indemnisação por ter sido castrado, dizia o queixoso, pelas forças legaes, na ultima revolução (1893). A todos causou horror e pena esse facto. Não havia quem não se condenesse do infeliz! Mas oh! decepção! De repente o Sr. Carl querendo augmentar talvez a sua pequena fortuna com mais... alguns vintens, tratou casamento e casou-se... E' que estava já, completamente restabelecido!...

Compare-se agora a situação do Brazil, triumphante da revolução e com algum elemento para poder defender-se de qualquer imposição que lhe fizesse alguma nação estrangeira, advogando os interesses bem ou mal dos seus concidadãos — com as condições em que ficou o Paraguay redusido á mais deploravel miseria, sem um navio, sem uma fortaleza, sem uma arma, sem um homem, para resistir as imposições dos aliados triumphantes, ocupando militarmente a Republica e impondo os governos que muito bem entendiam !

Veja-se agora os milhares de contos de réis que o governo brasileiro já pagou de indemnisações muitas delas ainda assim disparatadas, e, quanto ainda terá de pagar: imagine-se agora se tivesse de aceitar *todas as reclamações* que lhe fossem apresentadas *sem o direito de as disoutir, sequer*, em quantos milhões de contos de réis elas terão de attingir ?

E' o caso do Paraguay !

Generosa e justiciera como é a Republica Brazileira estamos convencidos de que, ao menos, permittirá ao Paraguay contestar esses titulos que a fatalidade lhe arrancou na beira do tumulo, nas ancas da morte !

Desejamos sómente (ondo de parte o saque que o Paraguay sofreu e os thesouros que de Pirebubuy e outros lugares levaram) que os prejudicados brasileiros ou argentinos, apresentem titulos ou provas irrecusaveis, apurando-se assim a responsabilidade real do Paraguay, nessa deploravel luta, que todos lamentamos, em que elle desgraçadamente foi arrastado, contra nações irmãs do mesmo continente.

Diante das manifestações de sympathia que o Paraguay tem recebido ultimamente da parte dos vencedores, pôde-se confiar na justiça que lhe fará talvez em dias não mui remotos as gerações altivas e generosas do Brazil e da Argentina.

A Republica do Uruguay ja reparou a sua falta e de uma maneira honrosa que a collocou bem alto, ante as nações cultas do Universo !

## A Dívida de Guerra

« O Brazil não podia enlamear-se mais do que tem feito nesta desgraçada guerra... »  
(Carta de Corrientes, 20 de Abril de 1887 de  
BENJAMIN CONSTANT ao seu pai). Biog. B. Constant.  
pag 140—2º volume.

Pouco desejamos escrever sobre o assumpto. Vamos pois começar registrando, primeiramente a opinião de illustres brasileiros e da imprensa, resumidamente, já se vê, pelo pouco espaço de que dispomos:

Sem que seja preciso repetir aqui a argumentação solidá que nos fornece sobre o Paraguai o Sr. R. Teixeira Mendes, no seu notável trabalho « Biographia de Benjamin Constant» em 1892, vejamos o que escreveu o Sr. Miguel Lemos em 10 de Novembro de 1894, e publicado em 15 do mesmo, a propósito da entrega das medalhas aos argentinos (1):... « seja-nos licito submeter novamente á consideração dos poderes públicos á ideia de restituirmos solemnemente ao Paraguai os tropheos que guardamos, dessa pugna fratricida, declarando por essa occasião *saldada a dívida de guerra que lhe IMPUZEMOS como consequencia da nossa victoria.*

« Por este duplo acto significaríamos que a Republica Brazileira repudia as tradições nefastas da politica do imperio e offereceríamos, á nação vencida, inestimável penhor da fraternidade internacional.

• O projecto que acabamos de lembrar mereceu a approvação entusiastica de Benjamin Constant (2) cujo alevantado espirito chegou a cogitar de sua realização que, certamente se

---

(1) Este documento produziu entre os republicanos agradável impressão.

(2) Quando membro do Governo Provisorio, estando de pleno accordo com elle o seu illustre collega Sr. Q. Bocayuva

teria levado a effeito, se a morte não houvesse roubado, tão cedo, o fundador da Republica aos sens compatriotas »

O illustrado Sr. Teixeira Mendes ainda, na resposta que deu ultimamente ao talentoso Sr. Arthur Silveira da Motta (ex-barão de Jaceguay ou melhor actual Arthur de Jaceguay e futuro almirante da activa Jaceguay) que, em outro lugar publicamos na integra, exprimiu-se sobre o assumpto nos seguintes termos :

... « Affirmar que a guerra do Paraguay foi um crime não é afirmar que a Patria é criminosa. Porque a responsabilidade da guerra não cabe á Patria e sim aos directores da Patria naquella época. »

... « Tambem só uma extrema preocupação pessoal e a anarchia mental e moral da sociedade moderna, permitem compreender que se ouse apresentar a guerra do Paraguay como a maior gloria do Brazil » ...

... « As nossas tristes condições financeiras não podem justificar qualquer hesitação quanto á desistencia da dívida de uma guerra nefanda. Porque essa desistencia é um *dever* que a Patria e a Humanidade nos impõem. E se a *geração de hoje não cumprir esse dever, uma das futuras o ha de desempenhar.* »

Não é só a nossa generosidade que está empenhada nisso, é tambem a nossa honra. A objecção aqui é tão inadmissivel como a dos antigos senhores de escravos, vencedores das hordas africanas, que invocabam os seus compromissos financeiros para não libertar aquelles que elles mantinham no captiveiro. As nossas dívidas têm que ser saldadas á custa do nosso *trabalho* e não com o sacrificio das virtudes que o civismo e a fraternidade universal nos impõem. »

O Sr. Americo Brazil Silvado distinto e talentoso oficial da marinha de guerra brasileira na sua obra « A NOVA MARINHA » que a escreveu em resposta á *A Marinha d'Outr'ora* do ex—visconde de ouro Preto, e que perdera o seu honrado pai na guerra do Paraguay, lutando com heroísmo, assim se refere, no seu trabalho, sobre o Paraguai :

... E si não fossem os recursos materiaes muito mais poderosos do Brazil em relação ao pequeno Paraguay e à artificial triplice alliance, poderosamente auxiliada pela infração flagrante do direito internacional com o fornecimento de armamento ao Brazil, vindos das nações da Europa *depois da declaração da guerra*, de certo o fim da sanguinolenta campanha seria diverso do que foi, mesmo com a perda final do Paraguay ».

... « Lopez mostrou-se precavido e patriota, nunca traidor, ao passo que os politicos brasileiros, illustradissimos e civilisados, trahiam sua Patria, mantendo-a desnudada e pretendendo ter uma politica arrogante que siquer materialmente não podia ser apoiada, pelo que não raras vezes foi seriamente compromettida ».

... « Em seu perfido livro o Sr. Affonso Celso diz que era uma luta de *irmãos*, mas não explica porque o mesmo triste symptoma se verificou contra os *ferozes* paraguayos, que, segundo os preconceitos imperiaes, podiam ser escravos dos brasileiros mas—nunca irmãos. »

... « Eu, que perdi tudo na luta, porque perdi meu honrado Pai, prematuramente morto em combate, cumprindo seu dever por ordem de *um governo que só soube ser ingrato* para seus mais devodados defensores, não hesito em formular a seguinte phrase, que, ao meu ver, define a guerra da Paraguay : **FILHA DO CAPRICHO IMPERIAL, TAL GUERRA FOI INJUSTA, POR TER SIDO PROVOCADA PELO FORTE EXPLORANDO O FRACO ; FOI DESLEAL PORQUE O GOVERNO BRAZILEIRO TRAHIU O INIMIGO, SE ARMANDO COM AS SUAS ARMAS, DEPOIS DE COMEÇADA A LUTA, E TRAHIU O Povo BRAZILEIRO PORQUE ENGO-DOU-O COM PROMESSAS FALAZES QUE NUNCA SE REALIZARAM ; foi inutil e cruel, porque, SÓ FEZ MAL AO PARAGUAY SEM LHE OUTORGAR UMA VANTAGEM ; e foi ingloria porque a GLORIA É ANTAGONICA DA INCORRECÇÃO !»**

... « Que a ideia de Benjamin Constant se realize quanto antes, indicando eloquentemente a inauguração de uma po

lítica  
votos  
rada  
que m  
camer

L  
varios  
ideja.  
prime  
enca  
discu  
jamin  
apres  
maie  
repul  
tevid  
Assu  
atten  
repu  
plete  
mass  
quan  
mais  
ha t  
arma  
adias

Isso  
pouc  
terie

divid  
Repu  
claro  
tamb

lítica externa positiva e verdadeiramente fraternal são os votos que faço (1). Que eu pertença a força naval que for honrada cumprindo tão notável comissão, exercendo a função que minha patente permittir, é o desejo que eu emitto publicamente. »

Desejamos agora fallar de outros personagens que de varios modos e, pela imprensa, têm demonstrado abraçar a ideia. Entre alguns senadores, nossos amigos, collocaremos em primeiro lugar o Sr. Quintino Bocayuva, que representa a encarnação da Republica no Brazil. Sabemos que a ideia foi discutida por ambos no Governo Provisorio, isto é, por Benjamin Constant e elle, ficando combinado que o primeiro apresentaria o projecto em reunião de ministros e, tanto o marechal Deodoro estava tambem de accordo, que o illustre republicano Sr. Q. Bocayuva, quando seguiu para Montevidéu, em missão especial, já levava tambem credenciaes até Assumpção. Mas, explorações monarchicas fizeram desviar a attenção do governo para outros factos e o illustre chefe do republicanismo brasileiro regressava (sem que pudesse completar essa segunda parte da sua missão) injuriado pela massa bruta, que não o conhecia, nem o podia conhecer, e quando pensaram ter elle cahido para sempre—erguia-se ainda mais alto que nunca na consciencia nacional! Entre deputados ha tambem muitos favoraveis, assim como no exercito e na armada e outras classes sociaes. Si for autorizado, mais adiante declinarei os nomes.

Na imprensa as opiniões se dividem, como é natural. Isso me faz lembrar o caso da propaganda abolicionista. Os poucos jornaes que erão abolicionistas não se vendiam no interior e faziam-lhe guerra, mas pouco tempo depois eram os

(1) A Republica Oriental do Uruguay já resolreu, em 1881 canicular a divida de guerra do Paraguay, quando presidente Maximo Santos, e a Republica Argentina por diversas vezes o agora o Sr. Julio Roca, já declarou que: «estava prompta a cancellá-la igualmente se o Brazil o fizesse tambem.»

mais procurados; ultimamente todos éram já abolicionistas! Ideias grandes e generosas caminham sempre!

O PAIZ noticiando, em tempo, a referida propaganda afirmou que «a guerra não foi feita á Nação Paraguaya e sim á Lopez. »

E' uma das folhas mais sympatheticas ao movimento, certamente pela orientação e modo de pensar muito conhecido do seu chefe de redacção.

O JORNAL DO COMMERCIO não se manifestou ainda, mas tem publicado trabalhos favoraveis na parte editorial.

A IMPRENSA em 20 de Fevereiro de 1899, na parte tambem editorial, dando uma noticia detalhada do que se passou na Comissão Benjamin Constant, disse... «Tambem ficou resolvido agitar-se igualmente a ideia da desistencia da divida de guerra, voluntariamente da parte do Brazil, ainda mais justa quando em documentos officiaes sempre garantio o imperador de que não fazia a guerra á Nação Paraguaya e sim unicamente ao tyranno Francisco Solano Lopez para LIBERTAR o povo paraguayo. » (1)

« Essa República é hoje nossa amiga, etc. »

Dias depois veiu com um artigo contra, de modo que ficamos sem saber qual dos dois conceitos foi o que pesou mais na balança do illustre ex-membro do governo provisorio.

O JORNAL DO BRAZIL tem tambem publicado noticias favoraveis; não conhecemos, porém, ao certo, a opinião do seu proprietario.

A TARDE publicou na parte editorial artigos favoraveis e contra, conforme as opiniões dos seus redactores.

No Pará, a REPUBLICA tem lançado bons artigos, favoraveis, e está á frente da propaganda conhecidos personagens de influencia politica.

Em Minas, a GAZETA DE MINAS, tem trazido artigos favoraveis.

(1) Estes gryphos são da propria folha.

Em Santos (S. Paulo), O DIARIO DE SANTOS, publicou uma série de explendidos artigos, na columna de honra da folha, com assignatura do Sr. Alberto Souza, que produziu optima impressão.

Em outro lugar publicamos um desses ARTIGOS, para o que chamamos a attenção do leitor.

Na capital de S. Paulo, o importante diario CORREIO PAULISTANO, tambem em editorial, tem lançado excellentes artigos favoraveis e reproduzimos aqui a parte de um delles (de 11 de Abril de 1899), que se refere á dívida de guerra, sob o titulo — « A tous coûts bien nés que la Patrie est chère ! — VOLTAIRE — *Tancrède.* »

« Caso quizessemos tambem dar-nos ao trabalho de rebater o que andam a escrever por ahi, quanto á parte pecuniaria da questão, os doutores em economia politica, que vivem todos os dias a receitar novos especificos contra os graves males financeiros que desde muito angustiam a Republica, nós nos limitariamos a obtemperar-lhes — que o Paraguai realmente nada nos deve, uma vez que a monarchia brasilieira arrastada pela sua ignobil sanha contra Lopez pôz aquella nação nas mais tristes condições, no estado miserrimo a que nunca um vencedor culto reduzira um vencido tambem culto nos tempos ominosos da historia da Humanidade.

« *Como exiyr pagamento a um devedor a quem somos os primeiros a impossibilitar de pagar-nos?* »

Subleva a razão e revolta o sentimento o contemplar a monarchia americana marchando desafogada, logo em seguida á monstruosa campanha, num progresso cada vez mais crescente, de outro lado, « o infeliz Paraguai não podendo, mesmo depois de quasi 30 annos de finda a luta, reconstituir siquer a metade das propriedades que lhe esmagamos ! »

Mas é já tempo de dirigir-nos aos veteranos da lugubre epopéa, escripta nas planicies sul-americanas com o sangue de muitos milhares de filhos da Humanidade. E' preciso que lhes asseguremos, sempre, que o cumprimento do seu triste dever os enalteceu a tal ponto aos olhos da Patria, que a immensa

e imperdoavel culpa do imperio ficou assaz diminuida pela grandeza de alma que os soldados brasileiros revelaram.

Aos sobrevientes da luta paraguaya bem sabemos que o que mais importa não é a annulção da dívida: — é a devolução dos trophéos. Pesa-lhes ver restituir-se o que tanto sangue lhes custou, o que lhes custou tantas fadigas, tantos sacrifícios, tantos sofrimentos.

Entanto, se a dívida paraguaya nos queima o dorso, como a tunica de Nesso, das lendas polytheicas da velha Grecia, queimava os hombros de Hercules, — a permanencia dos trophéos da odiosa conquista monarchica servirá tão sómente para mareiar a alvura *immacula da Republica.*»

Muitos outros brasileiros distintos podiamos ainda mencionar aqui, como o Sr. Julio de Castilhos e outros illustres republicanos tambem favoraveis a ideia, mas isso seria quasi interminavel e além disso, por mais cuidado que tivessemos deixariamos involuntariamente de referirmo-nos á muitos (que ficariam molestados, talvez) pelo regular desenvolvimento que vai tendo a ideia; e, já teria sido muito maior, se os historiadores nacionaes, *por um lapso talvez*, tivessem feito como Sr. Teixeira Mendes, dizendo a verdade historica e não sómente escrevendo livros de bajulação á Sua Magestade. Quasi todos ellos (salvo raras excepções) só fallam no patriotismo e illustração de Sua Alteza!

—  
A nosso vêr, porém, o Paraguay nada deve ao Brazil de gastos de guerra. Vejamos porque: Dívida de guerra é a importancia que uma nação viu-se obrigada a gastar, para, apellando para as armas, como ultimo recurso possivel para conseguir salvar ou impôr os seus direitos não reconhecidos, garantir a sua independencia, integridade, etc., — *de nação contra nação.*

O Brazil, porém, não declarou guerra á Nação Paraguaya, pelo contrario, voluntariamente se arvorou em seu protector, ou defensor gratuito, para «libertal-a do jugo de um despota». Esta declaração foi feita pelo Brazil e seus aliados ás poten-

cias es-  
justifici-

Ne-  
declar-  
raguay-

Se-  
lá es-  
princi-  
tos de-  
guaya-  
existe-  
outro,  
das s-  
iguas-  
outras-  
eleme-  
tado c-  
entre c-  
do ty-

Se-  
á Naç-  
assim-  
gões c-  
gastos-  
favor-  
succe-  
trario-  
seu cl-  
fende-

(1)  
public-  
(2)  
mal re-  
fazer,  
nada t-

cias estrangeiras que protestaram contra essa guerra sem causa justificada.

No tratado de aliança firmado entre as tres potencias se declarou claramente que a « Guerra não era feita, á Nação Paraguaya e sim, unicamente a Lopez. »

Se foi ou não isso uma tangente não sabemos ; é isso o que lá está expresso, sem conhecermos ainda, até hoje, o movel principal dessa guerra a não ser a conquista ; não houve direitos desconhecidos, nem injurias infligidas pela Nação Paraguaya, nem o tratado delles cogita, o que prova a sua não existencia, —e sim : em derrocar o governo, substituindo-o por outro, e que seria garantido pelos aliados ; — o arrazamento das suas fortalezas, aprisionamento e divisão em partes iguaes (entre os aliados) de todos os armamentos, navios e outras quaequer presas ; e, não deixar aos vencidos o menor elemento de defesa ! E' isto em resumo o que consta do tratado de 1º de Maio de 1865 e protocollos annexos (1), firmados entre o Brazil, Argentina e Uruguay, para LIBERTAREM, assim, do *tyranno* o povo Paraguayo !

Se os proprios aliados declararam que « não faziam guerra á Nação Paraguaya e sim, unicamente a Lopez » para poderem assim « garantir a paz, o bem estar e a tranquillidade das nações do Prata », —como pôdem sobreclarregar o Paraguay, com gastos de guerra ? Se o Paraguay solicitasse dos aliados *esse favor* se comprehenderia essa obrigação, mas não foi isso o que sucedeu, pois ninguem lhes pediu cousa alguma ; pelo contrario, o povo todo levantou-se em massa, para, em torno do seu chefe (2) fortalecendo-o com a couraça de seus peitos, defender palmo a palmo o seu territorio sagrado, até o ultime

(1) Vide o protesto do Perú e seus aliados do Pacifico contra a guerra, publicado no APPENDICE. E' documento irrespondivel.

(2) Os chofes não se improvisam, impõem-se naturalmente. Bem ou mal representava a vontade nacional. Si era um *tyranno*, como o quorem fazer, era porque o povo o queria assim *tyranno*, não lhe servia outro, e nada tinha que ver outra nação com isso.

reducto *Cerro-Corá* (1), combatendo a seu lado o ultimo dos soldados que restava dos 100,000 homens !

Se alguem ha, responsavel pelos gastos de guerra, ou melhor, pelos esbanjamentos desnecessarios de S. M., esse alguem sera, quando muito, Lopez « á quem *unicamente* era feita a guerra e não á Nação Paraguaya. »

E como é que se entende essa ennovação no direito das gentes, de uma nação ou mais colligadas — podendo fazer guerra individualmente á um chefe de outra potencia — sem ser essa guerra contra essa nação ? Quem responderá pelos danos e prejuizos resultantes d'ella ? No caso do Paraguay, por exemplo, á quem compete indemnizal-o ?

Se havia vantagem aos aliados na eliminação desse de-cantado *tyranno* para que os povos do Prata e o imperio pudessem assim, *unicamente assim*, garantir « a paz, segurança e bem estar dos aliados » como o declararam, — essa guerra foi sómente de vantagem exclusiva aos proprios aliados ; e se essa tranquillidade, paz e bem estar dos aliados, não valessem tão grandes sacrificios, a teriam abandonado.

Mas sinto dizer-o é ridiculo o afirmar-se que Lopez, lá no recanto da America do Sul, era a eterna ameaça da paz e bem estar de todo o Imperio e dos outros Estados do Prata ! Mas alto de que nós fallam os protestos do Perú, Estados Unidos e outras nações do Pacifico, contra essa FARÇA, que se chamou tratado de 1º de Maio de 1865. Leia o leitor esses documentos e certamente terá dô, como nós temos, de tanta... ingenuidade !

A ameaça constante da paz na America do Sul não era devida a Lopez, e sim exclusivamente a S. M. « procurado sempre e ostensivamente intervir nos negocios internos das nações platinas », como ainda « fazer d'ellas pequenas monarchias ! »

(1) Onde Lopez foi assassinado quando já, difficilmente, se podia sustentar de pé, com muitos ferimentos. A voz de « renda-se » respondeu com um tiro, exclamando — « Morro com a Patria ! »

O contrario d'isto é que não conseguirão demonstrar os subditos de S. Alteza.

Se os aliados, como já dissemos, para conseguir os seus fins, isto é, a decantada *paz e bem-estar* tiveram de aniquilar o Paraguai deixando-o devastado e saqueado ; mais do que isso, perecendo mais de 1,000,000 de almas, entre homens, mulheres e crianças, maior parte delles de fome, repetimos : quem o indemnizará ?

— A quem deve o Paraguai essa grande calamidade que o prostou na mais deplorável das misérias ?

Porque os aliados não declararam a guerra á Nação ?

— Simplesmente porque não houve offensa da parte d'ella.

Como pois, querem tornal-a, ainda, a responsável, pelos gastos de guerra, quando ella é que tem direito a uma e não pequena indemnização ?

Dirão talvez : porque o governo Paraguayo reconheceu-o. Tratemos pois de pulverizar esta possível resposta.

— Mas, esse governo não foi criação do proprio Brazil por ELEIÇÃO dentro da propria Embaixada Brazileira em Assumpção ? (1).

Um governo assim escolhido e constituido podia recusar as mais disparatadas pretenções dos mandantes ? E, ainda assim, houve um presidente, que declarando preferir renunciar a assignar ou sancionar as suas pretenções, foi-lhe respondido pela Embaixada, que : RENUNCIASSE, QUE NÃO FALTARIA NAS RUAS DE ASSUMPÇÃO UM CACHORRO QUE QUIZESSE SER PRESIDENTE DO PARAGUAY. (2).

Um governo assim constituido pôde representar a opinião nacional ?

Pois desejam os aliados manifestação mais solemne de reprovação e de protesto dos actos do primeiro governo, Riva-

(1 e 2) Como já ficou demonstrado esta afirmativa é de um distinto ex-diplomata brasileiro que esteve em Assumpção e que a *Gazeta de Notícias*, desta Capital, toma della toda a responsabilidade, conforme declarou a propria redacção dessa folha.

rola, com o Brazil, quando, devido a isso unicamente foi assassinado em plena rua de Assumpção ? Os que o mataram não eram assassinos vulgares, e a mesma sorte teria cabido a Salvador Jovellanos (2º presidente) se não fosse o auxilio material dado á elle pelas forças brasileiras, refugiando-se depois e imediatamente (ao largar o poder) em Buenos Ayres. O 3º presidente J. Bautista Gill apezar, de ter conseguido a desoccupação do territorio nacional, ainda assim tambem pagou com a vida os favores e concessões feitas, á força, aos vencedores. Com a retirada das forças aliadas de Assumpção (1875), foram-se acalmando mais os espiritos. Desde 1870 a 1875 muitas foram as revoluções que houve no Paraguay contra os presidentes já referidos, algumas delas chefiadas pelo General Caballero e outros patriotas de grande prestigio na Republica.

Não eram pois, arruaças ou revoltas : eram revoluções populares de PROTESTO !

Eis ahi, como os poucos Paraguayos que escaparam da morte receberam e aprovaram os governos constituidos na Embaixada Brazileira para especialmente sancionar todas as suas mais disparatadas imposições.

Portanto, houve PROTESTOS do povo paraguayo e se não fosse a pressão exercida pelos aliados, materialmente, com a occupação militar da Republica, não se teriam consumado essas e outras monstruosidades, pouco edificantes aos portadores da Civilisação !

---

## Os Trophéos Paraguayos

« As bandeiras tricolores paraguayas cahidas das mãos dos valentes, na hora suprema do combate e por valentes recolhidas, ao voltar à Patria, ensinarão nos que á sua sombra se bateram, que — existe outro povo irmão, nobre e heróico, que dá o exemplo ao Mundo de ser o primeiro que espontaneamente devolve os trophéos que adquiriu na luta mais gigantesca que registra a historia sul-americana. — JUAN J. BRIZUELA (1)

Sentimos não poder manifestar com inteira franqueza o que pensamos relativamente a essas bandeiras, clarins, etc., todos aiuda tintos de sangue dos pequenos e grandes heróes que com elles cahiram nos campos de batalha.

Sentimos vêr essas bandeiras expostas nos lugares públicos, como curiosidades, não só porque elles representam a nossa Patria, um pedaço do nosso coração, como porque—nos trazem recordações tristes...

E qual será o brasileiro de coração que não sentirá ao vê-las essa mesma tristeza !

Contemplando-as se nos afigura, por momentos, vêr enroladas nellas as almas puras dos nossos pais e irmãos que pareceram nessa luta titanica, em sua defesa, como que nos contemplando e pedindo que os imitemos no seu exemplo de patriotismo...

Apenas por uma unica vez e sem o esperar me encontrei diante dos trophéos da minha Patria. As lagrimas, sem querer, vieram-me aos olhos e senti a voz preza sem poder articular uma só palavra. Fiquei assim em silencio fictando-as e perguntando á mim mesmo : Quem sabe se uma destas bandeiras não foi arrancada das mãos frias de um dos meus irmãos ? Quem sabe se uma destas manchas não será do seu sangue ?

(1) Resposta ao General D. Maximo Santos (15 de Abril de 1885).

No meu espirito como que se apresentou o quadro horroroso de um desses momentos de luta á arma branca, corpo a corpo, rasgando-se as carnes e decepando-se as cabeças no meio dos gemidos e gritos de dôr que, no ardor da luta, n'uma confusão completa, pouco a pouco, se vão extinguindo uns aos outros, até ficar um montão informe de homens mortos, ou melhor, de — postas de carne, no meio de um lago de sangue !

O sangue escureceu-me por completo a vista, senti indignação... eu mesmo não sei o que senti ; n'aquelle instante me julguei no meio d'aquelle luta imaginada ; fiquei como que louco e no momento em que havia resolvido atirar-me sobre as bandeiras, não sei com que fim, para arrancal-as e fazel-as em pedaços talvez—sentis sobre o ombro pousar a mão pesada de alguém... Voltei-me indignado, como que tonto ainda, e vi que era um amigo íntimo. Ele notando talvez na minha physionomia o que se passava no meu espirito, disse, dando-me a mão : « Vamos Embora ; temos muito que conversar ; deixe de admirar essas bandeiras velhas, meu amigo, que tanto sangue e dinheiro nos custaram. Na rua do Ouvidor ha mais novas e baratas. » Sem sentir acompanhei-o. Só no dia seguinte é que pude avaliar o serviço enorme que esse amigo prestou-me, sem o saber, pois talvez eu fosse parar no Hospicio Nacional de Alienados !

E, quem pôde vêr as bandeiras da sua Patria expostas assim aos olhos dos curiosos e a galhofa de alguns imbecis, sem revoltar-se ?

E' crivel que essas bandeiras representem glorias do Brazil ! Não, não é verdade ! Faço justiça affirmando que o Brazil não precisa de glorias ephemeras ; a sua historia honra-o bastante, mas neste ponto não.

Essas reliquias não representam senão um passado de erros e crimes da nefasta politica imperial no Prata, e o heroísmo dos seus filhos nada tem que vêr com os erros dos seus governantes !

Que a monarchia as conservasse para atestar de um modo eloquente e sua conhecida preponderancia e supremacia

sobre as nações mais fracas do nosso continente, vñ, — mas a REPUBLICA que commentava diariamente no tempo do Imperio atacando-o por esses erros e crimes — hoje continuar fiel as mesmas tradições e preconceitos do Imperio, é confessar que os seus ataques á forma de governo de então, eram infundadas ; nada tinham de serio e que : apenas todos os caminhos lhes serviam para chegar ao fim !

Não ; não pôde ser essa, a politica ou o pensamento dos que dirigem os destinos da grande Republica. Isso seria a Republica faltar aos compromissos contrahidos perante a Nação.

Ainda mais : essas bandeiras perante a moral e a razão não podem pertencer ao Brazil, porque representam a NAÇÃO PARAGUAYA, á quem os aliados bondosamente foram civilizar, conforme o pacto que firmaram em 1º de Maio de 1865, declarando formalmente que : não faziam guerra á Nação Paraguaya (1).

Ellas de direito pertencem á Pátria d'aquelles que as defendem até o ultimo momento da sua agonia nos campos de batalha, de cujas mãos crispadas e frias foram arrancadas para, mais tarde, de acordo com o tratado, serem « divididas, em partes iguaes, pelos aliados. »

A Republica do Uruguay já deu esse exemplo de civismo, mandando em um navio de guerra, em 1885, entregar ao Paraguai os referidos trophéos, que lhe coube, na divisão.

Na Republica do Uruguay tivemos um Maximo Santos ; no Brazil tivemos um Benjamin Constant, que não de produzir ensinamento ás gerações futuras ! Existem tambem ainda no scenario politico homens da estatura moral de Campos Salles, Quintino Bocayuva, Julio de Castilhos, Lauro Sodré, e muitos outros para que nós e os brasileiros tenhamos fé, no futuro desta grande Republica.

O Paraguai nada pede nem pedirá jámais ; JUSTIÇA é a unica causa compativel com a sua dignidade que, um dia, po-

(1) O leitor desculpará repetir tantas vezes esta phrase ; é um dos pontos capitais que serve de base a nossa argumentação, documentada.

derá talvez pedir á Republica Brazileira. A Historia imparcial já lhe fez justiça, é quanto lhe basta !

O Sr. conselheiro Paranhos (depois Visconde do Rio Branco) a 11 de Julho de 1862 na Camara dos Srs. Deputados, referindo-se aos meios violentos que empregava o Imperio para impôr ao Paraguay a solução definitiva das questões de limites e navegação, disse no notável discurso que pronunciou, de que apenas reproduzimos um trecho :

... « *O Paraguay não pôde provocar uma guerra comosco, não está isso nos seus interesses, não pôde desconhecer a igualdade de recursos que ha entre um e outro paiz...* mas d'ahi a DIZER-SE « que devemos resolver a questão de limites pela força », SEM QUE A ISSO SEJAMOS LEVADOS PELO GOVERNO PARAGUAYO, « vai grande distancia. Quando se trata com uma nação fraca, não queiramos » só RESOLVER AS QUESTÕES A' VALENTONA PORQUE « pôde haver também uma nação forte que nos queira aplicar a pena de Talião. » E' necessário que sejamos moderados, prudentes e justos para com todos. »

O Sr. Alberto Souza, respondendo n'uma serie de artigos pelo editorial do *Diario de Santos* á Emilio Rouede, faz as seguintes considerações (em 15 de Abril de 1899) quanto à preponderância do Imperio sobre as nações mais fracas da América, a que se refere o notável estadista acima referido.

Apênas transcreveremos um trecho da sua brilhante argumentação esmagadora :

... « Conclue-se d'ahi que foi lembrada a ideia de um RECURSO Á FORÇA, na erronea suposição de que o Paraguay, fraco e desarmado, não estava em condições de sustentar uma luta comosco. Se se tratasse de uma nação poderosa, com certeza que o procedimento do governo imperial seria inteiramente diverso, como vimos na questão Christie, na qual TOMOU ELLE PRÓPRIO A INICIATIVA DE PEDIR QUE OS NEGÓCIOS PENDENTES FOSSEM AFFECTOS A UMA DECISÃO ARBITRAL.

Entretanto pouco tempo depois, quando o presidente do Uruguay, enfraquecido e ás voltas com uma rebellião poderosa, solicitou do imperio identica solução para o objecto das suas divergencias, o nosso governo, com uma soberaneria verdadeiramente covarde, repeliu o alvitre jurídico proposto pelo gabinete de Montevidéo.

O Paraguai, que contemplava prudentemente o desenrolar dos graves factos de que era theatro o territorio das nações platinas, começou a preparar-se « para as eventualidades de um conflicto que a todo o momento poderia surgir « SOB QUALQUER PRETEXTO. »

Foi só depois de adianta-lhe a guerra que o governo imperial comprehendeu ter-se illudido quanto aos recursos avisadamente accumulados pela pequena Republica; se tal soubera com antecedencia é muito provável que tivesse passado melhor attenção ás notas energicas do dictador Solano Lopez. »

O Sr. R. Teixeira Mendes n'um artigo que publicou pelo Apostolado Positivista, no *Jornal do Commercio*, de 19 de Abril de 1899 assim se refere, relativamente aos trophéos:

... « Quanto ao patrimonio moral de cada Patria, a moral e a razão ahi estão para atestar quo elle é constituído pelo conjunto das virtudes que a nação recebeu da Humanidade, quer devidas á iniciativa da Patria, quer provenientes do concurso de outros povos. De sorte que só é incorporado a tal patrimonio aquillo que redunda em beneficio da Humanidade. Porém os monumentos do orgulho, do odio, da carnificina, da anarchia moderna, em uma palavra, pertencem tanto ao patrimonio moral dos povos civilizados COMO OS CRANEOS QUE OS CANIBAIS NASTEIAM NAS SUAS CABILDAS.

... « O governo da Republica do Paraguai, pois, procederia de accordo com o mais escrupuloso decoro, se, em nome da Humanidade, requeresse ao governo dos Estados Unidos do Brazil a restituição das sagradas reliquias que uma guerra fraticida nos entregou. E o governo brazileiro deveria sen-

tir-se ufano de ser alvo de tal appello, porque elle indicaria a maxima confiança na nobreza dos nossos sentimentos. Tal rasgo, sim, constituiria eternamente uma contribuição para o patrimonio moral de ambas as nações. »

.... «A restituição dos tropheus e a desistência da divida de guerra não importam em nenhum oprobrio para os que tiveram a infelicidade de tomar parte em semelhante luta. O opprobrio existirá para os que tiveram a responsabilidade do sacrificio de tanto civismo, de tantas vidas, de tantas riquezas, em prejuizo real do Brazil, do Paraguay, da Republica Argentina, do Uruguay e da Humanidade. Pôde-se assegurar que bem raros dos que tomaram parte nessa guerra deram-se ao trabalho de examinar os motivos reaes da sanguinolenta luta. A quasi totalidade bateu-se como se bate o soldado, com a firme convicção de que servia á Patria. Mas se essa convicção bastou para alistar-los na immensa legião dos heróes militares, não basta para garantir-lhes que não tenham sido victimas DE UM GRANDE ERRO. E esse erro a historia ha de apurar, sejam quaes forem as associações em contrario formadas ou por formar. »

O importante diario da adiantada capital de S. Paulo — *Correio Paulistano*, n'uma série de artigos favoraveis á propaganda referida, disse, n'um dos seus editoriaes de Abril de 1899, relativamente aos tropheos :

.... « Pois a monarchia já não nos deu o exemplo de uma digna obliteração das cousas más, incinerando os documentos relativos á hedionda escravidão que ella manteve até 1888 ! E que mais eram os papeis condemnados ao oblivio das cinzas sinão «tropheos laboriosamente conquistados pelos corypheus « do imperio» aos impeterritos campões da gloriosa cruzada anti-escravista ?

Se as presas de guerra constituissem propriedade individual, poder-se-ia ainda admittir que as conservassem os que as fizeram no campo de batalha, cabendo ao criterio de cada possuidor restituirl-as ou não aos vencidos.

Ellas, porém, são um patrimonio nacional, e é isto exactamente o que dá extraordinario preço e immensuravel significação a symbolos de pouco valor intrinseco.

«A posse de tales reliquias por parte do governo republicano quer dizer, por conseguinte, que a REPUBLICA MANTEM SOLIDARIEDADE COM A MONARCHIA NA POLITICA sem orientação, totalmente despida de principios humanos, que compelliu o imperio a destruir a florescente e nobre Patria do eminente Francia.

A Republica, portanto, se impõe o dever de restituir esse legado, como UMA SOLEMNE REPROVAÇÃO do procedimento monarchico em a guerra paraguaya.»

Só assim vós, ó denodados veteranos, quando exhalardes neste formoso canto da Terra o vosso derradeiro suspiro, tereis nesses trophéos, que agora vão voltar a INNOCENTE E INCAUTA VICTIMA DO IMPERIO, a escada de Jacob por onde as vossas almas, aureoladas pela generosidade tão propria de corações brazileiros, hão de reunir-se aos vossos dignos e desditosos companheiros de luta, aos bravos heróes que ficaram para sempre, victimas tambem de seu sinistro dever, — «nos vastos pampas do sul, nas charnecas do Paraguay, nas inestricaveis selvas do Gran-Chaco ou nos desertos arenosos das Cordilheiras !».

Terminamos agora registrando em seguida o honroso procedimento da Republica Oriental do Uruguay, mandando, em um navio de guerra, até «Assumpção» entregar ao Paraguay os trophéos de guerra, em 1885.

Publicando-o, prestamos ao mesmo tempo, homenagem merecida a essa Nação que, tão alto soube collocar, ante as nações cultas, pelo exemplo de civismo e da justiça — o pavilhão URUGUAYO !

## Exemplo de civismo ao mundo

POR MAXIMO SANTOS, PRESIDENTE DA REPUBLICA ORIENTAL  
DO URUGUAY (1)

A 13 de Abril de 1885, o Presidente da Republica Oriental do Uruguay, general Maximo Santos, redigiu uma mensagem que foi endereçada à assembléa geral na mesma noite da sua conclusão, exhortando-a a COMPLETAR A ANNULLAÇÃO DA DIVIDA DE GUERRA DO ABNEGADO PARAGUAY, QUE, GRAÇAS À SUA INICIATIVA, SE FIZERA NO ANNO ANTERIOR, PELA RESTITUIÇÃO DOS TROPHÉOS AO PARAGUAY.

A leitura da mensagem no Congresso causou verdadeira sensação! No mesmo dia o Congresso Uruguayo votava por aclamação, todos os seus membros de pé, e estendida a dextra na attitude imponente e solemne, no meio do mais profundo silencio, o juramento à seguinte lei:

• Art. 1º Concede-se a V. Ex., a venia que solicita, para devolver à Republica do Paraguay os trophéos que tomou o Exercito Oriental na guerra da triplice aliança contra o tyranho daquella Nação.

Art. 2º Communique se, etc.

Montevidéo, 13 de Abril de 1885.»

Depois do convite feito pelo poder executivo aos poderes judiciario e legislativo, indicaram estes, os seus representantes, que foram bem aceitos por Máximo Santos, sendo, por decreto de 19 de Maio de 1885 nomeada a seguinte commissão para conduzir os trophéos:

Dr. D. Carlos de Castro, senador deputado ; D. Clodomiro Arteaga e camarista, Dr. D. Lindoro Forteza. O ministro da guerra e marinha, general D. Máximo Tajes foi o escolhido

(1) Traducção e resumo, da obra de Nicolas Granada.—DE PATRIA À PATRIA.—1886.

para representar o poder executivo e Nicolás Granada, secretario.

E' esta a tradução resumidamente, do relatorio do secretario da commissão, na parte referente a este assumpto:

« No dia em que o general Santos levou ao conhecimento dos ministros a sua ideia da devolução dos trophéos, houve no gabinete um momento de vacillação. Era aquillo tão grande, tão inesperado, que os membros do Governo ficaram nos primeiros momentos sem saber o que dizer.

Desde logo, o pensamento arrebatou a todos e o entusiasmo com que o chefe da Nação pleiteou a questão, contagiou instantaneamente seus secretarios de Estado; porém, se bem que o pensamento tomado em absoluto arrastasse poderosamente os sentimentos generosos do coração, politicamente encarado, poderia dar lugar a algumas considerações e distincções.

Como primeiro argumento, a diplomacia objectava que, sendo tres as nações da alliance, com cujos esforços unidos se haviam conquistado aquelles trophéos, não se podia prescindir dellas tratando-se de sua devolução.

O general Santos combateu estas objecções que se lhe fizeram, fundando-se principalmente em que, pelo mesmo tratado da «Triplice Alliance» «não se havia feito (1) a guerra à nação paraguaya», mas ao tyranno que a opprimia, que aquellas insignias em poder do povo vencedor NÃO REPRESENTAVAM O DESPOTA VENCIDO, mas a NAÇÃO HUMILHADA que, por outro lado, a Republica Oriental de Uruguay era dona absoluta, pelo preço do sangue dos seus melhores filhos, daquelles trophéos, e que nesse sentido podia dispor delles, sobretudo, se o uso que delles fazia trazia em si uma ideia tão transcendente, tão humana, tão civilisadora e fraternal como a que propunha.»

Ajuntou que não julgava politico, nem prudente convidar as outras nações da alliance para um acto desta natureza, que

(1) Mais uma prova à nossa argumentação. O grypho é nosso.

em todo caso podia ferir interesses a que seu governo não devia fazer a minima extorsão, posto que não houvesse analogia absoluta de circunstancias entre umas e outras.

• Não é o egoismo, concluiu, de levar-nos a cabo sós e primeiros, uma ação « que fará no porvir jurisprudencia internacional, » que me move a aconselhar a mais absoluta independencia neste acto; é a consideração que devemos á politica e á especialidade de condições de cada povo o que nos deve impedir de dirigir um convite, talvez imprudente ou pelo menos muito delicado.

Se o pensamento faz caminho como não o duvido, e toca, o que creio firmemente, o sentimento fidalgo, equitativo e magnanimo dos povos da antiga alliance, unir-se-hão certamente elles á nós, e juntos daremos o **MAIS FORMOSO ESPECTACULO** de que pôde vangloriar-se a Humanidade neste seculo de tão grandes e luminosas ideias.

Se não poderem fazel-o, ficarão senz compromissos em sua discreta reserva, e nós sósinhos, os menos poderosos, e portanto em quem menos se pôde suppor *vistas interesseiras* sobre o Paraguay em troca desta espontanea demonstração de confraternização enalteceremos nosso nome na historia com este feito digno das tradições do povo oriental. »

Tudo isto era justo e perfeitamente correcto, de maneira que a logica razoável que decorria destas palavras dominou bem promptamente e por completo o animo dos membros do gabinete.

ACEITA a ideia, tratou-se então de pol a em pratica, com toda a solemnidade que merecia, para cujo efecto o Executivo dirigiu á Assembléa geral a seguinte mensagem:

Poder executivo—Montevideo, 13 de Abril de 1885.—Honrada Assembléa Legislativa.

« No anterior periodo legislativo tive a honra de solicitar de V. Ex. uma declaração solemne, pela qual se considerasse **EXTINCTA E CANOELLADA** a dívida do povo paraguay á Republica, procedente dos gastos da guerra da triplice alliance.

Pa  
apreci  
daquel  
pecial  
cipios  
Brazil  
derroc  
A  
ticipaç  
tanto  
imposse  
achava  
em pre  
çavam  
Corrie  
levant  
porque  
missão  
nente  
da me  
recepç  
histori  
P  
irmãos  
virtude  
potenc  
abre fi  
tantos

A  
na luta  
sua si  
titulo  
cugão  
sellon  
Orient  
manife

Participando então V. Ex. dos sentimentos do P. E. e apreciando com acerto os fundamentos e elevados moveis daquelle projecto de lei, tive por bem sancctional-o com especial solicitude, prestando acto de consequencia aos principios estabelecidos no tratado celebrado com o imperio do Brazil e a Republica Argentina, com o unico proposito de derrocar o tyranno Lopez e LIBERTAR o Povo do PARAGUAY.

A adhesão prestada áquelle pacto internacional e a participação da Republica na guerra se explicam e justificam, tanto porque a adopção de uma politica contraria, aliás então impossivel, dados os acontecimentos e a situação em que se achava o paiz, contrariava o principio da sua propria defesa em presença da ameaça das columnas paraguayas que avançavam para nossa fronteira pelo territorio da província de Corrientes, fazendo receiar o restabelecimento da guerra civil, levantando o elemento que acabava de ser vencido, « como porque não era dado á Republica negar o seu concurso à missão civilisadora » que tem exercido nesta parte do continente americano desde os primeiros dias da sua emancipação da metropole, sem abdicar o seu proprio prestigio e obscurecer com sua indiferença e retrahimento as paginas da sua historia.

Por mais dolorosa que tenha sido a luta com os nossos irmãos do Paraguay, ella se impoz pelos acontecimentos, em virtude da conservação da nossa independencia contra a prepotencia do novo Rosas (!) e das exigencias da civilisação, que abre fatalmente caminho mesmo á custa dos povos ligados por tantos vínculos de carinho e de reciprocos interesses.

A Republica, pois, longe de lamentar a sua participação na luta empenhada então como uma consequencia forçada da sua situação e dos acontecimentos, pôde invocar como um titulo de gloria o sangue dos seus filhos derramado na consecução dos transcedentes e nobres propositos da alliance, e que sellou um pacto de fraternidade indissolvel entre o Povo Oriental e Paraguayo, como o revela a gratidão deste ultimo, manifestada em qualquer occasião, do modo o mais solemne.

Levada a guerra ao tyranno que pretendeu impor-se aos povos desta parte importante da America latina (1) estendendo sobre nossos territorios a sua politica liberticida (2) e o seu execravel systema de governo com damno da civilisayão, e havendo-se proposto a alliança reconquistar a liberdade de um povo irmão sem menoscabar a sua honra, eliminando-se ao contrario toda a ideia de imposição ou de conquista como consequencia da victoria; V. Ex. julgou como poder executivo que a renuncia ao reembolso das despezas daquelle guerra era o corollario natural dos elevados principios assentados no tratado da triplice alliança, considerando além disso que os resultados obtidos e a conservação das relações fraternaes com aquele povo compensava com usura aquelle acto de desprendimento.

A Republica Oriental tem, pois, motivos para felicitar-se pela determinação adoptada pelos poderes publicos, neste incidente de nossa vida e relações internacionaes,—conseguindo assim estreitar e robustecer do modo mais eficaz os vínculos de fraternidade que nos unem ao povo e governo Paraguayos.

Ha algo, porém, honrados senadores, que no conceito das Nações vale mais que os sacrificios pecuniarios, e é tudo aquillo que symbolisa e se relaciona com o valor e a gloria de um povo em que predomina o amor da Patria, a coragem viril, a inteireza e a honra de seus filhos.

Basta e sobra á Republica Oriental do Uruguay haver coroado com seus esforços e cimentado a victoria com o seu melhor sangue. A admiração e o respeito aos vencidos no campo de batalha, onde lutaram confundindo de boa fé a defesa de um tyranno com a do territorio da Patria, impõe-se como um instincto de nobreza de caracter e como um dever de fidalgua.

(1) Esta hoja demonstrado inteiramente o contrario, e sem contestação possível.

(2) ... A ponto de tomar as dôres pelo proprio Uruguay, em momento critico, o que arrastou o Paraguay à luta contra o Imperio, a Argentina e até... a propria Republica do Uruguay!

OS TROPHÉOS DE GUERRA, ARRANCADOS DAS MÃOS DOS HERÓES MORIBUNDOS, CUJOS SEMBLANTES REFLECTIAM EM VEZ DE RANCOR E DE ODIO AO IRMÃO VENCEDOR, A CONSCIÉNCIA DO CUMPRIMENTO DO DEVER IMPOSTO PELA FATALIDADE, ESSES TROPHÉOS NÃO TÊM COLLOCAÇÃO POSSÍVEL NOS NOSSOS MUSEUS E DEVEM SER DEVOLVIDOS AO NOBRE PÔVO QUE OS SUSTENTOU COM GLÓRIA IMMARCESCIVEL, ATÉ NA HORA SUPREMA DA SUA AGONIA.

Esses trophéos flammejarão amanhã ao lado da bandeira Oriental, lutando unidos para desbravar a estrada pacifica e civilisadora dos grandes destinos do porvir dos povos americanos.

O Poder Executivo invocando estes sentimentos de alta politica e de JUSTIÇA, vem, pois, solicitar de V. Ex., por acto espontaneo a venia competente para que sejam devolvidos solemnemente ao governo e povo Paraguayos os trophéos da guerra a que nos provocou e impelli a prepotencia do tyranno Lopez, juntamente com o principio da nossa conservação e a missão civilisadora a que está destinada a Republica e que tem desempenhado atravez dos annos, desde as lutas sustentadas pelo immortal Artigas, até o sitio de Montevidéo ; desde este até a queda de Bozas, e desde este ultimo acontecimento até a derrota e morte do tyranno Lopez.

Saudo a V. Ex. com os sentimentos da minha maior consideração e apreço. SANTOS. — *Maximo Tajes.*»

No mesmo dia o Sr. General Maximo Santos communicava pelo telegrapho este acontecimento ao general Caballero, então presidente do Paraguay e ao Sr. Brizuela encarregado dos negocios da mesma Republica em Montevidéo. O telegramma produziu, em Assumpção, verdadeira sensação como veremos mais adiante.

...Exemplo digno de ser imitado pela propria Europa!



## SEGUNDA PARTE

A CO  
D  
G  
I

C  
mas  
devol  
Urug  
a qua  
genti  
euja i  
actua  
D. M  
ternic  
moder  
*Gene*  
da Co  
aguas  
deseja  
costan  
move

A  
lhes  
em qu  
lhe d

E  
Maio

U  
ver ta

## Onde irá parar ?

A COMISSÃO URUGUAYA ENCARREGADA PELOS ALTOS PODERES DE SUA NAÇÃO DE DEVOLVER OS TROPHÉOS DE GUERRA Á REPÚBLICA DO PARAGUAY, A QUANTOS ESTE DOCUMENTO LEREM

### SAUDAÇÃO !

Querendo esta Comissão commemorar de todas as fórmulas um acontecimento unico na historia das nações, como é a devolução dos trophéos bellicos que a Republica Oriental do Uruguay conquistou ao exercito paraguayo, em luta leal para a qual concorreu com o imperio do Brazil e a Republica Argentina, sob a denominação de *triplice alliance*, devolução cuja iniciativa se deve á inspiração elevada e generosa do actual Presidente da Republica Oriental, Tenente-General D. Maximo Santos, fundada no principio civilizador da confraternidade humana e generosa que deve existir entre os povos modernos. Decidiu-se a bordo da canhoneira de guerra oriental *General Artigas*, conductora ao Paraguay desses trophéos e da Comissão e escolta de honra que os acompanha, arrojar ás aguas do rio Paraná este documento n'uma garrafa lacrada, desejando que a onda viva e fugaz do rio americano, o leve a costas longinhas, como um exemplo da ideia e principios que movem estes povos livres, viris e generosos.

A Comissão roga a quem encontrar estas linhas, que lhes dê publicidade com promptidão que as circunstancias em que fôr achado o permittam, assim o Céo e a Humanidade lhe dê o premio !

Dado á bordo da canhoneira *General Artigas*, a 23 de Maio de 1885, aos 34° de latitude sul.

Uma vez assignado este documento que pediram subscrever tambem o Sr. Brizuela e o Commandante da canhoneira,

para cujo efeito se lhe acrescentou umá nota, enrolou-se cuidadosamente dentro de outro papel atando o maço com uma cinta de seda com as côres patrias, foi introduzido em uma forte garrafa que havia sido de champagne, fechada e lacrada <sup>338</sup> esta com todo o cuidado, e foi arrojada ao fundo juntamente com as munições que haviam de mantel-a em todo tempo em absoluta linha perpendicular, e reunidos todos no tombadilho, com dois vivas, um á nossa Patria e outro ao Paraguay, e um tiro de remington, arrojou-se no rastro espumoso que a embarcação ia abrindo, entre cujos redemoinhos vimol-a ainda gyrar um momento, balancear-se compassadamente a um e a outro lado, e logo deslizar rapidamente aguas abaixo a favor da corrente, que por aquellas alturas se calcula a razão de tres milhas por hora.

Por muito tempo seguimol-a sobre a superficie limpida das aguas, que á distancia cobriam mansamente com o seu espelho brilhante a passagem fugaz que sobre ellas deixava a nossa embarcação, & fez desapparecer o lacre roxo que cobria a cabeça subtil do nosso correio aquático.

Assim que os nossos olhos não a distinguiram mais, olhamo-nos sorrindo.

- Onde irá parar ? disse um.
- Quem a encontrará ? acrescentou outro.
- Sahirá ao mar ?
- Ficará no rio ?
- Encontral-a-hão brevemente ?
- Navegará annos ?

Alguem volveu o olhar para o ponto em que havia desaparecido e suspirou. Levava rumo de Montevidéu (1).

(1) Este documento, foi encontrado dois ou tres mezes depois no mesmo rio Parand, presa a garrafa por umas plantas aquáticas á margem de uma de suas infinitas ilhas. Um periodico de *S. Nicolau de los Arroyos* publicou em suas columnas, e segundo refiro o mesmo, o documento original o conserva, aquella redacção, n'um quadro.

Vide : *De Patria á Patria* do NICOLÁS GRANADA, fls. 115 a 117.

## Como nasceu a ideia

« O 10 de Agosto dividiu a França em dous partidos, dos quaes, um é apegado à realeza, e o outro quer a Republica.

Este, cuja *extrema minoria* no Estado, não pode dissimular, é o *único* com que possais contar para combater.» — DANTON.

Como nasceu a ideia da devolução dos trophéos ao Paraguay? E' o que vamos explicar resumidamente, como nos conta o Sr. Nicolás Granada, membro da comissão Uruguaya, como já vimos.

« Nasceu como, geralmente nascem, todos os pensamentos extraordinarios, que encerram um germen de generosidade, de nobreza, de fidalguia: n'um rasgo de espontanea inspiração.»

Máximo Santos já havia obtido, no anno anterior, do Congresso Nacional o *cancellamento da dívida de guerra do Paraguay*, e preocupado se mostrava em terminar a sua obra generosa.

O abatimento em que o Paraguay se encontrava, depois da guerra, o preocupava bastante, e talvez no seu intimo lamentasse, como era natural, aquelle que fôra o principal culpado, que, tão mal lhe pagára a sua intervenção amiga n'um momento tão critico...

Possuindo nobreza de caracter invejável a par de um espirito cultivado e generoso, preocupava-lhe a ideia de que a sua obra não estava ainda terminada, faltava mais uma cousa que elle mesmo não sabia o que era; desejava mostrar maior prova de amizade e de carinho para com o infeliz Paraguay, prostrado meio das suas ruinas, como se uma grande convulsão subterrânea tivesse feito em pedaços o grande edifício que esse proprio Athleta havia construído para, sem o saber, servir-lhe de

tumulo, debatendo-se, assim, depois, no meio dos escombros, entre a vida e a morte!

Elle via que no meio de toda aquella desgraça, milhares de viuvas e orphãs que se viram na miseria, de um dia para outro, por assim dizer, lutavam pelasua subsistencia miseranda, choravam os esposos queridos, os irmãos dedicados e os noivos que, para sempre lhe roubaram as balas inimigas ; choravam a ausencia desses entes idolatrados e, a unica consolação que sentiam era : orar por elles e, lembrarem-se que MORERAM EM DEFEZA DA PÁTRIA ! Todas (1) se resignavam com a sorte, sem um gemido ou um queixume contra o seu paiz, mas revoltadas contra os exercitos invasores. Digo isto por observação que fiz, apesar de criança nesse tempo.

Máximo Santos sabia de tudo isso e lastimava em silencio, no intimo da sua alma pura, o estado em que chegára uma nacionalidade generosa e valente, e que se havia mostrado tão amiga de seu paiz.

«No Museu Nacional estavam os trophéos face a face com as amostras dos thesouros geologicos Uruguayos, fazendo grupo com as bellas riquezas do solo dessa nação.

Diante d'aquellas velhas armas, ante a couraça perfurada, ante aquellas bandeiras esfarrapadas e tintas de sangue a alma mais altiva cahia em profunda tristeza, de recordações dolorosas.

Parecia que alli estava escravizado o espirito de um povo altivo e valente

Um dia fallava-se na presença do Sr. Máximo Santos do Museu e incidentemente cahiu a conversação sobre os trophéos paraguayos.

O general se levantou nervosamente da sua cadeira, deu uma volta pelo salão e disse como fallando consigo mesmo :

— « Esses trophéos não estão bem ahi, e logo depois de pequena pausa acrescentou : o caso é que não sei onde ficarão melhor ». Não se fallou mais d'isso.

(1) Digo *todas* porque a população, depois da guerra, ficou quasi que reduzida exclusivamente a mulheres e crianças.

Pouco tempo depois chagava de Assumpção, n'aquelle cidade, o Sr. D. José Segundo Decoud, ministro das relações exteriores no Paraguay, que ia á Inglaterra em missão especial do seu Governo.

O Sr. Decoud travou promptamente amisade intima com o General Santos, e este por sua vez, usou, para com elle, das mais cordiaes e significativas demonstrações de sympathias e carinho.

Visitaram ambos alguns estabelecimentos publicos, e em caminho, n'uma dessas occasiões, o Sr. Decoud manifestou-lhe desejo de conhecer o Museu e si «não havia dificuldade de visitá-lo mesmo naquelle dia.»

— Nenhuma, respondeu-lhe o Sr. Presidente, e ordenou ao cocheiro que partisse para esse estabelecimento.

O carro partiu veloz. Conversavam durante o trajecto em outras cousas e repentinamente a carroagem parou. Tinham chegado ao destino. O General lembrou-se dos trophéos! O Sr. Decoud ia apeiar-se quando o General o impediu, dizendo que: a hora não era propria; que era melhor deixar para outro dia cedo; que tinha que fazer n'aquelle hora em palacio, não podia faltar.

— «E' que, General, não se lembra que os dias tenho-os contados na sua bella cidade. Tinha muito prazer em fazer esta visita com V. Ex., mas já que não é possivel a farei só; por minha causa não desejo que interrompa os seus affazeres.»

— «Não, não; tenho especial interesse em o visitarmos juntos... Sempre teremos, antes da sua partida, um momento para fazel-a.»

— «Como queira, General»... E o carro partiu de novo conduzindo o Sr. Decoud á casa do encarregado dos negocios do Paraguay e o Sr. Santos á Palacio do Governo. O Sr. General desde aquelle momento resolveu levar á cabo a devolução dos trophéos. Dizia elle então, relatando aquella visita:

— «Não posso exprimir a angustia que senti, quando dispondo-se a sahir o Sr. Decoud, lembrei-me que alli estavam

expostos, como objectos de curiosidade, as bandeiras paraguayas.

Parecia-me que ia mostrar áquelle homem alguma cousa tão intima como sua propria honrada e veneranda mãi exposta aos escárneos da vergonha publica. Sentí pena, rubor, remorso, eu sei lá o que senti! E continuou pouco depois:

« Esses trophéos podiam significar para nós uma gloria, porém nas condições actuaes de povo á povo, não representam sinão uma irritante vaidade posthuma.

« Eu me coloco no caso daquelle homem se visitando um estabelecimento publico qualquer no estrangeiro, meus olhos dessem repentinamente sobre as bandeiras de minha Patria, postas em exhibição como recordações de victorias, eu não sei o que faria, porém creio que a dôr que sentiria seria tão profunda, que dominaria talvez a minha razão e seria capaz de arrebatar as, sem reflectir em mais nada.»

Naquella mesma tarde o Sr. General Santos tinha uma conferencia com o Sr. Decoud, na qual lhe expunha o pensamento da devolução dos trophéos.

No primeiro momento o Ministro Paraguayo não pôde articular uma só palavra; ficou assim por algum tempo, sem saber o que responder. Homem de alta intelligencia e de um grande coração, aquella noticia não podia deixar de tocar-lhe n'alma e de arrebatá-lo o seu pensamento.

O seu primeiro movimento foi—estender a mão ao Sr. Presidente e com os olhos rasos de lagrimas murmurou:

— Senhor!...

Por muito tempo não pôde dizer mais.

— « Comprehendo e aprecio agora perfeitamente o valor, continuou logo que pôde dominar a emoção do primeiro momento, da sua delicada acção de hoje, não permittindo-me visitar o Museu. Se o facto da devolução dessas caras reliquias obriga a gratidão eterna da minha Patria para com esta Republica, a delicadeza que V. Ex. usou para commigo hoje, como homem e como paraguayo cria em meu coração uma

divida pessoal ante V. Ex., que não poderei já mais pagar-a sufficientemente. »

Poucos dias depois se trocavam entre os Presidentes do Uruguay e do Paraguay o seguinte telegramma:

« Abril 14 de 1885.—O Presidente da Republica Oriental do Uruguay ao Presidente da Republica do Paraguay—Assumpção.—Grande é minha satisfação ao levar ao conhecimento de V. Ex. que as Honradas Camaras sancionaram por acclamação o projecto de lei enviado por mim, pedindo que fossem devolvidos ao nobre povo paraguayo as bandeiras e trophéos da guerra que um dia poz em vossas mãos a sorte das armas.

Volvem para o lugar onde nasceram esses estandartes que tão alto fallam do valor de um povo viril e se o Deus da guerra os separou de seu sólo, o carinho de um povo irmão, unido por laços fortes de amor e amisade os devolve, enviando com elles a sua sinceridade e seus respeitos.—MÁXIMO SANTOS. »

Ao mesmo tempo o Sr. Maximo Santos enviaia ao encarregado dos negocios do Paraguay, em Monteviðo, a seguinte nota:

« Monteviðo, Abril 14 de 1885.—Sr. Dr. Juan J. Brizuela, Encarregado dos Negocios da Republica do Paraguay.—Presente—Meu estimado amigo: Como terá visto pelos jornaes, as Honradas Camaras do meu paiz, resolveram com o elevado proposito de sempre, o projecto que enviei relativo á devolução das armas e trophéos que possuímos do Paraguay.

Seus honrados membros comprehendem como eu, que esses pedaços do coração de um povo guerreiro e generoso deveriam volver á dar sombra ao sólo regado com o sangue de martyres, de valentes, que lutaram com um heroísmo digno de melhor causa.

De um povo que assim luta se deve esperar tudo, e outro povo tão esforçado como elle, não devia guardar, como prenda o que mais sagrado tem o soldado: a SUA BANDEIRA.

Ao remetter esses trophéos ao Povo Paraguayo, com elles vai tambem o nosso coração, aberto de par em par á uma Repu-

blica irmã, com quem nos unem laços tão estreitos e sinceros. Se jubilo terão ao recebê-lo não é menor o meu ao envial-o.

Telegrafhei ao meu particular amigo o Sr. general Caballero. Pelo ministro dos Relações Exteriores receberá o senhor todas as comunicações à respeito. Sou do Sr. afectuoso amigo A. e S. S.—MÁXIMO SANTOS. »

« Legação do Paraguai.—Montevideó, Abril 15 de 1885.—Exmo. Sr. Presidente da República Tenente-General Don Máximo Santos—Estimado Sr. Presidente e amigo :

Tive a subida honra de receber a attenta carta de V. Ex. datada de hontem, na qual se digna comunicar-me que, por iniciativa de V. Ex. a Honrada Assembléa Geral acaba de votar por aclamação o projecto do governo, devolvendo à minha Pátria os trophéos de guerra bravamente adquiridos pelos orientaes, na cruenta luta que terminou nas margens do Aquidaban. Agradecido, senhor, em nome da Nação Paraguaya, ao magistrado que tanto faz em favor da União dos nacionaes que nunca deveriam lutar, sinão unidos por um interesse commun : em prol da liberdade.

Muitos serviços deve à V. Ex. a Nação que represento, porém nenhum mais grato do que—o que hoje realiza. As tricolores bandeiras paraguayas que cahiram das mãos dos valentes nas horas supremas do combate e por valentes recolhidas, ao volver à Pátria, ensinarão aos que à sombra della se bateram, que existe outro povo irmão, nobre e heroico, que dá o exemplo ao mundo de ser o primeiro que espontaneamente devolve os trophéos que adquiriu na luta mais gigantesca que registra a historia sul-americana e, ensinarão também que, essa bandeira não separará nunca da bicolor Orientala. Mais uma vez agradecido, senhor, e que o fidalgo exemplo de V. Ex. encontre imitadores e possa realizar-se o dourado sonho da — FRATERNIDADE AMERICANA.

« Aceite V. Ex. as seguranças do profundo agradecimento e a alta consideração de seu afectuoso e S. S. — JUAN J. BRIZUELA. »

Fallando sobre isto o Sr. Nicolás Granado ao general Caballero, este relatou-lhe por sua vez, o que se passára em palacio ao receber o telegramma do governo de Montevidéo :

— « Recebemos o telegramma do Sr. general Santos no momento em que estávamos em conferencia. Meu secretario o Sr. Peña o abriu e m'o passou em silencio.

— « Leia o senhor », lhe disse.

— Não senhor, me respondeu, é o senhor quem deve de o ler ! Notei que a sua voz tremia ao dizer-me isto. Tomei o papel com curiosidade ; tive presentimento de que se tratava de alguma cousa fóra do commun. Logo ao ler as primeiras palavras, senti uma angustia vivissima ; queria já ler até a ultima palavra de uma só vez, mas me faltava não só a luz aos olhos como o proprio ar ; meu coração parecia querer saltar e o meu cerebro se achava ainda mais agitado : as lagrimas mais puras e doces que até hoje tenha orvalhado os olhos de um homem — saltaram de minhas palpebras !

« Não via nada, absolutamente. Passei o telegramma ao ministro Gonzalez, sem que me fosse possivel dizer uma só palavra. O Sr. Gonzalez era o que estava mais perto de mim. Este leu-o apenas com voz intelligivel, depois de um grande esforço. Pôde fazer mais do que eu !

— « Eu, continuou o general Caballero (1), tinha a cabeça entre as mãos. Quando levantei os olhos, da meditação profunda em que se achava o meu espirito, notei que os meus companheiros de governo me tinham deixado só.

« O Coronel Duarte, continuou Caballero, homem forte, acostumado a affrontar os revezes da vida, não podendo desta vez conter a emoção, se havia retirado; Cañete passeava n'un extremo escuro do salão de recepções, creio que soluçando ; Gonzalez não tinha podido conter-se e, com o telegramma na mão, agitando-o como se estivesse verdadeiramente agitando as nossas velhas bandeiras, annunciava, por todos os ambitos da Casa do Governo, a boa nova. O pobre Coronel Meza pros-

(1) Até os leões, como se vê, se dominam pelo coração !

trado pelas suas enfermidades, resultantes da guerra, ignorava tudo e, conhecendo nós seu caracter e temperamento profundamente patriotico, não quizemos comunicar-lhe nada n'aquelle momento. Com esse nosso silencio ~~nos~~ sofrímos mais do que elle !

« Poucos instantes depois o referido telegramma era um verdadeiro jubiléo, e não tardou para que toda a cidade de *Assumpção* se entregasse, como o fez, aos transportes generosos do mais vehemente entusiasmo, a que um povo patriota pôde entregar-se ! »

Aqui terminou o General a sua narrativa singela, mas ainda commovido !

Foi assim que nasceu a ideia !

Jamais o fluido electrico conduziu, de povo á povo, manifestação tão grande, tão nobre e tão desinteressada.

Tambem nunca fio algum terá vibrado com mais fortes estrecimentos as palavras de um telegramma, pois que não eram tão só os elementos physicos dos que animavam n'elle a palavra; duas pilhas immensas deveriam, de parte á parte, imantar com o seu poder vehemente esse arame sympathetico e mysterioso: a generosidade do povo Oriental e a gratidão do povo Paraguayo.

Deixamos de descrever a chegada em *Assumpção* da commissão Uruguaya, na canhoneira, *General Artigas*, conduzindo os trophéos paraguayos. A nossa pena se julga fraca, muito fraca para a fazer, infelizmente. Assim, por mais esforços que empregassemos não conseguíramos, siquer pallidamente registrar o que houve nesse dia de jubilo, na capital do altivo povo paraguayo. Mulheres, crianças todo o povo, enfim, tomaram parte nessas festas, hasteando-se por toda a parte a bandeira Oriental entrelaçada com a Paraguaya. No momento de desembarcar os trophéus via-se homens já decrepitos mal podendo andar, curvados pelo peso dos annos, a chorar !

Não se podia comprehender como é que n'um dia de festa popular chorasse a maioria dos proprios manifestantes.

---

As mulheres paraguayas, n'aquelle dia; pareciam as mais entusiastas, mas tambem não puderam conter as lagrimas ao ver aquellas velhas bandeiras, enfumaçadas pela polvora e manchadas de sangue que lhes representavam entes queridos que as deixaram na orphandade e na viuvez !

Triste alegria aquella que experimentará a capital da minha Patria ! A minha pobre māi e irmā tambem tomaram parte nessa manifestaçāo popular; não puderam, como os mais, resistir em dar curso ás lagrimas. E' que a minha velha māi tambem perdera, nessa guerra, o meu pai e tres irmāos, cada qual mais dedicado e amoroso.

E' indescriptivel aquella alegria douda e aquella tristeza immensa, ao mesmo tempo confundindo-se o riso com as lagrimas nesse dia de tristonha ... alegria !

O proprio presidente da Republica, general Caballero, o homem por excellencia audaz e valente que o Paraguay idolatra como uma reliquia—chorava como uma criança !

...Talvez nem elle mesmo pudesse responder — o que se passava n'aquelle momento NA SUA ALMA DE PATRIOTA !

---

## Organisação da Comissão Benjamin Constant

Em 16 de Fevereiro de 1899, um grupo de brazileiros republicanos reuniu-se pela primeira vez, na residencia do Sr. Dr. Raul Guedes, á rua S. Pedro n. 315, com o fim de se constituirem em comissão para fazer propaganda, entre os brazileiros, em favor da desistencia, da parte do Brazil, dos gastos de guerra e devolução dos trophéos Paraguayos á esta nação.

Não tardou muito para que grande numero de verdadeiros republicanos e amigos da união e fraternidade americana se congregassem, e assim em poucos dias a Comissão estava organisada sob a presidencia do mesmo Sr. Dr. Raul Guedes, tendo como companheiros de directoria os Srs.: Eduardo de Sá, Augusto Gançalves, Venancio Neiva, Arthur Machado, Oscar F. do Nascimento, Crysantho Pinto, H. de Miranda Sá e José Cavalcante.

De entre os muitos socios componentes, sabemos tambem que fazem parte della os illustrados Srs. Dr. Barboza Lima, deputado e ex-presidente do Estado de Pernambuco ; Dr. Capitão Agostinho R. Gomes de Castro, Dr. Capitão Tasso Fragoso, do Estado Maior de 1<sup>a</sup> classe do Exercito; Dr. Agliberto Xavier, engenheiro civil; José Bezerra Cavalcanti, Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, Dr. Floriano de Britto, Paulino Cruz, mathematico; 2<sup>o</sup> tenentes de artilharia Ricardo Berredo, Antonio Baptista Neiva e Armando Berredo; Frederico Balsells Amanayos, João Francisco R. S. Rodrigues, medico; Theodomiro Penna Teixeira, mathematico e muitos outros distintos republicanos.

Muitos são já os serviços prestados pela « Comissão Benjamin Constant », e aproveitamos o ensejo para agradecer-lhe as finezas que tem dispensado aos membros do « Centro Paraguayo », desta capital.

O primeiro artigo que a Comissão lançou á publicidade foi um *Appello aos Republicanos Brazileiros* pel' *O Paiz* de 20 de Fevereiro de 1899, concebido nos seguintes termos:

#### CONCIDADÃOS.

A proxima vinda á nossa Republica do enviado extraordinario da Republica do Paraguay para tratar junto ao nosso governo da annullação da dívida de guerra, impõe-nos, a todos os republicanos brazileiros, o cívico dever de, recebendo-o com todas as demonstrações da sympathia que a sua heroica Patria nos desperta, esforçarmo-nos para que em tão opportuna occasião seja realizado um dos mais grandiosos votos que animou a alma intemerata do egregio fundador da Republica Brazileira.

De facto, Benjamin Constant, esposando o voto do Apostolado Positivista do Brazil, inspirado pelo mais puro sentimento de fraternidade universal, projectou com a annullação da dívida fazer a entrega solemne á Nação Paraguaya dos gloriosos trophéos que a sorte das armas fez cahir em mãos brazileiras. Tão elevantada quanto urgente reparação deixou, porém, de ser realizada, porque a morte privou a nossa Republica daquelle que para todos nós é a personificação suprema da patria republicana.

A morte, porém, privando-nos unicamente dos serviços objectivos do benemerito patriota, adiou apenas a realização desse tão sagrado voto, e é por isso que, firmemente penetrados do que nos ensina o Santo Philosopho, *os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos*, nós, que nos sentimos impulsados pelos mesmos generosos sentimentos de Benjamin Constant, espontaneamente nos congregamos em torno da sua veneranda imagem, formando uma comissão cívica, com o fim de promover entre governantes e governados os meios de demonstrarmos ao cidadão paraguayo, e, portanto, Á SUA VALOROSA PÁTRIA, que os repuplicanos brazileiros amaldiçoam um passado de lutas, só vendo na Republica do Paraguay uma das mais dignas irmãs da sua Republica, criminosa-

mente sacrificada até o extermínio pelos erros e pelas paixões de uma política sem ideias, qual foi a política monárquica em nossa Pátria.

E para que possamos realizar semelhante propósito que synthetisa o sentimento nacional, fazemos o presente appello, certos de que o attendereis com uma contribuição qualquer, que vos é reclamada pelo vosso dever de patriota e de homem.

Capital Federal, 19 de Fevereiro de 1899, 11º anno da Republica.—*Raul Guedes*, presidente, rua de S. Pedro n. 315.—*Eduardo de Sá*.—*Augusto Gonçalves*.—*Venâncio Neiva*.—*Arthur Machado*.—*Oscar F. do Nascimento*,—*Chrysantho Pinto*.—*H. de Miranda Sá*.—*José Cavalcante*.

### Mensagem ao presidente da República do Paraguai, Dr. Emílio Aceval

SR. PRESIDENTE:—No meio dos preparativos de recepção festiva que o verdadeiro espírito republicano nos impõe para com o sympathico enviado paraguayo junto ao nosso governo, o Sr. Dr. Fernando Iturburu, vimos trazer, por vosso digno e honroso intermedio, ao heroico povo irmão, cujos destinos vos estão confiados, as manifestações sinceras dos nossos mais profundos e ternos afectos. Inspirados em uma doutrina cujas luzes são superiores ás aberrações quaequer, políticas ou religiosas, morais ou sociais, aproveitamos esta grata oportunidade para patentear, especialmente aos nossos irmãos paraguayos, a natureza dos sentimentos e das disposições que em nós, os verdadeiros republicanos brasileiros, desperta a recordação dolorosa de um lutooso e sanguinolento passado.

SR. Presidente.—Apenas uma geração é decorrida sobre um dos maiores crimes do nosso continente, e já o juizo soberano da História apurou as tremendas responsabilidades dessa tragédia sem nome.

Atirando-nos a essa guerra monstruosa que determinou o dolorosíssimo extermínio da vossa nobre e gloriosa Pátria, o pedantocrata coroado que por espaço de meio século cor-

rompeu e embruteceu o nosso paiz, e os māus governos que o secundaram nessa obra de verdadeiro vandalismo social tornaram-se os principaes cumplices dessa orgia militar.

Tal é, Sr. Presidente, o criterio decisivo com que será julgada a guerra do Paraguay por todo homem honesto e esclarecido, atravéz dos sophismas das paixões as mais extremas. E tal será a irrevogavel reprovação lançada sobre o triste governo que a provocou *sob o cynico pretexto de libertar os vossos compatriotas do jugo de uma pretendida tyrannia*.

Nessas condições, a sā política republicana, cujo programma integral aceitamos por amor e por convicção, nos impõe deveres inílludiveis para com a nobre e intrepida patria do veneral Francia.

Surgida do advento da nossa situação republicana e plenamente assentada por Benjamin Constant, o magnanimo fundador da Republica Brazileira, essa tocante solicitude internacional consiste em reparar, tanto quanto possivel, os extravios estupendos da politica imperial no Paraguay.

Annullação da dívida de guerra imposta á vossa heroica Patria PELOS PROFANADORES DO SEU SOLO, e restituição dos trophéos disputados aos seus inexcediveis defensores, taes são, Sr. Presidente, os votos solemnes e sinceros da parte avançada do nosso paiz, em relação ao vosso.

Não nos surprehendem, e muito menos nos atemorisam, os protestos que por ventura possam surgir algures contra tão nobres e elevantados intuitos. No meio de uma anarchia tão profundamente desmoralisadora, como a que atravessa a nossa época, inteiramente destituída de sentimentos e principios, bem pequeno é o numero daquelles que aceitam o verdadeiro ponto de vista humano como suprema regra de conducta.

Tão pouco nos deixamos illudir ácerca da época em que possa ter lugar semelhante aspiração.

Mas o que é facto, e altamente inconcusso, é que, para eterna honra de nossa Patria, já ella se tornou o estandarte de um partido que cresce todos os dias e que tem disputado ele-

mentos em todas as classes da nossa sociedade. A sua realisação reduz-se, pois, a uma mera questão de tempo sem nenhum obice serio ou importante.

Orgãos desse nobre partido que se ramifica por todos os pontos do nosso vastissimo territorio — carinhoso herdeiro do sagrado patrimonio moral e politico do Grande Benjamin Constant — vimos trazer aos nossos irmãos paraguayos a alta e solemne expressão das nossas sympathias republicanas.

Dizei-lhes, Snr. Presidente, que entre nós os brasileiros crescem e se consolidam, cada vez mais, o entusiasmo e a estima pelo pequeno povo que no conjunto da Historia offerece o edificante, consolador e perduravel exemplo de uma das mais formidaveis e justas defesas nacionaes.

Fazei-lhes sentir que, ha dezoito annos começo para o Brazil como que uma nova éra, de fecunda regeneração moral e social, em virtude da qual se firmam irrevogavelmente em nosso seio essas abençoadas disposições de confraternisação humana e de justiça social.

Dizei-lhes ainda, que esta cavalheiresca estima, inteiramente alheia a uma vaga e esteril philanthropia, é o resultado de uma convicção tão nobre quanto inabalavel. O heroico Paraguay, Snr. presidente, nos merece como Republica irmã e como vítima gloriosa e desgraçada de uma torpe politica imperial que a mais deploravel das fatalidades sociaes impoz á nossa infeliz Patria.

Contemplando atterritorizados esse pungente quadro de cinco annos de luta fratricida e encarniçada, a nossa admiração filial pelos heróes brasileiros é inseparável da que nos merecem os bravos e temerarios paraguayos, uruguayos e argentinos.

A Republica Brazileira só aguarda o urgentissimo advento do continuador de seu egregio fundador para reparar, tanto quanto possível, os CRIMES DE SEU FUNEBRE PASSADO IMPERIALISTA, para com a nobre e alta Republica Paraguaya.

Taes são, Snr. Presidente, os sentimentos que animam a élite dos republicanos brasileiros, em suas disposições af-

ctuosas para com os seus irmãos paraguayos, e dos quaes, como legitimos orgãos, temos a honra de vos constituir o digno e generoso interprete, como autoridade suprema, que sois, do nobre povo que nol os desperta tão profunda e ternamente.

Que este brado sonoro do nosso fraternal amor affecte especialmente à porção da Patria Paraguaya, emocionando os corações das nossas excelsas mães, esposas e filhos.

Taes são, cidadão presidente Dr. Emilio Aceval, os protestos finaes dos vossos correligionarios e amigos agradecidos.

Rio de Janeiro, 7 de Março de 1899, 11º da Republica. — Pela Comissão Benjamin Constant, RAUL DO NASCIMENTO GUEDES, presidente.»

Mensagem dirigida ao Sr. Presidente da Republica Argentina,  
o Sr. General Julio Roca

« O tempo necessario para o decisivo julgamento da luta que o imperio do Brazil, aliado ás Republicas Argentina e do Uruguay, sustentou contra a Republica do Paraguay, está felizmente decorrido ; a doutrina a cuja luz esta dolorosa luta deve ser examinada, elaborada pelo mais extraordinario dos homens e já por muitos aceita em todo o planeta, apresenta-nos nitidamente o criterio supremo que, unico, permite a sua justa apreciação.

Não é, pois, baseando-nos em elementos ainda exaltados pelas paixões que tudo desvirtuam ; não é julgando-a com a nossa razão individual, tão sujeita a nos conduzir ao erro, mesmo quando nos esforçamos por evitá-lo, que a nossa inteligencia e o nosso sentimento só encontram maldições para o desastrado desfecho a que a nullidade politica unida ao egoismo dynastico arrastaram nossa Patria, mas com ardentes sympathias para a nação heroica, que, lutando desesperadamente ATÉ' QUASI SEU TOTAL EXTERMINIO, deu nesta luta desigual todas as provas do mais entranhado valor cívico, do mais abnegado sentimento de dignidade patria.

Sem convicções, portanto, além das que se originam de uma apreciação positiva, isto é, inspirada nos mais altos in-

teresses humanos, nós não tememos ser acoimados de máus brazileiros pelos conceitos que emittirmos ácerca do MONSTRUOSO CRIME QUE PESA SOBRE O GOVERNO MONARCHICO DE NOSSA PÁTRIA, como desprezamos condoidos os doestos dos incapazes de sentir as sublimidades de uma religião qualquer, porque jamais poderão sofrer regulação alguma a não ser a que lhes fôr imposta pela brutalidade da força material.

Patriotas e crentes, como nós somos, eis as duas qualidades indispensaveis para a aceitação do nosso modo de apreciar esta infeliz guerra e tambem do nosso actual procedimento.

Patriotas, amando o Brazil republicano, até o sacrificio, mas inteiramente libertados das mesquinharias do pseudo amor proprio nacional, nós queremos que a grande Patria Brazileira, purificada pelo idéal republicano, se eleve da maldita situagão a que a fez baixar o imperio, mostrando por uma politica constantemente subordinada á moral, a assimilhação completa do lemma inscripto na sua bella, expressiva quanto já gloriosa bandeira. Crentes de uma religião que só ha de dominar pela expontanea aceitação das almas sãs, amando a nossa fé com um entusiasmo inquebrantavel, pois que só ella permite a terminação da anarchia social; nós queremos, como ella nos ensina, que a felicidade humana seja uma realidade e que, portanto, todos os homens se concertem num mesmo generoso esforço que os leve a tão urgente situagão.

Impulsados, pois, por estes sentimentos, amparados por estas convicções, é que nós republicanos sociocratas, *ha muito esclarecidos sobre as causas reaes que conduziram as tres nações aliadas a combater a valorosa Republica Paraguaya*, aproveitando uma feliz oportunidade, vimos appellar para o sentimento cavalheiresco dos cidadãos argentinos, exhortando-os fraternalmente aqui, como outr'ora, sob os alarmas do seu governo alliaram-se aos nossos compatriotas para cruelmente exterminarem o Paraguay, hoje, que os santos preceitos da religião humana já modificaram grande parte das boas almas do continente sul colombiano, ouvindo não mais os rebates de

uma minoria acanhada e egoista, mas a voz poderosa e eterna da Humanidade, a nós se congreguem na obra de justiça, e de amor, qual é da reparação que cumpre-nos levar à nação sacrificada pela criminosa luta em que, se maior responsabilidade cabe ao governo imperial, não pequena pesa sobre o então governo da Republica Argentina.

Se na verdade, como diz o digno apostolo da Humanidade, cidadão R. Teixeira Mendes, no precioso trabalho ácerca da vida e da obra do fundador da Republica Brazileira, trabalho em que buscamos conhecimentos e autoridades para as nossas asserções : «*Julgando os factos a vista dos documentos officiaes e sem prevenções de amor proprio, nacional; ninguem pôde desconhecer que sejam quaes forem os erros, crimes justamente imputaveis a Lopoz, foi o governo do ex-imperador quem determinou a luta pela sua attitude para com a Republica Oriental*», nos convenceemos que ao governo do Brazil recáe a maior culpa; vemos tambem, como diz o mesmo fiel discípulo de Augusto Conte, notando o facto do governo brazileiro enviar o seu *ultimatum* ao governo de Montevidéo, depois de se ter assegurado do assentimento do governo argentino á politica imperial, que... «*a acquiescencia dada pelo General Mitre a essa politica constituiu um gravissimo erro, porque é bem provavel que uma oposição generosa de Buenos Ayres tivesse feito a nossa diplomacia tomar um curso diferente.*»

Nenhum outro facto é necessario invocar, pois para demonstrarmos que aos cidadãos argentinos cumpre, como a nós, esforçarem-se para, quanto antes, sejam reparados os erros e crimes politicos dos que, illudindo o patriotismo, a dedicação, o heroismo dos argentinos, uruguayos e brazileiros, tornando-os victimas dos secretos manejos da sua politica envilecida, atiraram os contra irmãos igualmente patriotas, dedicados, e heroicos, fazendo-os crer que vingavam uma affronta nacional, quando não serviam senão a vaidade, ao orgulho, á cobiça de chefes muito abaixo das funcções sociaes de que, em má hora, se achavam investidos.

Republicanos argentinos !

A ideia só de semelhante sacrifício impõe-nos o dever de proclamar que em nós, patriotas, em nós que somos povo, em nós que só empunharemos armas movidas pelo bem da Humanidade, não recáe a culpa de tão doloroso crime!...

Ao contrario, em nós pesa a responsabilidade de reabilitar a memoria de todos esses heróes, instrumentos lamentaveis de politicos desorientados, deixando ás gerações futuras a prova de que mais felizes do que elles, por quanto já esclarecidos, amaldiçoamos este passado de horrores e, firmemente trabalhando para apagar seus dolorosos vestigios, continuámos a missão que elles—infelizes! — julgaram realizar, defendendo nossas Patrias, não de pretendidos insultos, mas dos merecidos stigmas com que os nossos posteros não de feril-os pela attitude da maioria dos nossos correligionarios, como se o sentimento republicano não clamasse dentro de cada um de nós qual o dever que temos a cumprir!

Que republicano emancipado das revolucionarias praticas democraticas, tão perniciosas á ordem e ao progresso sociaes como a teimosia na retrogradação monarchica, não sente instantemente o sagrado dever de reparar o que hoje encaramos como um crime da passada politica sul-colombiana, de patentear á nobre Patria Paraguaya os sentimentos de apreço, de sympathia, de fraternidade que nos animam e, portanto, passando das aspirações á realidade, como resumo deste sincero protesto com a annulção da dívida de guerra, dívida que não existe porque nós a amaldiçoamos, porque somos nós os primeiros devedores do Paraguay, devedores dos mais fracos sentimentos de nobreza, de generosidade, de amor..., restituir-lhe com toda a solemnidade os gloriosos trophéos que em nossas mãos attestam eloquentemente a morte gloriosa daquelles a quem foram confiados!...

Unamos-nos, pois, republicanos argentinos, e imitando o nobre exemplo da Republica do Uruguay que, maiz generosa do que nós, já fez a entrega das preciosas reliquias, façamos santa-cruzada que ha de mover os nossos governos a cumprir tambem os seus deveres de governos republicanos.

Façámos agora a verdadeira aliança, resuscitemos para hora das nossas Republicas, não a triplice aliança de outrora, *falsa aliança como a historia nos attesta*, mas a triplice aliança da paz, triplice aliança do amor, e levemos desfraldados, entre as bandeiras de nossas Patrias, estes trophéos santificados pelo sacrifício, estes que nos emocionam como se nossos fossem, porque nos evocam as scenas horrorosas em que tão desgraçadamente predominamos.

Levemol-os, cidadãos argentinos!...

E os que forem de nossa Patria, já pelo braço poderoso e patriótico do glorioso Francia emancipados da realeza, irão desridos tambem da theologia, pois que um templo catholico os guarda ainda como reliquias queridas de feitos gloriosos!...

Elles levarão ainda aos nossos irmãos paraguayos mais uma prova consoladora de que, de facto, raiou para Humanidade uma época de verdadeira fraternização, sem Deus e sem rei, divida á prodigiosa elaboração daquelle que, incorporando toda a evolução humana, inspirado pela mais santa de todas as mulheres, teve a ventura incomparável de ligar n'uma mesma communhão de amor todos os benemeritos da humanidade.

E, inestimável gloria, mais feliz do que nossas patrias, a Republica do Paraguay vê no «Quadro concerto da preparação humana» ou «Calendario Positivista», por elle organizado, o nome do seu grande libertador o glorioso Francia, junto dos nomes de Washington, Toussaint, Louverture, Jefferson, Bolívar e outros typos venerandos, na semana presidida por Cromwell, ultima do mez que commemora a politica moderna, synthetizada no vulto do grande Frederico!

Levemol-os, patriotas argeutinos, e que as filhas, as esposas, as irmãs daquelles que os cobriram com seus valorosos feitos, beijem os saudosamente em falta dos entes queridos que por elles se sacrificaram e na mesma effusão do amor encarem, então, depois de tantos annos, as bandeiras aliadas que desta vez, recebidas como bandeiras de verdadeiros irmãos, não mais

lhes levarão a viuvez, a orphandade, a guerra, o esterminio cruel, mas a segurança inteira do esquecimento das faltas communs, a demonstração completa da nossa sincera dor PELOS CRIMES DOS NOSSOS PASSADOS GOVERNANTES, a prova decisiva da confiante reciprocidade dos nossos eternos affectos!...

E assim, a essa triplice aliança santificada pelo amor da Humanidade as sombras heroicas dos patriotas sacrificados, argentinos e uruguayos, paraguayos e brazileiros virão ensinar aos nossos governantes presentes e futuros, que a posteridade é inexorável nos seus julgamentos, e a nós, como devemos nos dedicar até o sacrificio, quer obtenhamos a victoria, quer sejamos vencidos, pelo que reputamos hoje o nosso mais urgente dever: melhorarmo-nos individualmente e prepararmos o maximo concurso á obra da regeneração commun!...

Capital Federal, 8 do Março de 1899, 11º da Republica Brazileira—Pela Commissão, Benjamin Constant, o presidente, RAUL DO NASCIMENTO GUEDES.

Mensagem endereçada ao presidente da Republica pela commissão  
Benjamin Constant

« Cidadão Manoel Ferraz de Campos Salles, presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil. — Concidadão. Animados pelas vossas inequivocas declarações, ousamos fazer um appello á vossa fé republicana, para que vos empenheis decisivamente na obra meritória do relevamento da dívida do Paraguay e entrega dos trophéos arrebatados a este tão pequeno, quão heroico povo. Quasi trinta annos são decorridos depois que as forças aliadas de Uruguay, Argentina e Brazil abandonaram, juncando de cadáveres, o sólo paraguayo, em que antes estanciara uma população laboriosa, prospera e feliz. Jámais se vira em terras americanas o espectáculo, imperdoável para a posteridade, de tres nações fortes em contacto directo com as avançadas da civilisação, atirarem-se

desvairadas e sanguisedentas sobre um pequeno paiz, mal entrado no convívio humano e apertarem-n' o em o círculo estreito e intransponível de suas legiões guerreiras.

Examinado, embora à distância de tantos annos, já esmaecido pelo perpassar dos tempos, ainda se nos afigura fúnebre o quadro. De envolta com a contemplação da vasta carnificina, ouvimos os lamentos angustiosos das victimas de ambos os contendores. Quem de nós pode julgar-se hoje insensível a essa reciproca destruição!

Quem não sentir-se ha atado áquelles moribundos, de perto ou de longe, pelos laços indissoluíveis do parentesco ou da amisade?! Despertados pela recordação de um episodio sem paralelo na historia dos povos americanos, somos obrigados a indagar das causas da crua peleja, que tão sinistramente ensanguentou o nosso continente. Sóbe então de ponto a nossa magua com a investigação historica. Tudo quanto de certo se nos oferece ao exame, os mais inconcussos e insophismaveis documentos geram em nosso espirito a inabalável convicção de que, se outra tivesse sido a política da monarquia brasileira nas nações ribeirinhas do Prata e outros os sentimentos philantropicos do ultimo monarca; se em vez de intervenções apparentemente amistosas, encobrindo o intento perverso de transformar cada nação platina em outras tantas monarchias, nos houvesse inspirado sentimentos verdadeiramente fraternos, consolidados por frequentes e inevitaveis contactos, a esta hora quatro povos não chorariam simultaneamente o sacrificio dispensável de milhares de seus mais corajosos e dedicados filhos.

Fosse D. Pedro II o monarca philosopho, que seus thuriferarios se comprazem em pintar, e nem Lopez houvera atingido áquelle grande desconfiança que caracterisava as suas relações com o imperio, nem a guerra estalaria entre os dois paizes.

Antes mesmo da crise decisiva, teria sido possível ao monarca brasileiro, assumindo a mesma digna attitude que havia pouco tivera para comnosco a poderosa Inglaterra, ap-

pellar para o arbitramento, em vez de confiar ás armas a solução da contenda. Nada disso, porém, foi tentado.

O monarca, impellido por indiscutivel vaidade, deixou que a nossa politica de intervenção no Uuruguay, aliás sob futeis pretestos, precipitasse aceleradamente os acontecimentos, e o resultado foi vermo-nos, nós, povo fadado para servir de garantia á paz e á prosperidade dos pequenos paizes da America do Sul, capitaneando as cohortes, que deviam aniquilar por dilatado tempo a nação paraguaya.

O que foi esta peleja em terreno baldo de cultura, caprichoso na sua topographia e totalmente desconhecido — sabem-no bem os povos da triplie alliance.

Nem o Brazil, nem os seus aliados estavam apparelhados para a campanha. O pequeno exercito brasileiro mal pôde servir de nucleo á população civil, que entusiasticamente empuhou armas, anciosa por desafrontar a honra nacional, resolutamente disposta a comprar com o sacrificio extremo da vida a defesa do sólo patrio.

Nada mais bello que este levante provocado com o simples appello aos bons sentimentos humanos!!

Nada mais commovente que esta interminavel corrente emigratoria para as regiões inhospitas do Paraguay, onde todos os brasileiros sè sentiam miraculosamente presos pelos arroubos de uma mesma paixão!! Mas, que acabrunhadora tristeza não nos invade o coração, ao lembrarmo-nos desta phase da vida nacional!!

Convencidos, como estamos, de que a grande massa é sempre dirigida por uma pequena minoria, não receiamos de lançar a responsabilidade do desbarato da actividade laboriosa de nossos pais e de nossos avós ; da desventura que se abrigou em nossos lares, sobre quantos, em situação de conjurar o perigo, foram mais attentos á vaidade pessoal ou aos interesses da dynastia reinante, que aos verdadeiros reclamos da civilisação brasileira. São passados quasi trinta annos depois que findou a lugubre jornada. Parece-nos- pois, já estarem

sufficientemente cicatrizadas todas as feridas, amortecidas todas as paixões, aniquilados todos os preconceitos.

Nenhum odio pôde perdurar contra um desventurado povo, vítima apenas do seus próprios sentimentos, corajoso, desmesuradamente grande na resistência que ofereceu a três poderosos inimigos de então, e que elle enfrentou por vezes descalço e semi-nú. Cumpre-nos, portanto, estender-lhe hoje fraternalmente a mão, destruindo os derradeiros vestígios do drama sanguinolento e pedir-lhe veja nas lágrimas com que choramos os nossos bravos e imorredouros antepassados e lamentamos um erro *communum* o melhor penhor da nossa sinceridade.

Cidadão Presidente.—Não terá, certo, escapado ao vosso exame a situação excepcionalmente delicada em que se encontram os diferentes povos. Em vossa ultima excursão ao velho continente vistes porventura todos os symptomas da deplorável ausência de uma doutrina *communum*, capaz de alcançar, através das intelligencias e dos corações, a tranquilidade indispensável ao surto da vida.

Deveria ter-vos causado funda impressão a existência destes governos apoiados em fortes organizações militares tão propícias à garantia da paz interna, quão à continua ameaça das relações internacionaes. A Europa apresenta na actualidade o aterrador aspecto de uma praça de guerra, escrupulosamente apparelhada para fazer face a prolongado sitio. Cada nação nutre as maiores desconfianças em relação ás restantes ; vive em continuos sobresaltos, lobrigando no dia de amanhã o inicio da conflagração geral. No meio da anarchia em que os povos se debatem, mais do que nunca se faz notada a falta de uma crença unânime, enlaçando na mesma fé homens e mulheres, velhos e crianças ; capaz de impôr-se aos chefes temporais : de dirimir, como nos aureos tempos do catholicismo, pelo só prestígio espiritual, as dissensões naturalmente despertadas por uma política sem dignos ideias.

Que homem de coração não sentirá nitidamente o carácter transitório e momentâneo desta phase e a necessidade de sua

dedicada cooperação para a melhoria do meio social, em que se agitaram no futuro os seus mais estremecidos descendentes? Que homem de coração não comprehenderá ser impossível o prolongamento desta indescriptivel anarchia, que torna o pequeno planeta, sobre que somos eternamente arrebatados no espaço, não uma encantadora estancia, mas o scenario obrigado da nossa destruição e aniquilamento reciprocos? A verdade, entretanto, é que de ha muito o surto espontaneo da nossa actividade nos incompatibilisou com a vida guerreira e que, em contraste decisivo com os respectivos governos, os povos gravitam uns para os outros, pedindo á fraternidade a primeira base para uma existencia dignamente preenchida. Sem esta mesma fraternidade fôra impossível a propaganda e consequente victoria da crença destinada a estabelecer definitivamente a concordia no seio da especie humana.

Está, pois, naturalmente traçada a linha de proceder, não só dos chefes temporaes, senão de todos os homens; «assegurar a paz no planeta mediante a perfeita fraternidade entre os povos». Ora, isto só será possível atravez de uma politica internacional francamente sincera e leal; quando já não existir em duas nações o minimo signo das luctas, que a desuniam outr'ora.

Bastaria amanhã a restituigão á França da Alsacia e da Lorena, bem como dos trophéos allemaes da guerra de 1870, para que, não só a propria França, mas toda a Humanidade, respirasse a longos haustos a nova e enebriante atmosphera de fraternidade.

Cidadão presidente.—A' America parece reservar o futuro uma importantissima missão. Caber-lhe-ha porventura a função de freio á completa expansão da cobiça e da ambição europaea. Fôra outra a nossa situação presente, formasse o continente de Colombo um todo o homogeneo, orientado pelos mesmos ideaes e pelas mesmas esperanças e já poderíamos ter contido a velha Europa na sua faina de civilisar a ferro e fogo os povos imbelles da Africa, Asia e Oceania.

Cada chefe de estado americano deve, pois, ter perenemente em mira, como o mais alevantado programma de governo, a união effectiva e sincera de todas as populações deste lado do Atlântico, que só ella permitirá a manutenção da verdadeira paz e nesta se resume a mais energica necessidade do presente. Convencidos de que estes são os vossos sentimentos pessoaes e que vossa alma vibra neste particular, synchronicamente com a alma immaculada de Benjamin Constant, cujo suave perfume pudeste aspirar de perto, ousamos pedir vos que ponhais o vosso prestigio, publico e privado, ao serviço da ideia da annullação da dívida do Paraguay e restituuição dos trophéos de guerra que lhe pertencem. Fazendo-vos este appello, não murmuramos siquer uma censura aos nossos compatriotas victimas da guerra.

Nutrimos a admiração e respeito pela dedicação, não só de nossos pais e avós, cujos nomes a historia gloriamente registra, como pela grande massa de marinheiros e soldados mortos anonymamente nos banhados paraguayos, e cujos cadáveres assignalaram a *via dolorosa* que percorremos até Aquidaban. Posto de ha muito tenhamos sido precedidos pela sympathica republica do Uruguay, destruamos por nossa vez os ultimos vestígios de resentimentos entre o Brazil e o Paraguay, na convicção intima de que é tão digna e generosa a ideia que esposamos, que a apoiariam os nossos proprios, veneraveis e saudosos mortos, se lhes fôra dado animar-nos com os seus aplausos.

Esperamos, pois, cidadão presidente, que vós dirijais em breve ao poder legislativo, solicitando-lhe a votação de uma lei em que se consignem as medidas apontadas. Do mesmo modo que o presidente Máximo Santos á assembléa Uruguaya que já no anno anterior annullara a dívida paraguaya, podeis dizer-lhes:

« Os trophéos de guerra, arrancados das mãos dos heróes moribundos, cujos semblantes reflectiam, em vez de rancor e odio ao irmão vencedor, a consciencia do dever, imposto pela fatalidade — cses trophéos não aoham collocação possivel em nossos

*museus e devem ser devolvidos ao nobre povo, que os sustentou com immarcessivel gloria até na hora suprema de sua agonia».*

Pela comissão *Benjamin Constant*, RAUL GUEDES, presidente (1).

---

(1) Publicada na parte editorial d'*O País* de 14 de Abril de 1899.

## Manifestação popular em Assumpção

EM HONRA DO BRAZILEIRO DA REPUBLICA ARGENTINA

NA LEGAÇÃO BRAZILEIRA

Damos abaixo o discurso que, por occasião da grande manifestação feita em 19 do mez de Março de 1899 em Assumpção, à Nação Brazileira, representada pelo Sr. ministro Dr. Itiberé da Cunha, foi proferido pelo Dr. Braz Garay, director de *La Prensa*.

Nessa manifestação concorreu o que ha de mais distinto na sociedade paraguaya, em numero superior a 5.000 pessoas.

Na Legação Brazileira aguardavam os manifestantes os representantes dos Estados Unidos da America, da Republica Oriental e numero crescido da colonia brazileira.

O original do discurso acha-se no Centro Paraguayo, desta capital, para os que desejarem confrontal-o á traducçao abaixo:

« Sr. ministro.—O povo paraguayo e a digna e generosa colonia estrangeira, que nesta terra encontrou carinhosa hospitalidade e a retribue, identificando-se comosco, compartilhando dos nossos sentimentos, ficaram commovidos profundamente pelas manifestações de amisado que em vossa patria acabam de fazer á nossa é o que vimos expressar, para que vos digneis comunicar ao vosso governo, para que o nobre povo brazileiro saiba a affectuosa amisade que ao Paraguay inspira o Brazil e o reconhecimento immorredouro e sem limites que em nossos peitos despertou a magnanima conducta, dos que, mostrando eloquente exemplo da classica fidalguia brazileira, apregãoam com nobre entusiasmo a idéa de devolver ao Paraguay os trophéos e a condemnação da divida da

terrivel guerra, que durante mais de cinco annos em que se destruiram quatro nações irmãs n'uma luta que jámais houve igual na historia do continente americano, pelo seu encarniamento e o heroismo admiravel nos tenazes combatentes.

Não são novos para nós, Sr. ministro, os sentimentos que a respeito do Paraguay voltaram a se revelar agora, mais uma vez no Brazil, dando lugar a esta manifestaçāo solemne e publica tambem de nossa parte.

A amisade estreita e sincera que une os dois povos brasileiro e paraguayo e que só em occasiões rarissimas e lamentadas verdadeiramente foi perturbada, é antiga e tão antiga como o nascimento de ambas as nacionalidades na vida independente; robusteceu-se a despeito de largas questões territoriaes, a despeito das dificuldades inherentes a todo o delineamento das fronteiras, com o correr do tempo que ia assigpalando com positivas provas a lealdade do affecto com que as duas nações se declaravam.

Abundam nella a nossa historia, que apezar de certa pagina tristissima, motivada por isso deixava no animo de quem a ler grata e carinhosa impressāo no que diz respeito á vossa Patria.

O primeiro governo estrangeiro que reconheceu expressamente e sem reservas a independencia do Paraguay e lhe enviou representantes diplomaticos foi o governo do Brazil. Os primeiros officiaes que teve o exercito nacional educados no estrangeiro se educaram no Brazil. A unica aliança offensiva e defensiva que negociau o Paraguay fel-o com o Brazil. Os auxilios de armamentos que foram necessarios em uma certa occasiāo em que se temiam graves conflictos internacionaes, os recebeu do Brazil. A diplomacia que questionou, depois das declarações do Congresso de 1842, o reconhecimento da nossa independencia pelas nações estrangeiras, foi a diplomacia brasileira, que tambem contribuiu efficazmente para que terminassem de um modo satisfactorio as dificuldades que impediam a celebração dos tratados definitivos de paz e limites com a Republica Argentina depois da guerra, e

até, se quizer um facto de na tureza mais intima, ainda que não menos importante aos nossos olhos, um distinto diplomata brazileiro foi redactor principal do primeiro periodico que saiu á luz no Paraguay e o primeiro a defender com abundante cópia de documentos a legitimidade da nossa independencia e a legalidade dos nossos direitos territoriaes.

O tempo, que destroe os monumentos materiaes e os abate por completo, não tem a virtude para desarraigar de nossos corações a gratidão que nelles tem engendrado tão assignalados commettimentos de leal amisade. E quão horrorosa foi a catastrophe, em que succumbiu quasi todo o povo paraguayo, catastrophe que antes forneceu ensejo para se aquilatar por suas acções a nobreza do inimigo na guerra, como a generosidade do amigo na paz!

E não contente em acreditar essa sua nobreza com o carinho com que tratou, no campo da batalha a nossos prisioneiros, aos nossos feridos e a maneira com que acolheu as nossas familias abandonadas na cruenta peregrinação, a ponto de perecerem á fome, mais ainda o acreditou quando atenuadas as mais dolorosas recordações da luta, começaram alguns dos seus esclarecidos filhos a aconselhar que para acabar de extinguir essas recordações fossem devolvidos os trophéos tomados no campo de batalha e condemnada a dívida de indemnisação de guerra como numa prova mais da amisade que deve unir ambos os povos.

Caiu a generosissima idéa em terra fecunda para iniciativa desta natureza, e desde que foi anunciada a miudo temol-a visto propagar-se com ardor; porém, nunca por órgãos tão autorizados como no presente, nem alcançou a repercussão á adhesão entusiastica como desta vez, nem tampouco houve como agora, motivos tão grandes para crer prestes a sua realização.

Não é necessaria esta realização para augmentar a mutua affeção de povos unidos; além de outros vinculos poderosissimos pelo parentesco das raças conquistadoras e das raças

conquistadas com aquellas que se entrelaçam, não é tambem para demonstrar que a sanguinolenta luta não deixou apôs si sentimentos de odio em nossos corações, odio quo não pôde existir, porque os povos, quando por desgraça se vêm lançados em uma guerra por seus governos, por muito que lhes opontrarie, por muito que lhes doa, não podem fazer outra coisa que lamental-a em silêncio, porém, sustentando-a com heroísmo compativel com as suas gloriosas tradições.

Uma vez que diante da bandeira nacional tremula uma bandeira inimiga empunhada ao som de desafio, não ha outra coisa a fazer que—abater a inimiga ! Onde falla a honra nacional são vãs todas as demais considerações. A sublime idéa da Patria é a unica que tem poder tão grande que abafa as vozes dos demais sentimentos. Por isso os povos não se preocupam de averiguar a razão das guerras que mantêm, senão quando as concluem; não necessitam saber contra quem são, e unicamente quando a excitação que produziu o combate que se apaga, são estudados com calma.

Por isso, quando os povos combatentes estão vinculados pela amizade, como nós ao Brazil; quando batalham e se extermíniam contra a sua vontade, logo que cessa a hostilidade a se esvaecem e acabam por desaparecer as paixões que ella engendrou, os primitivos sentimentos readquirem a sua pujança primitiva e só então se recorda do passado para deplor-lo e pensar de maneira de extinguir de vez da memória, já que não é possível riscoar-a da história !

Esse desejo anima por igual, e com a mesma sinceridade, a brasileiros e paraguayos; provam isto as relações que ambos os países cultivam ha tanto tempo sem que nenhuma alteração perturbasse a sua formosa placidez, em afirmar-as e fazer desaparecer os ultimos vestígios que ficaram da funesta guerra, responda o generoso movimento de opinião, ha muitos annos iniciado no Brazil, porém nunca com o entusiasmo de agora, em prol da devolução dos trophéos e da libertação da dívida.

A esse movimento de opinião, Sr. ministro, não podem responder os paraguayos e os que por compartilhar de sua vida, participam de todos os seus sentimentos, de outro modo dando testemunho publico e eloquente do profundo carinho que o povo irmão do Brazil lhes inspira e da gratidão profundissima tambem justificada que guardam para os que desse povo amigo se condóem de suas desgraças e pensam em allivial-as e procuram que desapareçam as mais dolorosas consequencias de um successo lutuosoissimo ; consequencias cuja lastima não basta para attenuar a consciencia de uma brilhante victoria !

Este testemunho é o que desejamos offerecer-lhe, Sr. ministro, com esta manifestação, que synthetisa o pensamento de todo o povo paraguayo, e com o qual anhelamos fazer patente que os apreciamos condignamente e nos sentimos para sempre obrigados pelas palavras de aleuto que de vossa nobre Patria nos são dirigidas.»

#### RESPOSTA DO MINISTRO BRAZILEIRO

Damos agora publicidade ao discurso proferido, em resposta, pelo digno o talentoso ministro brasileiro Dr. Itiberê da Cunha, por occasião da grandiosa manifestação popular feita em Assumpção, em 19 de Março de 1899, em honra ao Brazil e à Republica Argentina, na qual tomaram parte a alta sociedade paraguaya e estrangeiros identificados com o povo, com os seus respectivos estandartes. Na frente do grande presbito figuraram, na seguinte ordem, as bandeiras das nações amigas — Paraguaya, Brazileira, Argentina e Uruguaya.

Segue o discurso do Sr. ministro brasileiro :

« Heroico povo paraguayo.—Nobre colonia estrangeira — Machiavel dizia com mais engenho, que verdade, que o tamanho das estatutas diminue quanto dellas nos afastamos, e o dos homens quanto mais delles nos approximamos.

E' que o celebre secretario da Republica Florentina, mais preocupado com a propaganda de suas doutrinas deprimentes

da dignidade humana, ensinando aos tyrannos os meios deleterios para a consecucao de seus fins com menosprezo da justica, certamente jāmais se viu diante de uma manifestaçao tão impotente como esta, pelos nobres e alevantados sentimentos que a inspiraram, e nem tão pouco teve o autor do « Principe » ante os olhos os gloriosos veteranos de uma luta titanica, sagradas reliquias de um povo de heróes, que, com um valor sobrehumano, souberam offerecer, no altar da Patria, suas vidas em holocausto.

Eu mesmo me sinto, neste momento solemne, gigante no alto e honroso pedestal de representante dos Estados Unidos do Brazil, ao receber as calorosas demonstrações desse mesmo povo Paraguayo aqui representado pelos mais illustres cidadãos da Republica, em cujo nome vêm retribuir o movimento de sympathia que espontaneamente brotou nos corações brasileiros !

Bastaria a eloquencia espartana de tão grandioso espetáculo, talvez o acontecimento mais trascendental que tenha tido lugar até hoje nas duas Americas, para que o meu coração pulsasse de sublime entusiasmo ; mas meu jubilo cresceu, se é possível, ao ouvir as sentidas e formosas phrases do vosso joven orador, a quem em boa hora conferistes a honrosa missão de traduzir vosso sentimento de fraternidade para com a minha querida Patria.

Vossas palavras merecem e devem ser gravadas em caracteres indeleveis no monumento mais culminante da nossa historia nacional como a expressão fiel e a prova mais authentica da benefica influencia exercida por um grande povo, cujo sangue e cuja riqueza sempre estiveram ao serviço desinteressado de uma causa nobre e justa.

A verdade não se pôde obscurecer senão por accidentes transitorios, para brilhar mais tarde com maior intensidade !

Quando a sua historia for estudada e comprehendida com a calma e imparcialidade necessarias, far-se-ha justiça plena á terra de Alvares Cabral.

A fidalga commemoração que com tanta lealdade acabastes de fazer, das provas positivas e irrecusaveis do affecto que irmanam as duas nações vizinhas desde a alvorada da sua independencia, veiu felizmente facilitar a minha hourosa tarefa, dispensando-me de repetir factos inilludiveis que centuplicam de valor na lingua de ouro de um illustrado aranto da intelligente e brillante geração paraguaya, novos Antheus que reconstruiram a patria livre e respeitada, podendo com orgulho repetir com Alfred de Musset : « *mon verre est petit ; mais je bois dans mon verre.* »

Somente cumpre um dever sagrado repetindo, e repetindo sempre, que a Nação Brazileira não fez guerra ao povo paraguayo, como já declarou desde o principio da triste contendida, e religiosamente manteve a sua promessa.

E' sabido que, apena resoaram no campo da batalha os clarins da victoria, não houve, para os brazileiros, vencedores nem vencidos ; todos se fraternisaram immediatamente sob a égide do pavilhão auri-verde !

O Brazil nada perdeu esperando seis lustros o almejado amplexo como recompensa publica de sua magnanimidade bem empregada e merecida.

A vida e a historia das nações não são a vida e a historia de um dia ; o affecto e as sympathias manifestadas franca-mente pelo principal protagonista daquelle tragedia sanguinolenta tiveram tempo de deixar nos corações paraguayos profundas raizes que darão mais seiva à cordialidade das nossas relações internacionaes.

Há um topico em vosso discurso, contendo tal magnificencia e tanta verdade patriotica, que eu quizera poder repetir palavra por palavra.

Parece que uma corrente magnetica se estabeleceu entre o vosso cerebro e o meu, quando falaveis desse amor da patria que tem produzido em todos os tempos as Cornelias e os Grachos ; desse amor sacro-santo, pelo qual abandonamos lar, mulher, filhos, parentes e amigos, e que nos leva a heroismo

o sacrificios sublimes de que este povo tem dado tão edificante exemplo !

Tendes razão em asfírmia que, quando diante da bandeira nacional tremula uma bandeira inimiga, deve-se abatê-la & ousta da propria vida. Na verdade, onde fala a honra nacional são vãs todas as demais considerações.

A sublime idéa da patria é a unica que tem poder tão grande que faz calar as vozes dos demais sentimentos.

Agradeço-vos com toda a minha alma o nobre e fragante contraste que com tanta sinceridade e eloquencia oferecesteis a alguns desnaturados sectarios, que em meu paiz pretendem substituir o **AMOR DA HUMANIDADE**, estes sublimes sentimentos de que acabais de falar, pelo embuste mais audaz que jamais se tem atirado à face do mundo !

Felizmente esta nota dissonante será abafada e dominada por torrentes de harmonia no concerto de reciproca fraternidade.

Quando chegar o momento de apurar-se a philosophia da historiia, alimento a esperança de que o povo paraguayo reconhecerá commigo que se acha escripto no livro dos insondáveis destinos das duas nações que um dia seus filhos hão de misturar seu sangue generoso em homérica hecatombe para cimentar mais solidamente nesta Republica o edificio da sua independencia, como meio seculo antes esse mesmo sangue havia sido derramado juntamente para regar a arvore da liberdade, plantada em Montes Caseiros pelos exercitos que redimiram um povo de irmãos.

O publico testemunho do profundo affecto que presentemente estais dando aos Estados Unidos do Brazil, NÃO CAHIRÁ EM TERRENO ARIDO. Este feliz acontecimento será não o duvido, o precursor de novos e estreitos vinculos de amisade e de secundos benefícios para ambos os paizes que, além de sua tradicional affeição, tem interesses communs, cada dia mais valiosos e importantes.

Para nós os braziliros a mais fervorosa aspiração é que desappareçam os ultimos vestígios de resentimentos que por-

ventura existam dessa cruenta castratrophe, e da minha parte faço ardentes votos para que se apaguem, igualmente para sempre, todos os signaes dos receios e revalidades seculares, que hoje não têm mais razão de existir entre hispanos e lusos, funesta herança transmittida ás duas raças por suas antigas metropoles, competidoras glorioas de grandes descobrimentos e feitos maritimos.

Eis o que devemos olvidar sem ser mister, como generosamente desejais, que apaguemos de nossa memoria e de nossa historia coisa alguma desse passado triste e lutooso, é verdade, porém cheio de gloria e heroismo, que servirão de ensinamento proficuo para as gerações vindouras — guardas das tradições dos nossos maiores e dos lineamentos, característico da individualidade nacional.

Não vos aconselho a imitar os conquistadores escossezes de outr'ora, que até prohibiam aos seus bards esses cantos inspirados que recordavam melancolicamente os dias felizes de um passado cheio de glórias.

Prefiro que empunheis a lyra de Ossian, a qual nos fárá vibrar o coração, cantando alternadamente as nossas alegrias e os nossos dolorosos sofrimentos.

Agora resta-me exprimir um voto que, estou certo, será compartilhado por todos, isto é, devemos reunir os nossos esforços communs em prol da paz e da harmonia, tão necessarias para o nosso progresso e para o desenvolvimento mais rapido de nossas immensas riquezas, que ainda não alcançaram seu apogeu, talvez porque até hoje não se tenha comprehendido a verdadeira accepção da palavra *irmão*, de que tanto se usa e se abusa na America latina, quando : «*del dióho al hecho hay un gran trecho*».

Terminarei dizendo que o nosso *desideratum ha de cahir em terra fecunda e generosa*, e que tão significativa e impotente manifestação terá certamente um écho sympathico de um extremo a outro do vasto territorio do Brazil, onde os nossos nobres sentimentos serão devidamente apreciados pela Nação e pelo governo.

Não devo, entretanto, concluir sem manifestar-vos o vivo prazer que experimento ao ver *a importante colonia estrangeira identificada convosco e compartilhando as vossas generosas demonastrações para com a Patria Brazileira.*

A prompta e honrosa recompensa não podia eu aspirar pela merecida justiça que fiz n'um recente artigo, dizendo que ninguem desconhece hoje na America o poderoso concurso que ao nosso progresso material e intellectual e à madureza das ideias politicas e economicas têm trazido a experiençia. a reflexão e as emprezas deste bom elemento estrangeiro, que veiu buscar uma segunda patria neste hospitalício continente, a que já deram filhos de elevado talento e acendrado patriotismo.

Nesta mesma occasião tendes no meio de vós cidadão de estirpe brazileira, cujos pais, com as feridas ainda abertas, uniram seus destinos ao de mulheres paraguayas e aqui se radicaram, formando lar e familia, sellando o mais sincero pacto de aliança que se conhece.

E', pois, a este em particular e à colonia estrangeira em geral a quem me derijo, pedindo-lhes que me acompanhem na calorosa saudação que vou levantar: — **VIVA O BEROICO PVOO PARAGUAYO !**

### Na Legaçao Argentina

#### *Discurso do Sr. Dr. Manuel Dominguez*

Da legaçao brazileira seguiu o grande prestito sandando ao Brazil e em direcção à legaçao argentina, formado em columnas de vinte pessoas n'uma extensão de 500 metros e tão compacto que o transito, não pequeno, se fez com alguma dificuldade. A commissão popular compunha-se dos Srs.: Dr. Benjamin Aceval, presidente da mesma; generaes Caballero, Eguzquiza e Ferreira; senadores Eduardo P. Freitas, Miguel Carvalan, Juan C. Centurion; deputados e jornalistas: Rufino Massó, Adolfo Soler, Manuel Dominguez, Blaz Garay,

Antonio Taboada, Fulgencio Moreno, E. Gonzalez Navero, Carlos L. Isasi, Pedro Miranda; advogados, medicos e juizes: Drs. Insfran, Velasquez, Justo P. Duarte, Aurelio Legal, J. P. Garcete, Pedro Bobadilla, A. Insourralde, Theodosio Gonzalez, A. Codas, C. Carreras, E. Solano Lopez; bancos e comércio, Jeronymo P. Casal, Gabriel Valdovinos, José Gomez, A. Mumoz, Manuel Solalinde; funcionalismo, Cleto J. Sanchez e Juan Peres.

Além desta commissão tambem se achava presente grande numero de outros Srs. senadores, deputados, advogados, medicos, officiues de todas as patentes do exercito, guarda nacional e de marinha, mocidade e corpo docente das escolas superiores, banqueiros, comerciantes, capitalistas e a colonia estrangeira, especialmente os slavos, hespanhoes, italianos, alemães, brazileiros, argentinos e uruguayos.

Ao chegar a grande manifestação na legação argentina o Sr. Dr. Manoel Dominguez proferiu a seguinte allocução, no meio do mais profundo silencio :

« Senhor ministro.—O vosso governo declarou ao nosso A SUA BOA VONTADE A CONDEMNAR A DIVIDA DE GUERRA QUE PESA SOBRE O PARAGUAY, e por occasião do movimento de opinião, iniciado ultimamente nos Estados Unidos do Brazil, por aquelle em quem REVIVEM OS INTUITOS de um pensador brazileiro, a imprensa argentina, interpretando o sentimento nacional, esposou tambem a ideia, abundando em nobres manifestações em favor da nossa Patria.

A distincta colonia argentina, aqui residente, uniu a sua voz à daquelle inuprensa, adherindo ao pensamento e demonstrando por este modo o seu carinho pelo Paraguay.

Estas diversas manifestações não nos deixam duvidar que o valente povo a quem representais entre nós, se acha animado para com o Paraguay do mesmo nobre sentimento que brotou da alma de BENJAMIN CONSTANT !...

As pulsações daquelle coração, ao commover a posteridade de sua Patria, não podiam tambem deixar de commover

o coração argentino, sempre generoso, aberto sempre aos grandes sentimentos.

Só a ideia de apagar por essa fórmula uma das ultimas recordações da guerra, obriga nossa gratidão e nos impõe o dever de exprimí-la aos povos em cujo seio essa ideia germinou !

Acabamos de manifestar nosso reconhecimento ao povo brasileiro.

Agora vimos, ao mesmo tempo, manifestar o mesmo sentimento ao povo e ao governo argentino, ante seu digno representante.

A condenação de uma divida de guerra, começando a generalisar-se o exemplo da Republica Oriental do Uruguay, terá altissima significação moral na ordem internacional moderna.

Provará que a politica do egoísmo, que tem governado o mundo, vai desapparecendo pouco a pouco. E, poder-se-ha dizer, não sem razão, que ao menos na America existem povos bastante magnanimos para fazer acreditar na sua conducta, que a moral internacional progride, e que, felizmente, não é um sonho irrealizável a aspiração de verdadeira fraternidade — ante a qual hão de desapparecer as fronteiras e todos os homens se tornarão Irmãos !

Tinhamos razão, os que maldiziamos aquella guerra, respeitando, entretanto, o heroísmo dos nossos pais, porque, segundo a phrase de Alberdi : A injustiça da guerra não exclue a gloria do soldado !

Provará que estes povos não são solidarios com os erros dos seus governos e que, muito ao contrario, por acharem-se unidos pelos vínculos de sangue que nenhuma politica pôde romper, bastam as pulpitações do coração para cahir as barreiras que se levantam entre nações irmãs.

Queremos que pereçam todas as recordações odiosas.

Queremos que desappareçam todos os pretextos de rancores infundados,

Que vivam e alimentem todas as recordações glorioas ; que se multipliquem os laços de affecto ; que sómente resplandça o que é nobre, o que não deve morrer, o que é imperecível na ordem moral.

Os povos que hontem mediram e confundiram o seu heroísmo devem hoje unir-se estreitamente... E sopram ventos favoraveis à *Fraternidade* !

A Republica Argentina e o Chile acabam de dar exemplo de sensatez e de concordia com o seu ultimo arranjo diplomático.

Evitaram que o sólo americano fosse de novo manchado com sangue fratricida !

Desde que : « a victoria não dá direitos » como disse um dos vossos compatriotas : desde que se reconhece como FUNESTA A POLITICA DA CONQUISTA E DA ABORPÇÃO, em nenhuma parte, e principalmente nestes paizes onde abundam e sobram territorios, a unica victoria que devemos aspirar é a da razão e do direito para realizar-se a grande missão reservada à America Latina — na civilisação do futuro !

Sr. ministro ! Pedimos-vos que interpreteis junto ao vosso governo os sentimentos de gratidão que animam os paraguayos para com os irmãos do Prata. \*

#### Resposta do ministro Argentino

O digno ministro argentino, o Sr. Dr. Cabral, respondeu ao Sr. D. Manuel Dominguez nos seguintes termos :

« Senhores. — Interprete sincero dos afectuosos sentimentos do povo e governo que tenho a honra de representar, saúdo e agradeço em seu nome, ao povo paraguayo, esta manifestação de eloquente sympathia que synthetisa as suas luminosas projecções, o supremo ideial da CONFRATERNISACÃO UNIVERSAL.

Fraternizar entre os povos ! — eis o dogma do coração humano, a gloria da civilisação, a aspiração constante dos homens que pensam, da Republica Argentina ; o terreno, a

méta que é preciso conquistar em proveito de todos, em honra e felicidade das Repúblicas Americanas !

O governo e o povo paraguaio não podem abrigar a mínima dúvida quanto aos sentimentos amistosos da República Argentina e de seus propósitos de cooperar com a melhor boa vontade e esforços assim de que o Paraguai melhore e desenrole seus elementos de riqueza.

Estes alevantados e insuspeitos propósitos do governo argentino, bem conhecidos desde época remota nas esferas dirigentes do Paraguai, posso reiterá-los nesta solemne ocasião e mesmo acrescentar que hoje, como hontem, o meu governo conserva a mesma firme resolução de contribuir quanto seja possível para a prosperidade e engrandecimento desta heroica e abnegada Nação.

Sempre em momento opportuno, senhores, formulo fervorosos votos para que os vínculos de cordial amisado que nos ligam ao Paraguai, se estreitem cada vez mais ainda, firmando no concerto dos reciprocos interesses, a estabilidade de um seguro e risonho porvir.

E' para mim motivo de especial satisfação cumprir a grata tarefa que a sorte me designou, servindo de mensageiro à cerca do povo argentino, deste transcendental acontecimento na historia internacional de duas Repúblicas irmãs, tão vinculadas pela natureza como unidas em seus destinos. \*

Ambos oradores foram saudados com entusiasmo pela immensa multidão (1).

Resposta ao Sr. Ministro Itibérê da Cunha pela comissão  
Benjamin Constant

Como centro promotor das manifestações paraguaias, cabe-nos oppor algumas reflecções ao insolito discurso do

\* (1) Estes discursos foram traduzidos e publicados pelo *Centro Paraguayo* desta Capital, no *O País*.

Sr. ministro brasileiro em Assumpção, em nome dos «desnaturalizados sectarios que neste paiz pretendem substituir os sublimes sentimentos de patriotismo pelo AMOR DA HUMANIDADE, o embuste mais audaz que jámais se tem atirado à face do mundo! »

Não podendo sopitar as suas odiosidades monarchistas e clericais contra o positivismo, sob cuja inspiração Benjamin Constant e os moços seus discípulos baniram da America o ultimo vestigio do regimen das castas, o Sr. ministro desfazendo todas as conveniencias da solemnidade e do cargo que occupa, não hesitou em atrocamente injuriar-nos perante os nossos irmãos paraguayos, e na occasião em que o generoso povo se expandia em cumprimentos a nossa Patria.

Na qualidade de republicanos brasileiros só nos restaria deplorar que o nosso paiz fosse tão mal representado nesta festa de amor, se o espirito publico estivesse, em geral, nas condições de julgar por si do procedimento do nosso representante.

Por outro lado, « aquelles em quem revivem os intuitos de um pensador brasileiro, os herdeiros entusiastas do nobre sentimento que brotou da alma de Benjamin Constant, os que se deixaram commover pelas pulsações d'aquelle coração » se dariam por extremamente satisfeitos vendo a « nota dissonante » do pobre discurso do nosso patrício « abafada e dominada por torrentes de harmonia no concerto de reciproca fraternidade », pelo orgão do brilhante orador paraguayo, no seu bellissimo discurso à legação argentina. Esto « nobre e flagrante contraste » os compensaria de sobra da indelicadeza do Sr. ministro brasileiro.

Assim, só teríamos de agradecer effusivamente ao Dr. Manoel Dominguez e deplorar a nossa má sorte diplomática, se o Sr. Itiberê da Cunha se tivesse limitado a uma simples descortezia, com a qual já estamos de alguma sorte familiarizados.

Mas é que o representante brasileiro, pretendendo offendrer os seus compatriotas positivistas, revelou-se indelicado e

ao mesmo tempo ignorante, attribuindo ao positivismo uma falsidade de sua invenção ou de algum confrade seu.

Convém, pois, mostrar, em francas palavras, ao publico brasileiro e paraguayo, onde se acha o embuste de que falla o Sr. Itiberê, se no incomparavel monumento philosophico politico e religioso de Augusto Comte, ou se na verbiagem do nosso diplomata; se na genial coordenação que mereceu as sympathias de Benjamin Constant e de Juarez, ou se no phraseado do Sr. Itiberê.

Diz o Sr. ministro, neste discurso, em que a palavra Republica e o nome do seu fundador não são pronunciados uma só vez nas referencias ao Brazil, que os positivistas substituem os sentimentos patrióticos pelo Amor da Humanidade.

Dizer isto é tão extravagante como avançar a proposição de que substituimos a mathematica pela astronomia, a architectura pela escultura, a fabricação á agricultura, ou a moral á politica; porque, do mesmo modo que quanto ás affeções, a subordinação ahi se opera segundo o grão de nobreza ou dignidade.

Sem conhecer, talvez, sequer, exteriormente as obras de Augusto Comte e sem a minima competencia para julgal-as ou mesmo comprehendel-as, o Sr. Itiberê nem ao menos soube revelar o que o Mestre chamava *talento de discorrer sobre o que não entende*.

Para nós, as affeções humanas se estendem systematicamente da Familia á Patria e desta á Humanidade, segundo uma conveniente subordinação natural.

São tres termos distintos de uma mesma cultura moral, abrangendo successivamente o triplice aspecto de nossa sympathia: o *apego* ou sentimento domestico, a *veneração* ou o *affecto* cívico, a *bondade* ou a *fraternidade* universal.

E é tão impossível ao coração desprender-se da personalidade sem o intermedio da Familia, ou subir á Humanidade sem o intermediario da Patria, como é impossível ao espirito transpor qualquer dos termos da hierarchia encyclopedica.

E' tão absurdo dizer que subordinando-se a Patria á Humanidade, substituem-se as affeigões do segundo ser ás do primeiro, como o seria dizer que os antigos romanos, subordinando a vida domestica á existencia politica, substituam a Familia pela Patria.

Em uma palavra, ao contrario, deste erro crasso do nosso diplomata, o que é certo é que para o Positivismo o ponto de vista cívico é de tal sorte importante, que segundo esta doutrina o principal motivo que ha de concorrer no futuro á fragmентаção das grandes nacionalidades é o de ordem moral, de modo a tornar possível a cultura real do patriotismo, hoje demasiado vago pela extraordinaria extensão territorial das patrias.

Em todo caso, o supremo interesse do conjunto da especie humana domina tanto o individuo, como a familia e a Patria.

Ficam assim ennobrecidas e consolidadas as affeigões domesticas e cívicas, pela dignidade maior da fraternidade universal. E é a tudo isto que o Sr. ministro chama: *o embuste mais audaz que jamais se tem alirado à face do mundo!*

Bastam estas considerações para mostrar aos homens de boa fé o quanto andou errado o Sr. Itiberê da Cunha.

Francamente, não seria preferivel, já que tinha forçosamente de discursar, que se limitasse a *beber no pequeno copo* do litterato francez e a outras tiradas rhetoricas, ao envez de referir-se a assumpto que escapa totalmente ao alcance de suas vistos!

Quando muito seria perdoável que o Sr. ministro se tivesse limitado a nos chamar de *doidos*, isto é, a nos mimosear com o mesmíssimo epitheto que os seus velhos confrades escravocratas e monarchistas atiravam outr'ora contra os abolicionistas e republicanos.

Que esta lição lhe aproveite para os seus discursos futuros é o que sinceramente desejamos.

Ha ainda um outro ponto contra o qual devemos tambem deixar aqui o nosso energico e solemne protesto de verdadei.

ros republicanos, em nome ainda deste Amor da Humanidade que tanto ataca os nervos do Sr. ministro.

Diz o Sr. Itiberê, abalançando-se á *funebres previsões sociologicas* no meio do imponente cortejo cívico, que quando chegar o momento de apurar-se a *philosophia da historia* se reconhecerá que se acha escrito no livro dos insondáveis destinos, que um dia os dous povos brasileiro e paraguayo hão de misturar seu sangue generoso em homérica hecatombe para cimentar mais solidamente na *República do Paraguay* o edifício da sua independencia, etc. etc.

Não devemos consentir que, fallando-se em nome da nossa Patria, se atire um insulto desta ordem a dois povos irmãos.

Em primeiro lugar é descabido suspeitar das sinceras disposições fraternas da nobre e altiva República Argentina, que já tem dado sobrejas provas no terreno da fraternização americana, e ao depois é affrontoso pôr em dúvida o heroísmo comprovado da Patria Paraguaya, que por espaço de cinco annos mostrou como é que um povo defende o seu sólo sárgado.

Essa giria *insondável* do Sr. ministro é um resto de imperialismo impenitente e incurável, que está infinitamente longe de corresponder aos anhelos da Patria Brazileira.

E' preciso que os nossos irmãos do Prata saibam que o programma internacional do grande Benjamin Constant é a unica política americana em harmonia com as mais caras aspirações da alma republicana brazileira.

E com isto temos opposto o nosso protesto aos desvios imperdoáveis do Sr. ministro brasileiro em Assumpção.

Capital Federal, 10 de Abril de 1899 — 11º da República Brazileira.

Pela commissão Benjamin Constant

RAUL GUEDES. (1)

(1) Publicado n'O Paiz de 15 de Abril de 1899.

## Os Veteranos da Guerra

A sã politica é filha da Moral e da Razão  
JOSE' BONIFACIO

Fundou-se nesta Capital, ultimamente, a «Associação dos Veteranos da Guerra do Paraguai», não com o fim honroso, que todos esperavam, de relembrar datas em que foram triumphantes as armas das tres nações que com tanta bravura bateram-se contra a pequena Republica Paraguaya, onde, por mais de uma vez, commetteram actos de verdadeiro heroísmo, — mas com o fim politico, isto é, de fazer reviver odios internacionaes e de combater francamente a idéa sugerida por grande numero de republicanos brasileiros, de: — serem restituídos ao Paraguai os trophéos e cancelada a dívida resultante da guerra filha unicamente do capricho imperial.

O principal fundador dessa Associação foi o Sr. Arthur Silveira da Motta que pela sua dedicação pessoal a S. M. foi agraciado em tempo com o titulo de Barão de Jaceguay, (1) resolvendo depois da Republica, para não perder o «Jaceguay» firmar-se Arthur de Jaceguay e algumas vezes Almirante Jaceguay, para variar. Não lhe ficava bem assignar-se: Ex-barão de Jaceguay.

Na fundação dessa sociedade foi S. Ex. incansável.

---

(1) Vamos contar ao leitor como é que S. M. inventou esse nome. Como todos sabem S. M. tinha a monomania de falar o *guarany* e tinha o costume de dizer para todos, sobre qualquer assumpto que o cacegassem— «Já sei, já sei...». No palacio havia emponho em se fazer S. A. conceder um baronato ao Sr. Silveira da Motta. O Imperador já andava com os ouvidos cheios da dedicação do Sr. Motta, tão decentada a elle! Resolveu acceder aos pedidos, mas faltava-lhe um nome em *guarany*. Elle chamava o Sr. Motta de *Irahy* (que significa *feio*). Fallaram-lhe novamente e S. M. respondou— «Já sei, já sei ó o *Irahy*?... Pois bom fica sendo Barão de Jaceguay.»

E' para se lamentar que o illustre almirante tivesse sido tão infeliz no seu discurso de installação, seguindo a orientação monarchica de odios para os quaes não se encontram justificação possivel. Nesse discurso S. Ex. demonstrou que, ainda, os seus sentimentos se acham enraigados com os preconceitos do passado regimen, e que apesar de ter abraçado a Republica em 15 de novembro de 1889 continua a acalentar idéas e orientação monarchicas, como um dos mais humildes e dedicados servos, que foi de S. M. E' verdade que S. Ex. foi um dos mais leaes adhesistas, tanto que tem procurado demonstrar, sempre que é possivel, a sua *intransigencia*... Em 23 de novembro, apesar de amigo e admirador de Marechal Deodoro, era S. Ex. *custodista*, porque ao lado deste estava a Constituição Republicana... Em 6 de setembro de 1893 S. Ex. foi... *neutro*, isto é, tanto era amigo de Floriano como de Saldanha, mas triumphante o Marechal achou que, incontestavelmente, a razão estava ao lado do Marechal Floriano!

Veio o Sr. Dr. Prudente de Moraes e como era *amigo particular* do Sr. Elisiario Barbosa, não podia deixar de forma alguma de apoiar, com o seu grande prestigio, o governo do Sr. Prudente de Moraes. Foi *Prudentista* dos mais dedicados e, agora, dizem que S. Ex. exclama, por toda parte, que ainda não houve governo como o do Dr. Campos Salles, que é o Washington do Brazil. Aquelles, porém que, por um desvario mental, não acreditam na sua sinceridade, julgam que S. Ex. procede, tambem agora, assim, por calculo e, que igualmente calculo foi a fundação da associação aos veteranos da guerra «para se tornar mais saliente, e assim conseguir a sua reversão ao effectivo da armada e a sua eleição no logar de Wandenolk.»

Só quem desconheça por completo o patriotismo de S. Ex. será capaz de dar credito as estas balelas. Quem é que pôde desconhecer o seu enorme desinteresse, o seu enorme patriotismo, o seu enorme talento e a sua não menos enorme ilustração? Ninguem, a não ser algum inscensato.

Sómente nós não comprehendemos com que fim o ilustrado almirante procurou atacar o Paraguai, à propnganda e aos positivistas. Nisto é que S. Ex. não foi feliz, recebendo deste modo do Apostolado Positivista uma resposta esmagadora, provando que: truncou a seu geito a citação de Washington, que fez no seu infeliz discurso! Nos desculpará o illustre almirante si lamentamos o seu fracasso! Ainda outra:

E' incrivel que SOMENTE NO FIM DE 30 ANNOS se lembresse o Sr. Jaceguay de fundar essa corporação!

Si não tivesse havido essa propaganda favoravel ao Paraguai, isto é, com intuito de apagar resentimentos infundados, e iniciar-se assim uma politica toda fraternal, certamente, a esta hora, não teria S. Ex. lembrado ainda da fundação dessa sociedade. Desse modo o bravo almirante parece que ainda não comprehendeu bem a politica republicana a que aderiu com tanta presteza e convicção no dia 15 de novembro.

Dizem tambem aquelles que não conhecem o seu desinteresse de quanto é capaz que S. Ex. vai apresentar-se na vaga do Sr. Wandenolk, quando a verdade é: que apenas foram os seus amigos que se lembraram disso e, si porventura for eleito—fará o grande sacrificio—de aceitar, simplesmente *para servir a sua patria*!

Tambem dizem que S. Ex. faz empenho em voltar ao serviço activo da armada quando apenas tomou essa resolução a pedido e instancias dos seus numerosos amigos. JÁ foi apresentado ao Congresso o projecto para a sua reversão, mais um grande sacrificio que vai fazer em proveito da patria exclusivamente,—*já que a patria o exige*!

Quando fundou a Associação dos Veteranos, e modesto como é, não quiz a chesia nem as glorias, mas ainda assim o foram buscar no seu retiro para chefe, o que vio-se obrigado a aceitar a pedido dos seus muitos camaradas. O que mais o distingue é a sua excessiva modestia!

O Senado muito tem de ganhar com as suas luzes, si for eleito. Com certeza ter-se-ha em S. Ex. um outro Sr. Ladario

para pedir explicações ao P. E. diariamente, como esse senador o fazia. Ainda lebramo-nos, a propósito, da questão do concerto do Aquidabam nos estaleiros alemães, muito mais caro que outros, que o governo preferiu e que o Sr. Ladario denunciou, parecendo — um novo Panamá... Como S. Ex. é habilitado nos negócios da marinha certamente saberá o que de verdade haverá sobre o assunto, assim como sobre um outro negócio da casa Hauph Behn & Comp.; da venda ao governo de duas lanchas *Raja-gabaglia* e *Manso Sayão*, para a Escola Naval, mais tarde reconhecidas imprestáveis, no tempo do mesmo Sr. Elisiario; ainda uma outra história que por aí contam, com ou sem fundamento, de um fornecimento de *polvora deteriorada*, por muito bom preço ao governo; e ainda mais, da celebre *negociata* da venda de uns navios da Companhia Frigorífica (que antes o governo já havia rejeitado por 600:000\$000) pela quantia de tres mil e seiscentos contos de réis! Esta explendida transacção foi, ainda a tempo, denunciada pel' *O Paiz* e *Gazeta de Notícias*, o que... contrariou muita gente!...

Até hoje não se sabe quem foi o *médium* ou o advogado que tão habil se mostrou nesses negócios. Talvez o illustre almirante saiba quem seja, conhedor como é dos negócios da Marinha. Si S. Ex. fosse representante da nação certamente não deixaria passar essas monstruosidades.

Para terminar pedimos a S. Ex. a fineza de nos explicar o que é que o Sr. Teixeira Mendes quis dizer na resposta esmagadora que lhe deu pelo *Jornal do Commercio* de 20 de abril de 1899, principalmente no trecho que, reproduzindo o, gráfharemos:

Diz o Sr. Teixeira Mendes:.....

«Corria o anno de 1882 o Centro da Lavoura e do Commercio lembrou-se de promover uma propaganda a favor da imigração chineza, e para isso convocou reuniões públicas em sua séde. O Sr. almirante Silveira da Motta que *linha sido* nosso Embaixador junto ao Governo Chinez, a ele compareceu com o fim de fornecer esclarecimentos sobre trabalhadores

asiaticos, mostrando-se muito favoravel á introducção dos mesmos. O Sr. Miguel Lemos, nosso director, que tambem se achava presente para combater semelhante projecto, foi levado a dirigir ao Sr. Silveira da Motta, mais ou menos, as seguintes palavras :

« QUE LAMENTAVA VER UM MARINHEIRO ILLUSTRE, UM HEROE DA GUERRA DO PARAGUAY APOIANDO INTERESSES INDUSTRIALISTRAS. »

E' com esta ultima phrase, Sr. almirante, que ficamos estupefactos, pois parece-nos difficil que S. Ex. tão desinteressado e patriota pudesse « apoiar interesses industrialistas. »

Aqui terminamos por em quanto. Aguardamos sua resposta .. Em seguida damos a contestação com que o esmagou o Sr. Teixeira Mendes, já acima referida.

---

### RESPOSTA AO EX-BARÃO DE JACEGUAY

#### **Apostolado Positivista do Brazil**

A PROPOSITO DA RESTITUIÇÃO DOS TROPHEOS E DA DESISTÊNCIA DA DIVIDA PROVENIENTES DA GUERRA COM A NOSSA HEROICA IRMÃ A REPÚBLICA DO PARAGUAY (1).

---

Alistando-se no numero dos que, entre nós, se oppõem á patrioticá e humanitaria ideia de restituir os trophéos e desistir da divida provenientes da guerra que o Imperio Brazileiro sustentou contra a Republica do Paraguay, resolveu o Sr. Almirante Jaceguay promover a fundação de uma associação dos seus antigos camaradas.

---

(1) Do *Jornal do Commercio*, 2º de Abril de 1890. Irrespondivel como é, o Sr. Ex-Barão de Jaceguay não respondeu.

Lamentámos tal facto, desde que delle tivemos noticia; mas nem o estranhámos, nem tencionavamos offercer aos nossos concidadãos a minima observação a respeito delle. Erão essas as nossas disposições quando fomos sorprehendidos pelo ataque violento que o mesmo Sr. Almirante julgou que lhe cumpria dirigir contra nós, no discurso com que installou a mencionada associação.

Assim provocados, julgámos que o interesse publico exige da nosse parte algumas reflexões, para patentear a falta de fundamento da aggressão de que fomos alvo.

No discurso a que nos referimos ha dous pontos: 1º, o juizo do Sr. Almirante Jaceguay sobre o Positivismo; 2º, a apreciação do projecto de restituir os trophéos e, desistir da divida resultante da guerra com a Republica do Paraguay.

Quanto ao primeiro ponto, seria pueril emprehender qualquer exame doutrinario em artigos de jornal. Esse exame, nós o fazemos desde 1880, segundo os methodos que o assunto exige; e é justamente o modesto fructo de tal propaganda que sobresalta os nossos gratuitos adversarios.

Só nos resta, pois, em casos como este, oppôr á autoridade qualquer que possam ter os nossos detractores outra autoridade acima de qualquer suspeita para os corações honestos e os espiritos rectos.

Ora, nada é mais facil neste momento.

Com efeito, ninguem acreditará que o Sr. Almirante Jaceguay, ou qualquer dos veteranos da guerra do Paraguay, tenha mais patriotismo e mais talento para apreciar o Positivismo do que Benjamin Constant, que, além de tudo, foi tambem um dos mais dignos veteranos da guerra do Paraguay.

Portanto, as ironias e os apodos que o Sr. Almirante atirou contra a doutrina do Augusto Comte só podem causar a emoção que inspira o espectáculo de todo ataque injusto.

Vejamos o segundo ponto.

Afirmar que a guerra do Paraguay foi um crime não é afirmar que a Patria é criminosa. Porque a responsabilidade

da guerra não cabe à Patria, e sim aos directores da Patria naquelle época. A Patria é o conjunto das gerações passadas, futuras e presentes, que concorrem, em cada região da terra, para a existencia da Humanidade.

Os homens aos quaes as fatalidades historicas confiam os destinos de cada Patria agem, não só em virtude dos antecedentes nacionaes, mas tambem em virtude dos seus dotes pessoaes. De sorte que elles podem applicar as forças moraes, mentaes e praticas, que a patria lhes confia, não segundo a gloria da Patria, que é sempre a gloria da Humanidade, mas segundo as suggestões do orgulho, da vaidade e da ignorancia, quer dos individuos governantes, quer das classes dirigentes do publico, quer mesmo da massa popular.

E pôde-se admittir que os crimes e os erros de alguns homens, de algumas classes, de uma geração, sejam imputados às legiões dos mortos, cuja conducta constitue a negação de tal procedimento !

Pôde-se exigir que a posteridade se torne solidaria com os erros e os crimes pelos quaes alguns cidadãos aberrârão das tradições glorioas da massa nacional e humana ? Quem ousará jámais dizer que as monstruosidades de um Nero ou os crimes de um Bonaparte são imputaveis à Roma ou à França ? Todos nasceremos cidadãos de uma Patria; mas os nossos actos só se tornam actos da Patria quando a nossa conducta é a expressão das tradições nacionaes expurgadas do nosso orgulho, da nossa vaidade, das nossas paixões ruins, em uma palavra.

Tambem só uma extrema preocupação pessoal e a anarquia mental e moral da sociedade moderna permitem comprehender que se ouse apresentar a guerra do Paragnay como a maior gloria do Brazil. Que glórias militares brasileiras se rão jámais comparaveis a essa heroica luta hollandeza, que preservou a America do Sul do protestantismo e facilitou assim a instituição do regime definitivo da Humanidade, mantendo as conquistas moraes da idade média em uma imensa região do planeta ? Que glórias militares brasileiras se

podem comparar ao martyrio de Tiradentes, à Independencia, à abolição da escravidão, à proclamação da Republica, à generosa deposição do ultimo monarca, à instituição da liberdade espiritual, etc.!

Ninguem admittirá tampouco que o Sr. Almirante Jaceguay tenha autoridade philosophica ou moralista bastante para taxar de perversão da intelligencia e do senso moral um projecto que Benjamin Constant se honrou de fazer seu.

Quanto ao patrimonio moral de cada Patria, a moral e a razão ali estão para atestar que elle é constituído pelo conjunto das virtudes que a nação recebeu da Humanidade, quer devidas à iniciativa da Patria, quer provenientes do corcurso de outros povos. De sorte que só é incorporado a tal patrimônio aquillo que redunda em beneficio da Humanidade. Porém, os monumentos do orgulho, do odio, da carnificina, da anarchia moderna, em uma palavra, pertencem tanto ao patrimônio moral dos povos civilizados como os crâneos que os canibais hasteiam nas suas cabildas.

O Governo da Republica do Paraguay, pois, procederia de acordo com o mais escrupuloso decoro, se, em nome da Humanidade, requeresse ao Governo dos Estados Unidos do Brazil a restituição das sagradas relíquias que uma guerra fratricida nos entregou. E o Governo Brazileiro deveria sentir-se ufano de ser alvo de tal appello, porque elle indicaria a máxima confiança na nobreza dos nossos sentimentos. Tal rasgo, sim, constituiria eternamente uma contribuição para o patrimônio moral de ambas as nações.

As nossas tristes condições financeiras não podem justificar qualqner hesitação, quanto à desistência da dívida de uma guerra nefanda. Porque essa desistência é um *dever* que a Patria e a Humanidade nos impõem. E se a geração de hoje não cumprir esse dever, uma das futuras o ha de desempenhar.

Não é só a nossa generosidade que está empenhada nisso, é tambem a nossa honra. A objecção aqui é tão inadmissivel como a dos antigos senhores de escravos, vencedores das horras africanas, que invocabam os seus compromissos financei-

ros para não libertar aquelles que elles mantinham no captivoiro. As nossas dívidas têm que ser saldadas a custa do nosso trabalho e não com o sacrificio das virtudes que o civismo e a fraternidade universal nos impõem.

A restituição dos trophéos e a desistencia da dívida de guerra não importam em nenhum opprobrio para os que tiveram a infelicidade de tomar parte em semelhante luta. O opprobrio existirá para os que tiveram a responsabilidade do sacrificio de tanto civismo, de tantas vidas, de tantas riquezas, em prejuizo real do Brazil, do Paraguay, da Republica Argentina, do Uruguay, e da Humanidade. Póde-se assegurar que bem raros dos que tomaram parte nessa guerra deram-se ao trabalho de examinar os motivos reaes da sanguinolenta luta. A quasi totalidade bateu-se, como se bate o soldado, com a firme convicção de que servia à Patria. Mas se essa convicção bastou para alistar-los na immensa legião dos heróes militares, não basta para garantir-lhes que não tenham sido victimas de um grande erro. E esse erro a historia ha de apurar, sejam quaes forem as associações em contrario, formadas ou por formar.

Por outro lado além de odioso, é contrariar a verdade atribuir-nos o pensamento de confundir na mesma condenação a guerra e os que devotadamente tomaram nella parte, movidos pela noção que tinham do dever militar ou pela convicção de assim bem servir a Patria. Para o evidenciar bastará uma simples citação de um escripto do Apostolado Positivista do Brazil e a recordação de um episodio que se refere ao proprio Sr. Almirante Jaceguay, então Almirante Silveira da Motta.

A citação é a seguinte: Quando se realizou aqui a solene distribuição de medalhas commemorativas da fratricida guerra, sob o Governo de glorioso Marechal Floriano Peixoto, o Apostolado Positivista publicou um protesto contra semelhante solemnidade, no qual dizia :

«Estamos promptos a render preito à bravura e ao civismo de todos quantos nessa calamitosa quadra, tanto de um lado como de outro, souberam honrar o seu posto e cumprir com o

seu dever, tal como este se lhes apresentava então, através dos preconceitos e sophismas dominantes. Mas este reconhecimento individual a um Osorio, a um Barroso, a um Marcilio Dias, para só citar nomes nossos, difere profundamente da consagração collectiva e em globo — como facto historico — de uma guerra que, estamos certos, a posteridade ha de julgar severamente, votando á uma eterna reprovação as memorias daquelles que, promoveram, ou que barbaramente a prolongaram, sejam brasileiros, argentinos, uruguayos ou paraguayos.»

Agora, o episodio acima alludido.

Corria o anno de 1882 e o Centro da Lavonra e Commercio lembrou-se de promover uma propaganda a favor da imigração chineza, e para isso convocou reuniões publicas em sua séde. O Sr. *Almirante Silveira da Motta*, que tinha sido nosso *Embaixador junto ao Governo Chinez*, a elles compareceu, com o fim de fornecer esclarecimentos sobre trabalhadores asiaticos, mostrando-se muito favorável a introducção dos mesmos.

O Sr. Miguel Lemos, nosso director, que tambem se achava presente, para combater semelhante projecto, foi levado a dirigir ao Sr. Silveira da Motta, mais on menos, as seguintes palavras : « *Que lamentava ver um marinheiro illustre, um herói da guerra do Paraguai apoiando interesses industrialistas.* »

Já vê, pois, o publico que não é lícito attribuir-nos nenhuma desconsideração para com aquellos que serviram com honra na luta que politica e humanamente condemnamos. Deveremos, todavia, acrescentar que não partilhamos do preconceito vulgar de que os heróes militares constituem os maiores benemeritos da Patria, nem mesmo que sejam elles os que maiores provas de coragem cívica tenham dado. Qualquer homem que dignamente resiste á corrupção política ou industrial e prefere a miseria e a obscuridade ao abandono das suas convicções, testemunha mais coragem cívica do que todos os cidadãos que, em todos os tempos, têm arriscado a vida nos combates. A bravura guerreira é a mais rudimentar das vir-

tudes humanas, como inherentes à nossa constituição carniceira.

Em vez, pois, de declamações em nome do orgulho e da vaidade nacionais, pomposamente decorados com o epitheto de patriotismo, examinemos com sinceridade o nosso passado e reparemos os erros dos nossos pais. Não nos esqueçamos de que os seus dotes altruistas não os impedirão de praticar verdadeiros crimes, como foram o aniquilamento dos selvagens do nosso continente e a escravização dos africanos. Que o seu exemplo nos sirva, não só para imitar os suas virtudes, como para reparar as suas faltas, devidas principalmente à dissolução do Catholicismo desde o XIV seculo. E' essa dissolução que continua a ser a causa das nossas desgraças; e o meio unico de pôr-lhes termo é a victoria do Positivismo. Porque só essa religião, systematisando a scienzia e a industria pelo ascendente da fraternidade universal, produzirá a união das famílias em Patrias verdadeiramente livres e consagrará as Patrias no serviço eterno da Humanidade.

Quanto a Máximo Santos, faltam-nos elementos para formular sobre elle um juizo criterioso, embora não ignoremos as acusações que lhe são feitas. Mas, admittindo mesmo que elle tenha merecido a condenação da posteridade pelo conjunto da sua vida, estamos certos de que a posteridade tomará em alta conta a nobre iniciativa que lhe coube no projecto que, infelizmente, apóis dez annos de Republica, ainda é objecto de discussão no Brazil. Cumpre mesmo observar que o contraste entre a nobreza de tal iniciativa e a indignidade verificada do seu autor, em vez de causar surpresa, constituiria uma prova da oportunidade do projecto. Porque a historia demonstra que, quando as medidas politicas ou socias acham-se sufficientemente amadurecidas, elles podem ser realisadas pelos personagens menos credores de apreço, ou mesmo desprezíveis e execerandos. Sirva de exemplo Caracalla, proclamando cidadãos romanos todos os habitantes do Imperio. Ora, esse rasgo não bastou para absolver os seus crimes e tornal-o merecedor de glorificação.

A este proposito, informaremos ao Sr. Almirante Jaceguay que o calendario positivista não contém unicamente *santos*; ali se acham os principaes benemeritos da Humanidade, qualquer que tenha sido a natureza dos seus serviços. E' por isso que se encontram no referido calendario *heróes militares, heróes civis, inventores, navegantes, scientistas, philo sophos, poetas, musicos, pintores, escultores, architectos e santos*. Pelo mesmo motivo, todos os tipos alli mencionados merecem a gratidão da posteridade, mas bem poucos são os que podem constituir objecto de imitação. Com effeito, para inspirar o reconhecimento é sufficiente haver prestado *um serviço assinalado e difícil*; mas para servir de *modelo* é indispensavel que o benemerito seja pelo menos typo assás virtuoso no computo da sua vida privada e publica.

Talvez que esta indicação baste para que o Sr. Almirante Jaceguay comprehenda o motivo que levou Augusto Comte a collocar Francia na semana presidida por Cromwell, no mez de Frederico, o Grande, consagrado á glorificagão dos esforços para instituir a politica moderna. Taes esforços não podem ser apreciados convenientemente, sem as luzes de uma doutrina que permitta julgar os homens, tomando em conta a situação em que elles tiveram de agir. Seria inutil qualquer outra reflexão para patentear quanto é difícil julgar a obra do eminente fundador da nacionalidade paraguaya.

Para melhor estear as suas opiniões, o Sr. Almirante Jaceguay concluiu o seu discurso invocando algumas palavras de Washington. Nenhuma citação podia ser mais infeliz. Primeiramente, porque a maneira pela qual as palavras referidas foram destacadas do texto original alterou radicalmente a significação dellas. Em segundo lugar, porque no documento citado encontram-se conselhos que importam na approvação do projecto que o Sr. Almirante Jaceguay condenma. Para que os nossos concidadãos julguem por si da justeza do que afirmamos, transcrevemos os textos *integraes* e a traducção portugueza litteral.

Eis aqui o original da passagem de onde o Sr. Almirante extraio o primeiro periodo da sua citação :

« Harmony and a liberal intercourse with all nations, are recommended by policy, humanity, and interest. But even our commercial policy should hold an equal and impartial hand ; neither seeking nor granting favours or preferences ; consulting the natural course of things ; diffusing and diversifying by gentle means the streams of commerce, but forcing nothing ; establishing with powers so disposed, in order to give trade a stable course to definite the rights of our merchants, and to enable the government to support them conventional rules of intercourse, the best that, present circumstances and mutual opinion will permit, but temporary, and liable to be from time to time abandoned or varied as experience and circumstances shall dictate, constantly keeping in view, that it (aqui cosmeça a citação do Sr. Almirante Jaceguay) is folly in one nation to look for disinterested favours from another ; that it must pay with a portion of its independence for whatever it may accept under that character ; (aqui acaba a citação do Sr. Almirante) that by such acceptance it may place itself in the condition of having given equivalents for nominal favours, and yet of being reproached with ingratitude for not giving more. There can be no greater error than to expect, or calculate upon real favours from nation to nation. It is an illusion which experience must cure, which a just pride ought to discard. »

Eis aqui a traducção literal :

« A harmonia e relações liberaes com todas as nações são recomendadas pela política, pela humanidade e pelo interesse. Porém, mesmo a nossa *politica commercial* deve dar uma mão igual e imparcial; nem procurando nem concedendo favores ou preferencias; consultando o curso natural das coisas; diffundindo e diversificando por modos brandos as correntes do commercio, porém, nada forçando; estabelecendo com os potencias dispostas de modo a dar um curso estavel ao negocio, a definir os direitos dos nossos mercadores e habilitar

o Governo a apoia-los, regras convencionaes de commercio, que forem as melhores que as circumstancias presentes e a opiniao mutua permittirem, mas temporarias, e sujeitos a serem de tempos a tempos abandonadas ou variadas, conforme a experienca e as circumstancias o ditarem, tendo constantemente em vista que (aqui começa a primeira phrase citada pelo Snr. Almirante Jaceguay « é loucura em uma nação esperar favores desinteressados de outra; que aquella terá de pagar com uma porção de sua independencia qualquer cousa que aceitar com tal caracter » (acaba a citação do Snr. Almirante); que por tal aceitação aquella pôde collocar-se nas condições de ter dado favores reaes em troca de favores nominaes, e de ser todavia exprobada como ingrata, por não dar mais. Não pôde haver erro maior do que esperar favores reaes de nação á nação ou contar com elles. E' isso uma illusão, que a experienca deve curar, que um justo orgulho deve dissipar. »

Como se vê, trata-se de *relações commerciaes* unicamente e não de *relações moraes* entre as nações. Sem duvida, as opiniões de Washington, mesmo com esta restrição, são inspiradas por um estreito empirismo, explicavel pelos moveis egoistas que até hoje guiárão a vida industrial. No tempo de Washington ainda a politica e a moral estavão entregues á theologia e á metaphysica; a sciencia só tinha chegado á biologia. Além disso, os antecedentes protestantes do patriota americano tendião a acanhá os seus sentimentos e, portanto, as suas concepções sociaes. Mas, em todo o caso, se vê que a politica commercial elle aconselha e de perfeita *equidade*, de perfeita honestidade, embora perturbada pela desconfiança internacional.

Agora, o segundo periodo extrahido pelo Snr. Almirante Jaceguay:

Against the insidious wiles of foreign influence (I conjure you to believe me, fellow citizens) the jealousy of a free people ought to be constantly awake; since history and experience prove, that foreign influence is one of the most ba-

neful foes of republican government. (Aqui termina a citação do Sr. Almirante) But that jealously, to be useful, must be impartial; else it becomes the instrument of the very influence to be avoided, instead of a defence against it.»

Eis aqui a tradução literal:

«Contra os insidiosos artifícios da influencia estrangeira (eu vos conjuro a crer-me, meus concidadãos) o ciume de um povo livre deve estar continuamente alerta; pois que a historia e a experiência provão que a influencia estrangeira é um dos mais funestos inimigos de um governo republicano. (Aqui termina a citação do Sr. Almirante). Porém, esse ciume (continua Washington), para ser útil, deve ser imparcial; senão elle se torna o instrumento da mesma influencia que se deve evitar, em lugar de ser uma defesa contra ella.»

Este trecho *precede*, no documento de que se trata, aquelle que primeiro citou o Sr. Almirante. Como se vê, a citação integral mostra bem quanto o grande patriota americano temia os perigos do ciume nacional. Ao passo que a phrase destacada pelo Sr. Almirante levaria a atribuir a Washington a opinião de uma confiança cega em semelhante paixão egoísta. Isto é tanto mais grave quanto na sua tradução livre o Sr. Almirante faz Washington dizer que a influencia estrangeira é o *mais* cruel inimigo de *uma república*. Entretanto a phrase de Washington é que a influencia estrangeira é *um* dos mais funestos inimigos de *um governo republicano*.

Mas não é tudo; este trecho termina à nobre passagem, em que Washington se refere às *relações morais* entre as nações, e que o Sr. Almirante Jaceguay devia ter citado de preferencia. Porque esse topico é que nos pode conduzir a conceber qual seria a opinião de Washington sobre a guerra do Paraguay e sobre o projecto que o Sr. Almirante condemna.

Para edificação dos nossos concidadãos vamos citar algumas partes dessa passagem.

« Observe good faith and justice towards all nations; cultivate peace and harmony with all Religion and morality enjoin this conduct; and can it be that good policy does not equally enjoin it? it will be worthy of a free, enlightened, and, at no distant period, a great nation, to give to mankind the magnanimous and too, novel example of a people always guided by an exalted justice and benevolence. »

«...Antipathy in one nation against another, disposes each more readily to offer insult and injury, to lay hold of slight causes of umbrage, and to be haughty and intractable when accidental or trifling occasions of disput occur. Hence, frequent collisions, obstinate, envenomed, and bloody contests. The nation prompted by ill will and resentment sometimes impels to war the governement, contrary to the best calculations of policy. The government sometimes participates in the national propensity, and adopts through passion what reason would reject; at other times it makes the animosity of the nation subservient to projects of hostility, instigated by pride, ambition, and other sinister and pernicious motives. The peace often, sometimes perhaps the liberty of nations has been the victim. »

Eis aqui a traducao litteral;

« Observai a boa fé e a justiça para com todas as nações; cultivae a paz e a harmonia com todas. A religião e a moral prescrevem essa conducta; e pôde-se admittir que a boa politica não a prescreva igualmente? Digno será de uma livre, esclarecida e, em periodo não distante, grande nação dar ao genero humano o magnanimo e novissimo exemplo de um povo sempre guiado por uma exaltada justiça e benevolencia...»

...A antipathia de uma nação contra outra dispõe cada uma mais facilmente a dirigir insultos e injurias, a lançar mão de insignificantes causas de desconfiança, a ser arrogante e intratável quando sobrevem occasões accidentaes ou frivolas de disputa; dahi frequentes collisões, lutas obstinadas, envenenadas e sanguinarias. A nação, incitada pela má von-

tade e o ressentimento, por vezes impelle o Governo á guerra, contrariamente aos melhores calculos da politica. O Governo ás vezes participa da propensão nacional e adopta por paixão o que a razão teria rejeitado; outras vezes elle torna a animosidade, da nação subserviente a projectos de hostilidade instigado pelo orgulho, ambição e outros motivos sinistros e perniciosos. A paz frequentemente, ás vezes, por ventura, a liberdade das nações tem sido a vítima. »

A guerra do Paraguay confirma esta nobre apreciação; além de tudo, ella fez retardar a Abolição, a Republica e parou as questões militares dos ultimos tempos do Imperio.

Veem, pois, os nossos concidadãos que os conselhos que Washington dava aos seus compatriotas estão de acordo com os que decorrem do aphorismo politico proclamado pelo patriarca da nossa Independencia, o velho José Bonifacio: — « a sã politica é filha da moral e da razão ».

Nem admira que assim seja; porque ambos são representantes dessa gloriosa phalange de reformadores que nos fins do XVIII seculo emprehenderão directa e resolutamente a obra da regeneração humana. Infelizmente, a falta de doutrina scientifica, que é só o que pôde permitir a realização dos votos desses grandes homens, não deixou que elles resolvessem o problema cuja urgencia sentião. A dissolução do régimen theologico militar continuou, pois, cada vez mais agravada pelas devastações da metaphisica democratica, enquanto Augusto Comte elaborava a religião final. Hoje a doutrina existe, e a Humanidade apenas espera que surja outra legião de Frederico, Danton, Washington, Bolivar, Francia, Toussaint, José Bonifacio, etc., para pôr termo á revolução moderna.

Seja qual fôr a demora do advento dessa nobre pleiade, o passado da Humanidade nos garante que ella ha de surgir; e esta certeza nos basta para arrostar as iras e os desanimos dos nossos contemporaneos.

A' vista de tudo quanto precede, fica patente que nenhuma razão tem o Almirante Jaceguay para vir atacar uma doutrina que não conhece e um projecto cuja realização figurará entre as mais gloriosas das tradições legadas aos nossos filhos. E, em troca das offensas gratuitas que nos forão dirigidas, nos limitamos a fazer votos para que estas reflexões conduzão o Sr. Almirante a dar ao seu patriotismo um objecto mais em harmonia com as generosas tradições catholico-feudais da nossa raça e mais de acordo com as fraternas emoções internacionaes que hão de animar a Posteridade Brasileira.

Pelo Apostolado Positivista do Brazil,

R. TEIXEIRA MENDES, Vice-Director.

Rio de Janeiro, em nossa séde, 25 de Archimedes de 111  
(19 de Abril de 1899).

---

## Appello ao povo

APPELLO DIRIGIDO AOS VERDADEIROS REPUBLICANOS, NO  
DIA 2 DE MAIO DE 1899 PARA A RECEPÇÃO DO MINISTRO  
PARAGUAYO, DR. FERNANDO ITURBURU :

*Cidadãos* — Pondo inteiramente de lado as criticas superficiaes e descabidas daquelles que até hoje se têm tornado, em todos os tempos e em todos os lugares, os tristes órgãos de uma deploravel fermentação revolucionaria, vimos apresentar-vos o cordeal appello, sufficientemente motivado pela tocante elevação civica das nossas mutuas convicções politicas.

Dirigimo-nos ás almas honestas e esclarecidas, aos verdadeiros republicanos, animados da mais soberana e generosa indifferença para com os detractores quaesquer, por mais apavonados que sejam os titulos pedantescos com que a ignorancia servil e inepta os tenha procurado enfeitar.

Partidarios entusiastas do solemne projecto que emocionou a grande alma de Benjamin Constant — o immaculado fundador da Republica — o homem privado e publico que já offereceu em nosso paiz o maior numero de garantias moraes e mentaes, convidamos os nossos correligionarios ao cumprimento de um dever supremo, que decorre naturalmente do grandioso programma da sã politica republicana.

*Cidadãos* — A verdadeira significação e o legitimo alcance social que se realizou em nossa Patria a 15 de Novembro de 1889, não consiste essencialmente na demolição simultanea da realeza e da theologia, duplo preambulo necessario da grande regeneração moderna.

*Não se destrói sendão o que se substitue.*

Ao lado da eliminação imprescindivel destes dois destroços do velho e corrompido regimen theologico-militar, a trans-

formação republicana suppõe modificações radicais nos costumes, nas opiniões e nas instituições modernas.

D'ahi a verdadeira explicação do malogro completo das revoluções políticas dos nossos tempos e origem dos nossos dolorosos desastres de toda ordem.

Para a quasi totalidade dos nossos homens publicos, a monarchia cede inteiramente logar á Republica, quando ao antigo rei vitalicio succede um presidente eleito por um prazo que mal lhe permitte sequer orientar-se da situação geral dos negócios!

A par desta irrissória futilidade, permanecem necessariamente todos os velhos desmandos, todas as misérias sociais, aliás avultadas pelas novas ambições que a revolução traz consigo.

Não encaramos, porém, assim a grande obra de Benjamin Constant.

Para nós, a transformação política de 15 de novembro, como a revolução social de 13 de maio, impõe deveres de toda a ordem, cujo escrupuloso cumprimento afecta a grandeza moral e material da Patria.

Dentre todos estes deveres, cidadãos, sobresaem justamente os que dimanam das nossas relações internacionais as mais íntimas e delicadas. Necessariamente a Republica não pôde, nem deve herdar a política diplomática de receiosa desconfiança com que a monarchia nos tornou odiados no Prata.

O cavalheirismo republicano nos impõe para com os povos irmãos que cohabitam connosco a mesma porção do planeta, uma política internacional caracterizada pela mais afectuosa e sincera cortezia.

E a este respeito, a honrosa primazia já nos foi nobremente disputada pela mais poderosa dessas nacionalidades irmãs.

Festejando fraternalmente a nossa revolução social de 13 de Maio, e antecipando-se em ser a primeira nação do mundo a reconhecer oficialmente a Republica Brazileira, a patria

Argentina nos mostrou o caminho a seguir nessa sabia e santa direcção.

Perante esse quadro de enternecedoras emoções, em que apenas tocamos de leve, hesitem, pois, cidadãos, os infelizes, grandes ou pequenos, incapazes de saborear-lhe a magestosa grandeza.

Recuem apavorados os que a corrupção monarchica atrophiou moralmente para estes lances maravilhosos da grandeza humana.

Não nós, republicanos civis e militares; não nós que sentimos e assimilámos à prodigiosa acção moral e cívica de Benjamim Constant e Floriano Peixoto !

E' preciso que as patrias paraguaya, uruguaya e argentina saibam e comprchendam que no seio da Patria Brazileira se operam transformações profundas, ao influxo da doutrina que orientou Benjamim Constant e perante a qual os sophismas e as aberrações quaesquer se reduzem as suas verdadeiras proporções.

E' necessário fazer-lhes sentir que a élite da mocidade brazileira, o elemento director do futuro nacional, aceita irre-vogavelmente o problema republicano em seu conjunto e em suas mais vastas reacções internacionaes.

Em que pese aos tristes orgãos de todos os vicios da politicagem imperial, dentro de pouco tempo, cidadãos, começará para nossa Patria o seu periodo de reparação exterior, sem o qual,—urge que se o diga claramente,—permanecerá em aberto o problema da instalação nacional da verdadeira política republicana.

Gradualmente applicada, ella visará primeiro;—conforme o nobre projecto do grande patriota,—a principal victimá da desastrada guerra que a prepotente inepcia imperial desencadeou entre quatro povos irmãos.

Annulada energicamente a divida da guerra fraticida, e restituídos solemnemente os respectivos trophéos, teremos dispensado ao heroico Paraguay o que a nobre solicitude de verdadeiros irmãos nos impõe.

Assim será dada plena satisfação a este abençoado anhelo republicano de todas as almas nobres, tão antipathico aos vãos representantes dos odiosos preconceitos monarchicos.

A republica completará e consolidará a sabia politica de paz e prosperidade pela annulção solemne de todos os aviltantes tratados que a politica imperial impoz aos povos irmãos, principalmente daquelle que—*firmados em nome da Santissima e indivisivel Trindade*—os forçavam a restituir aos barbaros senhores as nossas desgraçadas compatriotas escravas, que procuravam fugir aos horrores da monstruosa instituição!

Dirigindo-nos, como nos dirigimos, aos verdadeiros patriotas, o que ahi fica é o quanto basta para despertar-lhes os melhores sentimentos que honram e enaltecem a alma humana. No meio da profunda depressão publica que caracteriza a situação actual, é mister que se faça sentir alguma coisa de grande e esperançoso, que recorde os dias *solemnnes da Patria*. Pois bem, cidadãos, dentro de dois dias estará entre nós o representante diplomatico dos nossos irmãos paraguayos. No dia 3, anniversario do descobrimento do Brazil, deve se achar em aguas da capital da Republica dos Estados Unidos do Brazil o Snr. Dr. Fernando Iturbúu; e o dever dos republicanos brasileiros está traçado pelos elevados sentimentos de fraternidade universal, que caracterizam as suas incomparaveis convicções. Repellindo os miseraveis sophismas dos nossos trapalhões politicos, quaesquer que elles sejam, precisamos e devemos fazer sentir ao valente e heroico Paraguay que a Patria Brazileira já começou a se desprender do seu erroneo passado e procura captar a doce estima e a inabalavel confiança de suas irmãs platinas.

Além, cidadãos, das razões de ordem moral que nos dictam essas fraternas disposições, existem elevados motivos de natureza politica.

Uma das victimas, dentre as nações da America do Sul, da indigna e insupportavel prepotencia dos governos e capi-

talistas europeos, vemos a necessidade de uma alliance sul-americana contra tão inqualificavel exploração.

Vencendo descabidos preconceitos e rivalidades, devemos repellir de commum accordo a tyrannia estrangeira pelos esforços combinados e engrandecidos das patrias irmãs.

Taes são sumariamente, cidadãos, os moveis que animam a commissão Benjamin Constant, e tal o appello que ella se julgou no dever de apresentar aos seus dignos correligionarios, em cujo concurso confia para brilho dessa to-cante manifestação ao nobre povo paraguayo, na pessoa de seu illustre representante.

Capital Federal, 1 de Maio de 1809—11º da Republica Brazileira.

RAUL GUEDES.

Pela commissão Benjamin Constant.

## Recepção do Ministro Paraguayo

No dia 30 de Abril de 1899 recebemos do CENTRO PARAGUAYO de Buenos Ayres comunicação da partida do nosso ministro, em 29, daquella Capital e imediatamente comunicamos á imprensa e a algumas corporações nossas amigas conforme pedido que nos haviam feito. Pelas indagações que fizemos soubemos que o paquete *Nilo* em que vinha o Sr. Iturbúru, teria de amanhecer neste porto no dia 3. Precisavamos, pois, estar a bordo logo cedo; assim marcamos a hora do embarque ás 6 1/2 horas. Era uma hora imprópria para os que não residissem no centro da cidade. Ainda assim a concorrência foi grande, indo as lanchas completamente cheias de convidados e pessoas do povo.

Coincidio a entrada do *Nilo* quando todas as fortalezas da barra e navios de guerra salvavam com vinte e um tiros cada um o dia 3 de Maio, que era data do descobrimento do Brazil. Dir-se-ia que era o pavilhão paraguayo que o *Nilo* trazia garrido no seu mastro principal, que era assim cumprimentado:

*O Paiz*, *O Jornal do Commercio* e *A Tribuna*, apesar da hora inconveniente, fizeram-se representar por um dos seus redactores, sendo: pel' *O Paiz* o Sr. Gomes da Silva e pelo *Jornal* o Sr. Coronel Ernesto Senna.

Transcrevemos agora a noticia dada pel' *O Paiz*, descrevendo a chegada e recepção que teve o Sr. F. Iturbúru:

« Chegou hontem a bordo do *Nilo* o Dr. Fernando Iturbúru, ministro plenipotenciario do Paraguay em missão especial junto ao nosso governo.

« O digno representante da nação amiga teve significativa recepção, não só por parte da colonia paraguaya como dos brasileiros.

« O *Nilo* amanheceu no porto desta Capital.

« Cerca das 7 horas da manhã, largaram do cais Pharoux as lanchas *Marechal Billencourt* e *Clarita*, conduzindo esta o commendador Joaquim Arsenio Cintra da Silva, consul do Paraguay; a commissão do Centro Paraguayo, composta dos Srs. Leonardo Torrents, Dr. Manoel del Castillo, Juan del Castillo, pharmaceutico Braz Antonio Duarte, Honorio Acosta, Adolpho Acosta, Marcos Ayala, Romão Maciel, Santiago Villalba, João de Freitas Travassos Filho e José Antonio Gamarrá; representantes do *Apostolado Positivista*, da commissão Benjamin Constant, do Club Republicano Benjamin Constant e da imprensa, diversos officiaes do exercito e outros cavaleiros, entre os quaes notamos o Dr. Raul Guedes, capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, capitão Gomes do Castro, 2<sup>os</sup> tenentes Ricardo Berredo, Armando Berredo, Neiva e José da Cruz Araujo, Dr. Generino dos Santos, Agiberto Xavier, 1<sup>o</sup> tenentes Graça Aranha e Montenegro Cordeiro.

« Em seguida ás visitas da saúde e polícia do porto e da Alfandega, saltaram a bordo do *Nilo* os manifestantes, que ocuparam o salão do paquete.

« O Dr. Fernando Iturbúru não se fez esperar, sendo apresentado ás pessoas presentes pelo consul do Paraguay.

« O Sr. Leonardo Torrents, presidente do Centro Paraguayo, pronunciou um discurso dando as boas vindas ao Dr. Iturbúru, fazendo votos para que sua missão seja coroada de feliz exito.

« Ao terminar, o Sr. Torrents ergueu vivas aos pavilhões tricolor, representado pelo Sr. ministro, e auri-verde pelos cidadãos presentes, « filhos da generosa Republica Brasileira.

« Ao Dr. Iturbúru foi entregue então uma caixa de veludo carmezim, forrada interiormente de setim das cores paraguayas, contendo um artístico cartão de prata, tendo gravadas as armas da Republica Paraguaya, dedicatoria e os nomes da commissão do Centro.

•Em nome do Apostolado Positivista orou o Sr. Monte negro Cordeiro, proferindo um inspirado discurso em hespanhol.

•Pela commissão Benjamin Constant fallou seu presidente Dr. Raul Guedes, que na pessoa do Dr. Iturbúrn, saudou a Republica do Paraguay fazendo votos para que se estreitem fortemente os laços de amisade entre paraguayos e brazileiros. Concluindo o seu discurso, o Dr. Raul Guedes offereceu ao representante da nação amiga a biographia de Benjamin Constant, em dois volumes bellamente encadernados, tendo a seguite dedicatoria :

•AO DIGNO REPRESENTANTE DA HEROICA PÁTRIA DE FRANCIA, CIDADÃO DR. D. FERNANDO ITURBURU, COMO O MAIS EXPRESSIVO PENHOR DOS SEUS SENTIMENTOS RELIGIOSOS E E ESPECIALMENTE DE REPARAÇÃO PARA COM A GLORIOSA VÍCTIMA DA NEFASTA POLÍTICA IMPERIAL NO PRATA—RIO, 2 DE MAIO DE 1899, 11º DA REPÚBLICA—A COMISSÃO BENJAMIN CONSTANT.»

•O capitão Dr. Gomes de Castro sandou em eloquentes phrases o ministro paraguayo.

•Em nome da imprensa fallou o coronel Ernesto Senna, do *Jornal do Commercio*.

A todas as saudações respondeu affectuosamente o Dr. Iturbúru.

---

•A's 9 horas da manhã desembarcou o Sr. ministro acompanhado dos manifestantes, dirigindo-se para o Hotel do Globo, onde foi servida uma taça de ehampagne, sendo trocadas amistosas saudações.

•A directoria do Centro Paraguayo convidou então o Dr. Iturbúru, representantes das diversas commissões e da imprensa a almoçarem no Sylvestre, para onde se dirigiram.

•Durante a viagem o illustre hospede, devastando o panorama da cidade, manifestou-se agradavelmente impressionado, sendo-lhe mostrado os pontos principaes desta capital.

•No restaurant do Sylvestre foi servido o piparo almoço.

«Ao champagne levantaram-se muitos brindes, entre os quaes destacámos o do commendador Cintra da Silva, que, como brazileiro, saudou a honrada colonia paraguaya, destacando o Sr. Leonardo Torrents; deste distincto negociante á redacção d'*O Paiz*, respondendo o nosso representante; do Dr. Iturbúru aos seus compatriotas e ao Brazil; do commendador Cintra da Silva ao Sr. Decoud, ministro da relações exteriores do Paraguay; do Sr. Adolpho Acosta ao Apostolado Positivista do Brazil e do Dr. Manoel del Castillo aos presidentes Drs. Campos Salles e Emilio Aceval.

«Durante a festa reinou a maior cordialidade.

«Descendo do Sylvestre, foi o Sr. ministro do Paraguay á Repartição Geral dos Telegraphos, comunicando ao seu governo a amistosa recepção que tivera.

«O Centro Paraguayo telegraphou ao jornal *La Prensa*, de Assumpção, dando noticia do modo por que fôra recebido o representante do Paraguay.

«O Dr. Fernando Iturbúru partiu hontem mesmo para Petropolis, de onde tenciona descer depois de amanhã.»

Segundo opinião do Sr. Cintra da Silva e representantes da imprensa, «ainda não tinha havido exemplo igual, isto é, de um ministro de uma nação estrangeira ser recebido da forma brilhante que o foi o do Paraguay, nesta capital.»

E' quanto basta para nossa satisfação intima, principalmente sendo a colonia paraguaya que a promoveu, a menor de todas as outras no Rio de Janeiro.

## A Balela da Annexação

« A ideia da annexação não tem aqui nenhuma aceitação, porque o passado gloriosissimo de nossa Patria é uma garantia segura do seu futuro, pois existe uma profunda fé em seus destinos, fô alimentada por outra parte, pelo ardente e entusiastico patriotismo de seus filhos.

Um povo como o parngunyo, em cujos corações borbulham as ideias supremas da Patria, morre, porém não se escravisa nunca! — J. C. CENTURION.—Maio, 2 de 1883. (Confidencial).

Andam por ahi uns tantos inconscientes do que dizem ou afirmam a espalhar que : o Brazil não deve desistir da dívida de guerra, porque a Republica Argentina tratará logo de annexar o Paraguay.

Isto é exactamente o que os argentinos diziam (com relação aos brasileiros) ultimamente, quando a imprensa Argentina começou a applaudir a ideia, de modo que : aqui ha receio que o Paraguay livre dessa dívida se lance aos braços dos argentinos ; e, na Republica Argentina no caso quo elles cancellem a dívida e o Brazil não, que este force o Paraguay a annexar ao Brazil.

Só o desconhecimento, por completo, da altivez dessa nação e do seu passado gloriosissimo de civismo, a toda prova, poderá por um momento, admittir a possibilidade do Paraguay annexar-se a qualquer dos dous paizes referidos, que foram antes de tudo : — os seus principaes algozes !

Quizesse o Paraguay annexar-se ao Brazil, à Argentina ou a qualquer outra nação — quem o impedirá ? A sua supposta dívida ?

Ainda mesmo que em direito fosse sustentável essa dívida, a nação que o annexasse tomaria de muito bom grado esse com-

promisso que é uma insignificancia diante da riqueza territorial do Paraguay, ainda mesmo depois da civilisadora PAR-  
TILHA !

Uma vez por todas fiquem sabendo que o *Paraguay* não se annexará nunca á nação alguma e mui principalmente ao *Brazil* e á *Argentina* aos quaes deve a sua desgraça actual. Se não conseguiram annexal-o logo, depois da guerra, muito mais difícil lhes será hoje ou amanhã...

O principal motivo porque o Paraguay não se annexará a esta ou áquella potencia é especialmente acima de todas as outras razões, pelo amor extraordinario que cada um dos seus filhos tem pela Patria. Desde o mais ilustrado até o mais ignorante homem do povo, coloca em primeiro logar, isto é antes da propria familia,—a sua Patria.

As mulheres paraguayas onzinham, assim, aos filhos, de modo que, para (pela força) uma nação conseguir annexal-o não bastará sómente eliminar o ultimo dos homens, será preciso eliminar tambem a ultima mulher que existir e mais do que isso — a ultima criança !

Talvez não exista povo que mais idolatria consagre á sua Nação do que o paraguayo. O sentimento patrio é em grão tão elevado, que parece até fanatismo. Basta recordarmos o que foi a ultima guerra e a parte activa que a mulher paraguaya exerceu nessa luta titanica para avaliarmos o valor desse fanatismo pela Nação que lhes deu o berço.

O fanatismo no Paraguay não era como aqui se pensava : synonymo de ignorancia ; «morrer no campo de batalha e resuscitar em Assumpção» e outras balelas inventadas no Paço de S. Christovão como as que se inventaram tambem ultimamente para o Antonio Conselheiro (Canudos) «caso (os jangos) morressem em combate iriam para o céo.»

Isso tudo é exploração propria da guerra e os cerebros pouco cultivados a vão aceitando com muito mais facilidade que os outros.

O fanatismo não é mais do que o amor em grão elevadissimo.

Vejamos a propósito um artigo que publicou no *Jornal do Commercio* um dos seus redactores, em 12 de Março de 1899 : ... «Si bem que vencido (e nem o podia deixar de ser) a campanha dos cinco annos foi pelo menos tão gloriosa para o Paraguai como para as nações aliadas.

Resistiram e combateram com um fervor de heroísmo dignos de melhor causa (1). Soldado mais valente do que o paraguayo, difficilmente se encontrará. Os officiaes que lá militaram são concordes a este respeito. Fanatismo ! objectarão alguns.

— Oh ! pensam os senhores, existir, por ventura algum genero de bravura e de intrepidez que não seja consequencia immediata do fanatismo ?

Fiquem certos de que o homem de sangue frio, não fanatizado por algum sentimento ou por alguma convicção, não passa de poltrão egoista e interesseiro.

*Heróe* é synonimo de *fanatico*. O denodo não raciocina. A intrepidez não reflecte. A temeridade é céga. O arrojo jamais se combina com a prudencia e a calma.

Os philosophos que verberam e condemnam o *Fanatismo* fingem ignorar que elle constitue a mola mais potente da humana individualidade. Em todos os termos... affirmo-o, sem espirito de paradoxo.

Fanatico não é tão sómente o soldado que morre em campo de batalha abraçado á sua bandeira; nem tão sómente o crente supersticioso e intolerante, capaz de queimar vivos todos aqueles que menospresarem a sua religião.

Fanaticos são os grandes sabios, promptos em sacrifcar a propria vida em holocausto á sciencia. Archimedes, Galiléo, Srerwet, Papin, Newton, Lavoisier, mil outros enfileiram-se em phalange gloriosa como *Fanaticos da Verdade*.

(1) Talvez ; mas, desfaziam a Patria, pois desconfiava-se da CIVILISACAO E DA LIBERDADE que os aliados bondosamente prometteram levar no Paraguai , e, infelizmente, confirmou-se esse receio pelo procedimento posterior dos aliados:

O famoso *Pur si muere* perpetuou a formula typica e immortal dos ardentes paladinos da verdade.

Naquellas épocas obscuras só os sabios muito corajosos e semi-doudos tinham o topete de oppor ao fanatismo religioso o fanatismo scientifico.

Afinal de contas, que vem a ser o amor, como paixão exclusiva e suprema, considerado no seu mais elevado aspecto ? Fanatismo pela pessoa amada. Qual a essencia do patriotismo ardente ? **FANATISMO PELA TERRA NATAL !**

..... Quem escreve estas linhas teve occasião de passar pelo Paraguay, muitos annos depois da guerra.

Na cidade de Assumpção entrando na casa de um barbeiro, comeceei a conversar com o mestre Figaro, segundo o costume usado em todas as casas desse genero dos douis hemisphérios, passados, presentes e futuros. A palestra naturalmente, descambou para a campanha de 1865-70. — Nenhum dos Paraguayos presentes havia tomado parte nella, pois eram ainda jovens.

Do assumpto guerra para a pessoa de Solano Lopez havia apenas um passo a dar.

Quando pronunciei o nome do Dictador, percebi um silêncio entre os círcumstantes (8 a 10). Ficaram todos taciturnos.

Pensando que aquelle silêncio significasse doce acquiescência ao que eu estava dizendo, animei-me a proseguir, accusando a Lopez de haver infelicitado tão bello paiz e compromettido o futuro de um povo tão valente, laborioso e honrado. Nenhuma bocca se abria para me responder *sim* ou *não*. Reparei que nas faces do official que me estava barbeando, se formavam as duas rosas do pudor, phénomeno sorprehendente.

Perguntei aos meus botões : estarei fazendo asneira ?

— Estava com effeito. Erguendo os olhos, por acaso, divisei o retrato de Solano Lopez, em moldura dourada, no centro da parede, em lugar de honra. Oh ! encalistração minha ! ..

Dezenove rosas de pudor affloráram-me ás bochechas.

— Os Paraguayos eram *fanaticos* á memoria de Lopez ; quando elles preferem a phrase *El Mariscal* dobram o joelho.

Por tradição ou veneração, no Paraguay pouquissima gente actual o conheceu.

Em toda a parte e em todas as casas existe o retrato de *El Mariscal*.

O povo em geral suspira por um outro Solano Lopez...

... Note-se que só me refiro ao *povo* paraguayo, aquelle que prefere falar o *guarany* ao hespanhol. Certamente não trato das classes superiores da sociedade. Estas são tão ilustradas e intelligentes como as classes superiores de outro qualque paiz. »

Eis ahi a especie de *fanatismo* que existia, existe e existirá no Paraguay : o Amor em grão elevado á loucura, se quizerem, pela Patria !

Esse *fanatismo* data antes da sua independencia e deve-o aos jesuitas por um lado e ao grande Francia por outro : aquelles formáram os primeiros homens que deviam aspirar a sua independencia da Metropole, — este como que fundio depois n'um só corpo e n'uma só alma o civismo e a nacionalidade paraguaya.

D'ahi a sua força já demonstrada e de quanto foi e será amanhã capaz o seu *fanatismo*, se forçoso for demonstral-o novamente.

Para os que não conhecem as tradições glorioas do Paraguay offereçemos aqui um ligeiro esboço :

Em 1810 — a Provincia do Paraguay abondonada ás suas forças, unicamente repellio as intimações que lhe fez o governo revolucionario de Buenos Ayres ; repellio-o no terreno diplomatico pela resolução do Congresso da Provincia, que não quiz reconhecer nenhuma autoridade que directamente não emanasse da Hespanha ; as repellio no campo de batalha vencendo em Paraguay e em Tacuary o exercito que vinha a subjugal-a. As negociações diplomaticas que se succederam,

cordadas pelo tratado de 12 de Outubro de 1811 asseguraram a independencia de Paraguay.

Em 1813 — o governo do Paraguay rompeu suas relações com Buenos Ayres, que se negava a dar a satisfação as suas queixas. As relações se renováram unicamente quando o Paraguay obteve as satisfações que reclamava.

Em 1814 — forças paraguayas invadiram o territorio Argentino para evitar uma invasão de que estava ameaçado nosso territorio.

Em 1818 — uma esquadilha paraguaya atacou o porto de Corrientes e exerceu actos de represalia pela forma que ostilisava ao nosso commercio na navegação do rio Paraná.

Em 1824 — Francia se negou perentoriamente a receber ao ministro Argentino Sr. Cossio, devido a conducta que o seu governo havia tido para com o Paraguay.

Em 1826 — Francia despedio ao enviado brasileiro Corrêa da Camara e cortou as comunicações com as províncias do Norte porque não attendia o Imperio as suas reclamações.

Em 1829 — Francia, como condicção prévia para renovar suas relações com o Brazil, exigio que se fixassem os limites do Paraguay, na parte septentrional e Oriental pelo Rio Branco e no Jaurú na parte occidental e, não sendo aceitas despachou ao encarregado de negocios que o Imperador lhe havia enviado.

Em 1831 — Francia protestou contra a venda feita pelo governo Argentino dos terrenos entre o Aguapey e o Uruguay, alegando sobre elles, em favor do Paraguay, direitos de soberania e ameaçando destruir todos os estabelecimentos que n'elle se fizessem,

Em 1842 — Forças paraguayas atacaram as da Republica do Rio Grande e as obrigaram a retirar-se do territorio nacional, que haviam violado despojando-as do que tinham tomado.

Em 1844 — o governo do Paraguay como ultimo recurso ameaçou ao de Corrientes de invadir essa Província, reunindo

numero exerce sobre a sua fronteira, obtendo unicamente assim a celebração do tratado de 2 de Dezembro que facilitou a navegação pelo rio Paraná.

Em 1845 — o Paraguai declarou guerra à Confederação Argentina e invadiu o seu território acto contínuo, depois de esgotados todos os meios suassorios. (1—12—45).

Em 1848 — Lopez expulsou, empregando a força, os Argentinos, das ilhas de Atajos e de Apipé no Paraná, ocupando-as em nome do Paraguai como era de seu direito.

Em 1849 — forças do nosso exército ocuparam militarmente o território da margem esquerda do Paraná, que nos disputavam, ha muito, a Confederação Argentina, sem título que a justificasse.

Em 1850 — expulsaram do Pan de Assucar as tropas brasileiras por ser essa montanha considerada como do Paraguai conforme Lopez reclamara, oferecendo documentos comprobatorios dos seus direitos.

Em 1853 — Lopez enviou os passaportes ao ministro brasileiro Pereira Leal e o fez sair do paiz por não guardar com o chefe do Estado o respeito devido.

Em 1854 — cassou o exequatur do Consul norte americano Hopkins por insolente.

Em 1855 — o navio de guerra norte-americano *Water-Witch* foi rechaçado, á bala, pelo forte de *Itapirú* por desobedecer as intimações que se lhe fizéram para retirar-se de um canal estratégico do Paraná, em que se havia introduzido.

Em 1855 — ainda uma poderosa esquadra brasileira foi enviada contra o Paraguai sob o commando do Sr. Pedro Ferreira de Oliveira para, empregando a força, apoiar as reclamações do imperio, e ao mesmo tempo em que nossas fronteiras terrestres eram ameaçadas pelos exercitos no Norte e Sul. O commandante das *Tres Bocas* negou passagem aos doze ou quatorze navios de guerra da esquadra que teve de largar ferro seguindo um unico navio *Amazonas* conduzindo o Sr. Oliveira até Assumpção, por ter sido o unico navio a quem se permitiu subir o rio. O Sr. Oliveira subscreveu um tratado

que apezar de honroso para si e sua nação (1) lhe valeo um conselho de guerra ao voltar ao Rio de Janeiro.

A Santa Sé negou se a investir do bispado a pessoa proposta pelo governo paraguayo e Lopez communicou a S. Santidade que não estava disposto a renunciar a nenhum dos seus direitos e que lamentaria, por desconhecer-ses S. Santidade, tivesse de ver separar-se da sua obediencia a egreja paraguaya.

O bispo proposto foi em continenti nomeado.

Em 1859 — o Paraguay garantio e prometteu fazer cumprir com suas forças, o tratado de paz entre Buenos Ayres e a Confederação Argentina.

Em 1864 — o Paraguay foi arrastado a uma guerra que tinha de durar quasi seis annos, contra tres potencias aliadas para defender a Republica Oriental do Uruguay da cilada do Imperio e da Argentina, os quaes, depois, conseguiram arrastar o proprio Uruguay tambem contra o Paraguay — que tão leal e amigo se havia mostrado para com elle !

Eis ahí ligeiramente o passado do Paraguay. Um povo como esse á quem desde o berço se ensina a amar e adorar a Patria ; onde o primeiro livro de leitura que se aprende no collegio é a « Historia Nacional » e o 2º livro a « Constituição da Republica », que, além disso, ha da parte das mães o especial empenho em inculcar no espirito dos filhos, desde a mais tenra idade até a sua adolescencia, o fanatismo pela Patria, trazendo-lhes viva na memoria, diariamente, o nome e os feitos dos seus principaes homens, — pôde sujeitar-se a todas as privações, a todas as calamidades, ás maiores das mizerias, menos : — o de perder a sua nacionalidade !

Vejamos agora, ligeiramente, o que sucede em Assunção, quando pela primeira vez chegou n'aquellea capital a noticia espalhada em Bueno Ayres de que havia começado uma

(1) Tratado de amizade commercio e navegação em 28 de Abril de 1856 — *La Prensa-Asuncion*.

propaganda com o fim, de conseguir a sua annexação á Republica Argentina:

Foi annos depois da ultima guerra. O Paraguai lutava como ainda hoje luta, para melhorar as suas pauperrimas finanças e impulsionar as suas fontes de riqueza de que a natureza o favoreceo. Materialmente porém lhe faltavam todos os recursos.

Espalhada em Buenos Ayres a propaganda, com o fim de verem a maneira pela qual seria recebida pelo Paraguai, para prosseguirem ou não; chegou a noticia imediatamente á Assumpção, e apesar das melhores relações cultivadas entre os dous Governos, houve logo protestos e os mais exaltados já queriam fazer *meetings* para pedir ao governo a entrega dos passaportes ao ministro Argentino.

Foi o Sr. Dr. Benjamin Aceval homem illustradissimo e em extremo patriota, irmão do actual presidente, quem primeiramente denunciou esse plano ou boato com insistencia espalhado em Buenos Ayres.

No mesmo dia em que, como já dissemos, chegou essa noticia á capital paraguaya, formaram-se grupos numerosos nas praças publicas; o povo em massa se levantou contra. Momentos depois a cidade estava em verdadeira revolução; grupos diversos percorriam as ruas empunhando a bandeira nacional e dando vivas á Republica! Boatos os mais terríveis espalhavam-se: «ter sido invadido pelo povo a legação Argentina; que já o governo havia marcado 24 horas ao ministro argentino para deixar a Republica; que o governo já havia posto um navio ás ordens da legação; que ia ser chamada ás armas toda guarda nacional e o povo». Piquete de cavalaria com armas embaladas percorrião as ruas nos pontos mais compactos; a legação fora guardada por ordem do governo; as casas commerciaes argenlianas foram tambem garantidas por forças embaladas... e o tumulto ia crescendo de momento a momento com maior intensidade, esperando-se a cada instante um encontro do povo mais esaltado com a força

armada que procurava garantir a vida dos cidadãos argentinos.

Outros grupos com bandas de musicas percorriam as ruas tocando dobrados e marchas triumphaes executadas no tempo da ultima guerra; parávão diante das residencias dos velhos officiaes que haviam deffendido a Patria e eram saudados ao toque do hymno nacional; mulheres sobraçando o filho e impunhando a bandeira tricolor...

Os jornaes começaram a afixar boletins e telegrammas de diversos logares do interior noticiando os levantes e a indignação, por toda parte, do povo; outros despachos pedião ao goverho forças para manter a ordem.

O Senado e Camara suspenderam a sessão, seguindo uns para o palacio a informar-se do que havia; outros ás praças publicas, para collocar-se ao lado do povo.

O governo multiplicava-se. Ao mesmo tempo que telegraphava para Buenos Ayres, e outros lugares recebendo as respostas e as respondendo novamente, tratava tambem de acalmar o povo e de tomar providencias para manter a ordem na capital e nos departamentos.

Discursos mais ou menos violentos pronunciaram-se em alguns pontos e *meetings*. N'uma das praças publicas surgiu a figura sympathica do velho soldado, um dos que mais tem honrado a sua patria, o General Caballero. O delirio augmentava pois não ha no Paraguay patriota que não o venere, tão alto soube elle pelo seu civismo, impor-se as consciencias puras do seu paiz. A massa popular tornava-se cada vez mais compacta, homens já idosos ainda com as cicatrizes das feridas semi-abertas da ultima guerra, apoiando-se ás bengalas lá estavam tambem; mulheres tendo ao colo o filhinho que lhes representava o futuro da Patria; homens, moços, enfim, desde o mais rico até o mais pobre lá estava, impulsionados todos pelo amor da Patria!

O General Caballero fallou ao povo, pedindo que tivesse calma e confiasse nas providencias que o governo da sua Patria saberia tomar, caso se confirmasse a ideia an-

nexionista dos argentinos; que tão disparatada era esse ideia que elle, desde já, garantia ao povo que, o governo argentino não a patrocinava nem a poderia patrocinar; que o Paraguay em hypothese alguma se annexaria à Argentina, nem ao Brasil, nem a nação alguma por mais forte que ella fosse; que sentiu-se orgulhoso de pertencer a um povo generoso mas tambem altivo e valente na defesa das suas instituições; que ao lado desse povo de tradições glorioas offereceria elle de novo a sua espada e o seu peito contra qualquer nação que pretendesse desconhecer a independencia do Paraguay! Em seguida pedio ao povo que se dispersasse, o que realisou-se.

O seu pequeno mas vibrante discurso foi ouvido pela compacta multidão no mais profundo silencio.

Os animos forão desse modo acalmando-se e nas ruas mais publicas em pequenos grupos, era esse facto (da annexação) *comicamente commentado*! Verificou-se depois que tudo não passára de um trama politico, ou melhor, de um balão de ensaio... A idéia morreto ao nascer; ninguem, hoje, que tenha um pouco de senso e que não soffra das facultades mentaes—admittirá siquer a possibilidade de um dia o Paraguay annexar-se a nenhuma nação e quanto essa annexação ao Brazil e Argentina é simplesmente irrisoria!

Só ha um meio unico de annexal-o, antes de perder de todo o seu civismo: é com a elliminação do ultimo homem, da ultima mulher e da ultima criança!

E é preciso notar-se que existe para com a Republica Argentina as melhores relações, pois que franqueia os seus portos aos productos paraguayos, sendo alguns apenas taxados de uma forma insignificante e, está sempre prompto a attender a qualquer pedido, nesse sentido do Paraguay, exactamente o contrario do que se dá com o Brazil, que taxou de tal forma os productos paraguayos e criou tacs difficolidades que pode-se dizer—fechou delicadamente e em absoluto os seus portos ao Commercio paraguayo.

No tempo do imperio isso teria explicação, se bem que ridicula, mas na Republica... decididamente não comprehendemos !

O Sr. General Julio Roca, actual presidente da Republica Argentina já manifestou em carta que foi publicada pela imprensa paraguaya—O PRAZER IMMENSO QUE SENTIA EM CAN-CELLAR A DIVIDA DE GUERRA E, QUE, A SUA REALISACAO, APE-NAS DEPENDERIA DO IGUAL PROCEDIMENTO DA PARTE DO BRASIL. A imprensa argentina foi e é favoravel tambem. Aqui... vamos ver o que resolverão os dous presidentes, n'estes poucos dias...

O illustre Sr. Dr. Campos Salles fez parte do governo provisorio, onde se distinguiu pelo seu talento e patriotismo. Foi companheiro de Benjamin Constant e de Quintino Bocayuva que foi e é sympathico a idéa; pôde-se pois garantir antecipadamente que o illustrado presidente o será tambem, conhecida como é a sua orientação republicana.

Temos tambem esperança que da conferencia dos dous eminentes homens de Estado, resultará igualmente, uma politica mais fraternal e, talvez : a União Americana. Diante da sorte que coube por fim ao heroico povo Cubano que, apesar de votado pelo congresso americano, a independencia desse archipelago ainda não a vimos realizada ; diante da politica seguida nas Philipinas de expansão territorial ; diante do caso do Amazonas e da questão do Acre, precisa a America do Sul pensar NO DIA D'AMANHÃ e pôr-se á guarda dos executores da politica de MONROE quo... a querem fazer talvez extensiva até o polo Sul do nosso continente ! A União Americana ha tanto tempo sonhada por Quintino Bocayuva, crêmos chegado o momento de IMPOR-SE como uma necessidade, mais do que isso como o unico meio talvez de garantirmos no futuro a integridade territorial de cada uma das nações da America do Sul, da cobiça Européa e Norte Americana !

Esta classe de ANNEXAÇÃO (si é que pôde ter esse nome), sim, que o Paraguay abraçará com immenso jubilo !

Que da proxima conferencia entre os dous estadistas nasça uma nova era de paz, progresso e união offensiva e defensiva, de toda a America e que, assim a Historia registre os nomes desses dous vultos com gratidão e respeito, é o que desejamos nos dous illustres republicanos.

## DIREITOS DE IMPORTAÇÃO

Dos productos paraguayos na Republica Argentina

Para servir de confronto com os direitos aduaneiros brasileiros:

### FUMO EM FOLHA

Em 1874	pagava por kilogramma	\$ 0,50	cent.
> 1895	> > >	> 0,30	>
> 1896	> > >	> 0,15	>
> 1897	> > >	> 0,12	>

### HERVA MATTE

*Anteriormente :*

Moida em terços de couro, por cada

kilogramma ..... > 0,6 >

Em folha, por cada kilogramma..... > 0,2 >

*Actualmente :*

Moida em terços de couro, por cada

kilogramma ..... > 0,4 >

Em folha, por cada kilogramma..... > 0,1 1/2 >

## MADEIRAS

*Anteriormente :*

Toda a qualidade de madeiras, in-	
clusive cedro.....	§ 25 %

*Actualmente :*

Madeiras em geral.....	> 25 %
Cedro.....	> 15 %

## EXTRACTO DE QUEBRACHO

*Anteriormente, por cada kilogramma > 0,15 >**Actualmente, por cada kilogramma > 0,8 >*

Canna de assucar, fructas frescas e legumes que o Paraguai exporta tambem em grande quantidade para a Republica Argentina sao, absolutamente livres do direitos.

E' incontestavel que o governo argentino tem auxiliado assim a exportação paraguaya ao passo que o Brazil vedou, por meio de direitos absurdos, os seus mercados a essa Nação.

## Brazil-Paraguay

AO EMILIO ROUEDE.

O abismo de odios cavado pela politica imperial entre o Brazil e o Paraguay—a que me referi num dos artigos da série precedente—*prova o atraço moral do vencido* affirma convictamente Emilio Rouede.

E' deploravel esta logica. *Aos vencedores é que cabe sempre a generosa iniciativa do perdão e do esquecimento.* Querer que o vencido, o humilhado, a VICTIMA SACRIFICADA nos interesses do mais forte, seja quem olvide as lutas passadas e a vehemencia dos odios reinantes, é exigir da natureza humana um excepcional esforço de abnegação que só deparamos raramente, naquelles individuos cuja organisação moral roça pelos esplendores da santidade.

O ADVERSARIO GENEROSO, quando triunpha, sente uma inclinação irresistivel para perdoar, para sympathizar com o inimigo subjugado, para alliviar piedosamente o ardor das chagas abertas na alma desfalecida dos vencidos.

Emilio Rouede, em cuja penna irrequieta o paradoxo esvoaça como um beija flor doirado e rutilante—pensa o contrario disso, entende que o vencido, sob pena de ser julgado em lamentavel atraço moral, deve rojar-se humildosamente aos pés do triumphador orgulhoso e mendigar-lhe um perdão ignobil e aviltante...

Mas si o Paraguay, mantendo contra nós o seu odio de potencia derrotada e enfraquecida, mostra com semelhantes sentimentos um grande atraço moral, NÃO SEI ENTÃO QUE É QUE MOSTRAMOS NÓS OUTROS, A MAIORIA DOS BRAZILEIROS, que, apezar de vencedores altaneiros e arrogantes, não temos piedade para com o vencido, e antes pelo contrario, vota-

*mos-lhes um rancor violento e pernicioz*, que o transcorrer dos annos não conseguiu amainar e que a todo momento se patenteia, ora nos protestos explosivos dos veteranos da campanha, ora na oposição que as classes armadas levantam contra a projectada restituição dos inglorios trophéos, ora na algazarra trefega e alvorotada do jornalismo contemporaneo, que explora industrialmente os episodios quaesquer surgidos à tona da publicidade.

Para o meu contendor o povo paraguayo é um povo *anemico, apathico, enfraquecido*, justamente porque se conservou quasi isento da mesola, que eu considerei espuria, da colonisação europea, graças á patriotica e solicita energia do illustre e previdente Francia.

E' este um dos muitos paradoxos que Emilio Rouede não pôde sustentar a serio, deante da historia do Paraguay e dos ensinamentos da sciencia positiva.

Não é anemico, nem enfraquecido e nem apathico o valente povo que durante cerca de seis annos resistiu sósinho á guerra exterminadora que lhe moveram tres formidaveis exercitos olligados e que, no longo periodo da accidentada e asperrima campanha, passou estoicamente por angustiosas attribulagões e dolorosos revezes, affrontando com civico destemor as inclemencias da natureza e as correrias hostis da solidadesca adversa !

Não é anemico nem enfraquecido o povo que em linha recta descendê da brava nação aborigene dos guarany's, esse povo que, sem hesitar, acercou-se do seu chefe supremo na hora solemne do perigo, disposto a venoer ou morrer ao seu lado na defesa heroica da pátria invadida e conquistada e da qual os estrangeiros vitoriosos os separavam dia a dia tornando cada vez mais remotas, mais longinquas, mais afastadas e distantes as suas encantadoras e melancolicas paragens!

Com que afflictivo aperto d'alma não viam elles desaparcer ante os seus olhos a grande terra natal, com a sua cordilheira alta em oujas lombadas a canelleira silvestre exhala aromas inebriantes; com as suas planicies fecundas

e illuminadas que o rodar pesado das carretas de guerra desfiorou e estiolou; com as suas lagoas tranquillas e remançosas de ondas azues, levemente arropiadas pelo sôpro do terral...

A' riba solitaria dessas lagoas misteriosas, as donzellas paraguayas iam descuidosamente ouvir outrôra a enternecida confidencia dos moços enamorados, emquanto que hoje alli vão avelhentadas e soluçantes, chorar e rezar, por noites fóra, em recordação dos noivos esbeltos que os canhões avidamente devoraram, mas cujos beijos como que ainda pairam errantes na mesma diaphana athmosphera, à margem sombria das mesmas aguas, sob o docel emmaranhado dos mesmos bosques floridos, nos raios scintillantes do mesmo limpido luar...

Não é apathico nem enfraquecido o legendario povo que França, em menos de uma geração, ensinou a fazer duas co-lheitas annuas, a amar as artes e a estimar a industria, e que agora resurge bellamente dos escombros de uma derrota fúnesta que talou os seus campos, devastou os seus lares, reduziu o seu povo, desfalcou os seus haveres, converteu uma patria, laboriosamente organisada, num montão informe de ruinas amalgamadas.

Para amar, para pensar e para agir—é preciso saugue; eis o que nos ensina a physiologia positiva, e si o povo paraguayo fosse um debil conjunto de individuos decrepitos e anemicos NÃO SABERIA AMAR COM TANTO ARDOR O SEU TORRÃO, VENEEAR COM TANTA FIDELIDADE O SEU CHEFE, DEFENDER COM TAMANHO DENODO A HONRA DA SUA BANDEIRA E A INTEGRIDADE DA SUA GRANDE PATRIA !

A colonisação européa lucrou tanto ou mais que nós com o cruzamento americano. Si ella nos trouxe o desenvolvimento scientifico, o progresso industrial, a cultura das bellas artes, as commodidades requintadas, os preciosos proventos da civilisação occidental, nós lhe transfundimos nas veias um sangue juvenil e impetuoso, a energia indomavel do caracter americano, a robustez physica da nossa organisação, com que a velha Europa, exausta, depauperada e corrompida, politica

e religiosamente, viu-se renascer e rejuvenescer nas terras que o genio de Colombo lhe revelou!

O occidente gasto, envelhecido e anarchisado, cuja organisação social se esbarroindará com o rompimento da admirável unidade catholica, transmittiu-nos para aqui, a par das suas vastas conquistas mentaes e moraes, todos os vicios e fermentos da sua avançada decomposição, caracterizados em todos os aspectos da vida humana, tanto individual como collectiva, por um excesso brutal do orgulho e das outras paixões inferiores e por uma lastimavel escassez de bondade e corretivos sentimentos de sympathia e altruismo.

Emilio Reueda conta me ainda um commovente episodio relativo ao *abolitionismo* do ex-imperador do Brazil. Essa narrativa pertence aos dominios da legenda; a historia, em seus documentos irrefutaveis pinta-nos Pedro II como um typo exactamente opposto ao que Reueda nos descreveo.

Pedro II foi escravocrata, e para não romper a sua antiga solidariedade com os defensores da criminosa instituição, exilou-se para a Europa, deixando á princeza regente a responsabilidade e os encargos da iniciativa abolitionista.

Vejamos o que nos diz a historia imparcial a este respeito.

Desde 1825 que José Bonifacio, na sua celebre *Representação* (que a Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro de Santos, mandou reeditar em opusculo) reclamava energicamente a abolição da escravatura.

No entretanto, só depois do pronunciamento decisivo da Inglaterra é que o imperio decretou a 4 de Setembro de 1850 providencias tendentes á repressão do trafico de africanos, trafico este que só se extinguiu totalmente seis annos depois. Os africanos intitulados *livres*, só foram realmente emancipados pelo decreto de 24 de Setembro de 1864, e apezar do decreto de 28 de Dezembro de 1853 que os considerava alforriados 14 annos depois do dito decreto, isto é, em 1867.

Os escravos pertencentes á nação e os que eram de usufructo privativo da coroa apenas um 28 de Setembro de

1871, pela lei Rio Branco, conseguiram sua liberdade, sendo em 1866, durante a guerra contra Lopez, libertados aqueles que estivessem nos casos de servir no exercito em operações.

Até 1871 os escravos ERAM VENDIDOS EM LEILÕES PUBLICOS COMO SIMPLES MERCADORIAS, E AS MÃES ERAM ARRANCADAS AOS FILHOS MENORES E OS MARÍDOS E ÁS ESPOSAS, CONFORME O GRADO, OS INTERESSES E MUITAS VEZES O BES-TIAL INSTINTO DOS COMPRADORES. A lei de 1871 amenizou até certo ponto essa monstruosidade, não permitindo a venda das mães separadamente dos filhos menores de 14 annos.

Até 1886 —dous annos apenas antes da abolição e um anno após a agitação de que surgiu o gabinete Dantas—o imperador manteve o artigo 60 do código criminal que punia com a pena de 50 *uçoutes por dia* os réos escravos e até 1887 vigorou a lei de 10 de Junho de 1835 que impunha aos captivos a pena de morte SEM RECURSO ALGUM.

Em 1885 era promulgada a lei Saraiva marcando preço para libertação dos escravos, e em 1888 realizada por facto de apoio em contrario das classes militares, a redempção inmediata, como si o acontecimento que se deu neste anno não se pudesse dar tres annos antes.

Foram estes os actos abolicionistas do segundo imperador, para não tornarmos a fallar no celebre tratado, feito em nome da SANTÍSSIMA E INDIVISÍVEL TRINDADE, obrigando a Republica Oriental, depois da campanha de 1851-52, a restituir ao imperio todos os escravos que fugissem para o território daquella nação platina !

ALBERTO SOUZA.

NOTA: Um dos artigos, da serie, publicados no editorial «Diario de Santos» — (Santos, S. Paulo).

## Opinião da Imprensa Argentina

### SOBRE A ENTREGA DOS TROPHÉOS E DESISTENCIA DA DIVIDA

*O País* no edictorial de 24 de Março de 1899 publicou o seguinte :

— Eis o que a respeito da propaganda escrevem *La Prensa* importante jornal de Buenos Ayres, em edictorial de 1º do corrente :

« Entre as iniciativas que se têm feito no inicio do novo governo do Paraguay, figura uma, que tem sido aceita com sympathia pelas reuniões populares que se estão celebrando por esse motivo em Assumpção e que estamos convencidos que ha de contar com a adhesão do povo e governo argentino.

Referimos-nos ao proposito, segundo consta, de dirigir-se aquelle governo aos do Brazil e Argentina, solicitando a desistencia da divida que tem com estas Nações, motivada pela guerra da triplice aliança, acto cuja realização significaria por nossa parte — o de fazer patentes os sentimentos amistosos e de sincera sympathia que *La Prensa* tem defendido em todos os assumptos que se relacionam com essa Nação.

*A guerra da triplite aliança não foi uma luta contra o povo Paraguayo e sim uma operação politico-militar combinada a destruir uma tyrannia, que ameaçava ao Rio da Prata e que mantinha n'um doloroso estado de atrazo social e economico, a um paiz a que nos uniam os vinculos da commun origem e de uma amisade tradicional.*

Terminou a campanha militar com a desapparição do tyranno e com este as causas que motiveram essa momentanea suspensão de relações. Que a Argentina não brigou com o Paraguay senão contra a tyrannia, demonstra a sua attitudo posterior com esse povo ; que jánais abrigou propositos de

conquista tanto que submetteu á arbitragem a pendencia da villa Occidental ; que nunca nenhuma vantagem quiz ou pretendeu obter da victoria das armas, como prova-o nunca tendo feito a minima questão para cobrar a dívida de guerra, que como acto legitimo foi reconhecida.

Com estes antecedentes e dado o pé de relações em quo encontra-se actualmente o Paraguay, a Argentina e o Brazil sem pleitos de qualidade alguma entro elles que pertubem sua acção diplomática, cremos com inteira convicção que nenhuma circunstancia pôde ser motivo para que por nossos irmãos do Paraguay não seja satisfeita a nobre aspiração, que alimenta seu povo e o seu governo.

Até agora a Argentina, fundada em reservas que obedeciam a um sentimento generoso, fazia nossos vizinhos do Paraguay, considerado menos forte, não tinha feito ainda iniciativa alguma tendente á eliminação dessa dívida, porém, desde o momento que ella surgiu, cumpre pôr-se a seu serviço, SUSTENTAL-A COM TODO EMPENHO E LEVAR A SATISFAÇÃO DO PVO ARGENTINO AO CONHECIMENTO DO GABINETE BRAZILEIRO PARA QUE UNIDOS OS DOIS POVOS NA REALISACÃO DE TÃO NOBRES E ELEVADOS SENTIMENTOS PATENTEIEM AO MUNDO ESTE BRILHANTE EXEMPLO DE VERDADEIRA AMISADE ENTRE OS POVOS DA AMÉRICA DO SUL, que ennobrece por igual ao que esquece a dívida como ao devedor, porque demonstra que um e outro têm sabido collocar-se no terreno da cordialidade que em tais actos podem realizar-se com o aplauso unânime das tres Nações.

As chancelarias de Buenos Ayres e do Rio de Janeiro deverão combinar sobre o assumpto, antecipando a qualquer acto do governo paraguayo, resolve-o com amplos e generosos sentimentos de concordia, ou seja formulando sua renuncia absoluta á dívida por indemnizações de guerra.

SEGUROS ESTAMOS DE QUÉ A GENEROSA NAÇÃO BRAZILEIRA HA DE REOERER COM VIVA SYMPATHIA ESTA INICIATIVA E QUE SEUS GOVERNANTES SE APRESSARÃO EM LEVAL-A A EFFEITO.

A desistencia desse credito em nada affectará o desenvolvimento economico do Brazil e da Argentina, que possuem fontes de recursos em abundancia.

Em troca o Paraguay que vem lutando pela sua reconstrução e tirando do seu solo os elementos para assegurar seus destinos se lhe abrirão as portas do credito exterior a que tanto affecta a existencia de uma divida desta natureza, relativamente pesada, considerando a potencia economica dessa Nação.

Idéas generosas e grandes como essa triumpham sempre.»

*La Nacion*, importante jornal de Buenos Ayres, faz no seu edictorial de 10 do mez passado, sob o titulo «A divida do Paraguay», as seguintes considerações:

«Já nos manifestámos DESDE O PRIMEIRO MOMENTO ADHERINDO, SEM RETICENCIAS, A SYMPATHICA INICIATIVA DE NOSSOS COMPATRIOTAS, RESIDENTES EM ASSUMPÇÃO, para que se liberte o Paraguay da divida de guerra que tem com o Brazil.

Achamo-nos no periodo de pacificação internacional, em que se trata de estreitar os vinculos de amisade, de fomentar relações e sympathias, de fazer desaparecer os vestígios de lutas passadas, de riscar e apagar animosidades que não têm razão de existir. Não ha de encontrar, por conseguinte, nem da parte dos governos, e menos ainda da parte dos povos, obstáculos insanáveis a uma iniciativa conciliadora, cujo efeito moral seria ainda maior que o efeito material, pois revelaria o desejo de contribuir ao renascimento de um povo, que conta com dotes e recursos suficientes para conquistar um lugar saliente entre as nações sul-americanas.

Cumpria ao Brazil adoptar *em primeiro lugar tal iniciativa*, e é natural que com efeito tenha tomado a Associação Republicana daquella Republica, sendo de esperar que encontrará écho sympathico em outras corporações dessa Nação.

ENTRE NÓS «TÉM TIDO O MELHOR ACOLHIMENTO, ASSIM COMO NO SEIO DA OPINIÃO DOS PODERES PÚBLICOS DA REPÚBLICA, QUE ESTÃO DISPOSTOS A COADJUVAR O SEU MELHOR EXITO, PARA CUJO FIM RECEBERÁ INSTRUÇÕES NOSSO REPRESENTANTE NO BRAZIL.»

Convém dissipar do horizonte internacional esta nuvem para entregar-se unicamente aos labores da paz e do trabalho, permittindo que a elas se dediquem tambem da melhor forma possivel as nações que nos rodeiam.» (1).

---

(1) Editorial d'*O País* do 14 de Abril de 1899.

## A dívida e os trophéos

Uma das folhas de maior prestigio no Estado de Minas Geraes, *A Gazeta de Oliveira*, publicou no seu editorial de 19 do Março de 1899 o seguinte artigo, que transcrevemos pelo conceito que essa folha nos merece :

« Accentúam-se cada vez mais as sympathias pelo Paraguay.

E são justas, concordemos. Precisavamos harmonizar de vez este continente sul-americano para que elle possa ser forte e respeitado.

Não sejamos pessimistas. O Paraguay é uma nação valente e nobre que bem merece as nossas sympathias. Que culpa têm os povos com os erros de seus governos ? Travou-se entre a pequena e heroica nação e o Brazil uma luta cruenta e penosa por motivos futeis e nulos.

Hoje, volvidos annos de labor e esquecimento, não é natural que entreguemos os trophéos de guerra que o heroísmo brasileiro conquistou dos paraguayos, uma vez que elles nolos pedem ? Não é natural tambem que, embora pobres e em más condições financeiras, relevemos-lhe a dívida proveniente do erro dessa campanha desnecessaria ?

Sim ! Perdoemos e tornar nos-hemos grandes. As acções generosas engraudecem sempre e nós nada mais seremos com esse compromisso com que onerámos a Republica amiga.

Projectam-se festas ruidosas em homenagem ao ministro prestes a chegar e já se acham organisadas as principaes comissões e o programma a observar-se no dia do seu desembarque, ao qual concorrerão inúmeras embarcações conduzindo representantes de todas as classes e a colonia paraguaya aqui residente.

O perdão da dívida e a entrega dos trophéos estão, ao que assegura-se, resolvidos pelo governo brasileiro, e contam

com o apoio da população inteira desta capital e quiçá do Brasil. »

Concluimos com a phrase de *La Prensa*, de Buenos Ayres, sobre o mesmo assumpto: « Idéas grandes e generosas, como esta, triumpham sempre ! »

---

## De omni re...

BRAZIL - PARAGUAY

### VII

« Io parlo per ver diro,  
« Non per odio d'altrui, n'è per disprezzo. »  
PETRARCA. *Canzone IV-29*, pag. 333.

Antes de proseguir em nossos despreteniosos artigos sobre a questão Brazil-Paraguay, cumpre-nos tratar de um facto que a esta bem de perto se refere e que exige desde já a maior attenção por parte dos nossos concidadãos republicanos.

Notícia um telegramma de Assumpção, recentemente transmittido á grande imprensa, que uma gazeta daquella capital lançou aos ventos da publicidade a idéa de fundar-se alli uma associação com o fim de propugnar pela annexação da Republica Paraguaya á Argentina.

E que direito temos nós de censurar o Paraguay, por querer atirar-se aos braços da Argentina? E se isto, porventura, se realizar, não caberá tão sómente á *desorientada política* brasileira a culpa de um acontecimento que a sua alçada competia ter evitado a todo transe, visto poderem resultar delle obstaculos funestos á nossa Patria?

O Paraguay tem menos queixas da Argentina que do Brazil. Com aquella não teve attritos antes da guerra de 1864, e, durante esta, elle contava certo com as sympathias de grande parte da sua vizinha meridional. Mitre não consultou a maioria dos seus compatriotas, para commetter o grave erro de entrar na triplice alliance; tanto assim que o contingente da sua nação, a principio de 11.000 homens, baixou depois e até o fim da luta a pouco mais de 4.000 combatentes.

Os federalistas argentinos almejavam a victoria de Lopez, a qual seria a victoria de seu partido. O terrivel caudilho D. Justo Urquiza, omnipotente em Entre Rios e exactamente o mesmo que em 1851, se alliara a Pedro II contra Oribe e Rosas, não forneceu um unico soldado contra o dictador de Assumpção. Terminada a campanha, a Argentina, que tantos proventos soube auferir da luta, quasi rompeu relações com o Brazil por querer este negociar a paz separadamente, e bem pôde-se dizer que o que ella temia era que ao *mais forte coubesse o maior quinhão na partilha dos territorios avidamente cubiçados* e dos trophéos encharcados no sangue de milhares de martyres.

Os resquicios odientes desappareceram depressa entre as duas ribeirinhas da margem direita do Paraná: identica fórmā de governo, relações sociaes, civis e commerceaes intimas, tudo contribuiu para o rapido deslumbramento das mutuas affrontas bellicas.

Ponha-se agora em parallelō a esse o procedimento posterior do Brazil. Em vez de approximar-se do Paraguay, para que o Paraguay se approximasse de nós, restituindo-lhe os trophéos e perdoando-lhe a dívida de guerra, no que não faria mais que satisfazer uma digna aspiração humanitaria, tanto mais honrosa para nossa Patria quanto sabe-se que ella, em territorio e população, é mais de 30 vezes superior à terra de Francia, a maioria dos nossos politicos e folclorarios vivem a crivar a misera nação de baldões e doestos, completamente improprios da generosidade brazileira, reavivando agravos que a magnanimidade e a ternura das nossas concidadãs ha de fatalmente estigmatizar, no dia em que elles puderem bem avaliar o horripilante martyrio da mulher paraguaya.

E não é só isso. A nossa diplomacia, que não soube obstar a que a Argentina se assenhoreasse de Martin Garcia, ilha que domina a entrada do Prata e que nos garantiria a passagem para Matto Grosso, e o nosso governo, que não curou nunca de ligar Cuyabá e Assumpção a um bom porto do Atlântico brazileiro, como Santos, chamiando para o nosso

lado o commercio paraguayo; — a nossa diplomacia e o nosso governo, como nos é lícito deduzir de taes incurias, são bem capazes de acreditar que os generaes J. B. Eguzquiza, B. Caballero e Escobar, todos tres ex-presidentes do Paraguai, o coronel Centurion e J. S. Decoud, dois notaveis estadistas e diplomatas, *não gosam de influencia política na sua patria*, conforme já se contou á imprensa do Rio. Por um pouco que nos ia cahindo do bico da pena o tão conhecido — *quod gratuitè affirmatur, gratuitè negatur*. Porventura bastaria um só golpe de despiedoso montante de uma *carta ex-diplomatica* para aniquilar inteiramente o prestigio de tantos homens illustres, a que obedecem tantos *jefes* locaes, aferrados, como aqui, e lá por mais necessidade ainda, a directores centraes?

Tem causado extranheza a orgãos da imprensa fluminense a attitude dos jornaes da capital Paraguaya no tocante á devolução dos trophéos e desistencia da dívida por parte do Brazil.

Só quem conhece a nobre altivez e indomita energia d'aquelle povo heróe pôde bem avaliar e bem prezar a dignidade com que elle encara e espera o cumprimento do nosso inividuel dever para com a sua Patria.

Ao Brazil cumpre, de facto, arrepender-se solemnemente do hediondo peccado do egoismo monarchico; e tal arrependimento, longe de deshonrar a nossa Patria, a ennobreeria ainda mais aos olhos de todos aquelles em cujos corações palpitassem, ao menos, uma fibra de acendrado amor e de elevando patriotismo.

Se a monarchia ainda existisse nesta terra, nós nos teríamos remettido a completo silencio no tocante á questão paraguaya, porque ao extinto regimen ficava tão bem guardar os sangrentos trophéos da sua barbara conquista, quanto não lhe ficára mal o ter alicerçado o throno vascillante e de pouca duração com os cadaveres de tantos compatriotas nossos, ferozmente immolados á sanha brutal, a atroz selvatiqueza dos belleguins da realeza bragantina.

Mas, repudiando a monarchia, o Brazil deve tambem repudiar tudo o que ella nos legou de funesto e odioso, como, por exemplo, teria repudiado a escravidão moderna, si a Republica precedesse á abolição.

Se a nossa Patria fosse já Republica em 1864, pôde-se assegurar que não se teria dado a collisão com o Paraguai, pois a guerra que a monarchia a este moveu não passou de um capricho palaciano, açulado por fataes antecedentes historicos, como havemos de elucidar dentro em pouco.

Os trophéos e a divida de guerra são, portanto, só e só da monarchia, e extirpada esta do nosso sólo, as sinistras reliquias com que ella profanou os templos da fé catholica devem voltar ás mãos dos seus legitimos donos—os heróes que sobreviveram á terribilissima hecatombe de sua brava nação.

Não podemos deixar de dirigir um entusiastico aplauso aos jornalistas de Assumpção, que estão dando provas inequivocas da cavalheirosa hombridade que sempre distinguiu a terra paraguaya.

E esperamos tambem que o talentoso diplomata, que deve chegar em breve ao Rio de Janeiro, diga ao chefe do governo brasileiro:—O PARAGUAY NÃO PEDE, PORQUE NÃO SABE E NÃO DEVE PEDIR, APENAS AGUARDA, CONFIANTE, QUE O BRAZIL, ONDE NÃO HA MAIS REIS QUE ANTEPONHAM, O INTERESSE PESSOAL AOS INTERESSES COLLECTIVOS, CUM普RA O NOBRE DEVER DE SALDAR PARA COM O PARAGUAY A DIVIDA QUE A HUMANIDADE IMPÔE A TODOS OS SEUS DIGNOS FILHOS —RECONHECER AS FALTAS DE UMA INFELIZ QUADRA DE DES-ORIENTAÇÕES MESQUINHAS E APAGAR-LHES OS TRISTES VESTIGIOS POR MEIO DE UMA BEM ORIENTADA CONDUCTA DE SINCERA CONFRATERNISACÃO.

Em meio aos travosos amargores que nos causam as provações por que vae passando a Republica Brazileira, nada nos consola mais que a doce esperança de ver a nossa Patria

tão grande moralmente, perante o concerto das nações occidentaes, quanto ella é grande em territorio !

Então, em vez de assemelhar-se ao monstro horaciano, pois os trophéos paraguayos serão sempre nódoas sanguinas na tunica alvissima da Republica—a imagem da Patria, despidos os mal agourados adorno que ella herdou da monarchia, constituirá para nós, os verdadeiros crentes da fé republicana, o vexillo que nos ha de guiar, numa Ordem invejavel, para um invejavel Progresso !

BAZILIO DE MORAES. (1)

---

(1) Um dos muitos artigos publicados na columna de honra pelo importante jornal da Capital de S. Paulo—«Correio Paulistano». L.T.

## Fragments Historicos

Trechos de cartas escriptas por Benjamin Constant á sua esposa :

« ... Minha querida, diz-se que por todo este mez, começarão as operaçōes decisivas. Não tenho, porém, fé nisto, apezar de haver por aqui algum movimento de preparativos. O que fôr soará .. Não sei se isto foi realmente com o fim de escolher o melhor plano, ou se foi algum pequeno ensaio de algum grande *baile de mascaras* que se pretende dar. Na discussão que houve espendi com toda a franqueza o meu fraco modo de pensar, disse algumas verdades, que não são boas de ouvir-se, propuz algumas medidas que me pareceram indispensaveis, tornei-me, como dizem os adulões — inconveniente — combati a idéa de deixar-se 2.000 homens no Curuzú, expostos a um golpe de mão, pois que a esquadra tem de subir, sem que delles se possa tirar o minimo proveito; mas disseram que era indispensavel sustentar aquella posição *onde levamos muita pancada...* »

Como já disse, o que fôr soará. O que eu realmente deijo é que esta *porcaria* acabe o mais depressa possivel... Tenho-me exposto já muito e muito para que ninguem suponha que fujo ao perigo e felizmente ninguem ha que ponha isso em duvida (dos que cá estão) mas digo com toda a franqueza que tenho tido até remorsos disso, attendendo á *pessima* direcção que vão levando as nossas cousas, o abandono criminoso em que são deixadas e o nenhum resultado util que disso se tira para o militar, ou para o paiz. A HISTORIA IMPARCIAL HA DE UM DIA ANALYSAR COM SINCERIDADE JUSTA TODOS ESTES MEDONHOS EPISODIOS TODO CRIME QUE TEM AQUI COMMETIDO O NOSSO GOVERNO, os nossos diplomatas e os nossos generaes, exceptuando os muito raros... »

(Paraguay — Curupaiti, 6 de Março de 1867 — 35<sup>a</sup> carta.)

• No dia 11 de Março pelas 11 1/2 horas da manhã, aproximou-se um piquete de cavalaria trazendo bandeira branca; mandei imediatamente cessar fogo nas linhas e dirigi-me para um laranjal para onde ia o piquete. Quando cheguei estavam os officiaes apeando-se; dirigi-me ao capitão paraguayo que comandava o piquete e perguntei-lhe com quem desejava falar.

Disse-me que com um capitão oriental seu conhecido afim de que elle pedisse ao Marquez por parte de Lopez licença para que o ministro norte-americano que estava no Paraguai passasse ao acampamento aliado, mandei chamar o capitão e eu enquanto o esperava estive conversando com os officiaes paraguayos. Chegaram outros officiaes nossos. Gostei muito de conversar com elles, achei-os muito trataveis, muitissimos delicados. Estavamos conversando quando da bateria fizeram tiros de bombas sobre as linhas paraguayas, disse-nos o capitão (em castelhano): « Vêm os senhores: « apesar de trazermos bandeira branca soffremos fogo por todo o caminho. » Notei-lhe que os paraguayos provocaram-nos a isso por isso que fizeram fogo mesmo durante a passagem do piquete. Disse-nos que um engano de horas era causa disso, mas que afiançava-nos que dentro em cinco minutos haveria completa suspensão de hostilidades, o que de facto se deu.

O capitão, offereceu-nos charutos e como estávamos fumando não aceitamos, eu fiz um cigarro e offereci-lhe: disse-me o capitão, com ar risonho: « eu desejava aceitar o seu cigarro, porém não quizeram aceitar os charutos que lhes offereci e por isso obrigam me a não aceitar o seu offerecimento. » Disse-lho que não tínhamos aceitado porque estávamos fumando, mas que aceitavamos agora para provar-lhes que não havia a menor intenção de molestar-los; então trouxemos os cigarros, elles deram-nos laranjas, etc.

Chegou o capitão por quem esperavamos, e então retiramo-nos. Foi um dia de festa em todo o exercito; os nossos sol-

dados trepavam sobre as trincheiras para conversarem com os paraguayos.

Eu fui a uma trincheira paraguaya, estive conversando com o oficial que elogiou muito os brazileiros, referindo-se ao ataque de Curupaiti.

A's 4 horas, estava o ministro com o Marquez. No fim de dois dias o Marquez cortou a questão de propostas de paz de que o ministro era mensageiro, dizendo que *tinha ordem do seu governo para não fazer trato algum com Lopez*, que, se elle se retirasse, estava feita a paz e diga-lhe (disse o Marquez) que: « *ao inimigo que se retira se fornece uma ponte de ouro ! !...* »

(Paraguay— Tuyuti, 20 de Março de 1867—36<sup>a</sup> carta).

.....  
« Os correntinos andam assustadíssimos. A epidemia já está em Itapirú e aproxima-se do exercito. Que fatalidade para o nosso desgraçado Brazil !

Parece que o céo cansou de protejer-nos, aborreceu-se de ver que não aproveitamos a sua extrema protecção á que unicamente devemos algum exito que a principio tivemos, *não obstante a pessima direcção de nossos governantes sem prestígio, sem fé, sem brio !*

(Corrientes, 3 de Abril de 1867.—39<sup>a</sup> carta.)

.....  
« ...Os jornaes da Corte têm dito que a esquadra já subiu acima de Curupayti, que tem arrazado estas fortificações, apresentam até um grande numero de mortos em cada bombardeio e *tudo isto é completamente falso*. A esquadra ainda não chegou á estacada de Curupayti, quanto mais ir além, *não arrazou cousa alguma*. Da posição em que está tem feito é verdade, fortíssimos bombardeios que devem ter causado danos ao inimigo; mas ninguém pôde saber quaes são esses danos; porque ninguém vê as muralhas de Curupayti, da esquadra ou do 2º corpo; ha em frente á ellas uma matta que as encobre completamente ás nossas vistas. ....

(Corrientes, 5 de Abril de 1867. — 40<sup>a</sup> cart.)

«...ESTA INFELIZ GUEARRA pouco tempo pôde durar : o inimigo está mais que fraco e o nosso paiz mais que cansado de sacrificios de gente e de dinheiro : a continuaçao deste estado de cousas exige um augmento de sacrificios de gente e dinheiro que é um impossivel para o nosso paiz.»

(Paraguay, Tujuty, 5 de Junho de 1867.)

.... N'um supplemento do *Jornal do Commercio* de 4 de Maio vem uma carta de um francez que elogia muito os trabalhos de fortificação, caminhos cobertos novamente construidos á direita da bateria de D. Leopoldina (antiga dos morteiros).

Não sei quem é esse francez, nem se elle cá esteve realmente, o que é facto é que o elogiado foi o chefe da commissão de engenheiros e que, quem fez estes trabalhos fui eu, mas assim é que se escreve a historia ! »

(Paraguay, Tuyuti, 7 de Junho de 1867, 50<sup>a</sup> carta).

.... Depois que o exercito se poz em marcha temos tido pequenos encontros, sendo os de Tuyucué no dia 2 e 3, os mais importantes, pois, havia uma soffrivel força paraguaya, posto que a de Ozorio que as bateu, fosse muitissimo maior. Ahi morreram no dia 2 perto de 100 paraguayos, houve alguns feridos e prisioneiros e nossos muito poucos ou quasi nenhum fóra de combate...

Neste combate os paraguayos mostraram quanto são valentes e dedicados a Lopez; morrem mas não se rendem.

N'um pequeno encontro que houve no dia seguinte vi quantos são bravos e fanaticos pelo—El Supremo — estas desgraçadas victimas do despotismo de Lopez.

Deu-se o seguinte: um piquete de cavallaria paraguaya composto de 10 praças ao mando de um official, foi completamente cercado por um corpo da cavallaria de Ozorio, fecharam e apertaram o circulo e, o commandante disse-lhes que se rendessem que se não seriam mortos. As lângas e as espadas dos nossos soldados reflectiam aos raios do sol e em cada uma

viam elles a morte que os esperava se tentassem resistir ou se não quizessem se entregar ; mas no meio d'aquelle circulo de lanças que se apertava cada vez mais, diante da morte, aqueles homens—heróes não se esqueceram do juramento prestado ao seu despótico chefe, não se esquecem das ordens recebidas ; este juramento, estas ordens tinham para elles mais valor que a vida, responderam que não se entregavam porque não tinham ordem do supremo governo ; repetia-lhe o comandante de nossas forças que então iam ser mortos ; responderam com a maior calma — morreremos pois ! — e o comandante agitando a lança e dando viravoltas com ella, gritava : — « *Nó se rendan Uds, sejamos Paraguayos hasta la tumba !* » Então começou a scena a mais horrorosa que se pôde observar ; as cabeças de uns eram arrancadas do tronco á um só golpe de espada, as dos outros rachadas a espada atirava longe os miolos, alguns eram arrancados de cima dos cavalos atravessad os pelas lanças e no paroximo da morte mordiam as astes torcendo-se em horriveis convulsões, o sangue esguichando das feridas salpicava aos nossos soldados ; d'ahi a pouco: nada mais havia que, um montão de cadáveres, ou por outra: um monte de postas.....

(Paraguai — Bordo do Cuevas, 7 Julho 86).

..... A seu pai, em Itapiçú, 23 Janeiro 67:

.... Manda se tocar retirar quando o exercito tem transposto as trincheiras inimigas (16 e 18 de Maio), vejo que é a columna cerrada a disposição mais predilecta para atacar os pontos fortificados avançando-se sobre bocas de fogo, que vomitam bombas, granadas, cachos de uvas, laternetas, etc., (brilhante feito de Curuzú e Curupayti), que a infanteria *foge espavorida* ao grito de —ahi vem cavallaria ! — que substitui o grito atterrador que o Conde Lippe imaginava (vê-se isto todos os dias) (tactica em ação !), o acampamento de um corpo, de uma divisão, com o flanco ou rectaguarda voltada para o inimigo (castramentação !), um exercito invasor que não quer que se provoque o inimigo, recebendo sempre, em primeiro lugar, o fogo do inimigo invadido e respondendo

com acanhamento por ordem superior (talvez que ainda mandem os nossos batalhões fazerem fogo uns contra os outros para ver se assim acabam os Paraguayos ! (energia !), um marasmo completo nas operações de uma guerra *offensiva*: porém imenso reboliço de paradas, formaturas quando passa o General, cortejo nos dias de gala a S. Ex. o imperador da comissão —(adulação, não ! tributo ao merito !) dois exercitos que sahiram *dos povos que mais se odeiam* que se *hostilisam* no mesmo campo de batalha negando pão e agua um ao outro, em presença do inimigo *commum* (exercitos aliados !), ordem para que os officiaes *não uzem suas divisas* em dias de combate (bravura !), um fornecedor vendendo os generos ao exercito por um preço excessivamente maior do que se poderia obter de qualquer outro e até dos pequenos comerciantes que acompanham o mesmo exercito (economia !) encarregados de depositos de fardamentos e materiaes que vivem descansados e á larga, deixando que tudo apodreça ou leve descaminho (actividade e zelo !)...»

.....  
• Nossa sociedade a quem podiam tornar mais podre do que está com o seu contacto asqueroso, ahi vem para desafrontar a honra e os brios da nação brazileira !...

De envolta com os CRIMINOSOS ahi vêm os ESCRAVOS libertados com o fim *muito nobre e humanitario* de obterem aquelles que os cedem ao açougue monstro do imperio, honras, condecorações, titulos de nobreza, posigões officiaes, que lhes preparam resultados mais uteis do que lhes poderiam dar os estupidos e miseraveis captivos. Que patriotismo ! Quanto é moralizado o nosso governo e o nosso paiz ! Que bello futuro nos espera. Como é nobre a classe militar á qual pertenço ! Quem não fará sacrificios para esta nossa bella Patria ! Não podem pois os nossos governantes esperar mais auxilios de forças ; o patriotismo morreu (não sei porque), as *ca-deias já estão vasias de criminosos*, tres ou quatro escravos bastam para os maiores titulos de nobreza que o imperio possa dar...»

«... O que se deve fazer agora em que ha falta de braços que a guerra tem tirado e o medo de ser caçado para soldados tem embrenhado pelas mattas ao povo do interior de nossas provincias! Esperar pelos recursos pecuniarios quando a banca-rota medonha e terrivel nos ameaça de perto! E para que!»

«O Lopez não é susceptivel de suborno, NÃO SE VENDE. O Caxias suppos que o mal adquirido prestigio de seu nome, com os immensos recursos de que o governo o rodeia PODIA ASSOMBRAR O PARAGUAY.

«A illusão desfez-se em frente à terrivel realidade!

«O exercito de moedas com que pretendia, como sempre, vencer o inimigo tem desapparecido esterilmente, e como esterilmente vai desapparecendo o exercito que estapida e desageitadamente commanda.

«Os officiaes e soldados vão desapparecendo e em geral cada homem que morre é uma familia que fica ao desamparo, e que tem um futuro de miserias e muitas vezes a prostituição. E estes generaes assistem impassiveis aos gritos de agonia da Patria, aos dolorosos gemidos que soltão as victimas que vão fazendo por sua inercia, filha da sua ignorancia e cobardia. Adormecem indolentemente ao som dos hymnos que a miseravel lisonja e servilismo baixo e immundo lhes vão cantando aos ouvidos e têm sonhos agradaveis, victorias explendidas, triumphos inauditos, e ainda mais dormindo communicam ao seu governo suas sonhadas victorias, seus planos estrategicos e a boa fé do paiz vai sendo ilaqueada. Ao acordar dos seus sonhos encantados têm os sentidos embotados e a chusma de lisonjeiros não os deixam ouvir os gritos de agonia das victimas, não os deixa ver os seus phantasmas errantes em torno de seus dourados leitos.» (Fragmento sem data)

.....

Ao seu pai (Corrientes, 5 de Abril de 1867):

«Dizem os Correntinos que além de todos os males que lhes trouxemos veio como contrapeso o cholera devastar sua populacão e que se não fossem os macacos nunca esta epide-

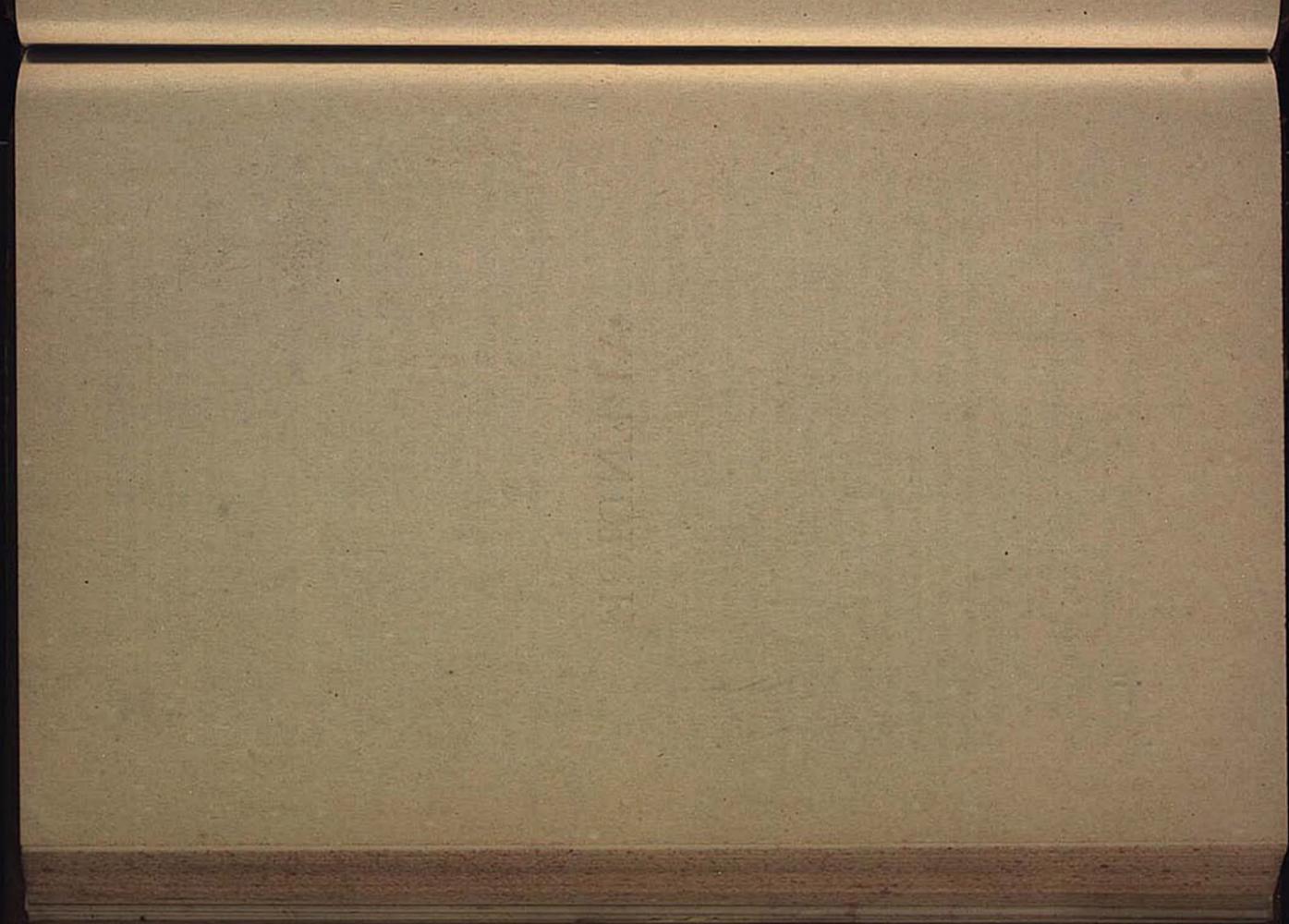
mia os teria invadido. Não pôde fazer idéa como estão revoltados contra nós.....

« O fim principal desta resolução, segundo consta, é coagir o Marquez de Caxias ou ao governo brasileiro a aceitar a paz com Lopez sem alguma das condições estipuladas no tratado da triplice aliança.....

« Todos os officiaes e soldados andam armados. Acredite que desejo de coração que a revolução tome incremento e que nos venha dar uma occasião opportuna para rompermos á força de armas a DESGRAÇADA ALLIANÇA QUE A NOSSA DIPLOMACIA CONTRAHIU Á FORÇA DE SUA FALTA DE PATRIOTISMO, DE SUA MÁ FÉ, DE SUA IMBECILIDADE. Que desgraçada aliança! Estes aliados, croia, SÃO MUITO MAIS NOSSOS INIMIGOS DO QUE OS PROPRIOS PARAGUAYOS; porque não ha peior inimigo do que aquelle que flinga ser nosso amigo. Sabe quantos homens compõe hoje os dois exercitos argentino e oriental... mil e duzentos!!... Sendo deste 250 orientaes e novecentos e tantos argentinos! E chamam a isto — exercitos aliados! Ora, realmente o Brazil não podia enlamear-se mais do que o tem feito nesta desgraçada guerra. E' o unico que concorre com todos os sacrifícios e DESPEZAS DE GUERRA, que forneceu PESSOAL, ARMAS, MUNIÇÕES DE GUERRA E DE BOCCA, DINHEIRO ETC., e no entanto todos os jornaes argentinos e orientaes são unanimes em ultrajal-o continuamente, em promover-lhe toda a sorte de embaraços e attribuir aos aliados O POUCO OU NADA QUE TEMOS FEITO.» (1)

.....

(1) Vide *B. de B. Constant*, 2º. volume. Alguns gryphos são nossos. L. TORRENTS.



# APENDICE

APPENDIX

# PROTESTO DO PERU'

· e dos seus aliados do Pacifico, Chile, Equador e Bolivia

CONTRA A TRIPLICE ALLIANÇA

—  
LIMA, 9 DE JULHO DE 1866. (1)

*Snr. Encarregado de Negocios da Republica junto aos Governos de Buenos-Ayres, de Montevideo e do Rio de Janeiro:*

O actual governo provisorio, apezar das graves preocupações de que se acha rodeado constantemente desde a sua installação, seguiu com grande interesse o curso dos sucessos que se desenvolaram nos Estados do Prata, e não cessou de fazer os mais fervorosos votos pela terminação de uma luta que necessariamente occasionará deploraveis males, não só aos Estados n'ella compromettidos, como tambem a toda a America do Sul. O Chefe Supremo absteve-se de analysar as causas que motivaram essa luta, porque só os Estados belligerantes podem ser juizes competentes para julgar de sua justiça e necessidade; porém, tevo que prestar sua attenção aos resultados desastrosos que teria, maximo quando se faz a guerra no momento em que a parte occidental do continente é victima de uma iniqua aggressão européa, que na hypothese de que ella tenha sido corhada de exito, podia muito bem repetir-se sobre suas costas orientaes.

Bastou ao Chefe Supremo considerar que a guerra se fazia entre Estados Americanos para que desejasse com a mais

---

(1) Traduzida da versão francesa publicada em Paris em um folheto em 1º de Outubro de 1866.

viva solicitude ver a conclusão della. Esta solicitude ha de ser maior, si se tiver em vista a circumstancia de que, achando-se ameaçada toda a America por inimigo communum, era de necessidade concentrar as forças de todos sens Estados para sustentar em qualquer eventualidade a liberdade e independencia que todas reunidas conquistaram ha quarenta annos.

O Governo peruano veria com pezar que ao mesmo tempo que se formava uma alliance offensiva e defensiva entre as Republicas do Pacifico, para rechaçar os violentos ataques e as arrogantes pretenções da Hespanha, existisse outra alliance entre nações americanas do Atlantico para combater, não contra uma potencia estrangeira, porém contra uma nação igualmente americana, ligada ás nações aliadas por vinculos tão caros e estreitos, que em uma época não distante, ella formava parte integrante de um dos mesmos Estados com os quaes se encontra actualmente em guerra...

Estas considerações, e outras facil de imaginar, decidiram o Governo peruano a procurar os meios mais proprios para pôr termo a contenda entre os aliados e o Paraguay, e apresára-se com effeito em dirigir-lhes, em data de 20 de Dezembro de 1865, as instruções necessarias para offerecer seus bons oficios e tambem a mediação do Perú. Posteriormente e depois de realizada a alliance entre a Bolivia, Chile, Equador e o Perú, foi celebrada uma convenção entre o ministro das relações exteriores do governo chileno e os representantes da Bolivia e do Perú em Santiago, fortalecidos todos os tres, com o assentimento do Governo de Quito, para offerecer de novo a mediação collectiva dos quatro Estados, accordo que obteve a approvação de todos os governos.

Porém antes que o Governo de Lima, soubesse o resultado produzido pelas proposições que tinham de fazer-se nas margens do Prata em nome dos quatro governos, teve conhecimento do texto do tratado de 1º de Maio de 1865 que *até ultimamente permaneceu secreto.* (1)

---

(1) Todos os gryphos são nossos. -- L. T.

Não é proposito meu entrar a estudar os motivos que tiveram as nações aliadas contra o Paraguay para guardar segredo desse pacto ; esses motivos sem duvida serão mui poderosos, posto que a revelação desse segredo deu lugar a successos que demonstram *de uma maneira palpável, que não convinha aos governos aliados que as estipulações que elles haviam formulado fossem conhecidas.* Se o direito que cada nação tem de declarar e fazer a guerra e de concluir pactos de alliance com outras nações, é indiscutivel, não se comprehende porque os Estados Aliados que, com effeito, haviam declarado guerra ao Paraguay, e a haviam levado ao proprio territorio do mesmo, e que não occultam que elles procederam assim em virtude de *uma alliance*, não se comprehende, digo, que tivessem tido o cuidado de conservar em segredo o pacto que essa alliance fôra formulada, e cuja existencia não era e nem podia ser desde então desconhecida.

E' costume guardar silencio sobre os tratados de alliance até que chegue a época de pô-los em execução, porém sempre se tem dado á publicidade quando a alliance começa a fazer sentir seus effeitos.

Entretanto, no art. 18 do tratado de 1º de Maio de 1865 tem-se estipulado expressamente que o *tratado permaneceria em segredo até que o objecto principal da alliance fosse obtido* ; e como do preambulo e de outras clausulas do mesmo tratado se deduz que o principal objecto da alliance é *fazer desapparecer o Governo do Paraguay* (1), o tratado devia, pois, ficar em silencio até a conclusão definitiva da luta, e até que o Paraguay, vencido FICASSE COMPLETAMENTE A' MEROE DOS ALLIADOS vitoriosos, porque o desapparecimento do Governo do Paraguay significaria isso e não outra cousa.

Desorte que, virtualmente o tratado de alliance devia permanecer em segredo pelo tempo que durasse o conflicto, sem que as outras nações e principalmente as da America, conhe-

(2) Chamamos a attenção do leitor, mais uma vez, para esta franca declaração dos aliados — que elles mesmos não a executaram ; pelo contrario, impuseram o governo que muito bem quizeram ! — L. T.

cessem a sorte que estava reservada ao Paraguay se chegasse a sucumbir.

Parece que o Governo da Grã-Bretanha havia concebido a esse respeito alguns temores, que os manifestou por intermedio de seu representante em Montevidéo. Para tranquilisal-o, o ministro de relações exteriores do Uruguay, deu uma cópia do tratado ao ministro inglez; porém havia de suppôr que esses mesmos temores tinham que despertar-se um dia entre os outros governos, sobre tudo entre os americanos, e era dever dos aliados publicar, não só as *causas da guerra*, como as *intenções que os animavam* e o *objecto que elles se propunham* conseguir, afim de dissipar toda a dúvida e de afastar todo o motivo de medo a respeito da independencia e soberania de um dos Estados americanos.

A declaração que fazem os aliados é certamente digna de elogio, quando dizem na primeira parte do art. 8º que *elles se obrigam a respeitar a independencia, a soberania e a integridade territorial da Republica do Paraguay*; porém essa obrigação está destruída por outras estipulações, tão explicitas como estas, como o demonstrará uma breve analyse das principaes.

No art. 7º os aliados estabelecem que *a guerra não era contra o povo do Paraguay*, mas sim contra o seu governo.

Por mais plausivel que pudesse ser em theoria, de que uma nação possa fazer guerra ao governo de outra nação e *não à própria nação*, no terreno da pratica, não é tão facil separar a nação do governo que a representa, quando se trata de uma guerra exterior.

O direito das gentes não admite semelhante distincão: longe della, considera a nação e o governo que a rege como uma só entidade, como um todo inseparavel, posto que considera como feitos ao governo os males occasionados, não sómente à nação em massa, como tambem a um ou a varios de seus subditos ou cidadãos.

Se fosse admittido em toda sua latitudé o principio estabelecido no art. 7º do tratado, a guerra seria em muitos casos difícil, e em alguns, impossivel.

Haveria governo ao qual não poderiam alcançar a damnificar as represalias ou hostilidades do inimigo, porque elles deveriam exercer-se primeiro contra a nação reputada inocente.

De mais; por legitimo que pudesse ser o direito dos aliados para fazer a guerra ao Paraguay, esse direito pôde unicamente extender-se até obter uma completa victoria e impor ao vencido as condições necessarias para reparar as offensas e os danños causados, e obter, si se quer, garantias para o futuro; porém não é admissivel que a aliança tenha por objecto principal derrocar o governo Paraguay, porque *o direito de depor um governo, não pertence sendo à nação propria que o elegeu.*

Admittindo ainda que a nação paraguaya houvesse de sofrer os pretendidos erros de seu governo, enquanto ella mantenha esse governo, nenhuma potencia estrangeira poderá arrogar-se a faculdade de fazer, a favor dos paraguayos, o que estes não fazem por si mesmos. Proceder de outra maneira, seria minar os principios do direito publico moderno que são os mesmos de todos os Estados Americanos, e estabelecer uma doutrina que, applicada hoje ao Paraguay..... poria os outros Estados da America à mercê do que, uma ou mais potencias vizinhas ou afastadas, quizessem resolver sobre seus destinos presentes e futuros.

E que segurança haveria então para que uma nação possa conservar sua soberania, sua independencia, sua integridade territorial, suas instituições, todos e cada um desses elementos que constituem a sua autonomia? A existencia dos governos e por consequencia a das nações mesmas, para o futuro não dependeria unica e exclusivamente da vontade do povo se não dos juizos, das apreciações e quiçá das conveniencias de outros governos e outras nações.

Admittir semelhante doutrina, seria renunciar aos principios da soberania nacional que são o fundamento dos Estados Americanos; guardar silencio quando um vê pôr-se em prática esta doutrina por alguma ou algumas das nações americanas.

nas, seria accitar para as outras um systema que tarde ou cedo poderia se lhes applicar com muito direito.

Da obrigaçao de respeitar a independencia, a soberania e a integridade territorial da Republica, os aliados deduzem como consequencia forçosa a faculdade que tem o povo paraguayo de eleger seu governo e de dar-se as instituições que lhe convenha, sem incorporação nem protectorado algum por consequencia da guerra.

Ainda quando nesta estipulação, que é a do art. 8º do tratado, apparece a firme vontade dos aliados de respeitar a soberania do Paraguay, não é menos evidente que essa soberania soffra um grande detimento, sempre que se PRETENDA IMPOR ao povo paraguayo, como condição da paz, a obrigaçao de eleger um novo governo, por mais conforme que estivesse com aquelle que possue actualmente.

E quanto á troca de instituições sugeridas no tratado, por mais que em apparencia, fique sujeita á vontade do povo Paraguayo não é menos certo que, na mente dos aliados, essa substituição é conveniente. Havendo estes julgado que as instituições do Paraguay, apezar do assentimento actual do povo, não devem substituir e sim que elas devem ser substituidas por outras, em cuja formação os aliados poriam a parte legitima de influencia que lhes conceda a victoria.

Que esse seja o pensamento dos governos aliados, se deduz claramente, do art. 9º do tratado, em razão do qual, os tres governos se *compromettem a garantir collectivamente a soberania e integridade territorial do Paraguay* pelo periodo de cinco annos. Comprehende-se que essa garantia se refere a um paiz regido por um novo governo, nomeado pela vontade dos aliados com ajuste á estipulação do art. 7º e submisso a instituições que se resentiriam naturalmente da influencia da alliança. —Que um governo celebre tratado de alliança offensiva e defensiva para fazer a guerra com o objecto de obter por este meio a *reparação de um agravo*, nada mais justo nem mais razoavel; porém que a alliança se proponha por objecto

principal DERROCAR UM GOVERNO PARA SUBSTITUIR POR OUTRO, ADDICIONANDO A ESTE FEITO A SUBSTITUIÇÃO DE INSTITUIÇÕES, É DAR Á GUERRA OUTRO CARACTER; ENTÃO, JÁ NÃO É UMA GUERRA PARA RESTABELECEM OS DIREITOS DESCONHECIDOS E PARA REPARAR AS INJUSTIÇAS INFILGIDAS; É UMA GUERRA PURA E SIMPLESMENTE DE INTERVENÇÃO, em presença da qual as outras nações não podem permanecer como meras espectadoras, sobretudo quando essas nações têm que velar não só pela conservação dos principios que formam seu direito publico, como pela do equilibrio continental e tambem pela sua propria segurança.

O respeito que os aliados prometem guardar á soberania, independencia e integridade territorial do Paraguay, declarando mais que este paiz não se incorporaria a nenhum dos aliados nem solicitaria seu protectorado, *se faz de todo o ponto illusorio*, pelo compromisso que elles contrahiram de garantir collectivamente essa soberania, independencia e integridade territorial pelo periodo de cinco annos.

Segundo isto, o Paraguay não estará na verdade submetido ao protectorado de um dos Estados aliados, porém o estará ao dos tres. A existencia do Paraguay, como nação, dependerá, ao menos DURANTE CINCO ANNOS, DO COMPROMISSO QUE CONTRAHIRAM OS ALLIADOS, E NÃO DA VONTADE DO Povo PARAGUAYO, que tem querido constituir-se e deseja ser para sempre estado soberano e independente. E se os aliados tinham a faculdade de garantir a independencia e soberania do Paraguay, claro está que teriam tambem a faculdade de não prestar semilhante garantia, e de dispor livremente da nação. Por mais pezioso que nos seja dizer, *semilhantes principios não poderão ser jamais aceitos pelos outros Estados da America.* UMA VEZ VENCIDOS OS CINCO ANNOS E TEEMINADA A GARANTIA, O QUE CHEGARÁ A SEE O PARAGUAY?

Os aliados desligados do compromisso que contrahiram, pretenderão alguns delles ou todos conjuntamente absolver ao Paraguay, annexando o integralmente, ou DIVIDINDO-O EM

PARTES MAIS OU MENOS PROPORCIONAIS (1) que se aggregariam aos Estados vizinhos ! O tratado nada diz certamente a este respeito, porém cada uma d'estas hypotheses, é a consequencia logica da clausula que estabelece o triplice protectorado, offerecendo uma garantia solidaria sómente por cinco annos.

E' de talmodo certo que o tratado de alliança contenha o pensamento do desapparecimento possivel da nacionalidade paraguaya, no extremo, que não se contou com esta para cousa alguma NO ESTABELECIMENTO DOS FUTUROS LIMITES DE DEMARCAÇÃO DOS TERRITÓRIOS RESPECTIVOS. O tratado não diz que uma vez terminada a guerra, as nações alliedas e o Paraguay procederiam de commun accordo a fixar os ditos limites senão *que elles OBRIGARIAM AO NOSSO GOVERNO a tomar por base os LIMITES QUE O TRATADO ESTABELECE EM SEU ARTIGO 16º (!).*

Em presença de uma estipulação tão peremptoria, é indiscutivel que, SE O GOVERNO PARAGUAYO FIZESSE RESISTÊNCIA Á ESTA EXIGENCIA, COMO ESTARIA EM SEU DIREITO DE FAZEL-O, NASCERIA INFALLIVELMENTE UM «NOVO» MOTIVO DE GUERRA, E QUE ESTA SERIA REPUTADA MAIS JUSTA E LEGITIMA que aquella que se emprehende para *derrocar* um governo e *introduzir* trocas nas *instituições* de um paiz. E o Paraguay JAMAIIS VER-SE-HIA LIVRE DAS PRETENÇÕES dos alliedados, pois estes tiveram o cuidado de dar á alliança, para a actual guerra offensiva e defensiva, um caracter PERPETUO e PERMANENTE, pelo art. 17º do tratado, no qual os alliedados não se reservaram sequer o *direito de examinar a justiça ou injustiça* das demandas que cada um delles poderia formular futuramente contra o Paraguay.

Para que não ficasse duvida sobre o que a triplice alliança se propoz fazer do Paraguay se juntou ao tratado um PROTO-

(1) Foram conscientiosos: só ficaram com a quasi metade do territorio, sem permitir ao Paraguay ao menos o direito de discussão. Foi assim que garantiram «a integridade territorial do Paraguay !»

COLLO com quatro artigos, nos quaes, segundo parece, tem-se querido dissipar, as incertezas que poderiam nascer das estipulações do tratado. Estabeleceu-se nestes artigos que, em cumprimento do tratado de alliance, as fortificações de Humaytá serão demolidas, e que não se permitirá que outra ou outras daquella natureza sejam levantadas, que como condição, para garantir a paz com o novo governo do Paraguay, NÃO SE DEIXARIA NEM ARMAS, NEM ELEMENTOS DE GUERRA PARA SUA DEFESA, E QUE TODAS AS QUE POSSUEM, SERIAM DIVIDIDAS EM PARTES IGUAES ENTRE OS ALLIADOS, ETC.

Exigir de uma nação que ella arrase suas fortificações e não possa levantar outras mais tarde ; obrigal-a a que entregue todas as suas armas e seu material de guerra, para deixal-a completamente desarmada, na impossibilidade de prover-se, á sua segurança exterior e á conservação da ordem interior, É UMA PRETENÇÃO DE QUE NÃO HA TALVEZ EXEMPLO NA HISTÓRIA e é o mais expícto desconhecimento da soberania e independencia do Paraguay, que os aliados se COMPREMETTERAM RESPEITAR, e não só respeitar, senão GARANTIR. Quando a obra emprehendida pelos aliados estivesse consumada, dirão os mesmos aliados que o Paraguay continua sendo uma nação soberana e independente, senhora exclusiva de seus destinos ?

Os aliados não puderam pensar por um momento que o sistema que se propunham adoptar a respeito do Paraguay, obteria a acquiescencia dos outros Estados da America. *Fazer do Paraguay UMA POLONIA AMERICANA seria um escandalo que a America não poderia presenciar sem cobrir-se de pejo !*

Os sentimentos e a ideia que acabo de expôr, não são unicamente da Nação Peruana e do seu governo ; elles são, estou seguro, as ideias e os sentimentos de todas as nações e de todos os governos da America. Finalmente posso afirmar que as reflexões emitidas nesta Nota reproduzem fielmente o pensamento das Nações do Pacifico que, para conservar, sua independencia e soberania, haviam-se aliado contra a Hespanha e desejam fazer permanente sua alliance, *precisamente para*

*garantir e assegurar para o futuro a independencia e soberania de todas as nações da America. Por isso mesmo as Republicas, da BOLIVIA, do CHILI, do EQUADOR e do PERU' não podem consentir aos Estados Americanos que façam o que não consentiriam ás nações mais poderosas do mundo que fizessem, a menos que fossem envolvidos na calamidade commun e seus esforços não fossem suficientes para se precaverem d'ella.*

O Governo Peruano conta com o assentimento de seus aliados, pois já se lhe foi manifestado explicitamente por um dos seus respectivos representantes em Lima, a quem deu-se conhecimento desta nota, e em breve, a voz de cada um dos governos far-se-ha ouvir directamente em defesa da soberania e da independencia do Paraguay.

BOLIVIA, CHILI, EQUADOR e PERU' não diriam uma só palavra, senão no sentido da conciliação para cortar a guerra desastrosa que rega hoje com torrentes de sangue humano os campos do Paraguay, uma vez porém, que essa guerra não se limita a reclamar um direito, a vingar uma injuria, a reparar um danno, e que se extende até desconhecer a soberania e a independencia de uma Nação Americana, a estabelecer sobre ella um protectorado e a dispôr de sua sorte futura, o Perú e seus aliados não podem guardar silencio e o mais sagrado e imperioso dos deveres os impelle a protestar da maneira a mais solemne contra a guerra que se faz com semelhantes tendencias, e contra todos os actos que, em consequencia desta guerra, prejudicam a soberania, a independencia e integridade da Republica do Paraguay.

Para que os governos junto dos quaes V. S. está acreditado, e que são precisamente os que firmaram o tratado de 1º de Maio de 1865, conheçam o juizo que o Governo Peruano formou a respeito do tratado e suas tendencias, que conhece os protestos que se tem feito, vê-se obrigado a formular o seu, e assim, o Chefe Supremo me encarregou de ordenar á V. S. transmitta esta nota aos Governos de Buenos Ayres, de Montevideo e do Rio de Janeiro.

Deus guarde á V. S.—(Firmado), *T. Pacheco.*

## Instruções secretas para o Marquez de Santo Amaro (1)

Ilm. e Exm. Sr. — Além dos negocios relativos à actual questão portugueza, outros ha igualmente urgentes que S. M. Imperial ha por bem confiar ao experimentado zelo, saber e lealdade de V. Ex.

Consta à S. M. Imperial que os soberanos preponderantes da Europa, depois de estabelecer a nova monarchia grega, tencionam ocupar-se do meio de pacificar a America, chamada ainda hespanhola.

A derrota, que sofreu em Tampico a ultima expedição militar da Hespanha contra o Mexico, fornece sem duvida aos mesmos soberanos um poderoso motivo para obrigarem a corte de Madrid, já tantas vezes e tão inutilmente escarmentada, a convir em algum arranjo que tenha por fim a desejada pacificação.

Nem certamente é possivel que o mundo civilizado continue por mais tempo a observar com fria indifferença o quadro lastimoso, immoral e perigoso em que figuram tantos povos abrasados pelo vulcão da anarchia e quasi proximos de sua completa anniquilação.

Sendo, pois, muito possivel que as grandes potencias tratem de discutir este negocio, e que V. Ex., como embaxador americano, seja consultado sobre elle, S. M. Imperial entendeu em sua alta prudencia que seria muito conveniente aos interesses do imperio habilitar V. Ex. com caracter de seu plenipotenciario.

Em verdade, collocado como se acha o Brazil no centro da America do Sul, e naturalmente abraçado pelos Estados que

---

(1) Extrahido da Biographia de Benjamin Constant, de Teixeira Mendes.

foram da Hespanha, NÃO PÓDE NEM DEVE SER INDIFFERENTE Á SUA POLITICA E TALVEZ MESMO Á SUA SEGURANÇA EXTERNA qualquer negociação concebida e dirigida pelos governos da Europa, para o fim, aliás justo e conveniente, de regularizar e constituir os referidos Estados, pondo um termo á guerra civil que os ensanguenta.

Quer, portanto, S. M. Imperial que V. Ex., logo que seja convidado por alguns dos ditos governos a dar sua opinião sobre tão melindroso assumpto, ou quando mesmo lhe conste que se cuida seriamente do negocio em questão, haja de declarar-se autorizado para concorrer e intervir na negociação referida, cingindo-se no progresso della á doutrina dos seguintes artigos :

V. EX. PROCURARÁ DEMONSTRAR E FAZER SENTIR AOS SOBERANOS, QUE HOUVEREM DE TOMAR PARTE NESTA NEGOCIAÇÃO, QUE O MEIO, SINÃO UNICO, PELO MENOS O MAIS EFICAZ, DE PACIFICAR E CONSTITUIR AS ANTIGAS COLONIAS HESPANHOLAS É O DE ESTABELECER MONARCHIAS CONSTITUCIONAIS OU REPRESENTATIVAS NOS DIFFERENTES ESTADOS QUE SE ACHAM INDEPENDENTES. As ideias propaladas e os principios adquiridos no curso de vinte annos de revolução obstante a que a geração presente se submetta de bom grado á forma de governo absoluta.

Nem foi por outra razão que, mesmo na Europa, el-rei Luiz XVIII, apesar de haver passado a França pelo despotismo militar de Napoleão e a despeito do apoio que encontraria na força dos numerosos exercitos, que lhe reivindicaram o throno, julgou comtudo em sua sabedoria, que antes lhe convinha outorgar uma carta aos franceses do que assumir uma autoridade absoluta.

Emfim, se o caracter e os costumes dos hespanhóes americanos são adaptados por um lado á monarchia, as suas novas ideias e principios, embora combatidos por tantas desgraças, são inclinados por outro lado á forma mixta. Isto posto, convém absolutamente que V. Ex. insista neste ponto com todas as suas forças.

QUANDO SE TRATE DE FUNDAR MONARCIAS REPRESENTATIVAS E SÓMENTE NESTE CASO, V. Ex. fará ver a conveniencia de transigir se nessa occasião com o nascente orgulho nacional dos novos Estados da America, já separados entre si independentes uns dos outros: o *Mexico, Columbia, Perú, Chile, Bolivia e as provincias argentinas podem ser outras tantas monarchias* distintas e separadas. A divisão de alguns desses Estados ou a reunião de outros encontraria graves inconvenientes no espirito dos povos.

Quanto ao novo Estado Oriental ou província cisplatina que não faz parte do territorio argentino, que já esteve incorporado ao Brazil e que não pôde existir independente de outro Estado, V. Ex. tratará oportunamente e com franqueza da necessidade de incorporal-o outra vez ao imperio. E' o unico lado vulnerável do Brazil. E' difícil, sinão impossivel, reprimir as hostilidades reciprocas e obstar á mutua impunidade dos habitantes malfazejos de uma e outra fronteira.

E' o limite natural do imperio.

E no caso que a França e a Inglaterra se oponham a esta reunião ao Brazil, V. Ex. insistirá por meio de razões de conveniencia politica, que são obvias, em que o Estado Oriental se conserve independente, *constituído em grão-ducado ou principado*, de sorte que não venha de modo algum a formar parte da monarchia argentina.

Na escolha de príncipes para os tronos das novas monarchias e quando seja mister haver-lhos da Europa, V. Ex. não hesitará em dar sua opinião a favor d'aquelles membros da augusta família de Bourbon que estejam no caso de passar à America..

Estes príncipes, além do prestígio que os acompanha, como descendentes ou próximos parentes da dinastia, que por longos annos reinará sobre os mesmos Estados, oferecem de mais, por suas poderosas relações de sangue e de amizade com tantos soberanos, uma sólida garantia para tranquilidade e consolidação das novas monarchias.

E si com efeito for escolhido algum jovem principe como o segundo filho do duque de Orleans, ou príncipes que já tenham filhos, bom será e S. M. Imperial deseja, que V. Ex. faça desde logo aberturas de casamentos ou espousaes entre elles e as príncezas do Brazil, cumprindo-me declarar a V. Ex. que, si fiz expressa menção do segundo filho do duque de Orleans, é porque sua alteza real o duque já se mostrou disposto a espôsá-lo com a jovem rainha de Portugal, ainda quando ella não restaurasse o seu throno.

V. Ex. poderá assegurar e prometter que S. M. Imperial empregará todos os meios de persuasão e conselho para que se consiga a pacificação dos novos estados, pelo indicado sistema do estabelecimento de monarchias representativas, obrigando-se desde já a abrir e cultivar relações de estreita amizade com os novos monarchas. Tendo a gloria de haver fundado e de sustentar quasi só a primeira monarchia constitucional do novo mundo, S. M. o imperador deseja ver seguido o seu nobre exemplo, e generalizado na America, ainda não constituida, o principio de governo que adoptou.

Se exigirem que para esta util empreza S. M. o Imperador se comprometta a prestar soccorros materiaes ou a fornecer subsídios de dinheiros e de forças de terra e mar, V. Ex. prevailecendo-se das nossas circumstancias financeiras e politicas, mostrará a impossibilidade em que se acha o governo imperial de contrahir semelhante obrigação.

Sé, porém, depois de reiteradas instâncias, V. Ex. julgar de absoluta necessidade o fazer alguma promessa de soccorros tais, S. M. o Imperador não duvidará obrigar-se a auxiliar e defender o governo monarchico e representativo que estabelecid for nas províncias argentinas, por meio de uma suficiente força de mar estacionada no Rio da Prata e da força de terra que conserva sobre a fronteira meridional do imperio.

Esta obrigação todavia será valiosa unicamente: 1º no caso de que a província cisplatina seja incorporada ao imperio, porque então S. M. o Imperador com mais facilidade e

promptidão poderá auxiliar a nova monarquia com a divisão do exercito e da esquadra que deverá ter na mesma província; 2º no caso que o governo monarchico constitucional tenha sido introduzido previamente na Columbia, Perú e Bolivia, visto que de outra sorte, o governo imperial, sendo o primeiro a obrar ficaria exposto a sofrer algum insulto ou invasão da parte daquellas Repúblicas limitrophes.

Quando no andamento de negociação ocorra a ideia de violar-se a integridade do imperio, a pretexto de dar maior extensão ou arredondar alguns dos estados que se limitam connosco, V. Ex. empregará os meios necessários para repelir semelhante arbitrio, declarando por fim que S. M. o Imperador não pôde consentir sem previa auctorização da assembléa geral legislativa em desmembração ou cessão alguma do território do imperio por tratado deliberado em tempo de paz.

De acordo com os principios enunciados nos artigos desta instrução, fica V. Ex. auctorizado por S. M. o Imperador, nosso amo, a negociar e concluir com as grandes potencias da Europa uma convenção ou tratado que será submettido à rectificação do mesmo augusto senhor.

Deus guarde a V. Ex. — Palacio do Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1830.— MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA (Conforme).— BENTO DA SILVA LISBOA.

## Extractos de um officio reservado do Visconde de Abrantes

DATADO DE PARIS, EM 6 DE FEVEREIRO DE 1845 (1)

Nenhum desses governos romperá lanças na America a favor do Brazil : a economia de sangue e dinheiro entra hoje por muito no calculo dos parlamentos, e tambem no das dy-nastias. Entretanto creio que o gabinete francez, enquanto nelle influir o poder real, e mesmo o inglez, enquanto fôr do principio tory, não deixarão de sympathisar com a consolidação da monarchia do Brazil, propendendo, talvez, em quaesquer conflictos e occurrenceas politicas, mas para o nosso lado que para os das Republicas que nos rodeiam. Digo, enquanto fôr tory o gabinete inglez, porque, pelo que ouvi a pessoas entendidas e em contacto com a alta administração britannica, para lord Palmerston e os do seu credo tanto importa á Inglaterra que o Brazil seja imperio como republica.

Estou, pois, convencido, que o governo imperial, no caso de contestação ou luta com os estados vizinhos, apenas pôde contar com certos bons officios da parte destes governos, não esperando delles outro apoio que não seja o puramente moral...

A livre navegação dos rios parece-me que não deixará de ser-nos inconveniente ; porque, além de varias considerações politicas, a concurrenceia de outras nações maritimas, mais abastadas de meios, embargará ou pelo menos retardará o progresso dos ribeirinhos da navegação fluvial, e diminuirá grandemente os lucros de um extenso commercio que fariamos

---

(1) Vido a Biographia de B. Constant do R. TEIXEIRA MENDES.

justamente e sómente com os orientaes, argentinos e paraguayos...

..... A conversão de Corrientes e Entre-Rios em estados independentes, apesar do exemplo de Uruguay, que tanto nos tem incommodado, julgo, comtudo, que nenhum inconveniente maior nos trará : este novo estado servirá de mais um embraço para que se realize o plano de Rosas (que talvez passe em legado aos governos que depois delle se formarem dentro de Buenos Ayres) de unir pelo seu laço federal todas as províncias que pertenceram ao antigo vice reinado : plano que, se fôr consummado, dar-nos-ha um vizinho assás forte para inquietar-nos ainda mais...

..... Entretanto observarei que, não obstante parecer-me muito difficult, á vista dos artigos additivos da convenção de 27 de Agosto de 1827, e dos defeitos naturaes da intervenção, se fôr bem sucedida, de governos poderosos como o inglez e o francez, estorvar-se por mais tempo a livre navegação do Uruguay e Paraná ; todavia, o governo imperial não deve deixar de fazer quanto estiver ao seu alcance para attenuar o mal que d'ahi lhe possa vir, seja não contrariando a grande repugnancia que o governo de Buenos Ayres deve ter a essa liberdade de navegação, seja contestando a applicação á America dos principios do direito publico, formado pelo congresso de Vienna acerca de uso commun dos rios navegaveis, etc.

..... Mas a allegação de um tal precedente não deixará de valer pelo menos ante os governos para que alcancemos os limites de Ibicuhy-Assú, e de uma linha que comprehende as vertentes da parte meridional e occidental da Lagôa Mirim, cuja navegação deve ser exclusivamente nossa.

## Propostas de paz feitas por Lopez

### LOPEZ E MITRE

A primeira entrevista de Lopez com o General Mitre, commandante em chefe das forças aliadas em Yataity-Corá, realizou-se em 12 de Setembro de 1866. Terminada a conferencia Lopez dictou o documento seguinte que foi entregue a Mitre:

«S. Ex. o Sr. Marechal Lopez, Presidente da Republica do Paraguai em sua entrevista de 12 de Setembro convidou a S. Ex. o Sr. Presidente da Republica Argentina, General em Chefe do Exercito Aliado, a procurar meios conciliatorios e igualmente honrosos para todos os belligerantes, assim de vêr se o sangue até hoje derramado não se poderá considerar suficiente para lavar sons mutuos agravos, pondo termo á guerra mais sanguinolenta sul-americana, por meio de satisfações mutuas e igualmente honrosas e equitativas, que garantam um estado permanente de paz e sincera amizade entre os belligerantes.»

O General Mitre ouviu em silencio a leitura deste documento e declarou ao despedir-se que levaria ao conhecimento das Nações Aliadas a sua proposta de paz, mas sem fazer a minima modificação nas operaçoes de guerra que, continuariam com o maior rigor ainda, depois daquella entrevista.

No dia 14 receberam Lopez a seguinte nota:

«Quartel-general em Curuzú, 14 de Setembro de 1866.

À S. EX. O SR. MARECHAL D. FRANCISCO S. LOPEZ, PRESIDENTE DA REPUBLICA DO PARAGUAY E GENERAL EM CHEFE DE SEU EXERCITO:

«Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex., conforme tinhamos combinado, que, havendo comunicado aos aliados, como era o meu dever, á proposta conciliatoria que V. Ex. se serviu fazer-me, no dia 12 do corrente, em nossa entrevista de Yataity-Corá, resolvemos de conformidade com já declarado por mim naquella occasião, deixar tudo á decisão dos respectivos governos, sem fazer modificação alguma na situação dos belligerantes:

Deus guarde por muitos annos á V. Ex.». Assinado  
«BARTOLOMÉ MITRE.»

## —Resposta :

Quartel General em Passo Pucú, 15 de Setembro de 1866.  
 «AO EXM. SR. BRIGADEIRO GENERAL D. BARTOLOMÉ MI-  
 TRE, PRESIDENTE DA REPÚBLICA ARGENTINA E GENERAL EM  
 CHEFE DO EXÉRCITO ALLIADO.

«Accuso a recepção da nota que hontem á tarde V. Ex. deu-me a honra de dirigir de seu Quartel General em Cazuzú, comunicando-me que havia accordado com os seus aliados relatar a seus respectivos governos o assumpto de nossa entrevista de 12 em *Yataity-Oará*. Nada me deteve ante a ideia de oferecer, por minha parte, a ULTIMA TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO, que puzesse termo á torrente de sangue que derramámos na presente guerra, e experimento a satisfação de haver dado assim a mais alta prova de patriotismo ante o meu paiz, a humanidade, e ante o mundo imperial que nos contempla. Deus guarde á V. Ex.» (Assinado) «FRANCISCO SOLANO LOPEZ.»<sup>(1)</sup>

Na manhã do dia 24 de Dezembro de 1868, (2) Lopez recebeu dos aliados a seguinte intimação, sem data :

«Acampamento em frente á Loma Valentina, Dezembro... de 1868.— A S. Ex. o Senhor Marechal Francisco Solano Lopez, Presidente da Republica do Paraguay e General em Chefe do seu exercito.

«Os abaixo-assinados, Generaes em Chefe dos Exercitos Aliados e representantes armados de seus governos na guerra para a qual foram suas nações provocadas por V. Ex., entendem cumprir um dever imperioso, que a religião, a humanidade e a civilisação lhes impõem, intimando em nome delas á V. Ex. para que, dentro de prazo de doze horas contadas desde o momento em que a presente missiva lhe seja entregue, e sem que se suspenda durante elas as hostilidades, deponha as armas terminando assim esta, já prolongada luta.

«Os que assignam, sabem quaes são os recursos de que pôde V. Ex. dispor hoje, tanto em relação á força das tres armas, como em relação ás munições.

E' natural que V. Ex. conheça a seu turno a força numerica dos Exercitos Aliados, seus recursos de todo o gênero e a facilidade que sempre têm para fazer com que elles sejam permanentes. O sangue derramado na ponte de *Tororó* e no arroio *Arayah* devia ter determinado á V. Ex. a economizar a vida dos seus soldados em 21 do corrente, não forçando os á uma resistencia inutil. Sobre a cabeça de V. Ex. deve cair

(1) O original destes documentos existem no arquivo da guerra da Republica Argentina. SHEDD na sua obra tambem se refere a estes documentos, assim como CESTUARNO no 2º volume paga. 250 a 253 nas suas *Reminiscencias Históricas*.

(2) E 25, como equivocadamente diz Tompson.

todo esse sangue, assim como o que tiver de correr ainda, se V. Ex. julgar que seu capricho deve ser superior á salvação do que resta do povo da Republica do Paraguay. Se a obstinação cega e inexplicavel fosse considerada por V. Ex. preferivel a milhares de vidas que ainda se podem salvar, os abaixo assignados responsabilisam a pessoa de V. Ex. ante a Republica do Paraguay, as nações que elles representam e ante o mundo civilisado, pelo sangue que a jorros vai correr e pelas desgraças que vão augmentar mais as que já pesam sobre este paiz.

« A resposta de V. Ex. servirá de governo aos infraescriptos, que tomarão como negativa, se findo prazo determinado não receberem qualquer contestação da presente nota. (1)

Assignados - MARQUEZ DE CAXIAS, — JUAN A. GELLY Y OBES, — ENRIQUE CASTRO. »

Lopez ao receber esta nota, estando junto a Potrero Marmul, local em que installará seu estado-maior, mandou reunir todos os chefes e officiaes e os fez sciente que, acabava de receber dos chefes aliados uma nota na qual intimavam a elle e a todos a rendição; queria pois Lopez, saber se estavam dispostos a acceder á dita intimação. Todos a *una voz* contestaram que preferiam mil vezes a morte a soffrer similhante baixeza.

Ouvida esta resolução franca e unanime da parte de seus officiaes e chefes, ordenou Lopez que fosse trazida uma mesinha e collocada á sombra um frondoso *Yuasy-y*, (2) dictou elle proprio, ao seu secretario Manoel Palacios a seguinte resposta:

« Quartel-General em *Piky-syry*, 24 de Dezembro de 1868.  
(A's tres horas da tarde).

« O Marechal Presidente da Republica do Paraguay deve-ria dispensar talvez de abster-se em dar uma contestação escripta a S. S. Ex. Ex. os Srs. generaes em chefe dos Exercitos Aliados, na luta com a Nação que preside, pelo tom e linguagem desusado e inconveniente á honra militar e á magistratura suprema, com que S. S. Ex. Ex. julgaram chegada a occasião de fazer, com a intimação de depôr as armas no sim de doze horas, para terminar assim uma luta prolongada, ameacando fazer cahir sobre a minha cabeça o sangue já

(1) O General Garmendia põe data á nota de Caxias, na sua obra *Campanha do Piky-syry*; porém o original não a continha, como prova-o a proprio resposta do Marechal

(2) Foi testemunha ocular o Sr Coronel J. Crisostomo Conturion. Vide *Reminiscencias Historicas* pag 308, volume 3º.

derramado, e ainda o que tem a derramar-se, senão me prestar á depôr as armas, responsabilizando-me ante a minha patria, e as nações que VV. EEx. representam e ante o mundo civilisado; impero, quero impôr-me o dever de fazel-o, rendendo assim holocausto a esse mesmo sangue generosamente vertido por parte dos meus e dos que os combatem, assim como o sentimento de religião, de humanidade e civilisação que VV. EEx. invocam em sua intimação. Estes mesmos sentimentos são precisamente os que me têm movido, ha mais de dois annos para sobrepor-me á toda a des cortezia oficial com que tem sido tratado nesta guerra o eleito da minha patria.

Procurava então em Yataity-Corá, em uma conferencia com o Exmo Sr. General em Chefe dos Exercitos Aliados e Presidente da Republica Argentina, Brigadeiro General D. Bartholomé Mitre, a reconciliação de quatro Estados Soberanos da America do Sul, que já haviam principiado a destruir-se de uma maneira notavel, e, entretanto, minha iniciativa, meu afanoso empenho, não encontrou outra resposta, senão o DESPREZO o SILENCIO por parte dos governos aliados, e novas e sangrentas batalhas por parte de seus representantes armados como VV. EEx. se qualificavam.

Desde então vi mais claramente a tendencia da guerra dos aliados sobre a EXISTENCIA da Republica do Paraguay, e, deplorando o sangue vertido durante tantos annos de luta, tive de calar-me collocando a sorte da minha Patria e a de seus generosos filhos nas mãos do Deus das nações, combatendo aos seus inimigos, com lealdade e consciencia como o tenho feito, estou disposto a continnar combatendo até que esse mesmo Deus e nossos armas decidam da sorte definitiva da causa. — VV. EEx. vieram *ad-hoc* noticiar-me o conhecimento que têm, dos recursos de que actualmente possam dispôr, crendo que eu tambem possa tel o em relação a força numerica do exercito aliado e dos seus recursos cada dia crescentes. Eu não tenho tal conhecimento, porém tenho a experienca de mais de quatro annos, de que a força numerica e esses recursos, nunca diminuiram a abnegação e bravura do soldado paraguayo, que se bate com a resolução do cidadão honrado e do homem christão, que abro um enorme tumulo em sua patria, antes de vê-la humilhada. VV. EEx. vieram a propósito recordar-me que o sangue derramado em *Itororó* e *Avahy* devia ter-me feito evitar aquele que foi derramado a 21 do corrente; porém VV. EEx. olvidaram, sem duvida, que essas mesmas ações puderam de antemão demonstrar-lhes quão exacto é tudo o que pondero na abnegação de meus compatriotas, e cada gota de sangue que cahe sobre a terra, é uma nova obrigação para os que sobrevivem. E ante um exemplo

semelhante minha pobre cabeça pôde livrar-se da ameaça tão ponco cavalheiresca, seja-me licito perguntar: VV. EEx. julgam de seu dever notificar-me? — VV. EEx. não têm o direito de acusar-me, ante a Republica do Paraguay, minha patria, a qual tenho defendido, defendendo-a e a defenderei sempre.

Ella me impôz esse dever e eu me glorifico de cumpri-lo até a extremidade, e mais, legando á historia meus feitos, unicamente a meu Deus devo dar contas. E, se sangue ha de correr sempre, tomará conta áquelle sobre quem haja pesado a responsabilidade.

EU, POR MINHA PARTE, ESTOU ATÉ AGORA DISPOSTO A TRATAR DA CONCLUSÃO DA GUERRA SOBRE BASES IGUALMENTE HONROSAS PARA TODOS OS BELLIGERANTES, PORÉM NÃO ESTOU DISPOSTO A OUVIR UMA INTIMAÇÃO DE DEPOSIÇÃO DE ARMAS.

Assim, pois, invitando á VV. EEx. a TRATAR DA PAZ, oreio cumprir um dever imperioso com a religião, a humanidade e a civilisação por uma parte, e o que devo ao grito unisono, que acabo de ouvir dos meus generaes, chefes, officiaes e tropa aos quaes fôra comunicada a intimação de VV. EEx., e o que devo a minha propria honra e a meu proprio nome. Pego á VV. EEx. desculpa de não citar a data e hora da notificação por não as haver trazido e, fôra recebida nas minhas linhas ás sete e meia d'esta manhã.

« Deus guarde á VV. EEx. por muitos annos. » — (Assinado), FRANCISCO S. LOPEZ (1).

(1) Todas as propostas de paz do Lopez e das nações estrangeiras foram sempre repelidas pelos aliados sob o futil pretexto de que Lopez « só queria ganhar tempo para se preparar melhor. » Mas como se pôde afirmar isso quando nunca os aliados deram resposta alguma, nem tomaram na minima consideração, essas propostas?... E na ultima phase da guerra, quando apenas restavam algumas centenas de DESGRACADOS ESQUELETOS ESFAIRAPADOS E FAMINTOS, sem viveres nem munições de guerra a ponto de carregarem os caixões com pedaços de correntes e pedras — havia ainda esse receio? Que respondam por nós os medalhões caricaos d'esse « GRANDE BAILE DE MASCARAS », para nos servirmos da proprio phrasa de Benjamin Constant. — L. TORRENTE.

## Carta do general Melgarejo ao Marechal Lopez

(PRESIDENTE DA BOLIVIA) (1)

LA PAZ, 30 de Agosto de 1866.

Com o mais alto apreço:

Acredito junto a V. Ex. como meu enviado particular e do Sr. general Saa, o cidadão argentino D. Juan Padilla.

O mesmo Snr. Padilla explicará á V. Ex. minha adhesão á justa causa que mantém a Republica do Paraguay contra tres nações aliadas que não arvoram outra bandeira senão a da CONQUISTA E EXTERMINIO.

Porém essa acção ignobil jámais consentirão as demais nações americanas.

Com efeito, acabam de protestar contra o vandálico ataque de conquista, quatro importantes Republicas do Pacifico, como Chile, Perú, Bolivia e a Colombia, e posso assegurar á V. Ex. que no caso que não levassem a efeito o protesto feito á face do mundo pelas referidas nações, ainda assim eu com o meu exercito iria em auxilio de V. Ex.

Estou, pois, esperando notícias de V. Ex. para acudir pressuroso a partilhar ao lado de V. Ex. das fadigas do soldado.

Tenho prompta uma columna de 12,000 bolivianos, que, unidos aos heroicos paraguayos, farão proezas de valor.

Qualquer comunicação espero receber de V. Ex. por intermedio do cavalheiro Padilla,

Entretanto é-me grato oferecer á V. Ex. asseguranças do meu apreço e distinta consideração.

(Assinado) MELGAREJO.

(1) Lopez agradeceu esta solemne prova de solidariedade, mas não aceitou esse oferecimento, preferindo haver-se só.—L. T.

# Declaração de guerra á Republica Argentina

O SOBERANO CONGRESSO NACIONAL

Visto e attendido o exposto pela commissão especial nomeada de seu seio para deliberar sobre a grave situação em que se acha collocada a Republica, por causa da guerra a que foi obrigada pelo Imperio do Brazil; e tambem sobre a *hostil* e insultante politica do Governo Argentino para com a Republica do Paraguay e seu governo, segundo o manifestam :

1º, as notas de 9 de Fevereiro proximo passado, desmentindo a protecção ao Brazil, o transito solicitado pelo territorio de Corrientes, para as nossas forças, a titulo de imparcialidade, ao passo que, em datas anteriores, franqueara á esquadra brazileira a cidade e territorio de Corrientes, para deposito de carvão, fornecimento de viveres para forças, etc., etc., com aberta infracção da neutralidade invocada ;

2º, o desconhecimento do direito da Republica em seu territorio das Missões, situado entre os rios Paraná e Uruguay ;

3º, a protecção que daquelle governo recebe agora pela segunda vez com um *comitê* revolucionario de alguns traidores que, vendidos ao Imperio do Brazil, recrutam estrangeiros mercenarios no territorio, e até na mesma Capital da Republica Argentina, para vilipendiar a bandeira da Patria, levantando-a ao serviço do Brazil na guerra que traz á Nação ;

4º, a aberta e franca protecção que dão ao Brazil em sua imprensa oficial contra a causa do Paraguay, e as producções anarchicas e insultantes com que se provoca a rebelião no paiz, e, como o exercicio do direito da Republica em seu territorio das Missões ha de dar ao governo argentino o pretexto do *casus belli*, que procura sem encontrar na politica do Governo da Nação, para fazer effectiva sua alliance com o Brazil, quando por outro lado é incontestável a união do Governo da Confederação Argentina com o Imperio do Brazil para demolir o

equilibrio politico dos Estados do Prata; e, não sendo compativel com a segurança da Republica nem com a dignidade da Nação e seu governo tolerar por mais tempo este proceder alheio á toda Moral e offensivo ao respeito que se deve á Nação Paraguaya, concordando com a resolução da Commissão.

Declara :

Art. 1º Approve-se a conducta do Poder Executivo da Nação para com o Imperio do Brazil na emergencia que foi portadora pela sua politica ameaçadora do *equilibrio dos Estados do Prata*, e pela offensa directa inferida á honra e á dignidade da Nação e usando das atribuições do art. 3º, tit. 3º da Lei de 13 de Março de 1844, se lhe autorisa continuar com a guerra.

Art. 2º Declare-se a guerra ao actual Governo Argentino, até que dê asseguranças e satisfações devidas aos direitos, á honra e á dignidade da Nação Paraguaya e seu Governo.

Art. 3º O Presidente da Republica fará a paz com um e outro belligerantes, quando julgar opportuno, dando conta á Representação Nacional, conforme a lei.

Art. 4º Communique-se ao Poder Executivo da Nação.  
Sala de Sessões em Assumpção, aos 18 de Março de 1865

(Firmado)—*José FALCON,*

Vice-Presidente do Congresso Nacional

Seguem-se 30 firmas dos Deputados e as dos Secretários.

*José FALCON,*

Vice-Presidente do H. G. N.

*Bernardino Ortellado,*

Deputado—1º Secretario.

*Gregorio Molinas,*

Deputado—2º Secretario.

—

Publique-se :

Assumpção, 19 de Março de 1865.

*LOPEZ.*

O Ministro da Relações Exteriores,

*José BERGES.*

## Limites Paraguayos

Documentos historicos que pôdem ser consultados

O QUE FOI O PARAGUAY E O QUE É HOJE !

### OBRAS INTERESSANTES

— « Cartas edificantes e curiosas escriptas das Missões estrangeiras, por alguns Missionarios da Companhia de Jesus, Paris 1717.» Obra publicada em francez. Volume XII ».

— « Relação das Missões do Paraguay » por M. Muratori. Obra escripta em italiano traduzida para o francez. Paris, 1757. É importantissima pelos dados que contém. »

— « Relação historica das Missões dos indios que são denominados CHIQUITOS, na província do Paraguay, pelo padre Juan Patricio Fernandez » Obra publicada em Madrid em 1728 e dedicada ao sereníssimo senhor Don Fernando, príncipe de Asturias. Encerra preciosos detalhes sobre os indios Chiquitos e os de algumas nações vizinhas. Padre Fernandez se ocupou especialmente de recolher dados, e a obra que nos deixou de importância para historiador e, principalmente ao Paraguay.»

— « Historias edificantes e agradaveis dos CHIQUITOS e outros povos do Paraguay. » Vienna 1729. Em alemão 1 volume em 8.»

— « Relação Historica feita por ordem de S. M. em 1748 por Ulhoa. Diz: « O governo do Paraguay occupa as terras que cahem á parte Sul de Santa Cruz da Serra. »

— « Jacobi Ransonier, S. J. (Societatis Jesu)—Annuae Paraquarie anuorum 1621 e 1622.»

— « Obra do mesmo título, pelo padre Nicolás Mastrilli.»

— « Adami Schimbeck — *Messis Paraquarie sive Annales illius Provincia ab anno 1633 ad 1643...*»

— « Francisco Lahier, (Soc. Jesu), annales Paraquarie annorum 1635 i diorum senquentium.....»

— « Relation de la Provincia du Paraguay, despois l'an 1635 jusqu' en 1657. — Escripta em hespanhol pelo padre Frisberto Monrer, traduzida do francez por François Hamal. »

— « Antonio Ruiz de Montoya. Historia de Missa sob christi juguan Paraquaria.....»

— « Nicolai de Theco. Historia Provincie Paraquarie, Societatis Jesu. Livro este, tido como muito raro.»

— « Jacobi de Machault—*Relationes de Paraquaria...*»

— « M. N. Bouillet, no seu dicionario universal de historia e geographia, edição de 1872, Paris, Livraria Hachette & Comp., pagina 1029 diz ao falar do Paraguay: « O vasto territorio do Chaco, é arrebatado hoje em dia pela Bolivia e todo o paiz está ameaçado pelo Brazil e a Republica Argentine.»

— Existem muitas outras obras mais conhecidas. Em todas encontrámos as palavras *Chaco* e *Chiquitos*, como partes componentes ou integrantes da outra palavra PARAGUAY.

#### MAPPAS

— « Le Paraguay, le Chili, la terre et les isles Magalanicques. Tirées de diverses Relations par N. Sanson d'Abbeville, geographe ordinaire du Roy—A Paris—Chez Pierre Mariette, Rue Saint Jacques à l'Esperance, avec Privilège du Roy pour vingt Ans—1656.»

— Le Paraguay subdivisé en ses principales parties, suivant les dernières Relations, par N. Sanson d'Abbeville, geographe ordinaire du Roy—A Paris—mesma época que a anterior.

— Le Paraguay, tiré des Relations le plus recentes, par G. Sanson, geographe ordinaire du Roy.—A Paris, chez l'auteur—Avec Privilège du Roy pour 20 Ans—1668.

— « L'Amerique Meridionale. Dressée sur les observations des Mrs. de l'Academie Royal e des Sciences, etc., quelques autres, etc., sur les Memoires les plus recentes. »

« Par G. de L'Isle, geographe — A Paris, chez l'Auteur sur le Quai de l'Horloge — Avec Privilège du Roy pour 20 Ans — 1700. »

Outro mappa do mesmo autor, impresso no mesmo anno, em Amsterdam — Chez J. Cövens et C. Mortier — Avec Privilège.

— « Carte de la Terre Ferme, du Perou, du Brésil et du Pays des Amazones. Dressée sur les descriptions de Herrera, de Laet, et de P. P. d'Acuña et M. Rodriguez, et sur plusieurs relations et observations posterieures. » « Par Guillaume de L'Isle. Premier geographe du Roy, de l'Academie Royale de Sciences. A Paris chez l'auteur, sur le quai de l'Horloge à l'Aigle d'or — Avec Privilège du Roy pour 20 Ans — 1703. »

Outro mappa do mesmo autor impresso no mesmo anno em Amsterdam, « Chez Jean Cövens et Corneille Mortier, geographes, Avec Privilège » — « Carte du Paraguay, du Chili, du Detroit de Magellan, etc. Dressée sur les descriptions des P. P. Alfonse d' Ovalle et Nicolás Techo, et sur les relations et mémoires de Brouwer, Narbouroug, Mr. de Beanchesne, etc. »

— « Carte du Paraguay, du Chili, du Detroit de Magellan, etc. Dressée sur les Memoires les plus exactes — 1720. »

— « Paraguaria ou Paraguay, avec les pays qui l'environnent dans l'Amérique Meridionale. Dressé sur les Memoires les plus exactes de ceux qui l'ont découvert et nouvellement mis au jour, par Pierre Vauder Aa, Marchand — Libraire à Leide. »

— « Le Paraguay ou les R.R. P.P. de la Compagnie de Jesus ont répandu leurs Missions, par le Seigneur D. Anville, géographe ordinaire du Roi, Octobre 1733. »

Os dois mappas são de interesse, porquanto nelles estão assinalados todos os lugares e povos antigos.

— « Carte du Paraguay et parties des pays adjacents. Projetée et assujettie aux observations astronomiques, par M.

Bonne, Maitre de Mathematiques. A. Paris, chez Lattré, rue St. Jacques, à la «Ville de Bordeaux», avec privilege du Roi, 1771. »

— «Um mappa do Perú do anno 1630, impresso em Amsterdam por Guilherme Blacuw, no qual se vê que nessa época os limites do Perú só alcançavam à Cochabamba, no povo de Oropesa, até as cabeceiras do Pilcomayo, em linha recta.

Para cousa alguma apparece Santa Cruz da Serra.»

---

— Depois de citar as obras e mappas mencionadas, vamos fazer uma ligeira reflexão sobre os dados que referimos :

De um modo concluente e irrefutavel, percebe-se logo em todos elles os direitos do Paraguay a numerosos territorios de que têm sido despojado. Todos elles uniformemente, marcam os mesmos limites e em diferentes annos em que foram publicados.

Temos que os autores dos mappas são, quasi todos, geographos dos Reis. E como podia então admittir-se duvida alguma sobre a sua importancia e a veraeidade dos dados que contêm?

Em alguns encontramos que os dados são recolhidos das relações e descripções dos mesmos missionarios, e em todos elles faz-se referencia ás relações ou memorias as mais recentes. (1)

---

(1) Vide J. M. Rosa Escalada, «Conferencias do Limites Paraguayos»—Buenos-Ayres—1895.

## Protocolo annexo ao tratado de 1º de Maio de 1865

• Suas Excellencias e Plenipotenciarios da Republica Argentina, da Republica Oriental do Uruguay e de S. M. o Imperador do Brazil, havendo reunido na Secretaria dos Negocios Estrangeiros, accordaram :

1º — Que em cumprimento ao tratado de alliança DESTA DATA (2) as fortificações de Humaytá serão demolidas e NÃO SERÁ PERMITIDO (3) erigir outras de igual natureza que possam impedir a FIEL EXECUÇÃO do dito tratado.

2º — Que sendo uma das medidas necessarias para GARANTIR a paz com o governo que SE ESTABELECEU no Paraguay — não se deixar nhei armas ou elementos de guerra, — OS QUE SE ENCONTREM serão DIVIDIDOS (4) em partes iguas entre os aliados.

3º — Que os trophéos e OUTRAS PREZAS (5) que se tomarem ao inimigo serão igualmente divididos entre os aliados que fizerem a captura.

4º — Que os chefes dos exercitos aliados, combinarão as medidas precisas para se lovar a efecto o que fica accordado.

Firmaram este protocolo em Buenos Ayres, 1º de Maio de 1868. — Carlos de Castro — Octaviano de Almeida Rosa — Rufino do Elsalde.

(1) Segundo alguns autores estrangeiros: o Tratado da Tríplice Aliança estava assinado em 1º de Maio de 1863, em reserva, mas sendo conhecido no anno seguinte modicarum para 1865, conservando-se porém, o mesmo dia e mês. É um 'facto grave' o importântia que precisa ser esclarecido.

(2) O protocolo tem a data do 1º de Maio de 1863 e o tratado 1º de Maio de 1865: como é que se comprehende neste caso o theor do art. 1º do referido Protocolo?

(3) Durante a ocupação pelos aliados das fortificações tomadas, comprehendo-se que o Paraguay não as podia levantar novamente, portanto esta disposição é para depois da guerra, isto é, não se permite futuramente ao Paraguay levantar essas fortificações para sua defesa o que importa em claro e ostensivo desconhecimento por completo da sua autonomia e independência.

(4) Só tirando-se todas as armas do Paraguay e as dividindo entre os aliados seria possível futuramente a paz, assim como: depois de reportarem entre si tudo quanto encontrassem na Republica, o que cumpriram fielmente, em nome da Civilisação, do que tanto precisava o Paraguay.

(5) Estas presas abrangia tudo: armamentos, mobilias, gado envalar e vaccum, inungens, etc., etc. Seria esse o pensamento dos plenipotenciarios?

Em outra edição publicaremos outros documentos importantes que nos vieram à ultima hora. — L. T.

# INDICE

Quintino Bocayuva.....	III
Ao leitor.....	XIII
Carta de Julio Roca.....	XXI
Homenagem e supplica ! .....	XXII

## I<sup>o</sup> PARTE

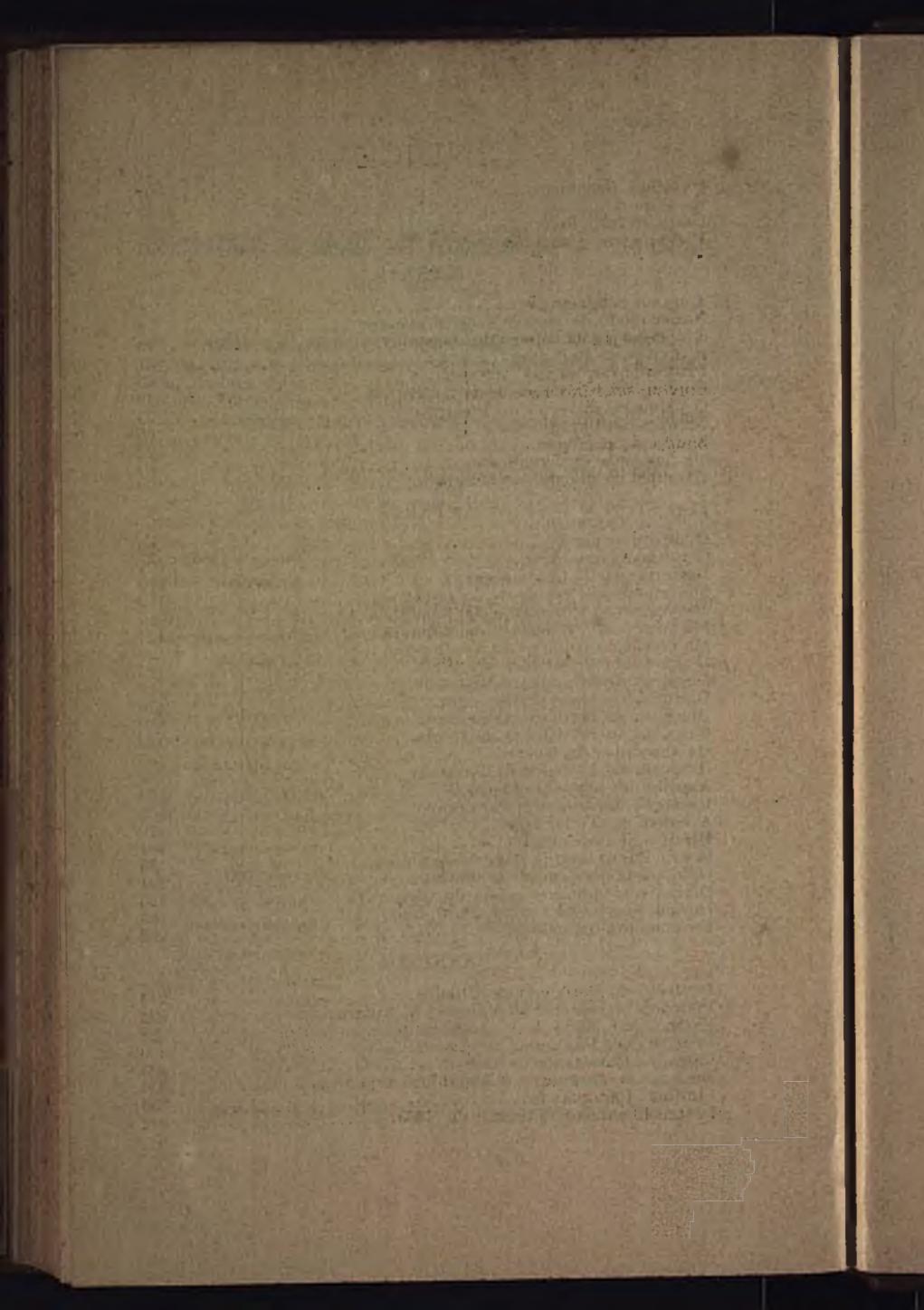
A nossa congregação .....	1
Nosso modo de pensar sobre a guerra .....	5
A apreciação da Guerra do Paraguai .....	13
A divisão do Paraguai .....	37
Protestos das nações Americanas .....	43
Confirmação dos receios de Lopez .....	49
O primeiro governo do Paraguai .....	57
As apólices Paraguayas .....	65
A dívida de guerra .....	72
Os trophéos Paraguayos .....	83
Exemplo de civismo ao Mundo .....	90

## 2<sup>o</sup> PARTE

Onde irá parar ? .....	99
Como nasceu a ideia .....	101
Organisação da Comissão B. Constant .....	110
Mensagem ao Presidente do Paraguai .....	113
Mensagem ao Presidente da República Argentina .....	115
Mensagem ao Presidente da República Brasileira .....	120
Manifestação popular em Assumpção .....	127
Discurso de Braz Garay .....	127
Discurso de Ministro Brasileiro .....	131
Discurso de Manuel Dominguez .....	136
Discurso de Ministro Argentino .....	139
Resposta ao Sr. Itiberê da Cunha .....	140
Os veteranos da Guerra .....	145
Resposta ao ex-barão de Jaceguay .....	149
Appello ao povo brasileiro .....	163
Recepção ao ministro Paraguayo .....	168
A baleia da Annexação .....	172
Direitos de importação .....	184
Brazil Paraguay de Alberto de Souza .....	186
Opinião da imprensa Argentina .....	191
Dívida e trophéos (Gazeta de Oliveira) .....	195
De omnibus rebus do Correio Paulistano .....	197
Fragmentos históricos .....	202

## ANNEXOS

Protesto do Peru e seus aliados .....	213
Instruções secretas ao Marquez S. Amaro .....	223
Extracto do ofício de V. de Abrantes .....	228
Propostas de Paz feitas por Lopez .....	230
Carta do Presidente da Bolívia .....	235
Declaração de guerra à República Argentina .....	236
Limites Paraguayos .....	238
Protocolo anexo ao tratado de 1865 .....	242



## ERRATA

Pela pressa com que escrevemos este insignificante trabalho e a falta absoluta de tempo para a boa revisão das provas, sahiram alguns pasteis, erros orthographicos e de pontuação, do que pedimos desculpa. O leitor intelligente facilmente os corrigirá.

Damos agora alguns dos erros referidos:

PAGS.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
11.....	Brazilio Silvado	Brazil Silvado
20.....	elizmente	felizmente
25.....	Preciso de achar-me	Preciso achar-me
».....	no independencia	na independencia
».....	do Republica	a Republica
33.....	que armasse	que arma
51.....	replicariamos	replicaremos
.....	ficamos na etc.	fiquemos etc.
54.....	estenuado	extenuado
59.....	andrajosos	andrajosas
».....	eram precisas	era preciso
64.....	espontaneas	expontaneas
70.....	domonstrou	demonstrou
84.....	Vamos embora ;	Vamos embora ;
87.....	No entretanto	Entretanto etc.
.....	Canibaes	Cannibaes
100.....	lacrou-se	lacrada
».....	o fez etc.	fez etc.
101.....	deamisa de	de amizade
104.....	escárnos	escárneos
108.....	nós soffriamos	soffriamos
112... .....	o o pedantocrata	o pedantocrata

PAGS.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
117.....	acquiescencia	acquiescencia
118.....	mais felizez	mais felizes
.....	annulação	annullação
119.....	nm templo	um templo
128.....	desmesuradamente	desmensuradamente
121.....	aniquilamento	aniquilamento
125.....	gueros	guerra
.....	esses trophéos	esses trophéos
126.....	immarcessivel	immarcescivel
129.....	attenuadas	attenuadas
.....	na tureza	natureza
145.....	brazileilos	brazileiros
146.....	govermo	governo
.....	credito as estas etc.	credito a estas etc.
147.....	intesse	interesse
149.....	Lemos, semelhanto,	Lemos, semelhante
170.....	offereeu	offereceu
.....	panoramada	panorama da etc.
171.....	minissro	ministro
174.....	algna	alguma
175.....	poi, etrcumstantes	pois, circumstantes,
177.....	perentoriamente	peremptoriamente
179.....	Buenoa Ayres	Buenos Ayres
180.....	chegon, esaltado	chegou, exaltado,
181.....	deffendido	defendido
188.....	saugue	sangue
189.....	revolou, lastimauel,	revelou, lastimavel,
.....	Reuede,	Rouede, etc.
190.....	maridos e as esposas	maridos das esposas
191.....	referimos-nos	referimo-nos
.....	motiveram	motivaram
201.....	Bazilio de Moraes	Bazilio de Magalhães
206.....	aperteva	apertava
.....	7 de Julho 86	7 de Julho 1867

## POST FACIO

A pressa com que redigimos o presente trabalho, dada a urgencia de sua impressão, não nos permitti entrar em certos detalhes importantes para a historia, o que pretendemos completar em uma nova edição; mas tendo reconhecido posteriormente que nossa redacção era pouco clara na filiação das ideias que ligam a patriótica iniciativa da devolução dos trophéos paraguayos e cancellamento da dívida de guerra ao progresso da propaganda de uma doutrina que tende lenta mas sensivelmente a preponderar em todos os dominios, philosophico, scientifico e politico neste bello paiz, no Occidente e finalmente em toda a terra, deliberámos juntar esta nota, que julgamos suprir em parte essa lacuna de nosso modesto trabalho.

Com effeito, sem uma sã philosophia que permita fundar a politica sobre a moral subordinando dignamente todos as paixas aos interesses geraes da humanidade, como até aqui já se tem submettido a familia á patria, os melhores corações brasileiros seriam impotentes para sobremontar os mais estreitos preconceitos mascarados de patriotismo e dar a esse acto generoso o caracter de um profundo e irrevogavel symptoma de regeneração moral e politica. Assim a ideia da devolução dos trophéos paraguayos e annulação da dívida de guerra nas condições em que foi posto pelos patriotas brasileiros so podia emanar dos ensinamentos de um philosopho como Augusto Comte e ser applicado ao caso brasileiro por um patriota da estatura moral de Benjamin Constant.

Essa cavalheiresca ideia foi desde logo aplaudida por alguns de seus collegas do Governo provisorio, pelos dignos directores do Apostolado Positivista do Brazil e não tardou que a ella adherissem francamente todos os que directa ou indirectamente filiam-se ao iminente philosopho moderno. Foi assim que já em 1884, por occasião da distribuição de medalhas de campanha aos officiaes brasileiros, argentinos e uruguayos o Apostolado Positivista do Brazil e o Club Republicano Benjamin Constant dirigiram á nação paraguaya mensagens nesse sentido, onde o mais alto patriotismo liga-se á mais bella e solida moral-planetaria.

Fazendo esta nota final, é intuito nosso chamar a attenção dos patriotas paraguayos para esse incomparavel philosopho, para esse grande movimento regenerador que se opera na elite da sociedade brasileira e para o precioso brasileiro que melhor synthetisa as aspirações politicas dos tempos modernos, Benjamin Constant, o egregio Fundador da Republica Brasileira.

LEONARDO S. TORRENTA.



